ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

O Livro dos Médiuns

ou

Guia dos **Médiuns** e dos **Evocadores**

Contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os géneros de manifestações, os meios de comunicar com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

Conforme a 11ª Edição de 1869

Continuação de O LIVRO OS ESPÍRITOS
de Allan Kardec

Tradução para português de Portugal / 2019
José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites
https://espiritismocultura.com/

Os direitos de autor desta tradução de "Le Livre des Médiums" de Allan Kardec, conforme a sua 11ª Edição original francesa de 1869, para a língua portuguesa de 2019, de acordo com a legislação em vigor pertencem a:

© José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites, Lousã / PORTUGAL 2019

https://palavraluz.com
https://espiritismocultura.com

espiritismo.cultura@gmail.com

Prefácio dos tradutores 6
Introdução 11
O LIVRO DOS MÉDIUNS 13
PRIMEIRA PARTE – Noções preliminares 13
Capítulo I – Existem Espíritos? 13
Capítulo II – O maravilhoso e o sobrenatural 17
Capítulo III – Método 23
Capítulo IV – Teorias 30
SEGUNDA PARTE - Das manifestacões espíritas 40
Capítulo I – Ação dos Espíritos sobre a Matéria 40
Capítulo II – Manifestações físicas. Mesas girantes 44
Capítulo III – Manifestações inteligentes 46
Capítulo IV – Teoria das manifestações físicas 48
Movimentos e levantamentos –Ruídos 48
Aumento e diminuição do peso de um corpo 54
Capítulo V – Manifestações físicas espontâneas 55
Ruídos, pancadas e perturbações 55
Objetos Atirados 58
Fenómeno de transportes 61
Dissertação de um Espírito sobre fenómenos de transportes 62
CAPÍTULO VI – Manifestações visuais 67
Sobre as aparições 67
Ensaio teórico sobre as aparições 71
Espíritos esféricos 73
Teoria da alucinação 74
Capítulo VII – Bicorporeidade e transfiguração 77
Aparições de Espíritos de vivos 77
Bicorporiedade – Stº Afonso e Stº António 79
Vespasiano 80
Transfiguração 80
Invisibilidade 81
Capítulo VIII – Laboratório do mundo invisível 83
Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos palpáveis 83
Modificação das propriedades da matéria 85
Ação magnética curativa 86
CAPÍTULO IX – Lugares assombrados 88
CAPÍTULO X – Natureza das comunicações 91
Comunicações grosseiras 91
Comunicações frívolas 91
Comunicações sérias 92
Comunicações instrutivas 92
CAPÍTULO XI – Sematologia e tiptologia 93
Linguagem de sinais e de pancadas – tiptologia alfabética 93
CAPÍTULO XII – Pneumatografia ou escrita direta 96
Escrita direta 96
Pneumatofonia 97
CAPÍTULO XIII – Psicografia 99
Psicografia indireta: cestas e pranchetas 99
Psicografia direta ou manual 100
CAPÍTULO XIV – Os médiuns 102
Médiuns de efeitos físicos 102

Pessoas eléctricas 104
Médiuns sensitivos ou impressionáveis 104
Médiuns que ouvem ou auditivos 105
Médiuns que falam ou falantes 105
Médiuns que vêem ou videntes 105
Médiuns sonâmbulos 107
Médiuns curadores ou de cura 108
Médiuns pneumatógrafos 109
CAPÍTULO XV – Médiuns que escrevem ou psicógrafos 111
Médiuns mecânicos 111
Médiuns intuitivos 111
Médiuns semi-mecânicos 112
Médiuns inspirados 112
Médiuns de pressentimentos 113
CAPÍTULO XVI – Médiuns especiais 114
Aptidões especiais dos médiuns 114
Quadro resumido das diferentes variedades de médiuns 115
Variedades de médiuns de escrita ou escreventes 117
CAPÍTULO XVII – Formação dos médiuns 123
Desenvolvimento da mediunidade 123
Mudança de caligrafia 128
Perda e suspensão da mediunidade 129
CAPÍTULO XVIII – Inconvenientes e perigos da mediunidade 132
Influência da prática da mediunidade sobre a saúde, o cérebro e as crianças 132
CAPÍTULO XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas 134
Influência do Espírito pessoal do médium 134
Teoria dos médiuns inertes 135
Aptidão de certos médiuns por coisas que desconhecem: 136
línguas, música e desenho 136
Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns 138
CAPÍTULO XX – Influência moral do médium 141
Questões diversas 141
Dissertação de um Espírito sobre a influência moral 144
CAPÍTULO XXI – Influência do meio 146
CAPÍTULO XXII – A mediunidade nos animais 148
Dissertação de um Espírito sobre esta questão 148
CAPÍTULO XXIII – Da obsessão 152
Obsessão simples 152
Fascinação 152
Subjugação 153
Causas da obsessão 154
Meios de combater a obsessão 156
CAPÍTULO XXIV – Identidade dos Espíritos 161
Provas possíveis de identidade 161
Distinção entre bons e maus Espíritos 163
Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos 167
CAPÍTULO XXV – Das evocações 172
Considerações gerais 172
Espíritos que podem ser evocados 173
Linguagem a usar com os Espíritos 175
Utilidade das evocações específicas 176
Perguntas a respeito das evocações 177
Evocação de animais 182

Evocação de pessoas vivas 182
Telegrafia humana 186
CAPÍTULO XXVI – Perguntas que se podem fazer aos Espíritos 187
Observações perliminares 187
Perguntas agradáveis ou desagradáveis para os Espíritos 188
Perguntas sobre o futuro 189
Perguntas sobre existências passadas e futuras 190
Perguntas sobre interesses morais e materiais 191
Perguntas sobre a situação dos Espíritos 192
Perguntas sobre a saúde 193
Perguntas sobre invenções e descobertas 194
Perguntas sobre tesouros ocultos 194
Perguntas sobre os outros mundos 195
CAPÍTULO XXVII – Contradições e mistificações 197
Sobre as contradições 197
Sobre as mistificações 201
CAPÍTULO XXVIII – Charlatanismo e fraudes 203
Médiuns interesseiros 203
Fraudes espíritas 205
CAPÍTULO XXIX – Reuniões e associações espíritas 209
Das reuniões em Geral 209
Associações propriamente ditas 212
Assuntos de estudo 216
Rivalidades entre associações 218
CAPÍTULO XXX – Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas 220
CAPITULO I - Objetivos e formação da Sociedade 220
CAPÍTULO II - Administração 221
CAPITULO III - As sessões 222
CAPÍTULO IV - Disposições diversas 224
CAPÍTULO XXXI – Dissertações espíritas 226
Sobre o Espiritismo 226
Sobre os médiuns 229
Sobre as reuniões Espíritas 232
Comunicações apócrifas 237
CAPITULO XXXII – VOCABULÁRIO ESPÍRITA 242
NOTAS FINAIS 244

Prefácio dos tradutores

Achámos fundamental redigir este prefácio, primeiro para dar o devido relevo a uma obra que, embora escrita numa linguagem e com argumentos fortemente datados, continua a ser da máxima importância para a configuração da cultura a que diz respeito, que tem sido pouco estudada e ainda menos seguida cuidadosamente nos princípios que enuncia.

A nossa tradução de "O Livro dos Médiuns", da mesma forma como dissemos no prefácio de tradutores de "O Livro dos Espíritos": …resulta da imensa admiração e respeito que temos pelo ensinamento dos Espíritos, na forma que foi metodicamente organizada por Hipólito Leão Dénisard Rivail, aliás Allan Kardec.

Confirmando as intenções que nos animaram quando começámos a traduzir Kardec, repetimos que "… se destina tanto a leitores espíritas como não espíritas… dando a conhecer as condições essenciais para aceder à mensagem da obra e aos seus ensinamentos."

Sendo este livro o desenvolvimento da vertente científica do espiritismo, sentimo-nos agora obrigados a dirigir a nossa palavra às pessoas que têm assumido a nobre tarefa de possibilitar a "comunicação dos Espíritos com o mundo material", tal como foi afirmado na conhecida definição da autoria de Allan Kardec.

"O Livro dos médiuns", aquele que ensina a aprender com os Espíritos

A base do entendimento dos valores da mediunidade está no edifício de conhecimentos que nos foi deixado por Allan Kardec, mensagem exemplar que podia e devia ter continuado a evoluir usando os métodos e critérios por ele mesmo instituídos.

Sobretudo aqueles que têm o privilégio de falar pelos Espíritos, na nossa opinião, nunca deveriam ter abandonado a pesquisa mediúnica, abrindo cada vez mais o património das informações sobre as vidas depois das vidas, tendo em atenção aquilo que está claramente delineado em muitas das páginas deste livro.

É, pois, urgente, relançar as perspetivas da filosofia que nos legou Kardec, com a ajuda principal do ensino dos Espíritos e com raízes no pensamento da religião natural, configurada antes por filósofos e homens de cultura como Immanuel Kant, Jean-Jacques Rousseau e seus sucessores e discípulos.

Coroando esta ideia, citamos de seguida palavras de Sandro Fontana, inseridas no texto de abertura da Revista Ciência Espírita, Edição 7 de Março de 2016, onde é referida a importância do Controlo Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE), tão fundamental para Kardec e, por vezes, tão esquecido nos nossos dias:

"É de conhecimento básico do espiritismo que a mediunidade é o seu principal "agente", ou seja, sem a mediunidade não existiria o espiritismo, principalmente porque a fonte base de informações é proveniente do trabalho beneficente dos médiuns; afinal, são eles quem transmite a informação proveniente do mundo espiritual.

*Também é de conhecimento geral espirita que, **"a opinião de um Espirito é somente uma opinião"**, sendo assim esse pressuposto garante que um Espirito, ao comunicar, está passando as informações que lhe são tangíveis baseada nas suas próprias perceções e seu grau evolutivo.*

*Tanto é assim que Kardec elaborou um método que "cruzava" informações de vários médiuns e espíritos para poder chegar a alguma conclusão sobre um assunto ou tema, **lembrando que isso nunca foi, nem deve ser definitivo**, como muitos idólatras e dogmáticos pretendem, isso porque **a conclusão final ainda é humana e condicionada ao tempo do observador/pesquisador, que é limitado.***

Então, se toda a fonte básica de conhecimento (e ajuda em muitos casos) é proveniente da mediunidade, por que motivo os Centros Espiritas limitam o desenvolvimento mediúnico?"

A Humanidade, como nunca, à beira de compreender factualmente a vida depois da morte

A conceção intelectual do espiritismo foi uma extraordinária realização, se atendermos à época em que foi concretizada, com imensa dedicação intelectual e desprendimento pessoal de Allan Kardec, que não quis ser fundador nem dirigente de qualquer movimento instituído. Levava o seu sentido da tolerância até aos limites, sem qualquer desejo abusivo de poder.

A leitura das suas obras, deste "Livro dos Médiuns" e de todos os conteúdos da Revista Espírita, é ainda hoje surpreendente, quer sob o ponto de vista filosófico e científico, a que hoje – muito mais do que há um século e meio de distância – vastas áreas da cultura científica se vão rapidamente abrindo.

O espiritualismo científico – uma cultura em explosiva transformação

Julgamos não ser necessário reunir argumentos detalhados para demonstrar a evidência deste subtítulo. A explosão citada diz respeito ao esclarecimento da vida depois da morte em praticamente todo o mundo, no contexto das imensas facilidades que os meios de comunicação nos oferecem e da crescente intervenção de cada vez mais qualificadas entidades de pesquisa.

Vamos por partes:

Visitas ao "céu", com direito a receção e outros detalhes fantásticos…

Há vários domínios da evolução da Humanidade que têm dado passos de gigante na aprendizagem da natureza, da origem e do destino dos seres vivos, sendo de referir em especial o aparecimento – propiciado pelo desenvolvimento técnico-científico dos "métodos de ressuscitação" – das chamadas "experiências de quase-morte", as EQM, referidas em inglês como "Near-Death Experiences" − NDE's.

O número das pessoas que já referiram ter vivido tais experiências – por todo o mundo – conta-se por muitos milhões, em rápida expansão. Muitos dos depoimentos que chegam agora ao nosso conhecimento derivam de fenómenos decorridos há dezenas de anos, visto que estão a ser vencidos os preconceitos e as inibições em falar abertamente sobre esse tema.

Um dos argumentos que confere especial credibilidade à solidez das suas perceções é o facto de serem todas essencialmente semelhantes umas às outras, seja qual for a língua, a cultura e a localização geográfica dos protagonistas.

Os meios internacionais de comunicação e um já larguíssimo número de instituições de pesquisa, a nível mundial, revelam que esses factos são a porta aberta para uma nova visão da vida e da sua continuação para além da morte, apesar de não serem nem novos nem recentes, havendo relatos de tais acontecimentos há já muitos séculos, originários de praticamente todas as grandes culturas.

O despertar do nosso interesse por esses fenómenos data de há mais de vinte anos, e foi em 2013 que publicámos, na internet, uma análise das principais facetas dos depoimentos respetivos, conotando-os com os ensinamentos que nos foram deixados por Allan Kardec:

É favor consultar a página: https://palavraluz.com/2019/12/29/ndeeqmesp-2/

Esses fenómenos, no entanto, são muito antigos…

Afirmámos acima a perenidade no tempo das "Experiências de Quase-Morte", sendo muito conhecido "O mito de Er", um dos exemplos mais remotos que se podem referir, contado por Platão no Livro X de "A República".

Trazendo essas referências para mais perto de nós referimos seguidamente temas da autoria de Kardec que mencionam a ocorrência desses factos, que não tinham ainda adquirido as modernas designações e siglas respetivas.

O primeiro caso foi publicado em 1858, no ano inaugural da Revista Espírita, no mês de Setembro: "Conversas familiares de Além-Túmulo", em que o fenómeno narrado na América acerca duma Senhora Schwabenhaus foi designado por Allan Kardec como um episódio de "letargia estática".

Outro exemplo pode ler-se em "O Céu e o Inferno", Segunda Parte – Exemplos; Capítulo III – Espíritos em condição mediana; Senhor Cardon, Médico; e que também foi publicado na "Revue Spirite" de Agosto de 1863/Conversas familiares de Além-Túmulo; Monsieur Cardon, médico, morto em Setembro de 1862.

Sugerimos a leitura destes dois casos, que não transcrevemos aqui devido à sua extensão. Sobre o Mito de Er é muito fácil encontrar referências concretas disponíveis nas Enciclopédias da Internet.

A grande obra de Allan Kardec, vítima de maus continuadores

Hipólito Leão Denisard Rivail foi um cidadão francês do século XIX, especialmente notável pela sua capacidade de organização intelectual, embora não pertencesse às camadas socialmente privilegiadas dessa época, o que lhe granjeou um perfil cívico e intelectual especialmente notável.

Tendo sido convidado por conhecidos e amigos, a sistematizar o resultado de certas pesquisas mediúnicas que tinham levado a cabo, acabou por aceitar, embora se tivesse declarado à partida muito cético relativamente a toda a matéria que lhe foi proposta.

Foi penetrando no estudo do tema até se ter convencido – pela evidência natural e óbvia dos fenómenos apresentados para estudo – de que era matéria muito importante e merecedora da sua total dedicação.

Nos últimos onze anos da sua vida entregou-se generosamente a essa tarefa tendo deixado atrás de si um importantíssimo património de estudos e observações que constitui o que conhecemos como "espiritismo".

Não é de estranhar que, após o momento em que faleceu, repentinamente e, pode dizer-se, por exaustão, o escasso número de apoiantes dedicados e coerentes não teve a capacidade de manter ativa e segura a instituição que ele tinha estruturado, e dar continuidade ao trabalho de defesa e promoção das ideias espíritas.

Esse fenómeno acontece, quase por via de regra, com todos os movimentos de transformação profunda da sociedade, sendo todas as alterações positivas combatidas e desvalorizadas pelos seus detratores. Com o espiritismo também isso aconteceu, e foi Pierre-Gaëtan Leymarie que tomou conta dos destinos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e operou uma enorme quantidade de oportunismos deformadores das ideias que inspiravam Kardec.

Todas essas modificações abusivas, de desvalorização cultural e científica do espiritismo, conduziram ao seu desprestígio e quase esvaziamento, em França.

Tendo sido levado para o Brasil, por intelectuais muito sérios e bem informados, foi institucionalmente condenado, logo de início, à sua desfiguração, pela adoção de alguns princípios antagónicos das ideias promovidas por Allan Kardec.

Esse foi um dos problemas que apoquentou muitíssimo o desenvolvimento e a unidade dos grupos de interessados no espiritismo, sendo legítimo e da maior utilidade não manter ignorado esse problema pelas suas nefastas consequências, cuja origem e desenvolvimentos são bem conhecidos em Portugal e no Brasil.

Felizmente, 160 anos depois, está em marcha, no Brasil, um vigoroso movimento de recuperação da autenticidade espírita. Várias equipas de trabalho, de pessoas bem qualificadas para o efeito, têm em mãos documentos da época, incluindo grande número de escritos originais redigidos por Allan Kardec, até aqui

inteiramente desconhecidos. Essas equipas estão a trabalhar para dar acesso, na sua totalidade, à verdadeira versão do espiritismo proposta por Allan Kardec.

Sugestões para a leitura de "O Livro dos Médiuns"

Também aqui vamos referir algumas ideias que inserimos no prefácio dos tradutores de "O Livro dos Espíritos".

"…Para quem começa, este não é um livro para ler de empreitada, como uma peregrinação e, muito menos, como uma penitência. Alguns conselhos que aqui registamos aumentarão a recetividade de muitos leitores, dando-lhes a exata noção do que vão encontrar pela frente…"

"…O leitor deve ter a liberdade de procurar inicialmente no livro o que mais lhe interessar, lendo por aqui e por ali os temas mais apetecíveis. Poderá, para esse efeito, consultar primeiramente o Índice.

Leia e releia com atenção o que achar mais válido e interessante...."

Estas sugestões de leitura têm o propósito de não vincular o leitor a uma leitura demorada de uma obra que não foi redigida de acordo com as modernas técnicas de comunicação e na qual, o seu autor, se dirige a sectores de opinião enfronhados na cultura dessa época, hoje em dia completamente ultrapassada.

Traduzir é escrever tudo de novo, amar como quem dá à luz

Temos lido Kardec com a máxima atenção, usando o conhecimento da língua francesa que, no tempo da nossa juventude, era a segunda língua mais estudada, por ser, como o português, de origem latina, e por ser oriunda de um país de vasta cultura, de onde nos veio – sem ser por acaso – a grande cultura espírita.

Entregámo-nos de início ao trabalho de tradução com o objetivo principal de desvendar com minúcia o significado de cada página, de cada frase, de cada expressão e de todas as palavras, uma a uma. Quando acabámos a tradução do primeiro livro – "O Livro dos Espíritos" – não tínhamos a mínima ideia de podermos um dia tê-lo na nossa mão, impresso em papel como qualquer outro livro.

Serve isto para dizer que, para nós, o principal objetivo – ler o livro com atenção de minúcia e pleno entendimento – estava plenamente alcançado.

Quanto à tradução que foi feita, deu-nos coragem para continuar traduzindo Kardec, maneira excelente de o ler com a máxima penetração que nos é possível.

Após a tradução da primeira obra, já aspiramos ver completa a conclusão dos seus principais cinco livros.

Se Deus nos der vida e saúde, gostaríamos ainda de fazer uma tradução antológica de textos da Revista Espírita, que temos amplamente explorado, visto que é fundamental para instalar devidamente a noção completa do espiritismo edificado pelo nosso grande e íntimo amigo Hipólito Leão, generosamente ajudado pelos Espíritos superiores.

Sonhar é fácil e ninguém pode levar-nos a mal que sonhemos.

Porque também temos filhos e netos, esse é apenas um dos nossos principais desejos!...

E que Deus nos ajude a todos.

O Livro dos Médiuns

ou

Guia dos **Médiuns** e dos **Evocadores**

de

Allan Kardec

Introdução

A experiência confirma-nos todos os dias a opinião de que as dificuldades e as desilusões que se encontram na prática do espiritismo resultam da falta de conhecimento dos princípios dessa ciência. É uma satisfação verificar que o trabalho que fizemos para prevenir os adeptos dos erros de quem começa, deu frutos, e que muitos puderam evitar esses erros com a leitura atenta deste livro.

É muito natural, nas pessoas que se interessam pelo espiritismo, o desejo de poderem entrar pessoalmente em comunicação com os Espíritos. Este livro destina-se a facilitar essa tarefa, permitindo-lhes tirar partido do nosso demorado e cuidadoso estudo. Será um erro crasso julgar que, para se ser um especialista sobre este assunto, basta saber colocar os dedos em cima de uma mesa para que ela ande à roda, ou pegar num lápis para que ele se ponha a escrever por si só.

Estão também enganados os que pensam que este livro lhes vai dar uma receita universal e infalível para formar médiuns. Embora cada um de nós tenha em si mesmo a base das qualidades necessárias para tal, estas encontram-se a níveis muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas completamente alheias à nossa vontade.

Conhecer as regras da poesia, da pintura ou da música não é o bastante para serem poetas, pintores ou músicos os que não tiverem dons naturais para isso. Tais regras são apenas um guia para aplicação dessas faculdades. O mesmo se passa com o nosso trabalho, cuja finalidade é indicar os meios para desenvolver a faculdade mediúnica tanto quanto permitam as aptidões de cada um e dirigir o seu emprego de forma útil, quando a faculdade exista.

Mas não é esse o único objetivo a que nos propusemos.

Para além dos médiuns propriamente ditos, há um número crescente de pessoas que se interessam pelas manifestações espíritas. Orientá-las nas suas observações, mostrar-lhes os escolhos que é possível encontrar no que ainda é desconhecido, ensinar-lhes a melhor maneira de tratar bem com os Espíritos e como receber boas comunicações é o alcance do que queremos atingir, para não correr o risco de o trabalho ficar incompleto.

Não é de admirar encontrarem-se nos nossos textos informações que, à primeira vista, parecem estranhas: a prática mostrará a sua utilidade. Depois de as estudarmos com cuidado, compreenderemos melhor os factos que presenciarmos; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha.

Como instruções práticas, não se dirigem apenas aos médiuns, mas a todos os que estão em condições de ver e estudar os fenómenos espíritas.

Algumas pessoas teriam preferido um manual prático muito resumido, contendo em poucas palavras a indicação dos processos que devem seguir para entrar em comunicação com os Espíritos. Pensam que um livro dessa natureza, vendido a baixo preço, poderia ser largamente divulgado, tornando-se um importante meio de propaganda que multiplicasse o número dos médiuns. Na nossa opinião, uma obra desse género seria mais prejudicial do que útil, pelo menos por enquanto. A prática do espiritismo apresenta muitas dificuldades, que só podem ser evitadas depois de um estudo muito sério e completo.

Ideias demasiado resumidas poderiam dar lugar a experiências imaturas, que levassem ao arrependimento. São coisas com que não é *conveniente,* nem prudente brincar e prestaríamos um mau serviço colocando-as ao alcance de pessoas pouco formadas, que quisessem divertir-se falando com os mortos. O que dizemos dirige-se às pessoas que veem no espiritismo objetivos sérios, que entendem a sua profundidade e que não brincam com as comunicações com o mundo invisível.

Publicámos um livro intitulado "*Instruções práticas",* para servirem de guia aos médiuns. A obra esgotou-se e, embora tivesse uma finalidade muito séria e cautelosa, não voltaremos a editá-la visto que ainda não é suficientemente completa para elucidar todas as dificuldades que podem surgir.

Foi substituída por este mesmo livro, no qual reunimos todos os dados da vasta experiência e do estudo consciencioso que fizemos. Esperamos que contribua para dar ao espiritismo a seriedade que lhe é essencial, evitando que se torne motivo de frivolidade ou divertimento.

Acrescentaremos ainda uma nota importante quanto à má impressão que experiências superficiais, feitas sem conhecimento de causa, produzem nos principiantes ou nas pessoas mal orientadas. Tais situações dão uma ideia falsa do mundo dos Espíritos, originando a troça e críticas com fundamento. É por isso que os incrédulos não saem convencidos de tais reuniões, ficando pouco dispostos para aceitar o lado sério do espiritismo. A ignorância e a superficialidade de certos médiuns já causaram mais danos na opinião das pessoas do que aquilo que se pensa.

O espiritismo fez grandes progressos desde há alguns anos, mas sobretudo desde que entrou na via filosófica, pois começou a ser estudado por pessoas esclarecidas. Deixou de ser um espetáculo e é uma cultura da qual já não se riem os que troçavam das mesas girantes. Esforçando-nos por conduzi-lo e mantê-lo a esse nível, temos a convicção de conquistar mais adeptos conscientes do que ensaiando ao acaso manifestações das quais se possa abusar. O que prova a validade desta atitude é o número de adesões alcançadas apenas pela leitura de *"O Livro dos Espíritos"*.

Depois de ter apresentado a parte filosófica da ciência espírita em *"O Livro dos Espíritos",* oferecemos neste livro a parte prática para quem quer dedicar-se às manifestações, seja por si mesmo, seja para compreender os fenómenos que lhe for dado observar.

Neles poderão descobrir as dificuldades que podem surgir e terão, assim, uma forma de evitá-las. Estas duas obras, embora feitas de seguida, são até certo ponto independentes uma da outra. Para as pessoas que queiram tratar dos assuntos a sério, contudo, diremos que leiam primeiro *"O Livro dos Espíritos",* porque contém os princípios fundamentais sem os quais certas partes deste livro serão difíceis de compreender.

Esta segunda edição foi revista com melhoramentos importantes, tendo ficado muito mais completa do que a primeira. Foi corrigida com cuidado muito especial pelos Espíritos, que nela acrescentaram grande número de notas e instruções do maior interesse. Como reviram tudo, modificando ou aprovando a seu gosto, podemos dizer que é em grande parte obra sua, visto que a sua intervenção não se limitou ao número dos artigos assinados por Espíritos. Só mencionámos os seus nomes quando nos pareceu necessário, para caracterizar certas intervenções um pouco extensas e por eles redigidas textualmente. De contrário, teríamos que citar autores em todas as páginas, especialmente quanto às respostas dadas às perguntas que foram feitas, o que não nos pareceu útil. Os nomes dos Espíritos, como se sabe, importam pouco; o essencial é que o conjunto do trabalho responda à finalidade a que nos propusemos. A primeira edição, embora imperfeita, teve um acolhimento tal que nos dá a esperança de que esta não seja menos apreciada.

Como acrescentámos muitas coisas, e vários capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que repetiam assuntos. Entre eles a "*Escala espírita",* já publicada antes em *"O Livro dos Espíritos"* e o *"Vocabulário*", que não se integrava de modo especial no esquema desta obra e que foi substituído por coisas mais práticas. Este vocabulário, não sendo muito completo, será publicado mais tarde, separadamente, sob a forma de um pequeno dicionário da filosofia espírita. Apenas mantivemos aqui as palavras novas, ou especiais, relativas ao assunto que é tratado.

PRIMEIRA PARTE – Noções preliminares

Capítulo I – Existem Espíritos?

1. A dúvida acerca da existência dos Espíritos deve-se em primeiro lugar à ignorância da sua verdadeira natureza. São imaginados como seres à parte na criação, cuja necessidade não está demonstrada. Muitas pessoas só os conhecem das histórias fantásticas para crianças, tal como só conhecem a história pelos romances. Nem notam que essas narrativas, à exceção dos pormenores ridículos, têm um fundo de verdade. Como só o absurdo as surpreende, não se dão ao trabalho de as despojar da forma e apreciar o seu conteúdo. Rejeitam o todo, como fazem aqueles que, na religião, indignados com certos abusos, misturam tudo na mesma reprovação.

Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença resulta necessariamente de haver um princípio inteligente fora da matéria; é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, assim, como ponto de partida, a aceitação da existência, sobrevivência e individualidade da alma, de que o *espiritualismo* é a demonstração teórica e dogmática e o *espiritismo* a demonstração evidente.

Abstraindo-nos, por enquanto, das manifestações dos Espíritos propriamente ditas, raciocinando por indução, vejamos a que conclusões chegaremos.

2. A partir do momento em que se admite a existência da alma e a sua individualidade após a morte, necessário será também admitir:

1º - Que a alma é de natureza diferente do corpo, pois que, uma vez separada dele, deixa de ter as suas propriedades;

2º - Que a alma é dotada da consciência de si mesma, visto que a ela se atribuem a alegria ou o sofrimento; de contrário seria um ser passivo e, como tal, de nada nos serviria.

Posto isto, conclui-se que a alma vai para algures; em que é que se torna e qual é o seu destino? As pessoas comuns julgam que ela vai para o céu ou para o inferno. Porém, onde se situam o céu e o inferno?

Dizia-se antigamente que o céu era “lá em cima” e que o inferno era “lá em baixo”. Porém, o que quererão dizer estas expressões quando se sabe que a Terra é redonda, que o movimento do planeta faz com que o que estiver “em baixo” passe a estar “em cima”, apenas 12 horas depois, e que o espaço é infinito em todas as direcções em que nele mergulhe o nosso olhar?

Também é verdade que se associam os lugares que estão “em baixo” às profundezas da Terra; mas em que é que se tornaram essas profundezas depois de terem sido estudadas pela Geologia?

O que se terá passado também com as esferas concêntricas, chamadas “céus de fogo” e “céu das estrelas” desde que se sabe que a Terra não é o centro dos mundos, que o nosso Sol é somente um de muitos milhões de sóis que brilham no espaço e que cada um deles é o centro de um turbilhão planetário? Qual a ideia possível da importância do nosso planeta, perdido nessa imensidade? Por que privilégio injustificável este grão de areia impercetível, que não se distingue nem pelo volume, nem pela posição, nem pelas funções que lhe cabem, seria o único a ser povoado por seres dotados de razão?

A razão recusa-se a admitir a inutilidade do infinito e tudo nos diz que outros mundos são também habitados. Sendo povoados, todos contribuem para "o mundo das almas". Mais uma vez: qual o destino dessas almas após as descobertas da Astronomia e da Geologia que fizeram desaparecer as moradas que lhes eram destinadas, e sobretudo depois da teoria tão racional da pluralidade dos mundos, que os multiplicou sem limites?

Visto que a doutrina tradicional da localização das almas não é compatível com os dados da ciência, uma outra mais lógica atribui-lhes uma morada, não num lugar determinado e circunscrito, mas no espaço universal: é todo um mundo invisível no meio do qual nós vivemos, que nos envolve e permanentemente convive connosco. Será isso impossível ou contrário à razão? De modo nenhum: tudo nos indica que só pode ser assim.

Então, em que é que se tornam as penas e recompensas futuras se não as entendemos como realidades localizáveis algures?

O pouco crédito que merecem os lugares e as condições, onde e como têm lugar essas penas e recompensas, é devido à forma inadmissível como nos são apresentados.

Se, em vez disso, nos for dito que:

– É em si mesmas que as almas encontram a felicidade ou a infelicidade;

– Que a sorte que lhes cabe depende do seu estado moral;

– Que o reencontro com as almas boas e simpáticas é causa de felicidade;

– E que depende do seu grau de evolução poderem visitar e ver o que é invisível para as almas menos evoluídas;

Se isso nos for dito, toda a gente compreenderá sem dificuldade que:

– As almas só atingem o grau supremo de aperfeiçoamento pelo seu próprio esforço, depois de terem prestado uma série de provas para esse efeito, e:

– Que os anjos são as almas que chegaram ao mais elevado nível que todas podem alcançar;

– Que eles são os mensageiros de Deus encarregados de tomar conta do cumprimento dos seus desígnios em todo o Universo;

– Que se sentem felizes com essas missões gloriosas e que é entendida a sua felicidade como um objetivo mais útil e razoável do que a contemplação perpétua, que só serviria como eterna inutilidade;

Se nos disserem, enfim:

– Que os demónios são apenas as almas dos maus que ainda não se purificaram, mas que podem fazê-lo como todos os outros, o que estará mais de acordo com a justiça e a bondade de Deus do que terem sido criados para o mal e a ele perpetuamente dedicados;

Dessa forma, já todos compreenderemos as coisas sem dificuldade, por estarem de acordo com a razão mais justa, a lógica mais rigorosa e o bom senso.

As almas que povoam o espaço são precisamente o que chamamos os *Espíritos*; os *Espíritos* são as almas dos seres humanos depois de libertas do seu corpo físico, após a morte. Se os Espíritos fossem seres à parte, a sua existência seria apenas hipotética.

Admitindo-se a existência das almas, necessário será admitir os Espíritos, que são simplesmente as almas; Admitindo-se a presença das almas em toda a parte, o mesmo acontecerá com os Espíritos. Não poderíamos negar a existência dos Espíritos sem negar a existência das almas.

3. O que foi dito é, na verdade, só uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já representa muito uma teoria que nem a razão, nem a Ciência contradizem; Se, além disso, é confirmada pelos factos, também é confirmada pelo raciocínio e pela experiência.

Tais factos, encontramo-los no fenómeno das manifestações espíritas, que são a prova evidente da existência e da sobrevivência da alma.

Para muitas pessoas, a crença fica por aí. Admitem facilmente a existência das almas e, consequentemente, admitem a existência dos Espíritos. Mas negam a possibilidade de comunicar com eles, segundo dizem, pela razão de que os seres imateriais não podem atuar sobre a matéria.

Esta dúvida é baseada na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais se tem uma ideia muito errada; são considerados como entidades abstratas, vagas e indefinidas, o que não é verdade.

Imaginemos primeiro o Espírito, na sua união com o corpo. O Espírito é o ser principal, visto que é o ser que *pensa e sobrevive*. O corpo físico é apenas um *acessório* do Espírito, um veículo existencial que ele abandona quando está gasto.

Para além deste corpo material, o Espírito dispõe de um segundo corpo intermédio, muito menos denso, que o une àquele. No momento da morte, o Espírito liberta-se do corpo material, mas não do outro, a que damos o nome de *perispírito,* que assume a forma humana e que constitui para o Espírito um corpo fluídico, subtil, invisível para nós no seu estado normal, mas ainda com certas propriedades da matéria.

[**1 – Importância do perispírito**]

O Espírito não é um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para parecer um ser humano.

Por que motivo não pode agir sobre a matéria? Porque o seu corpo intermédio é de natureza fluídica? Note-se que é nos fluidos mais imponderáveis, como é o caso da eletricidade, que se encontram as mais fortes concentrações energéticas. E a luz, que não tem peso, exerce apreciável ação química sobre a matéria densa. Não conhecemos a natureza íntima do perispírito, mas supomo-lo formado de energia elétrica ou outra igualmente subtil. Porque não teria a mesma propriedade sendo dirigido por uma vontade?

4. A existência da alma e de Deus, que são a consequência uma da outra, constituem a base indispensável para iniciar qualquer discussão espírita. Antes de fazê-lo torna-se necessário saber se o possível interlocutor admite esta base:

- Acreditas em Deus?
- Acreditas que tens uma alma?
- Acreditas que ela sobrevive à morte do corpo?

Se negar, ou se disser apenas: *não sei; gostaria que assim fosse, mas não tenho a certeza disso,* qualquer dessas respostas equivale a uma negativa delicada, para evitar ofender frontalmente o que considera respeitáveis preconceitos.

Num caso desses será tão inútil avançar com a conversa como tentar explicar a um cego qual o efeito da luz brilhante. Uma vez que as manifestações espíritas são apenas o efeito das propriedades da alma, uma conversa com essa pessoa seria uma verdadeira perda de tempo.

Se a base for admitida, não a título de *probabilidade*, mas como ideia confirmada, incontestável, a existência real dos Espíritos é a conclusão natural.

5. Fica por abordar a possibilidade de os Espíritos comunicarem com os vivos, isto é, de poderem trocar pensamentos entre si.

E porque não? Sendo as pessoas vivas Espíritos aprisionados num corpo material, um Espírito livre pode perfeitamente comunicar com outro que esteja cativo, tal como um indivíduo livre pode ir visitar aqueles que estão na prisão.

Uma vez que se admite a sobrevivência da alma, é racional admitir-se a sobrevivência dos afetos.

Se as almas estão em todo o lado, é natural que um ser que nos amou durante a vida venha até nós e comunique connosco servindo-se dos meios de que dispõe.

Durante a sua vida, agia com o corpo material, comandando ele mesmo os movimentos. Depois da morte, com a ajuda de outro Espírito ainda ligado ao corpo, manifesta o seu pensamento, da mesma forma que um mudo poderá fazer-se entender com a ajuda de uma pessoa com a capacidade de falar.

6. Esqueçamos por momentos os factos, incontestáveis para nós, e aceitemo-los como simples hipóteses.

Pedimos aos incrédulos que nos provem, sem ser pela simples negativa de opinião pessoal, que não faz lei, mas por razões categóricas, que nada disso é admissível. Colocamo-nos no seu lugar e, já que querem avaliar os factos espíritas com as leis da matéria, pedimos que componham a partir delas uma demonstração matemática, física, química, mecânica ou fisiológica que prove por "*a" mais "b",* sempre a partir do princípio da existência e da sobrevivência da alma, que:

1º – O ser pensante que existe em nós durante a vida, já não o faz depois da morte;

2º – Se pensa depois da morte, já não pensa naqueles a quem amou;

3º – Se pensa naqueles a quem amou, já não quer comunicar com eles;

4º – Se pode estar em todo o lado, não pode estar perto de nós;

5º – Se está perto de nós, não pode comunicar connosco;

6º – Se tem corpo semimaterial, fluídico, não pode atuar sobre a matéria;

7º – Se pode atuar sobre a matéria, não pode atuar num ser vivo;

8º – Se pode atuar num ser vivo, não pode usar a sua mão para fazê-lo escrever;

9º – Se pode fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas nem transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando os adversários do espiritismo nos demonstrarem que tudo isto é impossível, de forma tão clara como Galileu demonstrou que é a Terra que gira à volta do Sol, e não o contrário, diremos que todas as suas dúvidas têm fundamento. Contudo, até agora, toda a sua argumentação se resume ao seguinte: *eu não acredito, portanto é impossível!...*

Dirão que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações, e é o que faremos pelos factos e pelo raciocínio. Se não aceitarem nem uns, nem o outro, se negarem até aquilo que veem, cabe-lhes então a eles provar que o nosso raciocínio está errado e que os factos são impossíveis.

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse um conceito isolado, um produto teórico, poderia ser considerada uma ilusão. Então, digam-nos: como é possível encontrá-la tão viva em todos os povos antigos e modernos e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Responderão alguns críticos que, desde sempre, todos os povos apreciaram o maravilhoso.

O que é então, para vós, o maravilhoso? O que é sobrenatural.

E o que entendeis como sobrenatural? O que é contrário às leis da natureza.

Conheceis assim tão bem as leis da natureza que podeis dizer onde começam e acabam os poderes de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e as suas manifestações são contrárias a essas leis e que não podem fazer parte delas. Estudai a ciência espírita e observai como o seu encadeamento tem todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que as leis da filosofia não conseguiram resolver até aos dias de hoje.

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A capacidade que o Espírito tem de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, por conseguinte, de transmitir as suas ideias, resulta, se assim nos podemos exprimir, da sua constituição fisiológica, nada havendo nisso de sobrenatural ou de maravilhoso.

Se uma pessoa que morreu reviver corporalmente, se os seus membros dispersos se reunirem de novo para restabelecerem o corpo, isso será o maravilhoso, o sobrenatural e o fantástico. Tal coisa representaria uma revogação de leis que só Deus poderia realizar por milagre, mas nada semelhante a isso existe na doutrina espírita.

8. Direis: Admitis que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la suspensa no ar sem pontos de apoio? Não é uma revogação da lei da gravidade?

Sim, tal como é conhecida. Todavia, será que a própria natureza já disse a última palavra?

Antes de se ter experimentado a força ascensional de certos gases, quem poderia dizer que uma máquina pesadíssima com várias pessoas lá dentro pudesse libertar-se da lei da gravitação universal? Para as pessoas simples seria um facto maravilhoso ou até diabólico. Quem quer que propusesse, há pouco mais de cem anos, comunicar de forma praticamente instantânea a longas distâncias, e receber a resposta de seguida, seria considerado um louco. E se conseguisse realizar tal coisa, diriam que tinha o diabo às suas ordens, porque só ele poderia ser tão rápido.

Então por que razão uma energia desconhecida não poderia, em certas circunstâncias, contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogénio contrabalança o peso do balão?

Estamos a fazer, não uma identificação, apenas uma comparação, unicamente por analogia, para demonstrar que o facto não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os sábios, ao observarem estas espécies de fenómenos, quiseram fazer uma identificação, que se enganaram redondamente. De resto, o facto é evidente, todas as dúvidas teóricas não podem impedi-lo, porque negar, não é provar. Para nós, nada tem de sobrenatural; é tudo o que podemos dizer por agora.

9. Se o facto é observável, dirão, aceitamo-lo. Aceitamos mesmo a causa referida por vós, de uma energia desconhecida. Mas quem é que prova a intervenção dos Espíritos? É nisso que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessária uma demonstração, que ficaria deslocada aqui e seria dispensável, porque sobressai de todas as outras partes do ensino. Contudo, resumindo em poucas palavras, diremos que ela é fundada neste princípio: *cada efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.* Ou seja, na prática: se as comunicações ou os fenómenos ditos espíritas deram provas de inteligência, daí resulta que a sua causa se situa fora da matéria. Essa inteligência, não sendo das pessoas assistentes a essas comunicações – como

resulta da experiência – situar-se-á fora delas. E como não era visível o agente desses factos, concluiu-se que seria um ser invisível.

De observação em observação chegou-se à conclusão que esse ser, a que se deu o nome de Espírito, é a alma de alguém que tendo vivido corporalmente, tinha sido despojado do corpo material visível pelo acontecimento da morte. Esta apenas deixa a essas almas um veículo existencial de pequeníssima densidade, o perispírito, que é invisível no seu estado normal.

Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples. Tendo-se comprovado desta forma a presença de seres invisíveis, a sua ação sobre a matéria resulta da natureza do seu perispírito. Essa ação é inteligente porque, ao morrer, perderam apenas o seu corpo material, mas conservaram a inteligência que é a sua essência: é nisso que reside a razão de todos os fenómenos erradamente considerados sobrenaturais.

A existência dos Espíritos não é uma teoria preconcebida, uma hipótese imaginada para explicar os factos. É o resultado da observação e a consequência natural da existência da alma. Negar esta causa é negar a alma e os seus atributos. Quem possa dar outra explicação mais racional dos referidos efeitos inteligentes *que* possa esclarecer *todos os factos integralmente,* faça o favor de fazê-lo, para que possamos discutir o mérito de cada uma. **[2 - Convergência das provas]**

10. Para os que entendem a matéria como única potência natural, *tudo o que não é explicável pelas suas leis é maravilhoso ou sobrenatural*. Na sua opinião, "*maravilhoso*" é sinónimo de "*superstição*".

Nessa ordem de ideias, a religião – que se baseia na existência de um princípio imaterial – seria uma rede de superstições. Não ousam afirmá-lo abertamente, mas dizem-no em voz baixa. Julgam salvar as aparências admitindo que a religião faz falta ao povo e serve para ensinar as crianças a serem bem comportadas. Porém, das duas uma, ou a ideia da religião é falsa ou é verdadeira. Se é verdadeira, é importante para toda a gente. Se é falsa, não serve bem nem os ignorantes nem os sábios.

11. Os que atacam o espiritismo em nome do maravilhoso apoiam-se genericamente no princípio materialista, visto que, recusando qualquer princípio não material, recusam por isso mesmo a existência da alma. Analisando a fundo esse modo de pensar e as palavras de que se servem, encontraremos sempre, quando categoricamente formulada, uma alegada filosofia racional, sob a qual se abrigam.

Rejeitando, à conta do maravilhoso, tudo o que decorre da existência da alma, são coerentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Isso mostra claramente o preconceito que os impossibilita de formar um juízo adequado a respeito do espiritismo, isto é, o princípio da negação de tudo o que não é material.

Da nossa parte, porque admitimos os princípios derivados da existência da alma, conclui-se que aceitamos todos os factos inerentes ao maravilhoso? Deverá pensar-se que nos situamos na vanguarda dos sonhadores, dos adeptos de todas as utopias e das teorias excêntricas?

Seria necessário desconhecer completamente o espiritismo para pensar desse modo. Mas, para os nossos adversários, a necessidade de conhecer aquilo de que falam é a menor das preocupações. Segundo eles, é fatal que, sendo o maravilhoso absurdo, o espiritismo, porque nele se apoia, também é absurdo. É um julgamento sem apelo.

Como as investigações que fizeram a respeito dos convulsionários de São Médard, dos huguenotes perseguidos de Cévennes e das religiosas de Loudoun, provaram que havia fraudes claríssimas em diversos factos, julgam ter descoberto um argumento sério contra os espíritas. Acontece que essas fraudes também eram claríssimas para os espíritas e os seus princípios nada têm a ver com tais episódios.

Os espíritas, aliás, foram muito claros a respeito das fraudes dos charlatães, dos exageros e do fanatismo que criaram, visto que recusam todas as estravagâncias cometidas em seu nome. O que

defendem os espíritas é o uso da ciência contra os abusos da ignorância, e o verdadeiro culto das religiões contra os excessos do fanatismo.

Muitos críticos só veem o espiritismo à luz dos contos de fadas e das lendas populares, que são ficções; o que é o mesmo que conhecer a história à base dos romances históricos ou das tragédias.

12. Na lógica elementar, para discutir qualquer assunto é fundamental conhecê-lo, visto que a opinião de quem o critica só terá valor se essa pessoa estiver em perfeito conhecimento de causa. Essa opinião, ainda que errada, pode ser levada em consideração; mas que peso pode ter sobre uma matéria que desconhece?

O verdadeiro crítico deve fazer prova, para além da erudição, de conhecer profundamente o assunto de que trata e deve fazer julgamentos corretos, usando de uma imparcialidade a toda a prova. Se assim não fosse, qualquer músico insignificante poderia arrogar-se no direito de julgar Rossini e qualquer pintor de paredes de criticar Rafael.

13. O espiritismo não aceita de forma nenhuma o maravilhoso ou o sobrenatural. Mais do que isso, demonstra a impossibilidade e o ridículo de certas crendices, que constituem, elas sim, a superstição. Dentro daquilo que é admitido pelo espiritismo há fenómenos que os incrédulos têm como pertencentes ao maravilhoso puro, isto é, à superstição, é certo. Mas, pelo menos, discuti apenas esses pontos, porque, sobre os outros, nada vale a pena acrescentar e estais a pregar em vão. Criticando o que o próprio Espiritismo refuta, demonstram ignorar o assunto e argumentam em vão.

Dir-se-á: mas até onde vai a crença do espiritismo? Lede, observai e sabereis. As ciências só podem conhecer-se com tempo e com estudo. O espiritismo, que encara as mais sérias questões da filosofia em todos os ramos da ordem social, abrangendo conjuntamente o ser físico e o ser moral, é por si mesmo toda uma ciência, toda uma filosofia, que não pode ser aprendida em meia dúzia de horas de estudo, como qualquer outra ciência, e que não se fica pela superficialidade de uma mesa a andar à roda, bem como a física nada tem a ver com certos jogos infantis.

Quem não quiser ficar pelos rudimentos, não terá que estudar dias ou meses, mas anos. Que se julgue, por isso, o grau de saber e o valor da opinião daqueles que se atrevem a julgar, porque viram uma ou duas experiências, à maneira de uma distração ou passatempo.

Dirão que não têm tempo, e ninguém os obriga a isso, evidentemente. Nesse caso, quem não tem tempo para estudar certas coisas, não tem o direito de fazer juízos a seu respeito, se não quiser ser considerado leviano. Quanto mais alta for a posição científica em que estiverem, menos desculpável é que tratem com ligeireza assuntos que não conhecem.

14. Ficamo-nos pelo resumo seguinte:

1º. Os fenómenos espíritas baseiam-se na existência da alma, na sua sobrevivência depois da morte do corpo e nas suas manifestações;

2º. Tais fenómenos, regidos pelas leis da natureza, nada têm de *maravilhoso* ou de *sobrenatural*, no sentido que se dá vulgarmente a essas palavras;

3º. Há muitos factos considerados sobrenaturais apenas porque as suas causas são desconhecidas. O espiritismo, esclarecendo as suas causas, coloca-os no domínio de fenómenos naturais;

4º. Entre os factos considerados sobrenaturais, há muitos cuja impossibilidade é demonstrada pelo espiritismo, sendo por ele classificados como crenças supersticiosas.

5º. Embora o espiritismo reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, não aceita a veracidade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º. Avaliar o espiritismo com base em factos que ele não admite, é prova de ignorância sem valor.

7º. A explicação dos factos admitidos pelo espiritismo, as suas causas e as suas consequências morais, constituem uma ciência e uma filosofia completas, que requerem estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º. O espiritismo só pode aceitar como críticos sérios, aqueles que tenham considerado e estudado a totalidade dos factos com a consciência e a perseverança de um observador cuidadoso; aqueles que conheçam o assunto como os adeptos mais esclarecidos; aqueles que não o tenham estudado em romances de efabulação científica; aqueles críticos aos quais não se possam apresentar *factos por eles desconhecidos*, ou argumentos em que não tenham meditado seriamente e que não tenham recusado apenas por simples negação, mas sim com argumentos fundamentados.

Em suma, críticos que pudessem apontar uma causa mais lógica para qualquer dos factos apreciados. Críticos dessa natureza ainda não foram encontrados.

15. Mencionámos atrás a palavra *"milagre".* Uma breve observação a seu respeito não será descabida neste capítulo dedicado ao "maravilhoso".

Na sua aceção original e etimologicamente a palavra "*milagre"* significa qualquer *"coisa extraordinária, admirável de se ver"*. Porém, como tantas outras palavras, afastou-se do seu significado original e é encarado academicamente como "*ato divino contrário às leis gerais da Natureza".*

Esse é o seu significado habitual e só se aplica por comparação ou metáfora às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida.

Não nos passa pela cabeça admitir que Deus tenha podido aceitar como útil, em certas circunstâncias, deixar de aplicar as leis por si mesmo estabelecidas. O nosso objetivo é somente demonstrar que os fenómenos espíritas, por muito extraordinários que pareçam, em nada desobedecem a essas leis, não têm o mínimo carácter miraculoso e não são maravilhosos ou sobrenaturais.

O milagre não se explica. Os fenómenos espíritas, pelo contrário, têm uma explicação perfeitamente racional. Não são milagres, mas simples efeitos que têm razão de ser no âmbito das leis gerais. O milagre tem ainda outra característica, a de ser um caso insólito e isolado. No momento em que um facto pode ser reproduzido, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

A ciência opera milagres todos os dias perante o olhar das pessoas mais simples. É por essa razão que, outrora, os mais conhecedores eram considerados feiticeiros. Como se acreditava que todo o conhecimento prodigioso vinha do diabo, essas pessoas eram queimadas nas fogueiras. Hoje, que somos muito mais civilizados, ainda são muito frequentemente tratadas como doentes mentais.

Que alguém que já morreu, como dissemos de princípio, seja chamado à vida por intervenção divina, isso seria um milagre, por ser contrário às leis da natureza. Mas se essa pessoa só tem as aparências da morte, se nela existe ainda um resto de *vitalidade latente* e que a ciência, ou uma ação magnética, consiga reanimá-la, para as pessoas esclarecidas isso será um fenómeno natural. Aos olhos dos simples, com poucos conhecimentos, será tido como facto milagroso e o seu autor, quem sabe, admirado por uns e mal compreendido por outros.

Se numa planície com algumas árvores, num momento de trovoada, um físico com um papagaio de papel, conseguir que um raio caia junto de certa árvore, este novo **Prometeu** será facilmente considerado detentor de um poder diabólico. Diga-se de passagem, que nessa circunstância, Prometeu terá passado à frente a **Franklin**, mas **Josué,** fazendo parar o Sol, ou antes, a Terra, isso sim, seria um grande milagre, não sendo conhecido nenhum magnetizador dotado de suficiente poder para realizar tal coisa.

[3 - Prometeu] [4 – Franklin] [5 - Fazer parar o Sol - referência a um episódio bíblico]

De todos os fenómenos espíritas, um dos mais extraordinários é certamente o da escrita direta, que demonstra da forma mais evidente a ação das inteligências ocultas. Sendo esse fenómeno produzido por seres ocultos, não é mais milagroso do que qualquer outro fenómeno devido a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que habitam no espaço, são uma das potências da natureza, cujo poder de ação está incessantemente presente no mundo material, assim como no mundo moral.

O espiritismo, esclarecendo-nos a respeito desse poder, responde a uma enorme quantidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis de outra forma, e que puderam, em tempos recuados, passar por prodigiosas. Revela, tal como o magnetismo, uma lei, senão desconhecida pelo menos mal compreendida; melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque sempre se produziram ao longo dos tempos, mas desconhecia-se a sua lei, ignorância essa que deu origem à superstição. A partir do momento em que essas leis se tornam conhecidas, o maravilhoso desaparece e os fenómenos respetivos entram na ordem natural das coisas. É por essa razão que uma mesa girar por si só, ou o Espírito de um morto ditar textos numa reunião mediúnica, são fenómenos tão naturais como reanimar uma pessoa que está à beira da morte com recursos clínicos, ou provocar a queda de um raio por processos eletromagnéticos.

Quem quisesse, com base nesta ciência, *produzir milagres,* seria um ignorante ou desejaria trapacear alguém.

16. Os fenómenos espíritas, da mesma forma que os fenómenos magnéticos, antes de se conhecer a sua origem, foram entendidos como factos prodigiosos. Tal como os céticos, os espíritos fortes – isto é, aqueles que têm o privilégio da razão e do bom senso – só acreditam que certa coisa é possível quando a compreendem. É por isso mesmo que troçam de todos os casos considerados prodigiosos. Como a religião é pródiga na apresentação de casos desse género, não acreditam na religião. Daí à incredulidade absoluta vai um passo.

O espiritismo, explicando a maioria desses factos, dá-lhes uma razão de ser.

Vem, portanto, em socorro da religião, demonstrando a possibilidade de certos factos que, por não terem origens milagrosas, não deixam de ser extraordinários e Deus não é menos grande nem menos poderoso por não ter revogado as suas Leis.

As levitações de São José de Cupertino, por exemplo, deram origem a um sem número de discussões sem sentido. A suspensão, sem apoio, de alguns objetos pesados, foi um fenómeno justificado pela ciência espírita. Fomos pessoalmente *testemunha ocular desse facto* e o médium escocês Daniel Dunglas Home, além de outras pessoas do nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenómeno produzido por S. Cupertino. Por isso, esse fenómeno entra na ordem natural das coisas.

17. No número de factos deste género é necessário colocar em primeira linha o das aparições, porque é o mais frequente. O de La Salette, que dividiu o próprio clero, nada tem para nós de insólito. Não afirmamos que o facto tenha sucedido, porque não temos prova material disso. Mas julgamos possível porque milhares de factos análogos *recentes* chegaram ao nosso conhecimento. Acreditamos neles, não porque a sua realidade foi evidente para nós, mas sobretudo porque percebemos perfeitamente a maneira como se produzem.

Chamamos a atenção dos leitores para a teoria das aparições, de que trataremos mais adiante, e verão que esse tipo de fenómenos se torna tão simples e plausível como tantos de natureza física, que só parecem prodigiosos se não tivermos a sua explicação racional.

Quanto à personagem que se apresentou em La Salette, é outra questão. A sua identidade não nos foi minimamente demonstrada. Concluímos apenas que uma aparição possa ter ocorrido; o resto não é da nossa competência. Cada um pode ter a sua opinião e não é assunto da área do espiritismo. Dizemos somente que os factos estudados pelo Espiritismo revelaram novas leis e permitiram a compreensão de uma grande quantidade de fenómenos que pareciam sobrenaturais. Se alguns desses factos, que passavam por milagrosos, encontraram nessas leis explicação lógica, isso não é motivo para negar o que ainda não se compreende.

Os fenómenos espíritas são contestados por algumas pessoas precisamente porque parecem escapar à lei comum e por falta de conhecimento. Se lhes for dada uma base racional, a dúvida cessa. A explicação lógica é um poderoso motivo de convicção. Assim, vemos todos os dias pessoas que não presenciaram nenhum facto, não viram uma mesa mover-se nem um médium escrever, e que se tornaram

tão convictas como nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só acreditássemos no que vemos com os nossos próprios olhos, as nossas convicções ficariam resumidas a muito pouca coisa.

18. O desejo muito natural e muito louvável dos interessados, que nunca é demais estimular, é o de fazer adeptos. Para facilitar a tarefa, propomo-nos abordar aqui o meio mais seguro para atingir esse fim, poupando esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma Ciência, toda uma Filosofia. Quem desejar conhecê-lo seriamente deve, pois, como primeira condição, submeter-se a um estudo sério e convencer-se de que, como em qualquer outra ciência, não se pode aprender a brincar.

O espiritismo relaciona-se com todos os problemas que interessam à Humanidade. O seu campo de interesses é imenso e é sobretudo quanto às suas consequências que é conveniente encará-lo.

A crença nos Espíritos constitui, sem dúvida a sua base, mas isso não basta para fazer um espírita esclarecido, como a crença em Deus não basta para fazer um teólogo. Vejamos, pois, de que maneira convém proceder ao seu ensino, para levar com mais segurança à convicção.

Que os adeptos não se assustem com a palavra ensino, que pode ser feito sem formalismos, com base na simples conversação.

Toda e qualquer pessoa que se dedicar a divulgar a sua mensagem, seja pela via das explicações seja pela via das experiências, está a ensinar. O que desejamos é que esse esforço dê resultados positivos. Daremos, por isso, alguns conselhos que servirão, desde logo, para aqueles que procuram aprender por si mesmos; aqui encontrarão os meios de chegarem a essa finalidade, com mais segurança e rapidez.

19. Acredita-se que, para convencer alguém, basta mostrar os factos. Parece o caminho mais lógico. Contudo, a experiência nem sempre o confirma pois que há pessoas a quem os factos mais óbvios não convencem. Qual a razão para isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consequente. Não é o ponto de partida, sendo esse o erro em que muitas vezes se cai e que por vezes conduz ao insucesso com certas pessoas.

Sendo os Espíritos as almas dos seres humanos, o verdadeiro ponto de partida é, portanto, a existência da alma. Como pode um materialista admitir que vivam seres fora do mundo material, se ele mesmo julga ser constituído apenas de matéria? Como pode acreditar em Espíritos, se ele mesmo não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular-lhe diante dos olhos as provas mais palpáveis. Contestá-las-á todas, porque não admite o princípio.

Qualquer ensino metódico tem de partir do conhecido para o desconhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria. Começai, portanto, pela matéria, convencendo-o de que existem em si coisas que escapam às leis da matéria. Em suma, *antes de fazê-lo* ESPÍRITA, *teremos que fazer dele um* ESPIRITUALISTA.

Isso implica uma ordem diferente de factos, um ensino que é necessário conduzir por outros meios. Falar-lhe de espíritos antes que esteja convencido de que tem uma alma, seria começar-se por onde se deveria acabar, visto que não é possível admitir uma conclusão sem se terem admitido as suas premissas. Antes de tentar convencer um incrédulo, mesmo com base em factos, convém saber a sua opinião acerca da alma, se acredita na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo e na sua individualidade após a morte.

Se a resposta for negativa, é trabalho perdido falar-lhe nos Espíritos. Esta é a regra geral, poderá haver exceções, mas nesse caso, é provável que haja outro caminho que o torne menos refratário.

20. Quanto aos materialistas, há que diferençar dois grupos. Em **primeiro lugar** vejamos os que o são *por* ***preconceito teórico.*** Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. No seu ponto de vista, o ser humano não passa de uma máquina que funciona até certo momento e depois deixa de funcionar. Depois da morte só fica a carcassa. O número destes, felizmente, é muito restrito e em lado nenhum é uma escola altamente reconhecida. É escusado insistir nos deploráveis efeitos que

resultariam para a ordem social da propagação de uma tal doutrina. Já nos referimos a ela de modo suficientemente detalhado em "*O Livro dos Espíritos*" (nº 147 e Conclusões, parágrafo III).

Quando dissemos que as dúvidas dos incrédulos se desfazem em presença de uma explicação racional, necessário será excluir os materialistas, aqueles que negam qualquer poder ou princípio inteligente, fora da matéria. A maior parte obstina-se nessa opinião por orgulho, e julgam que persistir nessa posição é uma questão de amor-próprio, contra toda e qualquer prova em contrário, visto que não querem sentir-se vencidos.

Com eles, não há nada a fazer, não valendo a pena confiar em ligeiros acenos de sinceridade quando nos dizem: mostrem-me o que houver para ver, e eu acreditarei. Há alguns que são mais francos e que dizem frontalmente: mesmo vendo, não acredito.

21. O segundo grupo de materialistas, e de longe o mais numeroso, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural, inclui aqueles que o são, digamos, *à falta de melhor,* por indiferença.

Não o são deliberadamente e bem gostariam de acreditar, visto que a incerteza é, para eles, um tormento. Têm uma vaga aspiração pelo futuro, mas foi-lhes apresentado de uma forma que a sua razão não permite aceitar. Donde a dúvida e, como consequência, a incredulidade. Para estes, a incredulidade não é um preconceito teórico. Se lhes for apresentado uma ideia racional, aceitá-la-ão com entusiasmo.

São os que nos podem compreender, aqueles que se encontram muito mais perto de nós do que eles mesmos julgam.

Quanto aos do primeiro grupo, não vale a pena falar-lhes de revelação, de anjos, ou do paraíso. Não vos compreenderão. Colocando-vos no seu próprio terreno, provai-lhes primeiro que as leis da fisiologia são impotentes para explicar tudo; o resto virá depois.

Se a incredulidade não tiver sido preconcebida, isto é, se a crença não for absolutamente nula, significa que está latente, podendo ser reanimada. É como restituir a vista a um cego, que fica feliz por rever a luz, é como o náufrago a quem se estende uma tábua de salvação.

22. À parte os materialistas propriamente ditos há um terceiro grupo de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são na prática frontalmente refratários ao espiritismo. São os *incrédulos de má vontade*. São os indivíduos que se recusam a acreditar em algo que lhes impediria os prazeres da materialidade, condenando-os a não serem ambiciosos, nem egoístas, impedindo-os de se entregarem às vaidades humanas que fazem as suas delícias. Fecham então os olhos e os ouvidos à realidade, para não verem nem ouvirem. A esses, só podemos lamentá-los.

23. Apenas para lembrar, falaremos ainda de um quarto grupo de incrédulos, os que praticam a *incredulidade por interesse ou má-fé.* Esses sabem bem o que podem esperar do espiritismo, mas, ostensivamente, condenam-no por motivos de interesse pessoal.

Nada há a dizer ou a fazer a seu respeito. Se o materialista puro se engana, tem por si, pelo menos, o pretexto da boa-fé e poderemos recuperá-lo provando-lhe os seus erros. Quanto aos que usam de má-fé, usam-na como um pressuposto contra o qual tudo se quebra.

O tempo se encarregará de lhes abrir os olhos, mostrando-lhes, talvez à sua própria custa, onde estão os seus verdadeiros interesses. Não podendo impedir o progresso da verdade, serão arrastados pela torrente juntamento com os interesses que julgavam acautelar.

24. Para além destes grupos de opositores, há uma grande variedade de casos, entre os quais podemos contar: *os incrédulos por covardia*, que ganharão coragem quando concluírem que nada de mal acontece aos que aceitam as ideias espíritas; os que agem *por escrúpulos religiosos*, um estudo sério lhes ensinará que o espiritismo se apoia nas bases fundamentais da religião, que respeita todas as crenças e

que um dos seus efeitos é dar sentimentos religiosos aos que os não têm, ou reforçá-los a quem os tem pouco firmes. Há ainda os **incrédulos por motivos de orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por frivolidade**, etc.

25. Não podemos omitir um grupo a que chamaremos ***incrédulos desiludidos.*** Inclui os que passaram da confiança exagerada à incredulidade, devido a desilusões. Desencorajados, abandonaram e rejeitaram tudo. Como aqueles que passaram a descrer, por terem sido enganados. É também o resultado de um estudo incompleto do espiritismo, por falta de experiência. Os que são enganados pelos Espíritos são os que lhes perguntaram o que eles não devem ou não podem responder, ou que – por falta de esclarecimento – não têm a capacidade de distinguir entre a verdade e a mentira.

Muitos, aliás, procuram no espiritismo um recurso de adivinhação e estão convencidos de que os Espíritos podem ler-lhes a sina. Nesses casos, é frequente o aproveitamento dos Espíritos superficiais ou trocistas, que não perdem a oportunidade para se divertirem à custa das pessoas com quem falam. É desta forma, por exemplo, que anunciam futuros pretendentes a raparigas novas, honrarias ou fortunas inesperadas a pessoas com ambições, etc. De tais fantasias surgem as desilusões, mas das quais sabem defender-se bem as pessoas sérias e prudentes.

26. A categoria mais numerosa de todas, que não pode comparar-se com as dos outros incrédulos, é a dos ***indecisos*.** São geralmente *espiritualistas*, por princípio. A maioria deles tem uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração por qualquer coisa que não sabem definir. Necessitam apenas de organizar e formular os pensamentos. Para eles o espiritismo surge-lhes como um raio de luz, a claridade que dissipa a bruma e que acolhem com entusiasmo porque os liberta das angústias da incerteza.

27. Se, deste ponto, contemplarmos as diversas categorias de *crentes,* encontramos, à primeira vista, os que **são *espíritas sem o saberem*.** São uma variante da categoria anterior que, sem nunca terem ouvido falar do espiritismo, têm o sentimento inato dos seus grandes princípios, que se reflete em certas passagens do que escrevem ou dizem, a tal ponto que parece terem sido iniciados. Deste grupo fazem parte numerosos escritores sagrados e profanos, poetas, oradores, moralistas, filósofos antigos e modernos.

28. Entre **os que foram convencidos através do estudo direto,** distinguimos:

1º - Os que acreditam simplesmente nas manifestações. O espiritismo é para eles uma simples ciência de observação, uma série de factos mais ou menos curiosos. Vamos chamar-lhes *espíritas experimentadores.*

2º - Os que vêem no espiritismo mais do que factos e, tendo compreendido a sua parte filosófica, admiram a moral que deles resulta, mas não a praticam. A influência que teve sobre a sua maneira de ser é insignificante ou nula: em nada modificou os seus hábitos, não se privam de um único dos seus prazeres; se avaros continuam insensíveis, se orgulhosos só pensam em si, se invejosos e ciumentos são sempre hostis. A sua caridade cristã não passa de palavras. São *espíritas imperfeitos.*

3º - Os que não se limitam a admirar a moral espírita, mas que a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos que a existência terrestre é uma prova passageira, aproveitam todos os breves instantes para progredir, única forma de se elevarem na hierarquia dos Espíritos, fazendo o bem e reprimindo as más tendências. As suas relações com o próximo são sempre seguras, porque a convicção afasta-os dos maus pensamentos. A caridade é em tudo a sua regra de conduta: são os *espíritas verdadeiros*, ou melhor, *os espíritas cristãos*. [**6 – Espírita Cristão]**

4º - Há, por fim, os *espiritas exaltados*. A Humanidade seria perfeita se tomasse sempre, de todas as coisas, o seu lado bom. O exagero é sempre nocivo. Aplicado ao espiritismo dá uma confiança cega e muitas

vezes infantil nas coisas do mundo invisível, e faz aceitar com demasiada facilidade e pouca reflexão crítica aquilo que é absurdo ou impossível. O entusiasmo, em vez de deixar refletir, deslumbra.

Esta espécie de adeptos é mais prejudicial do que útil à causa espírita. São os menos capazes de convencer alguém, porque se desconfia, com razão, do seu julgamento. São fáceis de enganar, quer pelos Espíritos enganadores, quer por pessoas que querem explorar a sua credulidade.

Se fossem os únicos a sofrer as consequências das suas próprias atitudes, não seria de todo mau. O pior é que, sem querer, dão armas aos incrédulos que preferem maldizer a convencerem-se, optando por acusar toda a gente pelo ridículo de uns poucos, o que não é justo nem racional.

Como sabemos, os adversários do espiritismo só consideram como boas as suas opiniões e pouco se importam de conhecer a fundo aquilo de que falam.

29. A aceitação das ideias varia muito entre as pessoas. Aquilo que convence alguns, não diz nada a outros. Há quem seja convencido pelas manifestações materiais e os que aceitam bem as comunicações inteligentes, sendo o uso do raciocínio o que mais convence.

Podemos mesmo dizer que para a maior parte, que não tem o hábito do raciocínio, os fenómenos materiais não são argumento de peso. Quanto mais extraordinários e mais afastados das leis conhecidas forem, mais oposição suscitam, visto que a falta de apoio racional conduz à dúvida. Cada um os observa e os explica à sua maneira.

O materialista só vê neles causas físicas ou mistificações; o ignorante e o supersticioso só vêem causas diabólicas ou sobrenaturais. Entretanto, uma explicação prévia pode ultrapassar certas ideias feitas, revelando, senão a realidade, pelo menos a possibilidade do fenómeno; a realidade pode ser compreendida antes de ser vista. Tendo sido reconhecida a sua possibilidade, a aceitação dos factos está muito mais facilitada.

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que depende das causas e da natureza da sua incredulidade. A insistência usada em convencê-lo dá-lhe uma ideia de importância pessoal, e é uma razão para se mostrar ainda mais obstinado.

Quem não for convencido pela razão nem pelos factos, é porque ainda lhe falta passar pela prova da incredulidade. Terá que deixar-se à Providência o cuidado de lhe proporcionar circunstâncias mais favoráveis. Há demasiadas pessoas desejosas de ver a luz para perder tempo com aqueles que a recusam. Dirigi-vos, pois, às pessoas de boa vontade, cujo número é maior do que se julga, e o seu exemplo, ao multiplicar-se, vencerá mais teimosias do que as palavras. Aos bons espíritas nunca faltarão oportunidades para fazer o bem: corações aflitos para aliviar, gente necessitada de consolo, desesperos a acalmar, reformas morais a realizar, a sua missão é essa. E lá se encontra a sua verdadeira satisfação. O espiritismo está sempre ao nosso alcance, expande-se pela força das coisas porque torna felizes os que o praticam. Quando os seus adversários permanentes se derem conta de que está próximo e que já envolveu os seus amigos, compreenderão o seu isolamento, e serão forçados ao silêncio ou a renderem-se.

31. Para avançar no ensino do espiritismo, como é usual no ensino das ciências, é necessário observar detalhadamente todos os fenómenos que podem produzir-se, dos mais simples aos mais complexos. Claro que é impossível organizar um curso de espiritismo prático da mesma forma que se organiza um de física ou de química. Nas ciências naturais estuda-se a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase a certeza de poder controlar sempre todos os possíveis efeitos.

Quanto ao espiritismo, as matérias de estudo são inteligências que dispõem de toda a liberdade, e que nos provam, a cada instante, que não se encontram sujeitas aos nossos caprichos. É necessário, pois, observar, esperar os resultados e aproveitar as melhores oportunidades para os receber, sendo claro que *alguém que se gabe de alcançá-los à vontade não passa de um ignorante ou um impostor*. É por isso que o VERDADEIRO espiritismo nunca será diversão, nem servirá as artes de palco.

Não tem lógica supor que os Espíritos vêm exibir-se, prontos a sujeitarem-se à investigação como objetos de curiosidade. As suas manifestações podem não se apresentar quando solicitadas, ou apresentarem-se de forma bem diferente do que se deseja.

Acrescente-se que, para conseguir essas manifestações, é necessário dispor de pessoas especialmente dotadas, cujas faculdades podem variar muito, segundo as aptidões de cada um. Visto que é raríssimo que a mesma pessoa as tenha todas, mais difícil se torna a tarefa, porque seria preciso ter sempre à disposição uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

A maneira de evitar que tal aconteça é simples: é necessário começar pela teoria.

Dessa forma é possível analisar toda a espécie de fenómenos. Explicando-os, podem dar-se a conhecer, compreender a sua possibilidade, as condições em que podem produzir-se e os obstáculos que podem encontrar.

Seja qual for a ordem pela qual aconteçam, estaremos precavidos e nada pode apanhar-nos de surpresa. Esse processo tem a vantagem de evitar muitas desilusões a quem procede à investigação: bem informados quanto às possíveis dificuldades, podemos atuar defensivamente, sem termos de aprender à nossa própria custa.

Seria difícil dizer o número de pessoas que vieram falar connosco desde que nos dedicamos ao espiritismo, e entre elas quantas ficaram indiferentes ou incrédulas em presença de factos evidentes, que só aceitaram mais tarde, quando racionalmente esclarecidas. Quantas os entenderam pelo raciocínio mesmo sem nada terem visto, mas apenas porque tinham lido e compreendido.

É, pois, pela experiência, que afirmamos que o melhor método para ensinar o espiritismo é usar primeiramente o raciocínio, antes de pensar no que os olhos podem ver.

É por isso que usamos esse método nas nossas lições, e só temos que nos dar por satisfeitos.[1]

32. O estudo prévio da teoria tem outra vantagem: mostra imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência.

Começar por ver uma mesa andar à volta ou bater com uma perna no chão é um assunto mais propício à troça, visto que todos acham que é inconcebível que, de uma mesa, possa sair uma cultura regeneradora da Humanidade.

Sempre temos salientado o exemplo daqueles que acreditam antes de ver, porque leram e compreenderam. Longe de serem superficiais, são os que refletem, levando mais em conta o fundo do que a forma. Para eles, a parte filosófica é o principal e os fenómenos propriamente ditos são o acessório. Declaram então que, mesmo se estes fenómenos não existissem, ainda ficava uma filosofia capaz de resolver todos os problemas que até hoje não tiveram resposta, e que só ela dá ao passado do homem e ao seu futuro a teoria mais racional. Em suma, preferem uma teoria que explica bem a outras que não explicam, ou que explicam mal.

Quem pensar bem, compreende que poderiam ignorar-se as manifestações, sem prejuízo para o espiritismo. As manifestações vêm confirmá-lo, mas não são a sua base essencial. O observador sério não as põe de parte, pelo contrário, mas espera as melhores oportunidades para presenciá-las.

A prova que avançamos é que, antes de se ter ouvido falar das manifestações, já muita gente tinha a intuição do espiritismo, que se limitou a dar corpo ao conjunto das suas ideias.

33. Não é verdade que os que começam pela teoria careçam de observações práticas. Pelo contrário, possuem aquelas que devem ter, aos seus olhos, um peso maior do que as que poderiam produzir-se diante deles: são os factos numerosos de *manifestações espontâneas*, de que falaremos nos capítulos seguintes. Há poucas pessoas que não tenham ouvido falar de tais casos, mas não lhes prestaram a devida atenção. A teoria acerca deles pode ser esclarecedora, e podem ter muito peso quando as pessoas que os

[1] O nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito. (AK)

testemunham são sérias e credíveis, não sendo fenómenos que possam ser artificialmente preparados. Se os fenómenos provocados não existissem, os espontâneos também não existiriam, e o espiritismo só poderia dar a seu respeito "explicações racionais", o que já seria muito.

Assim, os que lêem previamente relacionam as suas recordações com os factos, que são para eles uma confirmação concreta da teoria.

34. Seria um sério engano supor que desvalorizamos a fenomenologia espírita. Foi por ela que se chegou à teoria, embora tivéssemos tido, para isso, necessidade de um trabalho de anos e milhares de observações. Tal fenomenologia serviu-nos e ainda nos serve diariamente, e seria uma inconsequência menosprezá-la, principalmente no momento em que escrevemos este livro, destinado a dá-la a conhecer. O que dizemos a respeito dos factos ou das manifestações espíritas, é que, sem o raciocínio, a sua simples descrição não chega para fundamentar a convicção. Dizemos ainda que uma explicação prévia, destruindo as reservas e os preconceitos e mostrando que nada têm de contrário à razão, *dispõe* as pessoas a aceitá-los e compreendê-los.

É tão verdade o que dizemos que, de cada dez pessoas principiantes neste assunto, que assistam a uma sessão espírita com comunicações mediúnicas, mesmo que muito satisfatórias para adeptos já convictos, certamente nove dessas pessoas vão sair da reunião sem terem ficado convencidas, e algumas delas muito mais céticas do que antes, porque a experiência não correspondeu às suas expetativas. Seria completamente diferente se pudessem ter sabido antes, por um conhecimento teórico antecipado, do que iria passar-se. É uma forma de evitarem surpresas e escaparem ao sentimento de insucesso, porque já sabem em que condições se produzem os factos, e no que podem resultar.

O conhecimento prévio dos factos coloca as pessoas em condições de compreenderem todas as anomalias e, por outro lado, permite-lhes captar uma quantidade de pormenores, às vezes muito subtis, que são para elas meios de convicção e que escapam ao observador ignorante.

Estes são os motivos que nos levam a não admitir nas nossas reuniões mediúnicas pessoas que não tenham recebido noções preparatórias suficientes para compreender o que ali se faz, convencidos que os que lá fossem sem essas noções ali iriam perder tempo, ou que nos fariam perder o nosso.

35. Para quem quiser começar a estudar o espiritismo pelos nossos livros, eis a ordem pela qual aconselhamos a sua leitura:

1º O que é o espiritismo?

É um pequeno volume de cerca de cem páginas, com um resumo dos princípios da doutrina espírita, uma vista geral que permite abraçar o conjunto com facilidade. Em poucas palavras, fica-se a saber o seu alcance e finalidade. Estão indicadas respostas às principais questões ou objeções que são habituais em quem começa. Lê-se rapidamente e é uma introdução que facilita estudos mais aprofundados.

2º *O Livro dos Espíritos;*

Contém o ensino completo ditado pelos Espíritos com toda a sua filosofia e consequências morais. É a descoberta do nosso destino, da natureza dos Espíritos e dos mistérios da vida depois da morte. Lendo-o, compreende-se que o espiritismo tem uma finalidade séria e não é um passatempo inútil.

3º *O Livro dos Médiuns;*

Destina-se a dirigir a prática das manifestações espíritas pelo conhecimento dos meios mais adequados de comunicar com os Espíritos; é um guia quer para os médiuns, quer para os evocadores e o complemento de O Livro dos Espíritos.

4º *A Revista Espírita;*

É uma recolha variada de factos, explicações teóricas e textos separados que completam o que é dito nas duas obras anteriores e resultam da sua aplicação. A sua leitura pode ser feita ao mesmo tempo, mas será mais proveitosa e compreensível se for feita depois de estudado *O Livro dos Espíritos.* Isto, pelo que nos diz respeito. Quem quiser conhecer uma ciência de forma completa deve ler tudo o que há a seu

respeito, ou pelo menos as coisas principais, sem se limitar a um só autor. Deve ler o que está a favor e o que está contra; as críticas e os elogios; conhecer teorias diversas para poder fazer comparações. Não aconselhamos nem criticamos nenhuma obra, não queremos influenciar opiniões. Contribuindo com a nossa pedra para o edifício, colocamo-nos nas suas fileiras. Não nos cabe ser parte e juíz, nem temos a pretensão ridícula de ser a única fonte de luz. É o leitor que deve distinguir entre o bom e o mau; entre o verdadeiro e o falso.

36. Quando os estranhos fenómenos do espiritismo começaram a ter lugar, ou melhor, quando nestes últimos tempos se renovaram, o primeiro sentimento que provocaram foi o da dúvida sobre a sua própria realidade, e ainda mais sobre as causas que os produziam. Quando foram certificados, por testemunhos insuspeitos e por experiências que se tornaram possíveis, sucedeu que cada um os interpretou à sua maneira, segundo as suas próprias ideias, crenças e preconceitos. Daí derivaram várias teorias que uma observação mais atenta pode reduzir ao seu justo valor.

Os adversários do espiritismo julgaram encontrar um argumento nesta divergência de opiniões, afirmando que os próprios espíritas não estão de acordo entre si.

Foi um fraco motivo, se verificarmos que os passos dados por todas as ciências nascentes são naturalmente inseguros, até que o passar do tempo lhes permita reunir e coordenar os factos que podem consolidar a opinião.

À medida que os factos se completam e são melhor observados, as ideias prematuras são ultrapassadas e a unidade estabelece-se, pelo menos sobre os pontos fundamentais, quando não sobre a sua totalidade.

Foi o que aconteceu com o espiritismo, que não podia fugir à regra e que, devido à sua natureza, mais se prestava a grande diversidade de interpretações. Até poderemos dizer que, em comparação, o espiritismo foi mais rápido que outras ciências mais antigas, a medicina, por exemplo, que divide ainda hoje as opiniões daqueles que a estudam.

37. Seguindo a ordem metódica da marcha progressiva das ideias, convém começar pelas *teorias da negação* do espiritismo, isto é, as dos seus adversários.

Já refutámos as suas objeções na Introdução e na Conclusão de *"O Livro dos Espíritos",* bem como na pequena obra intitulada *"O que é o Espiritismo".* Seria inútil repeti-las aqui. Limitamo-nos a mencionar, em breves palavras, os motivos sobre os quais se fundamentam.

Os fenómenos espíritas são de duas espécies: os efeitos físicos e os efeitos inteligentes. Como as pessoas em questão não admitem a existência dos Espíritos, porque nada admitem para além da matéria, é natural que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, comentam-nos do seu ponto de vista, e os seus argumentos resumem-se nas quatro teorias seguintes:

38. *Teoria do charlatanismo.*

Muitos antagonistas atribuem estes efeitos a fraudes, porque poderiam ser provocados por imitações. Esta suposição transformaria todos os espíritas em idiotas e todos os médiuns em mistificadores, sem consideração pela posição, o carácter, o saber e a dignidade das pessoas. Se merecessem uma resposta diríamos que certos fenómenos da física também podem ser produzidos por prestidigitadores, o que nada prova quanto à ciência verdadeira. Há pessoas cujo carácter afasta todas as suspeitas de fraude, e é preciso não ter princípios de tato ou urbanidade para ousar dizer-lhes na cara que são cúmplices de charlatanismo.

Num salão muito respeitável, um senhor, pretensamente bem-educado, tendo dito uma coisa desse género, a senhora da casa respondeu-lhe: «Já que não está satisfeito, vai receber o seu dinheiro à saída». O gesto que fez mostrou-lhe claramente que não tinha alternativa.

Decisões destas não significam que os abusos sejam impossíveis. Seria preciso que as pessoas fossem todas perfeitas. Abusa-se de tudo, mesmo do mais sagrado. Por que motivo não poderia abusar-se do espiritismo? O mau uso que se pode fazer das coisas não permite desacreditar essas mesmas coisas. O controlo que podemos fazer, quanto à boa-fé das pessoas, está nos motivos que as levam a agir. Onde não houver especulação, não há lugar para o charlatanismo.

39. Teoria da loucura.

Há quem, por condescendência, queira afastar a suspeita de mistificações, afirmando que quem não engana é enganado, por imbecilidade. Quando os incrédulos não se inibem de falar, dizem abertamente que somos loucos, como se fossem privilegiados pelo bom senso. É o argumento de quem não tem argumentos nenhuns.

Esta forma de atacar tornou-se ridícula pela banalidade e não merece que se gaste tempo a refutá-la. Os espiritas, de resto, não se deixam levar por ela. Assumem com coragem as suas opiniões, certos de que há imensos companheiros de jornada cujo mérito não pode ser desconsiderado.

Essa tal loucura, se loucura existe, é muito especial, porque é partilhada de preferência por pessoas esclarecidas, que constituem a maioria dos adeptos do espiritismo. Se há no meio deles alguns excêntricos, estes não afetam mais a doutrina do que a loucura religiosa afeta a religião, os loucos melómanos afetam a música ou os loucos matemáticos afetam a matemática, etc.

Todas as ideologias tiveram os seus fanáticos exagerados e não se deve confundir o exagero de uma coisa com a coisa em si. Já nos referimos a este tema nas obras acima indicadas: "*O que é o Espiritismo*" e "*O Livro dos Espíritos*" (Introdução, nº 15).

40. *Teoria da alucinação.*

Uma teoria menos depreciativa, por ter uma ligeira base científica, consiste em atribuir o entendimento dos fenómenos espíritas à ilusão dos sentidos. Neste caso, o observador estaria de boa-fé e julgaria ver o que não via.

Quando julga ver uma mesa levantar-se, ficar suspensa no espaço, a mesa não se mexeu. Ele vê-a no ar por uma espécie de miragem ou um efeito de refração, como quando se vê um astro ou um objeto na água, fora da sua posição real. Sendo uma hipótese possível, as várias testemunhas presentes puderam confirmar que o fenómeno se dava, passando por debaixo da própria mesa, o que seria impossível se ela não se tivesse levantado do chão. Noutros casos, aconteceu de seguida a queda súbita da mesa, fazendo com que se partisse, o que já não pode classificar-se como efeito óptico.

Uma causa fisiológica bem conhecida pode dar a ideia que certas coisas paradas andam à roda, ou causar fortes sensações de vertigem a pessoas imóveis. Mas quando várias pessoas, sentadas à volta de uma mesa, são inesperadamente arrastadas pelo seu movimento rotativo, ao ponto de serem derrubadas, é impossível pensar que todas estão com percepções distorcidas, como um ébrio que julga ver a casa passar à sua frente.

41. *Teoria do músculo crepitante.*

O que se disse para a vista, diz-se para o ouvido. Quando as pancadas são ouvidas por toda a assembleia espírita, não podem naturalmente ser atribuídas a uma ilusão. Excluimos, evidentemente, a possibilidade de fraude, e pressupomos que uma observação atenta notará que, se há ruídos, não derivam de causa fortuita ou material.

Certo médico[2] deu uma explicação peremptória, segundo a sua opinião. "A causa está nas contrações voluntárias ou involuntárias causadas pelo músculo peroneal curto". Entrou em grandes detalhes anatómicos para demonstrar a forma como esse músculo pode produzir ruídos, imitar os rufos do tambor

[2] O médico francês Jobert (de Lamballe) apresentou este fenómeno a uma reunião de médicos e o facto está documentado na Revista Espírita de Junho de 1859. Para sermos justos devemos dizer que essa descoberta se deve ao sr. Schiff. O sr. Jobert apenas desenvolveu as suas conseqüências perante a Academia de Medicina para dar o golpe decisivo nos Espíritos batedores. Todos os detalhes podem ser encontrados *na Revista Espírita* de junho de 1859. (A.K.).

e, até, executar árias ritmadas, de onde, conclui, que "os que acreditam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão". O facto não é novo em si. Infelizmente, para o autor desta pretensa descoberta, a sua teoria não pode explicar todos os casos. Digamos, primeiramente, que aqueles que gozam da singular faculdade de fazer estalar, à vontade, o seu músculo peroneal curto ou qualquer outro, e de tocar árias através desse meio, são indivíduos excepcionais; enquanto a de fazer as mesas produzirem ruídos é muito comum e que, daqueles que possuem esta faculdade, nem todos gozam da primeira.

Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como é que o estalido muscular de uma pessoa imóvel e isolada da mesa pode produzir nela vibrações sensíveis a quem a toque; de que maneira esse ruido pode repercurtir-se, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis da sala, nas paredes, no teto, etc.; de como, enfim, a ação desse músculo pode estender-se a uma mesa que ninguém toca e fazê-la mover-se.

Essa explicação, se valesse como tal, só contemplaria a situação das pancadas vibradas, mas não pode dizer respeito a todos os outros modos de comunicação.

Concluamos que o doutor julgou sem ter visto, ou sem ter visto tudo bem visto. É sempre lamentável que os homens de ciência se apressem a dar opinião sobre coisas que não conhecem e que os factos podem desmentir. O seu saber poderia torná-los tanto mais comedidos nos seus juízos, quanto é certo que o conhecimento abre a visão das coisas.

42. *Teoria das causas físicas.*

Neste ponto, deixamos o âmbito das teorias da negação absoluta.

Sendo confirmada a realidade dos fenómenos espíritas, o primeiro pensamento que ocorre à mente dos que os reconheceram é atribuí-los ao magnetismo, à electricidade, ou à ação de outra energia qualquer, a uma causa exclusivamente física e material.

Esta opinião, sendo racional, teria levado a melhor se o fenómeno se limitasse aos efeitos mecânicos. Uma circunstância poderia até ajudá-la: o aumento da força em função do aumento do número de pessoas presentes, que podiam ser consideradas como elementos de uma pilha eléctrica humana.

Uma teoria é verdadeira quando pode explicar tudo. Se é desmentida por um só facto é falsa ou incompleta, ou demasiado arbitrária. Foi o que não tardou a acontecer aqui. Os movimentos e pancadas deram sinais inteligentes, obedeceram à vontade e responderam ao pensamento; devem, por isso, ter uma causa inteligente.

Já não sendo de efeito exclusivamente físico, a causa dos fenómenos deve ser outra. A teoria da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonada e só é aceite por quem tenha julgado *a priori,* sem ter visto.

Essencial é reconhecer a vontade inteligente que o produziu, e é este facto que é convincente para todos os que queiram dar-se ao trabalho de observar.

43. *Teoria do reflexo*

Uma vez reconhecida a ação inteligente, faltava saber a sua origem. Pensou-se que poderia ser do médium ou dos assistentes, como o reflexo de uma luz ou das vibrações sonoras. Seria possível, mas só a experiência poderia decidir.

Primeiro: note-se que esta teoria já se afasta completamente da ideia puramente materialista. Para que a inteligência dos assistentes possa reproduzir-se por via indirecta, seria necessário admitir nas pessoas uma capacidade de comunicação extra-corporal.

Se o pensamento expresso tivesse sido sempre igual ao dos assistentes, a teoria do reflexo seria aceitável. Mesmo de proporções reduzidas, um fenómeno assim teria bastante interesse. O efeito do pensamento das pessoas num objeto inerte, com ruido e movimentos, seria muito assinalável. Porque o ignoraram tanto aqueles que se dedicam a estudar tudo, até ao mais ínfimo pormenor?

A experiência, só por si, poderia aprovar ou reprovar o valor desta teoria, e reprovou-a porque demonstra a cada instante e pelos factos mais positivos, que o pensamento da comunicação pode ser, não apenas estranho, como até totalmente contrário ao dos assistentes, podendo contradizer todas as ideias preconcebidas e excluir todas as previsões. Com efeito, quando penso branco e ele me responde preto, é difícil, para mim, acreditar que a resposta provenha de mim mesmo.

Apoiam-se em alguns casos de identidade entre o pensamento expresso e o dos assistentes, mas isso só prova que os assistentes podem pensar o mesmo que a inteligência comunicante. Não têm de ser sempre de opinião contrária. Numa conversa, quando o interlocutor diz o mesmo que vós, não dizemos que está a transmitir o vosso pensamento.

Basta alguns exemplos contrários, bem constatados, para provar que esta teoria não pode ser absoluta.

Como explicar, pelo reflexo do pensamento, a escrita feita por pessoas que nem sequer sabem escrever?

Como explicar as respostas do mais elevado nível filosófico, dadas por pessoas iletradas?

Como explicar as que são dadas a perguntas feitas mentalmente, ou numa língua desconhecida do médium?

Além de um sem número de factos que não deixam a mínima dúvida a respeito da independência da inteligência que se manifesta. Concluir o contrário só pode resultar da falta de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha está provada moralmente pela qualidade das respostas que dá, também o está materialmente pelo fenómeno da escrita direta, isto é, pela escrita obtida espontaneamente, sem caneta nem lápis, sem contacto, e apesar de todas as precauções tomadas para garantir a inexistência de artifícios enganadores.

O carácter inteligente do fenómeno não pode ser posto em dúvida, porque implica algo mais do que uma ação energética. Além disso, a espontaneidade do pensamento expresso, a sua originalidade não condicionada por perguntas dirigidas, impede em absoluto que seja um reflexo do pensamento dos assistentes.

A teoria do reflexo é ofensiva em certos casos quando, na presença de pessoas sérias, se manifesta inopinadamente uma comunicação grosseira e revoltante, sendo inconveniente atribuir a sua origem a qualquer um dos presentes; provavelmente todos se apressariam a repudiá-la. (Ver *O Livro dos Espíritos,* Introdução, nº XVI).

44. *Teoria da alma colectiva*

É uma variante da teoria anterior, segundo a qual a única alma que se manifesta é a do médium, mas identificando-se com várias outras de pessoas presentes ou ausentes, formando um *todo coletivo* que possui as atitudes, a inteligência e os conhecimentos de cada um.

Embora o pequeno volume que apresenta esta teoria tenha o título *"La Lumière"* [3], tem conteúdo bastante sombrio. Não a compreendemos bem e referimo-la apenas de memória. É, como muitas outras, uma opinião individual que fez poucos adeptos.

"*Emah Tirpsé"* é o nome que o autor dá ao coletivo que representa. Apresenta o subtítulo: *Não há coisas escondidas que não devam ser mostradas*. Esta afirmação é falsa, evidentemente, porque há muitíssimas coisas que o ser humano não pode e não deve conhecer. Bem presunçoso seria quem pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

45. *Teoria do sonambulismo.*

---

[3] Comunhão. A Luz do fenómeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo Espiritual : o poder da prática da fé. Por Emah Tirpsé, uma alma coletiva que escreve por intermédio de uma prancheta, Bruxelas, 1858, Livraria Devroye. (A.K.)

Esta teoria teve muitos partidários e ainda tem alguns. Como a teoria anterior, admite que todas as comunicações inteligentes têm origem na alma ou Espírito do Médium. Para explicar a sua capacidade de tratar de assuntos fora dos seus conhecimentos, em vez de supor nele mesmo uma alma múltipla, atribui esta capacidade a um alargamento momentâneo das faculdades mentais, a uma espécie de estado de sonambulismo ou de êxtase que amplia e acentua a sua inteligência.

Não se pode negar, nalguns casos, a influência desta causa, mas basta ter visto médiuns a exercer as suas faculdades, para ficar com a ideia de que esta teoria não pode resolver todos os casos e que constitui a exceção e não a regra.

Poderia pensar-se que é assim que se passam as coisas, se o médium mantivesse a atitude de inspiração ou de êxtase, aspecto que poderia imitar se quisesse; mas como aceitar o fenómeno da inspiração, se o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está a fazer, sem a menor emoção, ao mesmo tempo que olha numa direção qualquer, rindo e falando disto e daquilo?

Compreende-se a exaltação das ideias, mas não se aceita que possa fazer escrever alguém que não saiba escrever, e ainda menos que as mensagens possam passar por intermédio de pancadas, ou por meio de uma prancheta ou de uma cesta.

Veremos neste livro, mais adiante, a parte que deve atribuir-se às ideias do médium, mas os factos que mostram uma inteligência exterior que se revela por sinais incontestáveis são tão evidentes e numerosos, que não deixam a mínima margem para dúvidas. Os erros da maioria das teorias que apareceram no início do espiritismo foi terem tirado conclusões gerais de alguns factos isolados.

46. *Teoria pessimista, diabólica ou demoníaca.*

Aqui entramos noutra ordem de ideias.

Tendo sido verificada a intervenção de uma inteligência estranha, importava saber qual a sua natureza. O meio mais simples era fazer-lhe a pergunta. Porém, houve pessoas que acharam que isso não dava garantias, entendendo tudo o que se passava como obra do diabo. Segundo elas só o diabo e os demónios podiam fazer comunicações.

Embora esta teoria tenha deixado de ter aceitação, houve um breve período em que teve adeptos, mais pelo género de pessoas que eram. Fazemos notar, todavia, que os partidários desta teoria não devem ser considerados adversários do espiritismo, bem pelo contrário. Sejam as entidades comunicantes anjos ou demónios, serão igualmente seres incorpóreos. Admitir manifestações demoníacas é sempre admitir a possibilidade de comunicar com o mundo invisível, ou pelo menos, com uma parte dele.

A crença na comunicação feita apenas por demónios, por muito irracional que seja, poderia não parecer impossível se os Espíritos fossem entendidos como seres criados fora da Humanidade. Desde que se sabe que os Espíritos são as almas das pessoas que viveram, essa crença perdeu todo o prestígio, dizemos mesmo, toda a credibilidade. Dela se concluiria que todas as almas seriam demónios, pais, filhos, amigos ou nós mesmos, que nisso nos tornávamos todos ao morrer, doutrina pouco elogiosa e consoladora para muita gente.

Será muito difícil convencer uma mãe de que o filho querido que perdeu e que, depois de morto, veio dar-lhe provas do seu afecto e da sua identidade, seja um suposto Satanás.

É certo que entre os Espíritos existem os muito maus e que não são melhores do que aqueles a quem chamamos *demónios,* pela simples razão de que há homens muito maus e que a morte não os torna imediatamente melhores. A questão que resta é saber se são os únicos que podem comunicar mensagens. Aos que assim pensam, colocamos as seguintes perguntas:

1º Há Espíritos bons e Espíritos maus?

2º Deus é mais poderoso que os Espíritos maus, ou que os demónios, se desejais chamar-lhes assim?

3º Afirmar que só os Espíritos maus é que podem comunicar connosco, quererá dizer que os bons não podem fazê-lo? Se assim é, das duas, uma: ou é pela vontade ou contra a vontade de Deus. Se é contra

a sua vontade, é porque os maus Espíritos são mais poderosos que ele; se é pela sua vontade, por que razão, na sua bondade, não o permitiria aos bons, para contrabalançar a influência dos outros?

4º Que prova podeis dar da impotência dos bons Espíritos em comunicar?

5º Quando vos é revelada a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demónio enverga todas as máscaras, para melhor seduzir. Sabemos, com efeito, que há Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria. Admitis, porém, que a ignorância possa falsificar o verdadeiro saber, e uma natureza má possa alterar a verdadeira virtude, sem deixar que nada transpareça para denunciar a fraude?

6º Se só o Demónio faz comunicações, porque é o inimigo de Deus e dos homens, porque recomendará orar a Deus, submeter-se à sua vontade, passar pelas dificuldades da vida sem murmurar, não ambicionar as honras e as riquezas, praticar a caridade e todas as máximas de Jesus de Nazaré, numa palavra, de fazer tudo que é necessário para destruir o seu império? [7 – Cristo ou Jesus]

Se é o demónio que dá tais concelhos é de convir que, por muito manhoso que seja, é bem desajeitado se fornece as armas que serão usadas contra si mesmo.[4]

7º Se os Espíritos comunicam connosco, é porque Deus o permite; vendo as boas e as más comunicações, não será mais lógico pensar que Deus permite umas para nos pôr à prova, e outras para nos aconselhar a prática do Bem?

8º Que pensar de um pai que deixa os filhos à mercê dos maus exemplos e dos maus conselhos, que os afasta e proíbe de ver pessoas que lhe ensinem a desviar-se do mal? Se um bom pai faz o melhor que pode pelos filhos, Deus, que é a suprema bondade, fará menos do que qualquer um de nós?

9º A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da mãe de Jesus e de outros Espíritos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Esta crença contradiz a teoria da exclusiva comunicação dos demónios.

Acreditamos que certas pessoas tiveram este ponto de vista de boa-fé. Mas acreditamos, também, que muitas o fizeram unicamente tendo em vista desviar os outros de se ocuparem com essas coisas, por causa das más comunicações que estamos todos sujeitos a receber. Dizendo que só o diabo se manifesta, estavam apenas a querer evitar que alguém se dedicasse às sessões espíritas. Como quem diz a uma criança: não mexas aí, que isso queima!...

A intenção podia ser louvável, mas não atingiu os seus objetivos, porque proibir certas coisas estimula a curiosidade, e pouca gente tem realmente medo do diabo: muitos queriam vê-lo, nem que fosse para saber como é feito e ficariam muito espantados por não o acharem tão negro como se diz.

Poderíamos ainda encontrar outro motivo para esta teoria das comunicações exclusivas do Diabo.

É que há pessoas que consideram errados todos os que não pensam como elas. Ora, as que julgam que as comunicações são obra do Demónio, não estariam com medo de encontrar Espíritos que as contrariassem em tudo, muito mais no tocante aos interesses deste mundo que aos do outro?

Não podendo negar o facto, quiseram apresentá-lo de maneira assustadora. Mas esse meio não deu mais resultados que os outros, e onde o medo do ridículo é impotente, o melhor é deixar as coisas correrem.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra algumas leis do Alcorão, pensaria seguramente que era um mau Espírito. O mesmo aconteceria com um judeu, no tocante a algumas práticas da lei de Moisés.

Quanto aos católicos, ouvimos um deles afirmar que o Espírito comunicante só podia ser o Diabo, porque se atrevia a pensar de forma diferente dele sobre o poder temporal, embora, de facto, só pregasse

---

[4] Esta questão foi tratada em *O Livro dos Espíritos* (nº 128 e seguintes); mas recomendamos a este respeito, como sobre tudo que diz respeito à parte religiosa, a brochura intitulada «*Carta de um católico sobre o espiritismo*, pelo Dr. Gand, antigo consul de França (chez Ledoyen. In-18; prix, l fr.), assim como aquela que vamos publicar sob o título de «LES CONTRADICTEURS DU SPIRITISME au pont de vue de la réligion. (A.K.)

a caridade, a tolerância, o amor ao próximo, o desinteresse pelas coisas mundanas, de acordo com as máximas pregadas por Jesus de Nazaré.

Os Espíritos são as almas dos seres humanos e, como os seres humanos não são perfeitos, há também Espíritos imperfeitos cujo caráter se reflete nas comunicações. É incontestável que há Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais nos devemos prevenir.

Mas, por encontrarmos pessoas perversas entre os seres humanos, será motivo para fugir de toda a sociedade? Deus deu-nos a razão e o discernimento para apreciarmos os Espíritos e os Homens. A melhor maneira de evitar os possíveis inconvenientes da prática espírita não é proibi-la, mas esclarecê-la. Um temor imaginário pode impressionar por um instante e só impressiona alguns, enquanto a realidade claramente demonstrada é compreensível para todos.

47. *Teoria otimista*

Além daqueles que julgam que só os demónios é que fazem comunicações, há outros que pensam que só existem bons Espíritos. Julgam que depois da morte, a alma, livre da matéria corporal, não teria nenhum obstáculo que a impedisse de saber tudo. Portanto, seria possuidora de toda a ciência e de toda a sabedoria. A sua confiança cega na superioridade absoluta dos seres do mundo invisível, foi causa de muitas deceções. Tiveram que aprender à sua custa a não confiar em todos os Espíritos, tal como não se pode confiar em absoluto em todas as pessoas ainda vivas.

48. *Teoria unispírita, ou mono-espírita*

Uma variante do sistema otimista consiste na crença de que é um único Espírito que entra em comunicação com os seres humanos e que esse Espírito é Jesus de Nazaré, o protetor da Terra.

Quando as comunicações são da mais baixa trivialidade, de uma grosseria revoltante, cheias de malevolência, seria impiedade e profanação supor que pudessem provir do Espírito do bem por excelência.

Se os adeptos desta teoria tivessem tido sempre comunicações ótimas, ainda poderia compreender-se a sua ilusão. Mas a maioria deles declarou ter recebido comunicações muito más, o que explicavam dizendo que eram provas a que o Espírito bom os submetia ao ditar-lhes coisas absurdas.

Assim, enquanto uns atribuiam todas as comunicações ao Diabo, que poderia fazer boas comunicações para tentá-los, outros pensavam que Jesus seria o único a manifestar-se e que poderia fazer más comunicações para experimentá-los. Entre estas duas opiniões tão diversas, quem poderia decidir? O bom senso e a experiência. E dizemos a experiência, porque é impossível que os que adotaram essas ideias tão estranhas tenham verificado tudo com suficiente cuidado.

Quando os advertimos com os casos de identificação, que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos pelas comunicações escritas, visuais e outras, respondem que é sempre o mesmo Espírito: o Diabo, segundo uns, Jesus segundo outros, que tomam aquelas formas.

Mas não dizem por que razão os outros Espíritos não podem comunicar connosco, com que fim o Espírito de Verdade viria enganar-nos sob falsas aparências, abusar de uma pobre mãe ao fingir-se o filho que ela chora. A razão recusa-se a admitir que o Espírito mais santo de todos venha representar semelhante comédia.

Além disso, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação é tirar do Espiritismo o que ele tem de mais agradável: a consolação dos aflitos. Declaramos simplesmente que semelhante teoria é irracional e não pode resistir a um exame sério.

49. *Teoria multi-espirita ou poli-espirita*

Todas as teorias que passámos em revista, sem excetuar as negativas, foram baseadas em certas observações, mas incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca do outro, quem só a vir de um lado afirmará que é totalmente vermelha, um, ou totalmente branca, o outro. Mas

estarão ambos simultaneamente certos e errados. Quem a vir de todos os lados dirá que tem as duas cores e só essa é realmente a verdade.

Acontece o mesmo com as opiniões sobre o Espiritismo: podem ser verdadeiras sobre certos aspectos e falsas se forem generalizadas, tomando como regra o que é apenas exceção, e tomando pelo todo o que é somente uma parte.

Por isso dizemos que quem desejar estudar seriamente esta ciência deve aprofundá-la bastante e durante longo tempo, pois só o tempo lhe permitirá perceber os detalhes, notar as variantes delicadas, observar uma infinidade de factos característicos que serão como raios luminosos. Ficando à superfície sujeita-se a julgar prematuramente e, portanto, de maneira errada.

Vejamos os resultados gerais a que chegamos através de uma observação completa, e que hoje formam a crença, podemos dizer, da universalidade dos espíritas, porque as teorias restritivas não passam de opiniões isoladas:

1º Os fenómenos espíritas são produzidos por seres inteligentes extra-corpóreos, isto é, os Espíritos.

2º Os Espíritos habitam no mundo invisível e encontram-se por toda a parte. Todo o Infinito é habitado por Espíritos. Estão permanentemente à nossa volta e em estreito contacto connosco.

3º Agem permanentemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral, e são uma das potências da natureza.

4º Os Espíritos não são seres à parte na criação. São as almas daqueles que viveram na Terra e noutros mundos, depois de libertos do corpo material. Consequentemente, as almas dos seres humanos são Espíritos encarnados que, depois de morrer, passam a ser Espíritos.

5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de maldade, de sabedoria e de ignorância.

6º Estão todos sujeitos à Lei do Progresso e todos podem chegar à perfeição. Como têm livre arbítrio, irão alcançá-la num período de tempo mais ou menos longo, conforme os seus esforços e a sua vontade.

7º São felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que tenham feito durante a vida e o grau de evolução espiritual que tenham alcançado. A felicidade sem mácula só está ao alcance dos Espíritos que tenham atingido o grau da perfeição absoluta.

8º Todos os Espíritos, em determinadas circunstâncias, podem manifestar-se aos seres humanos; O número de Espíritos que podem efectuar comunicações não tem limites.

9º Os Espíritos comunicam com os seres humanos por intermédio de médiuns, que lhes servem de instrumentos ou intérpretes.

10º Reconhece-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem que usam. Os bons só aconselham o bem, e só usam boas palavras. Tudo neles revela elevação. Os maus enganam e todas as suas palavras têm a marca da imperfeição e da ignorância.

Os níveis de evolução espiritual, percorridos pelos Espíritos, podem ser estudados na *"Escala Espírita"* que está descrita no número 100 do Capítulo VI do Livro Segundo de *"O Livro dos Espíritos"*. O estudo desta classificação é indispensável para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, as suas boas e más qualidades.

50. *Teoria da alma material*

Consiste unicamente numa opinião sobre a natureza íntima da alma.

Segundo esta opinião, a alma e o perispírito são a mesma coisa, ou melhor, o perispírito é a própria alma, purificando-se gradualmente pelas diversas encarnações, como o alcool se torna mais volátil por sucessivas destilações.

O espiritismo considera o perispírito como veículo energético da alma, ou do Espírito. Sendo o perispírito formado de matéria, embora muito etérea, a alma seria de natureza material, mais ou menos etérea, conforme o grau da sua evolução.

Esta teoria não afecta nenhum dos princípios fundamentais da ciência espírita, porque não muda nada quanto ao destino da alma; as condições da sua felicidade futura são sempre as mesmas.

A alma e o perispírito formam um todo com o nome de Espírito, como a polpa e a casca são uma unidade com o nome de fruto. A questão reduz-se a considerar o todo como homogéneo em vez de ser formado por duas partes diferentes.

Como se vê, isto não acarreta nenhuma consequência, e não teríamos falado neste assunto se não tivessemos encontrado pessoas dispostas a formar uma nova teoria, com base no que é apenas uma questão de palavras.

Se esta opinião fosse mais generalizada, que não é o caso, não abriria uma cisão entre espíritas, tal como as teorias da emissão ou das ondulações da luz não a abrem entre os cientistas.

Os que quisessem separar-se, por uma questão tão pueril, provariam só por isso que ligam mais importância ao acessório que ao essencial e que são arrastados para a desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos nunca transmitem o azedume e a discórdia.

Por isso é que convocamos todos os verdadeiros espíritas a manterem-se em guarda contra tais sugestões, e a não darem a certos detalhes mais importância do que eles merecem, continuando a respeitar o fundo como o essencial.

Acreditamos igualmente ser nosso dever dizer em poucas palavras qual é a base da opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas diferentes. É baseada no ensino dos Espíritos, que nunca discordaram a este respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos - porque há entre eles os que não sabem mais e até podem saber menos do que as pessoas deste mundo - enquanto a ideia contrária é uma concepção humana.

Nós nem inventámos, nem supusémos o perispírito para explicar os fenómenos.

A sua existência foi-nos revelada pelos Espíritos e confirmámo-la pela experiência (*Livro dos Espíritos,* nº 93). Ela apoia-se ainda no "estudo sobre as sensações dos Espíritos" (*O Livro dos Espíritos* nº 257), e sobretudo a respeito do "fenómeno das aparições palpáveis" que implicaria, segundo a outra opinião, a solificação e a desagregação das partes constituintes da alma e, por conseguinte, a sua extinção.

Seria necessário admitir também que a matéria palpável, que pode tornar-se perceptível aos nossos sentidos, é ela própria o princípio inteligente, o que não é mais racional que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo.

Quanto à natureza íntima da alma, é-nos desconhecida.

Quando dizemos que é *imaterial*, isso é relativo e não absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada, e o Espírito ou a alma, são qualquer coisa. A sua essência é de tal forma superior, que não tem a mínima semelhança com a matéria como a conhecemos. Para nós, portanto, é como se fosse imaterial (*O Livro dos Espíritos*, nºs 23 e 82).

51. Eis a a resposta dada a este respeito por um Espírito

"O que uns chamam *perispírito* é aquilo que outros chamam o corpo semi-material, energético; para me fazer compreender mais logicamente, direi que tal energia é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da visão e do pensamento; refiro-me aos Espíritos evoluídos.

Quanto aos Espíritos inferiores, o seu corpo está ainda impregnado das energias terrenas, da matéria, como vedes. Donde, o sofrimento da fome, do frio, etc. que já não atingem os Espíritos superiores, porque as energias terrenas estão purificadas em redor do seu pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para o seu progresso, necessita de um veículo existencial, um corpo habitável, o perispírito. A alma, sem perispírito, nada é para vós, ou melhor, torna-se incompreensível.

O perispírito, para nós, os **Espíritos entre vidas,** é o meio de comunicação convosco, seja indirectamente pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, ou directamente pela vossa alma. Disso derivam as diversas formas de médiuns e de comunicações. **[8 – Espíritos entre vidas]**

Resta o ponto de vista científico, isto é, a essência do próprio perispírito, que é outro assunto.

Compreendei primeiro moralmente. Falta uma discussão sobre a natureza energética do perispírito, que por agora é inexplicável. A ciência não tem ainda conhecimento suficiente, mas lá chegará se quiser

avançar com o espiritismo. O perispírito pode mudar e modificar-se ao infinito; a alma é a **inteligência**, não muda de natureza. **[9- inteligência e pensamento]**

A este respeito não podeis avançar mais, são assuntos que não se podem explicar. Julgais que eu não tenho também que estudar? Vós investigais a respeito do perispírito; nós, aqui, pesquisamos agora a respeito da alma. Esperai, pois".

Espírito Lamennais

Sendo assim, Espíritos que podemos considerar adiantados ainda não puderam sondar a natureza da alma. Como poderíamos nós fazê-lo?

É, pois, uma perda de tempo querer perscrutar o princípio das coisas que, como ensina "*O Livro dos Espíritos"* (n° 17 e 49), pertence aos segredos de Deus.

Pretender descobrir, por meio do Espiritismo, o que ainda não é do alcance da Humanidade, seria desviá-lo do seu verdadeiro objetivo, fazer como a criança que quisesse saber tanto como o idoso.

O essencial é que o homem aplique o Espiritismo para o seu aperfeiçoamento moral. O mais é apenas curiosidade estéril e quase sempre orgulhosa, cuja satisfação não o faria avançar sequer um passo. O único meio de avançar é tornar-se melhor.

Os Espíritos, que ditaram o livro que traz o seu nome, provaram a sua própria sabedoria detendo-se no tocante ao princípio das coisas, nos limites que Deus não nos permite ultrapassar. Deixaram aos Espíritos teóricos e orgulhosos a responsabilidade das teorias prematuras e erróneas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia cairão perante a razão, como tantas outras saídas do cérebro humano. Só disseram o justamente necessário para que o homem compreenda o seu futuro. Assim, ele é encorajado na prática do bem. (Ver a seguir na Segunda Parte, cap. l: *Ação dos Espíritos sobre a matéria*).

Capítulo I – Ação dos Espíritos sobre a Matéria

52. Tendo sido posta de lado a opinião materialista, condenada pela razão e pelos factos, teremos agora que saber ao certo se a alma, depois da morte, se pode manifestar aos vivos.

A questão, assim reduzida à sua mais simples expressão, fica muito simplificada. Podíamos perguntar, primeiro, por que motivo seres inteligentes que vivem entre nós, embora invisíveis pela sua própria natureza, não poderiam testemunhar a sua presença aqui, de qualquer forma. A simples razão diz-nos que isso não parece impossível, o que já é alguma coisa. Tal crença tem desde logo a concordância de todos os povos, porque é possível encontrar registos desse facto em todas as áreas povoadas e em todas as épocas.

Uma intuição desse género não poderia ser tão geral, nem sobreviver durante tanto tempo, sem ter bases concretas. Além do mais, foi sancionada pelos livros sagrados e pelos pais da igreja, e foi necessário o cepticismo e o materialismo do nosso século para a relegar para o seio das ideias supersticiosas. Se estamos errados, essas autoridades também o estão.

Mas isto são só considerações morais. Há, sobretudo, uma causa que contribuiu para fortificar a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que tudo é visto e sabido, onde queremos saber o porquê e o como de cada coisa: é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirido este conhecimento, a ocorrência das manifestações nada tem de surpreendente, e entra na ordem dos factos naturais.

53. A ideia que geralmente se tem dos Espíritos torna incompreensível, à primeira vista, o fenómeno das manifestações, visto que estas só podem acontecer pela acção do Espírito sobre a matéria.

Os que acreditam que o Espírito é a ausência total de matéria perguntam, com razão aparente, como poderá o Espírito agir materialmente. Aí está o erro: o Espírito não é uma abstracção, é um ser definido e circunscrito.

Encarnado num corpo constitui uma alma. Quando a deixa, no momento da morte, não fica privado de veículo existencial. Todos nos dizem que os Espíritos conservam a forma humana que tinham e, de facto, quando nos aparecem é por esse mesmo aspecto que os conhecemos.

Observemos os Espíritos com atenção nos momentos em que acabam de deixar a vida: ficam em estado de choque, de perturbação. Tudo é confuso à sua volta. Vêem o seu corpo, são ou mutilado, conforme o género de morte. Por outro lado, vêem e sentem-se vivos. Algo lhes diz que aquele corpo é o seu e não compreendem a razão por que estão separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham em vida e essa visão produz-lhes, durante algum tempo, uma ilusão especial: a de se julgarem ainda vivos.

Precisam de experiências no seu novo estado para se convencerem da realidade.

Logo que se dissipa este primeiro momento de perturbação, o corpo torna-se, para eles, numa roupa velha que despiram. Perde todo o interesse que tinha e não o lamentam. Sentem-se mais leves, como libertos de um fardo. Não sentem dores físicas e ficam encantados por poderem elevar-se, percorrer o espaço como faziam em vida durante os sonhos. [5]

[5] Quem quiser recordar tudo o que dissemos em *O Livro dos Espíritos* sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (questões 400 a 418), verificará que esses sonhos que quase toda a gente tem, em que nos vemos transportados através do espaço e como que voando, são mera recordação do que o nosso Espírito experimentou

Entretanto, apesar da ausência do corpo, confirmam a sua personalidade, têm um formato que não lhes causa estorvo nem problemas e, acima de tudo, têm a perfeita *consciência de si,* da sua individualidade. Que conclusão podemos tirar? Que a alma não deixa tudo no túmulo, que leva consigo alguma coisa.

54. Numerosas observações e factos inegáveis, de que trataremos mais adiante, permitiram-nos concluir que os seres humanos são constituidos por três elementos diferentes:

1.º – A alma ou Espírito, princípio inteligente em que reside o sentido moral;

2º – O corpo material, veículo denso, material, no qual reside temporariamente, para levar a cabo alguns desígnios providenciais;

3.º – O *perispírito,* sistema energético, semi-material, muito complexo, que estabelece a ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a cessação de actividade do corpo humano e a sua desagregação, pela saída da alma ou Espírito. O perispírito liberta-se também e segue a alma, de modo que lhe não falte um veículo existencial.

Este, de natureza semi-material, etéreo, vaporoso e invisível para nós no seu estado normal, não deixa de ser constituído de matéria, embora até aqui não tenhamos tido a possibilidade de a conhecer e de a estudar.

Este sistema energético, o *perispírito*, existe durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito pode captar, pelo qual o Espírito transmite a sua vontade exteriormente e pelo qual tem a capacidade de agir sobre os órgãos do corpo material.

Para usar uma comparação, é o sistema eléctrico que serve para a recepção e transmissão do pensamento. É, enfim, o agente misterioso e inapreensível, designado por fluido nervoso, que desempenha um tão grande papel no organismo, e que ainda não é tido suficientemente em conta nos fenómenos fisiológicos e patológicos. A medicina, por considerar apenas o elemento material pesado, priva-se, na apreciação dos factos, de uma causa incessante de acção.

Não sendo aqui o lugar para examinar esta questão, salientamos apenas que o conhecimento do perispírito seria a chave de uma multidão de problemas até agora inexplicados.

O perispírito não é apenas uma dessas hipóteses usadas como recurso, na ciência, para explicar um facto; a sua existência não é apenas uma revelação dos Espíritos; é o resultado de observações concretas, tal como teremos ocasião de demonstrar. De momento, para não antecipar os factos que iremos estudar, limitamo-nos apenas a dizer que quer durante a sua união com o corpo, quer depois da sua separação do mesmo, a alma nunca se separa do seu perispírito.

55. Foi dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. É o que pode saber-se do Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral e ao qual não pode atribuir-se uma forma determinada. Mas, seja qual for a situação em que se encontra, incorpora permanentemente um organismo complexo, o perispírito, cuja natureza se vai purificando, tornando-se mais leve, à medida que sobe na hierarquia da evolução espiritual.

Para nós, a ideia de forma é inseparável do Espírito, não sendo concebível este sem aquela. O perispírito faz parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito, assim como o corpo sozinho não é o homem.

O perispírito não pensa; ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento da sua ação.

---

quando, durante o sono, deixara momentaneamente o corpo material, levando consigo apenas o corpo fluídico/perispírito, o que ele conservará depois da morte. Esses sonhos, pois, podem dar-nos uma ideia do estado do Espírito, quando se tiver desembaraçado dos entraves que o retêm preso ao solo. (A.K.)

56. A forma do perispírito é a forma humana. Quando nos aparece em visões tem o aspecto que tinha a pessoa enquanto viva. Assim sendo, poderíamos acreditar que o perispírito, liberto de todas as formas do corpo, se molda de acordo com este e conserva o seu aspeto. Mas não parece ser assim. A forma humana, com pequenas diferenças, salvo as modificações orgânicas necessárias ao meio ambiente em que vivem os seres, é equivalente em todos os mundos. É o que nos dizem os Espíritos. E é também a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito. É dessa forma que sempre foram representados os anjos ou os Espíritos puros, donde se conclui que essa é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o nível evolutivo a que pertençam.

A matéria subtil do perispírito, contudo, não tem a rigidez da matéria do corpo, é flexível e expansível. É por isso que a sua forma não é sempre a mesma e obedece à vontade do Espírito, que pode dar-lhe formas e aparências a seu gosto, contrariamente ao corpo físico, cuja forma é resistente.

Uma vez liberto desse entrave que o comprimia, o perispírito amplia-se ou comprime-se, prestando-se a todas as metamorfoses, consoante a vontade que age sobre ele. Estas propriedades permitem-lhe dar-se a conhecer, tomando a forma exacta que tinha em vida, ou aparecendo com acidentes corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são seres nossos semelhantes, que formam à nossa volta uma população invisível no seu estado normal. Dizemos normal, porque, como veremos, a sua invisibilidade não é absoluta.

57. Regressemos ao tema da natureza do perispírito, que é essencial para o que temos de explicar. Dissemos já que a forma do perispírito, embora de natureza fluídica, não deixa de ser matéria, o que se traduz nas suas aparições tangíveis que trataremos adiante.

Sob a influência de certos médiuns, já houve aparições de mãos com todas as propriedades das que estão vivas, quentes, palpáveis, resistentes ao toque físico, que tocam as pessoas presentes, e que, de repente, desaparecem.

A ação inteligente dessas mãos obedece evidentemente a uma vontade, executando certos movimentos, tocando melodias num instrumento musical, prova de que formam a parte visível de um ser inteligente invisível.

O facto de poderem ser tocadas, a sua temperatura, as sensações que podem provocar (já se tem visto deixarem marcas na pele, darem pancadas dolorosas, ou fazerem carícias delicadas), provam que são constituidas por matéria. A sua desaparição instantânea prova, além disso, que é matéria muito subtil e pode passar do estado sólido ao estado fluídico, e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito, ou ser pensante, é-nos inteiramente desconhecida. Só se revela pelos seus atos, e estes não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria para agir sobre a matéria. Tem como instrumento o seu perispírito, como o ser humano tem o corpo, sendo o seu perispírito feito de matéria como já vimos.

Usa como agente de ação intermédia o fluido cósmico universal (FCU), substância sobre a qual age, como nós agimos sobre o ar para produzir certos efeitos com a ajuda da dilatação, da compressão, da propulsão e das vibrações. Desta forma, a ação do Espírito sobre a matéria compreende-se facilmente, entrando no domínio dos fenómenos naturais, que nada têm de maravilhoso. Só poderão ser encarados como sobrenaturais se desconhecermos a sua causa verdadeira. Conhecendo-se essa causa, desaparece a visão do maravilhoso e tudo se explica levando em conta as propriedades semimateriais do perispírito.

É uma nova ordem de factos, explicados por leis próprias, e que deixarão de admirar, tal como ninguém se admira actualmente com as técnicas de comunicação à distância.

59. Perguntarão como é que o Espirito, com a ajuda de uma matéria tão subtil, pode actuar sobre objetos pesados, levantar mesas, etc. Um cientista não fará tal pergunta, visto que, mesmo sem considerar que esse novo agente pode ter propriedades desconhecidas, são observáveis outros exemplos

semelhantes. Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis, que a indústria encontra as mais poderosas forças motrizes? Quando vemos o ar derrubar edifícios, o vapor arrastar massas enormes, a pólvora gaseificada elevar rochedos, a eletricidade despedaçar árvores e perfurar muralhas, quem poderá admirar-se, portanto, que uma mesa possa ser levantada por um perispírito, considerando, inclusive, que ele tem a propriedade de se tornar visível, palpável e comportar-se como um corpo sólido?

60. Dá-se o nome de manifestações físicas às que produzem efeitos sensíveis, como ruídos, movimento e deslocação de corpos sólidos. Uns são espontâneos, independentes de qualquer vontade, outros podem ser provocados. É destes que falaremos primeiro.

O mais simples, e dos primeiros que foram observados, é o movimento circular de uma mesa. Pode acontecer com outros objetos, mas o movimento circular de mesas foi o mais visto, por ser o mais cómodo, tendo dado lugar ao fenómeno das *"mesas girantes".*

Quando dizemos que esse efeito foi um dos primeiros observados, referimo-nos aos tempos mais recentes, visto que é certo que todos os géneros de manifestações possíveis, com causas aparentemente inexplicáveis, foram sendo conhecidas ao longo dos tempos, o que não é para admirar, visto que se tratava, ao fim e ao resto, de efeitos com causas naturais.

Tertuliano, escritor do tempo do cristianismo antigo falou em termos explícitos de mesas "girantes" e "falantes". **[10 - Tertuliano]**

Esse fenómeno alimentou durante algum tempo a curiosidade dos salões de convívio de várias cidades europeias e americanas, onde fez de jogo de entertenimento. Depois, aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, porque apenas o consideravam uma simples brincadeira.

Duas causas fizeram com que fosse abandonado: pelo que toca à gente frívola, a causa foi a moda, que não lhe permite conservar por dois invernos seguidos o mesmo divertimento, mas que, no entanto, consentiu que este tipo de brincadeiras ainda fosse popular durante alguns anos. Para as pessoas sérias e observadoras, passou a tratar-se de assunto merecedor de melhor atenção, e deixaram de gastar tempo com as mesas, passaram a ocupar-se das consequências que foi realmente possível tirar do facto em si. Passaram do alfabeto das mesas para o estudo de uma ciência. Foi este o segredo desse aparente abandono da moda das "mesas girantes" que tanto alarido causou nos maledicentes.

Seja como for, foram as tais mesas que deram início, entre outras coisas muito importantes, aos estudos do espiritismo, e a elas devemos alguns dos seus desenvolvimentos, tanto mais que, apresentando os fenómenos grande simplicidade, o estudo das suas causas foi mais fácil. Alcançada a teoria básica, ficou a porta aberta para o estudo de efeitos mais complicados.

61. Para que o fenómeno acontecesse era necessária a intervenção de uma ou várias pessoas dotadas de uma capacidade especial, os chamados *"médiuns".* O número de colaboradores era indiferente, independentemente do facto de que, entre todos, pudesse haver mais mediuns desconhecidos. Quanto àqueles cuja mediunidade era nula, a sua presença não tinha efeitos, sendo mais prejudicial do que útil, pelo género de Espíritos que podiam atrair à reunião.

Neste aspecto, os médiuns dispõem de uma potência mais ou menos acentuada e produzem, por conseguinte, efeitos mais ou menos pronunciados. Um médium muito dotado pode produzir, por si só, mais efeitos do que um bom grupo de outros. Bastará colocar as mãos sobre a mesa para que ela se mova imediatamente, se levante, se vire, salte e ande à roda com violência.

62. Não há indicadores da faculdade medianímica. Só a experiência pode dá-la a conhecer. Quando numa reunião qualquer, quiserem tentar, basta sentarem-se à volta de uma mesa e colocarem as mãos em cima, sem pressão nem tensão muscular. De princípio, como se ignoravam as causas do fenómeno, indicavam-se várias precauções reconhecidas hoje como absolutamente inúteis; por exemplo, a alternância de sexos, os contactos entre os dedos mindinhos das pessoas que estavam à roda da mesa, de maneira a fechar o círculo. Esta precaução devia-se à ideia do estabelecimento de uma espécie de corrente eléctrica sem rupturas na cadeia de presenças. Verificou-se completamente inútil.

A única precaução obrigatória é a do recolhimento, do silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência de esperar, se o fenómeno for de efeito lento. Pode acontecer em alguns minutos, ou poderá ser necessário esperar meia ou uma hora. Tudo depende da capacidade medianímica dos comparticipantes.

63. O formato da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, o vestuário dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade ou a luz, etc., são tão indiferentes como a chuva ou o bom tempo. O volume da mesa terá a sua importância, mas só no caso da potência medianímica ser insuficiente para vencer a resistência. No caso contrário, uma só pessoa, mesmo uma criança, pode levantar uma mesa de 100 quilos, enquanto, em condições menos favoráveis, uma dúzia de pessoas não conseguiriam mexer nem uma mesinha pequena.

Iniciada a experência, quando o efeito começar a manifestar-se, ouve-se geralmente um ligeiro estalido da mesa, sente-se uma tremura, que é o início do movimento. A mesa parece fazer esforços para começar, a seguir começa o movimento de rotação, que acelera depois, a ponto de adquirir uma rapidez tal que os assistentes têm muitas dificuldades em segui-la. Estabelecido o movimento, os participantes podem até afastar-se da mesa, que continua a mover-se em diversos sentidos, sem qualquer contacto.

Noutros casos, a mesa levanta-se ligeiramente e ergue-se sobre uma ou sobre outra perna, depois retoma lentamente a posição de repouso. Outras vezes oscila, imitando os movimentos de um navio baloiçando horizontal ou lateralmente. Outras vezes, quando a potência medianimica é muito forte, destaca-se totalmente do solo e mantém-se em equilibrio no espaço, sem pontos de apoio, elevando-se mesmo certas vezes até ao teto, de forma que se pode passar debaixo dela. Depois desce lentamente, baloiçando como faria uma folha de papel, ou cai no chão violentamente, partindo-se, o que é uma prova clara de que não é um brinquedo de ilusões de óptica.

64. Outro fenómeno que é muito frequente, segundo as características do médium, é o de pancadas vibrados na madeira, sem nenhum movimento da mesa. Essas pancadas, às vezes suaves, outras vezes bastante fortes, fazem-se ouvir noutros móveis da sala, contra as portas, contra outros móveis, nas paredes e no teto. Iremos falar disto mais adiante.

Quando as pancadas são dadas na mesa, produzem uma vibração muito forte nos dedos e sobretudo muito nítida se se colocar o ouvido encostado à mesa.

65. No que acabamos de ver, nada revela a intervenção de uma potência oculta, e tais efeitos poderiam explicar-se perfeitamente pela ação de uma corrente magnética, ou eléctrica, ou de qualquer espécie de energia. Foi essa a primeira explicação dada a estes fenómenos, e que parecia ter lógica. Ter-se-ia mantido, se outros factos não viessem demonstrar a sua insuficiência: esses factos são as provas de inteligência que eles deram.

Como todo o efeito inteligente tem uma causa inteligente, parecia evidente que, mesmo admitindo-se a intervenção da energia eléctrica, ou de qualquer outra força, a elas se sobrepunha uma causa inteligente. Que inteligência seria? É o que vamos ver na continuação das nossas observações.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não tem que ser eloquente, espiritual ou sábia. Basta que demonstre resultar de um ato livre e voluntário, que exprima uma intenção, ou que responda a uma pergunta ou a um pensamento. Quando se vê um cata-vento a abanar, é evidente que está sob a ação da força mecânica do vento. Mas se o cata-vento começar a dar outras indicações intencionais, apontando para a esquerda ou para a direita, depressa ou devagar como obedecendo a um comando, teríamos de admitir que, não que o cata-vento era inteligente mas que obedecia a uma vontade, a uma inteligência. Foi isso que aconteceu com a mesa.

67. Vimos a mesa mover-se, levantar-se, dar pancadas, sob a influência de um ou de vários médiuns. O primeiro efeito inteligente que foi notado foi ver esses movimentos obedecer a ordens.

Sem mudar de lugar, a mesa levantava-se alternadamente, consoante o pé que era indicado.

Depois, batia no chão um certo número de vezes, respondendo a uma pergunta. Outras vezes, sem nenhum contacto, a mesa passeava sozinha pela sala, para a direita ou para a esquerda, para a frente e para trás, executando movimentos por ordem dos assistentes. É evidente que pomos de lado a hipótese de fraudes, admitindo que os assistentes nos disseram toda a verdade, sendo pessoas honradas e agindo desinteressadamente. Mais adiante falaremos das fraudes contra as quais é conveniente estar prevenido.

68. Com pancadas vibradas, e sobretudo por meio dos estalidos produzidos no interior da mesa, de que há pouco falámos, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação das diversas batidas do tambor, do combate entre tropas, com tiros por fila ou pelotão, de salvas de canhão; depois, o barulho do corte de uma serra, marteladas, o ritmo de diversas canções, etc.

Era um vasto campo aberto à exploração. Observando-se uma inteligência oculta nos efeitos notados, ela deveria poder responder a perguntas, o que passou a acontecer em questões muito simples, com perguntas e respostas com “sim” ou “não”, por meio do número de pancadas convencionadas. Sendo muito insignificantes as respostas, surgiu a ideia de usar as letras do alfabeto para se poderem compor palavras e frases.

69. Estes factos, repetidos deliberadamente por milhares de pessoas em vários países, não podiam deixar dúvidas quanto à natureza inteligente destas manifestações espíritas.

Surgiu então uma nova teoria segundo a qual esta inteligência seria a do médium, da pessoa interrogante, ou mesmo dos assistentes.

A dificuldade estava em explicar como essa vontade inteligente podia refletir-se na mesa e traduzir-se por pancadas. Verificando-se que as pancadas não eram produzidas pelo médium eram, obviamente, produzidas pelo pensamento. Mas, o pensamento a dar pancadas constituía um fenómeno ainda mais prodigioso de todos os que tínhamos testemunhado.

Rapidamente a experiência demonstrou que essa opinião era inadmissível. As respostas estavam, frequentemente, em oposição formal com o que pensavam os assistentes; estavam fora do alcance intelectual do médium, até pelo facto de ele mesmo, casualmente, as ter pronunciado em línguas que desconhecia, ou relatando factos por todos ignorados.

Os exemplos são tão numerosos que quase todas as pessoas que participaram em comunicações espíritas puderam ser testemunhas de muitos casos destes. Vamos citar apenas um caso, que nos foi relatado por uma testemunha presencial.

70. Num navio da marinha francesa, estacionado algures nos mares da China, em meados do século XIX, toda a equipagem, desde os marinheiros até aos oficiais do comando, organizavam sessões de mesas falantes.

Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um tenente desse mesmo navio, falecido dois anos antes. Apresentou-se a essas reuniões e, depois de diversas comunicações que impressionaram todas as pessoas, disse o seguinte, em mensagem por pancadas:

"Peço-vos encarecidamente que pagueis ao capitão do navio, a soma de "….." (indicou o montante) que fiquei a dever-lhe, e que tenho muita pena de não poder ter-lhe pago antes de morrer."

Ninguém sabia do facto, o próprio comandante já não se lembrava do montante da dívida, de resto mínima, mas, ao verificar as suas contas encontrou o registo da dívida e pôde confirmar que o montante indicado pelo Espirito do tenente era rigorosamente exacto.

Perguntamos: de quem poderia ser o pensamento que transmitiu essa mensagem?

71. O processo das comunicações de mensagens foi aperfeiçoado através de pancadas com referências alfabéticas, mas os processos eram sempre morosos. No entanto, foram sendo recebidas mensagens maiores, algumas bastante interessantes com informações a respeito do mundo dos Espíritos.

Eles próprios nos indicaram outras formas de comunicar, e a eles devemos o *processo das comunicações escritas.*

A primeira tentativa fez-se, adaptando um lápis ao pé de uma pequena mesa poisada sobre uma folha de papel. A mesa, posta em movimento pelo médiun, começou a traçar letras, depois palavras e frases. O método foi-se simplificando usando pequenas mesinhas do tamanho de uma mão, feitas de propósito para este efeito, depois cestas, caixas de cartão, e por fim, simples pranchetas. Essa escrita tornou-se tão rápida e facil como feita à mão, tendo-se reconhecido mais tarde que todos esses objetos não passavam de apêndices, autênticos porta-lápis, que podiam ser postos de lado, passando a segurar-se o lápis com a mão.

A mão, conduzida por um movimento involuntário, escrevia pelo impulso que lhe era comunicado pelo Espírito, sem recorrer à vontade nem ao pensamento do médium. A partir desse momento, as comunicações de além-túmulo deixaram de ter entraves, e passaram a ser como uma qualquer correspondência entre vivos.

Iremos mais tarde analizar estes meios com mais detalhe. Apresentámos um esquema rápido para mostrar a sucessão dos factos que conduziram à conclusão de que, nestes fenómenos, havia a intervenção de inteligências ocultas, ou seja, dos Espíritos.

Movimentos e levantamentos –Ruídos

72. Estando demonstrada a presença dos Espíritos pelo raciocínio e pelos factos, bem como a sua possibilidade de agir sobre a matéria, interessa agora saber como se realiza essa ação e como conseguem movimentar as mesas e outros corpos inertes.

A ideia mais óbvia, que nos ocorreu a este respeito, foi recusada pelos Espíritos, que apresentaram outra completamente diferente e totalmente inesperada, prova evidente de que a sua teoria não tinha origem na nossa opinião.

A primeira ideia, qualquer pessoa a poderia ter tido, como nós. Quanto à teoria apresentada pelos Espíritos, julgamos que não teria passado pela cabeça de ninguém.

Agora reconhecemos a sua superioridade em relação à nossa, embora menos simples, porque dá resposta a uma variedade importante de questões, que a nossa não alcançava.

73. Conhecendo já a natureza dos Espíritos, a sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito e a ação mecânica que ele pode ter sobre a matéria; tendo visto em aparições mediúnicas, formatos fluídicos de mãos com materialidade palpável, agarrar objectos e transportá-los, era natural concluir que os Espíritos se serviam dessas mãos para fazer a mesa andar à roda, e que a levantavam no ar com os braços.

Mas então, nesse caso, qual era a necessidade de haver um médium? Os Espíritos não poderiam agir por si sós? Os médiuns, que colocam muitas vezes as mãos no sentido contrário ao dos movimentos, ou que, simplesmente, não faziam uso delas, não podiam evidentemente ajudar o Espírito por qualquer ação muscular.

Ouçamos primeiro os Espíritos a quem fizemos perguntas a este respeito.

74. A seguir, as primeiras respostas recebidas, que foram depois confirmadas por muitas outras:

1. O Fluido Universal é uma emanação da inteligência suprema criadora de todas as coisas, ou seja, de Deus?

Não.

2. É uma criação dessa mesma inteligência suprema?

Tudo foi criado, exceto Deus.

3. O Fluido Universal é, ao mesmo tempo, o elemento universal?

Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.

4. Tem alguma relação com a energia eléctrica?

É o seu elemento.

5. Qual é o estado em que o Fluido Universal se nos apresenta na sua maior simplicidade?

Para encontrá-lo na sua simplicidade absoluta, seria preciso elevarmo-nos à categoria dos Espíritos puros. No vosso mundo encontra-se sempre mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos rodeia. Em todo o caso, a manifestação da sua simplicidade, que está mais próxima de vós é o fluido a que chamais o *"fluido magnético animal".*

6. Foi dito que o Fluido Universal é a fonte da vida. É também a fonte da inteligência?

Não, este fluido anima apenas a matéria.

7. Visto que é esse fluido que forma o perispírito, parece encontrar-se nele um estado de condensação que o aproxima, até certo ponto, da matéria?

Até certo ponto, como dizeis, porque o perispírito não tem todas as propriedades da matéria. Além disso é mais ou menos condensado, consoante os mundos.

8. Como é que um Espírito pode movimentar corpos sólidos?

Pela combinação, em porções adequadas, do Fluido Universal com o fluido que o médium emite, próprio para aquele efeito.

9. Os Espíritos levantam as mesas com a ajuda dos seus membros, solidificados para esse efeito?

Esta resposta ainda não vai chegar onde desejais. Quando uma mesa se move por ação das vossas mãos, o Espírito evocado vai buscar energia ao Fluido Universal para transmitir à mesa uma vida simulada. Ficando a mesa preparada, o Espírito ganha domínio sobre ela e comunica-lhe movimento com a sua própria capacidade energética, dirigida pela vontade. Se o peso da mesa for demasiado para ele, pede ajuda a Espíritos que estejam nas mesmas condições que as suas. Em função da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode agir sobre a matéria densa sem o auxílio de intermediário, ou seja, sem o elemento que o ligue à matéria. Esse elemento de ligação, que é o que chamais "perispírito", dá-vos a solução para todos os fenómenos espíritas materiais. Penso ter-me explicado bem.

Nota: Chamamos a atenção para a seguinte frase, primeira da resposta acima: *Esta resposta AINDA não vai chegar onde desejais.* O Espírito tinha compreendido perfeitamente que todas as nossas perguntas anteriores conduziam a esta última, e faz alusão ao nosso pensamento que esperava, com efeito, uma outra resposta, quer dizer, a confirmação da nossa ideia sobre a maneira de como iria o Espírito fazer com que as mesas se mexessem.

10. Os Espíritos a quem pede ajuda são seus inferiores? Estão sob as suas ordens?

São iguais, quase sempre, e vêm por vontade própria.

11. Todos os Espíritos estão aptos a produzir fenómenos deste género?

Os Espíritos que produzem este género de efeitos são sempre Espíritos inferiores, que não estão ainda inteiramente libertos de influências materiais.

12. Compreendemos que os Espíritos superiores não tratam de assuntos de nível inferior ao seu. Perguntamos, contudo, já que são mais desmaterializados, se teriam potencial para isso, caso tivessem vontade de fazê-lo?

Têm a força moral como os outros têm a força física. Quando têm necessidade desta força, servem-se daqueles que a possuem. Já vos foi dito que se servem dos Espíritos inferiores como vós o fazeis com os vossos servidores.

Nota : Foi dito que a densidade do perispírito varia segundo o estado evolutivo dos mundos. E também varia no mesmo mundo de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos *moralmente* evoluídos é mais subtil e aproxima-se dos Espíritos elevados. Nos Espíritos inferiores, pelo contrário, aproxima-se da matéria, o que faz com que esses Espíritos de baixo nível conservem durante tanto tempo as ilusões da vida terrena. Pensam e agem como se ainda estivessem vivos, têm os mesmos desejos e talvez a mesma sensualidade.

Esta maior densidade do perispírito que lhe dá mais *afinidade* com a matéria torna os Espíritos inferiores mais aptos para as manifestações físicas. É por essa razão que um indivíduo, habituado aos trabalhos da inteligência, cujo corpo é frágil e delicado, não pode carregar fardos às costas, como um carregador. A sua constituição material é menos compacta, os órgãos menos resistentes, tem menos energia nervosa.

O perispírito é para o Espírito o que o corpo é para o indivíduo e a inferioridade espiritual origina uma maior densidade do perispírito que substitui nele a força muscular. Assim, possui fluidos mais favoráveis às manifestações de efeitos físicos. Entretanto, se um Espírito mais evoluído quiser produzir tais efeitos, faz como entre nós: encarrega dessa tarefa um *Espírito maia apto para ela.*

13. Se compreendemos bem, o “princípio vital” reside no Fluido Universal. O Espirito vai tirar dele o elemento constituinte do seu perispírito e é por intermédio dele que pode agir sobre a matéria. É assim?

Sim. É por esse processo que” anima” a matéria com uma vida simulada, isto é, vida animal. A mesa que se move debaixo das vossas mãos é como um animal, obedece ao ser inteligente. Não é o Espírito que levanta a mesa à força de braço, é a mesa ”animada” que obedece ao impulso dado pelo Espírito.

14. Quais são as funções do médium nesse fenómeno?

Já o disse: a sua energia medianímica combina-se com o fluido universal acumulado pelo Espírito. É necessária essa associação para animar a mesa de vida simulada, que é apenas momentânea. Extingue-se com a ação e, por vezes, até antes disso, se a associação energética respetiva já não é suficiente para a animar.

15. O Espírito pode agir sem a ajuda do médium?

Pode agir sem ele saber. Muitas pessoas servem de auxiliares dos Espíritos em certos fenómenos, sem sequer notarem. São como uma fonte de energia para os Espíritos, que nelas buscam a energia animal de que necessitam. É por isso que a ajuda do médium, tal como a entendeis, nem sempre é necessária, o que sucede sobretudo nos fenómenos espontâneos.

16. A mesa "animada" actua de forma inteligente, ou seja, pensa?

Pensa tanto como um pau com que nós fazemos um sinal voluntário a alguém. A vitalidade que comunicamos ao pau com o nosso gesto é que lhe permite fazer o sinal inteligente. Isso torna claro que a mesa que se move não se torna um *Espírito,* nem pensa, nem tem vontade própria.

Nota : Há uma expressão vulgar que ilustra este facto: “ a roda gira, animada de um movimento veloz”.

17. Qual é a causa principal deste fenómeno, é o Espírito ou a energia/fluido?

O Espírito é a causa e a energia é o instrumento, ambos necessários para que aconteça.

18. Para que serve a vontade do médium?

Chamar os Espíritos e ajudá-los no impulso energético.

A vontade é sempre indispensável?

Aumenta a potência, mas nem sempre é necessária, visto que o movimento pode acontecer contra ou apesar dessa vontade, o que prova que há uma causa independente do médium.

Nota : O contacto das mãos nem sempre é necessário para fazer mover um objeto. É necessário, na maior parte das vezes, para dar o primeiro impulso, mas, logo que o objeto está “animado", pode obedecer à vontade sem contacto material. Isso depende quer da potência do médium quer da natureza dos Espíritos. Um contacto inicial, de resto, nem sempre é indispensável. Tenha-se em conta os movimentos e as deslocações espontâneas, que acontecem sem que alguém tenha essa intenção.

19. Porque é que nem todos podem produzir os mesmos efeitos, e por que motivo os médiuns não têm todos a mesma potência?

Isso depende do seu organismo e da maior ou menor facilidade com que a combinação dos fluidos pode operar. Depois, a simpatia maior ou menor entre o Espírito do médium e os Espíritos exteriores que vão usar a sua potência medianímica.

Passa-se o mesmo no caso dos magnetizadores, cuja potência é maior ou menor. Encontramos, nesse caso, pessoas que são completamente refractárias e outras que só conseguem combinar-se por esforço voluntário; Há outras, porém, cuja combinação é tão natural e fácil que nem notam que estão a servir de instrumento ao magnetizador (Ver o Capítulo *Das manifestações espontâneas*).

Nota: O magnetismo é, sem dúvida, o princípio destes fenómenos, mas não como se julga. Há grandes magnetizadores que não conseguiriam sequer mover uma mesinha pequena, e há pessoas que não são capazes magnetizar, crianças mesmo, às quais basta colocar os dedos sobre uma mesa pesada para fazê-la mover-se. Portanto, se a potência medianímica não está na proporção da potência magnética, é porque há outra causa.

20. As pessoas ditas "eléctricas" podem ser consideradas como médiuns?

Essas pessoas têm em si a energia necessária à produção dos fenómenos e podem produzi-los sem a ajuda de outros Espíritos. Não são, portanto, médiuns no sentido que se dá a essa palavra. Mas podem ser assistidas por Espíritos que aproveitam os seus dotes naturais.

Nota : Passa-se o mesmo que no caso dos sonâmbulos que podem agir com ou sem o auxílio de um Espirito exterior (Ver no capítulo dos Médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonâmbulos.)

21. O Espírito que faz mover os corpos sólidos, fá-lo agindo dentro ou fora da substância desses corpos?

Sucedem ambos os casos. Já dissemos que a matéria não é obstáculo para os Espíritos, eles penetram tudo. Uma porção do perispírito "identifica-se", por assim dizer, com o objeto que "penetra".

[11 – Explicação]

22. Como faz o Espírito para "bater"? Usa um objeto material?

Não, como não usa os braços para levantar a mesa. Sabeis bem que os Espíritos não têm martelos. Os seus "martelos" são a energia combinada, posta em ação pela sua vontade de mover ou de bater. Quando se ouvem "pancadas" é o ar que vos traz o barulho.

23. Compreende-se isso quando bate num corpo duro. Mas como pode fazer soar ruídos ou sons articulados no vazio do ar?

Como actua sobre a matéria, pode fazê-lo sobre o ar como sobre a mesa. Quanto a sons articulados, pode imitá-los, como quaisquer ruídos.

24. Dizeis que o Espirito não se serve das mãos para fazer a mesa andar à volta. No entanto, nós vimos, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos com os dedos passeando sobre um teclado, movendo as teclas e produzindo sons. Será que são os dedos dessas mãos que movem as teclas, da mesma forma que produzem impressão sobre a pele, quando tocam em alguém?

Só se pode compreender a natureza dos Espíritos e a sua maneira de agir, por comparações incompletas, sendo um erro querer compará-los connvosco. Tudo depende do seu organismo. Já vos foi dito que a energia do perispírito penetra a matéria, identificando-se com ela, e que lhe comunica uma vida artificial. Pois bem, quando um Espírito toca com os dedos nas teclas de um piano, toca de facto no instrumento, fazendo soar as notas. Mas não é pela força muscular, como faria um pianista, que se movem as teclas; da mesma forma que "anima" a mesa, comunica "vida artificial" às teclas, que obedecem à sua vontade e fazem vibrar a corda.

Passa-se aqui no mundo espiritual, uma coisa que vos vai ser dificil de compreender. É que há certos Espíritos que são tão pouco evoluidos e estão tão materializados, comparativamente com os Espíritos elevados, que estão completamente mergulhados na ilusão da vida terrena e pensam que fazem as coisas com se ainda tivessem corpo material. Não se apercebem da causa real dos efeitos materiais que produzem, assim como um camponês não conhece a teoria dos sons que articula. Se lhes perguntarem como é que tocam piano, dirão que é tocando com os dedos nas teclas, convictos que tudo se passa como na vida de antes. O efeito produz-se instintivamente sem que saibam porquê e, apesar de tudo, por vontade sua. Quando conseguem pronunciar palavras, passa-se o mesmo.

Nota: Resulta de tudo isto que os Espíritos podem produzir todos os efeitos físicos que nós produzimos na vida material, mas pelos meios de que dispõe o seu organismo. Há certo tipo de forças que lhe são próprias e que substituem os músculos que nos são necessários para agir, da mesma forma que os gestos substituem as palavras de um mudo.

25. Entre os fenómenos que são citados aqui, como provas da ação de uma força oculta, há os que são claramente contrários a todas as leis conhecidas da natureza. Então não é permitida a dúvida?

Os seres humanos estão longe de conhecer todas as leis da natureza. Se as conhecessem todas, já seriam Espíritos superiores. A realidade de todos os dias desmente aqueles que, julgando saber tudo, querem impor limites à natureza, sentindo-se orgulhosos disso.

Desvendando permanentemente novos mistérios, Deus aconselha os homens a não desafiar a sua própria sabedoria, porque virá um dia em que "*a ciência do mais sábio será confundida*". Não vedes, todos os dias, exemplos de corpos, animados de movimento, libertarem-se da força da gravidade? Uma bala disparada para o ar consegue libertar-se momentaneamente desta força.

Pobres daqueles que julgam ser muito sábios, cuja tola vaidade é desmentida a cada instante. Tende consciência de que sois ainda muito pequenos."

75. Estas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidades. Delas se conclui que o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, e que tal agente recebe o impulso do Espírito, esteja encarnado ou no intervalo entre vidas.

Este fluido **condensado** constitui o perispírito, ou veículo semimaterial do Espírito.

[12 – Condensação do perispírito]

Quando encarnado o perispírito encontra-se unido à matéria do corpo. No intervalo entre vidas, está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos fundida com a matéria corpórea, mais ou menos colada a ela, se assim podemos dizer.

Em certas pessoas há uma espécie de emanação deste fluido, em consequência das suas qualidades orgânicas, e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de efeitos físicos.

A emissão de energia animalizada pode ser mais ou menos abundante, a sua combinação mais ou menos fácil, donde haver médiuns mais ou menos poderosos. Além disso não é permanente, o que explica a intermitência da força.

76. Façamos uma comparação. Quando sentimos vontade de agir materialmente sobre determinado objeto colocado à distância, é o pensamento que deseja, mas o pensamento não irá tocar esse objeto. É necessário dispormos de uma ferramenta, um elemento intermediário: um pau, um projéctil, uma corrente de ar, etc.

Notai que o pensamento não consegue agir directamente sobre o pau, porque se não pudermos empunhá-lo, ele não agirá sozinho.

O pensamento, que é o Espírito encarnado em nós, está unido ao corpo pelo perispírito.

O pensamento, pois, não pode agir sobre o corpo sem o perispírito, do mesmo modo que não podemos agir sobre o pau sem o corpo.

O pensamento actua sobre o perispírito porque é a substância com a qual tem maior afinidade.

O perispírito age sobre os músculos, os músculos seguram o pau, e o pau atinge o objeto.

Quando o Espirito não estiver encarnado, é-lhe necessário um auxiliar. Este auxiliar é a energia com a ajuda da qual consegue fazer com que o objeto obedeça à sua vontade.

77. Quando um objeto é colocado em movimento, levantado ou lançado no ar, não é o Espirito que o agarra, o puxa e o levanta, como nós faríamos com a mão.

O Espírito *"satura-o"* com a sua energia combinada com a do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como agiria um ser vivo, com a diferença que, não tendo vontade própria, segue a impulsão que lhe foi impressa pelo Espírito. Visto que o fluido vital, usado pelo Espirito, anima com uma vida artificial e momentânea os corpos inertes, e que o perispírito é constituído por fluido vital, é o Espirito – quando encarnado – que dá vida ao seu corpo material, por meio do perispírito.

O perispírito fica reunido ao corpo material enquanto o organismo fisiológico o permite e, quando dele se retira, o corpo morre. Se, em vez de uma mesa, fosse talhada uma estátua em madeira, e se se agisse sobre ela como sobre a mesa, ela movimentava-se, dava pancadas e respondia a perguntas como as "mesas falantes" faziam. Ter-se-ia, pois, uma estátua momentaneamente "animada" de vida artificial, uma "estátua falante".

A teoria assim formulada lança uma luz clara sobre uma quantidade de fenómenos até agora sem solução, esclarecendo-os como fenómenos perfeitamente naturais. Quantas alegorias, efeitos misteriosos ou mesmo milagrosos encontram aqui explicação.

78. As pessoas que não acreditam, contrapõem que a elevação das mesas sem apoio físico é impossível, por ser contrária à lei da gravitação universal. A sua negação nada prova. Além disso, dado que o facto se passa na realidade, de nada vale recorrer a todas as leis conhecidas.

Isso prova que o fenómeno é regido por uma lei desconhecida e, aqueles que descreem, não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da natureza.

Mais atrás, já tivemos ocasião de apresentar essa lei, o que não é razão para ser aceite, porque nos foi explicada por Espíritos de pessoas que deixaram a sua morada terrestre, e não por aqueles que se encontram ainda vivos neste mundo e são sábios académicos.

Se o Espírito do cientista François Arago, vivo, tivesse descoberto uma lei, todos iriam aceitá-la imediatamente. Sendo o Espírito de François Arago, morto, a lei é uma utopia! Por que razão? Porque as pessoas julgam que estando François Arago morto, tudo nele se extinguiu.

Não temos a pretensão de dissuadi-los, e como esta objeção poderia incomodar certas pessoas, iremos tentar responder-lhes, colocando-nos no seu ponto de vista, isto é, colocando de lado a hipótese já apresentada da animação artificial.

79. Quando se produz vácuo numa campânula, aspirando todo o ar que ela contém com uma máquina pneumática, ela adere de tal forma ao seu suporte que é praticamente impossível separá-la, por causa da coluna de ar que está por cima.

Deixando-se entrar o ar, a campânula eleva-se com a maior facilidade, porque o ar debaixo contrabalança o de cima. Entretanto, abandonada a si mesma, permanecerá imóvel por efeito da lei da gravidade.

Comprimindo-se o ar interior, dando-lhe uma densidade maior que o de cima, a campânula levantar-se-á, apesar da gravidade. Se a corrente de ar for rápida e violenta, ela poderá manter-se no espaço sem nenhum apoio *visível,* como os bonecos que giram sobre os jatos de um repuxo.

Por que razão, pois, o fluido universal, que é *o elemento básico de toda a matéria*, acumulando-se em volta da mesa, não teria a propriedade de aumentar ou diminuir o seu peso específico relativo, como faz o ar com a campânula e o hidrogénio faz com os balões, sem que por esse motivo fique fora de ação a força da gravidade?

Conheceis todas as propriedades e toda a força desse fluido universal? Não! Então, não negueis um facto que não podeis explicar.

80. Regressando à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode levantar uma mesa, pode levantar qualquer outro objeto. Uma cadeira, por exemplo. Se pode levantar uma cadeira, pode levantar também, com força suficiente, essa cadeira com uma pessoa nela sentada. É esse facto que

explica o fenómeno tantas vezes produzido pelo prodigioso médium escossez **Daniel Dunglas Home** (1833 – 1886), consigo mesmo e com outras pessoas. Repetiu-o durante uma viagem a Londres e, para provar que os espetadores não eram vítimas de uma ilusão de ótica, fez no teto uma marca com um lápis, enquanto suspenso, e pediu que as pessoas lhe passassem por baixo. Sabe-se que o Sr. Home era um poderoso médium de efeitos físicos. Naquele caso, era ao mesmo tempo a causa eficiente e o objeto.

[13 – Daniel Dunglas Home]

Aumento e diminuição do peso de um corpo

81. Falámos antes no aumento do peso, efeito do fenómeno do vácuo sob a pressão. É um fenómeno que se produz às vezes, e que é tão normal como a prodigiosa resistência da campânula, dentro da qual foi feito o vácuo, sob a pressão da coluna atmosférica.

Sob a influência de certos médiuns foram observados objetos muito leves oferecerem a mesma resistência, cedendo depois ao mínimo esforço. Na experiência em que é retirado todo o ar à campânula, na realidade o seu peso é o mesmo, mas parece mais pesada por efeito da causa exterior que age sobre ela. Acontece provavelmente o mesmo aqui.

Nas experiências das mesas, elas têm sempre o mesmo peso intrínseco, porque a sua massa não aumentou, mas uma força exterior opõe-se ao seu movimento e essa causa pode estar nas energias ambientes que as penetram; como aquela que aumenta e diminui o peso aparente da campânula, está no ar. Se fízerdes esta experiência da campânula pneumática junto de uma pessoa ignorante ou pouco observadora, que não compreenda a ação do ar que não vê, não será difícil persuadi-la que está perante uma manha do diabo!...

Poderá dizer-se que, como o Fluido Universal é praticamente imponderável, a sua acumulação não pode aumentar significativamente o peso de um objeto. Reparai, contudo, que se nos servimos da palavra "*acumulação"* é, por comparação, e não por semelhança absoluta com o ar. O fluido é imponderável, sim, contudo ninguém provou isso. Desconhecemos a sua natureza íntima e ainda as suas propriedades, por completo.

Antes de termos experimentado o peso do ar, não suspeitávamos dos seus efeitos. A electricidade também é considerada imponderável. Contudo, um corpo pode ser imobilizado por uma corrente eléctrica, e oferecer grande resistência a quem o quiser levantar. Tornou-se, portanto, aparentemente mais pesado. Será ilógico concluir que não existe um suporte, só porque não é visível.

Portanto, o Espirito pode ter recursos que nos são desconhecidos. A natureza dá-nos provas permanentes de que o seu poder não se limita ao que os nossos sentidos podem testemunhar.

Não se pode explicar senão por uma causa semelhante o estranho fenómeno, de que há tantos exemplos, de um jovem débil e delicado levantar só com dois dedos, sem esforço, um homem forte, sentado numa cadeira. O que prova que, nesse caso, existe uma causa exterior a essa pessoa, são as intermitências dessas suas faculdades. **[14 – As intermitências da faculdade mediúnica]**

Capítulo V – Manifestações físicas espontâneas

Ruídos, pancadas e perturbações

82. Os fenómenos de que falámos foram provocados. Mas acontece, por vezes, que são espontâneos e involuntários e, além disso, muito incómodos. O que põe de parte terem sido provocados pela imaginação exaltada por ideias espíritas, foi terem ocorrido a pessoas que nunca tinham ouvido falar nisso até esse momento, e quando menos o esperavam.

Tais fenómenos, que poderiam ser chamados de "espiritismo prático natural", são muito importantes, porque não podem ser suspeitos de cumplicidades. É por isso que vamos pedir a todos os espíritas activos que registem todos os factos desse género de que tenham conhecimento, verificando-os com o máximo cuidado, para que não haja a mínima suspeita de falsificação.

83. As mais simples e frequentes manifestações espíritas são os ruídos e as pancadas. Nestes, é preciso muito cuidado com a ilusão, visto que inúmeras causas fortuitas podem produzi-los. O vento que assobia ou sacode um objeto, algo que nós mesmos movimentamos sem perceber, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., e até mesmo brincadeiras de alguém.

Os ruidos espíritas, aliás, têm características próprias identificáveis que não podem ser confundidos com os estalidos da madeira, o crepitar do fogo ou o tique-taque de um relógio. São pancadas secas, ora amortecidas, fracas e leves, ora claras e distintas, por vezes barulhentas, que mudam de lugar e se repetem sem regularidade mecânica.

O que melhor os identifica e não deixa dúvidas é obedecerem a uma vontade deliberada. Se os ruídos se fazem ouvir num determinado local, se respondem a um pensamento pelo número ou intensidade de pancadas, não é possível passar despercebida uma causa inteligente. Mas a falta destes elementos também não é sempre prova em contrário.

84. Quando nos certificarmos, sem dúvidas, que determinado ruído é uma manifestação espírita, será racional ter medo? Não, de forma nenhuma. Primeiro, porque não podem constituir o mínimo perigo. As pessoas que se deixam convencer que é o diabo, estão a deixar-se iludir infantilmente, como as crianças que têm medo do lobisomem ou do bicho papão.

Há circunstâncias em que essas manifestações se tornam desconfortavelmente persistentes, de que qualquer pessoa desejará ver-se livre. Neste caso, é necessária uma explicação.

85. Como já foi dito, as manifestações físicas têm por finalidade chamar a nossa atenção e convencer-nos da existência de algo que nos é superior.

Também já dissemos que os Espíritos evoluídos não se ocupam com este género de manifestações; servem-se dos Espíritos menos evoluídos para produzi-las, como nós podemos usar a colaboração de ajudantes para o trabalho pesado. Uma vez atingido o propósito de chamar a atenção, a mainfestação material cessa, porque deixa de ser necessária. Vejamos alguns exemplos.

86. Há vários anos, quando comecei os meus estudos de espiritismo, estando ocupado à noite com esse trabalho, ouvi pancadas repetidas à minha volta durante quatro horas seguidas. Foi a primeira vez que tal coisa me aconteceu.

Verifiquei que não eram devidas a nenhuma causa acidental, mas no momento não pude esclarecer mais nada.

Nessa altura, costumava encontrar-me regularmente com um excelente médium escrevente. No dia seguinte, por seu intermédio, perguntei ao Espírito comunicante qual era a causa das pancadas.

– *Era o teu Espírito familiar que queria falar-te* - respondeu.

– E que queria ele dizer-me?

– Podes perguntar-lhe tu mesmo, porque está aqui presente.

Tendo conversado com ele, deu-se a conhecer sob um nome alegórico (soube depois tratar-se de um Espírito de nível muito elevado, com tarefas importantes já desempenhadas na Terra). Indicou-me certos erros que andava a cometer no meu trabalho, indicando-me exactamente *as linhas* onde estavam escritos. Deu-me conselhos preciosos, acrescentando que estaria sempre comigo e que viria sempre que quisesse consultá-lo.

A partir daí, com efeito, este Espírito nunca mais me deixou, tendo-me dado provas de grande superioridade. A sua *benévola intervenção* foi *eficaz* em casos da minha vida material e em temas metafísicos.

Desde o nosso primeiro encontro as pancadas pararam. Que desejava, então? Entrar em comunicação regular comigo, pelo que tinha de me avisar. Dado o aviso, estabelecidos os contactos regulares, as pancadas deixaram de ser necessárias e por isso pararam. Não se toca mais o tambor para acordar os soldados, se eles já estão de pé.

Um facto semelhante aconteceu com um amigo nosso. Desde há algum tempo, ouvia no quarto ruídos vários que se tornaram bastante cansativos. Logo que teve a oportunidade, fez uma consulta ao Espírito do seu falecido pai, por um médio escrevente. Soube o que era desejado, executou o pedido feito, e desde então não houve mais ruídos.

Deve notar-se que as pessoas que têm contactos fáceis e habituais com os Espíritos, raramente recebem manifestações deste género, o que é de compreender.

87. As manifestações espontâneas não se limitam a ruidos e pancadas, podem chegar ao estardalhaço e à confusão perturbadora: móveis e objetos revirados, projéteis de toda a ordem atirados de fora, portas e janelas que são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças partidas, tudo coisas que não podem ser consideradas simples ilusões. A confusão é muitas vezes efetiva, mas às vezes só tem as aparências da realidade. Ouve-se uma enorme barulheira na sala ao lado, loiça que parece estilhaçar-se no chão, cacos em todas as direcções. Vai-se lá ver, e nada. Está tudo em ordem. Regressamos para onde estávamos, e lá recomeça a confusão.

88. As manifestações deste género, nem são raras nem recentes. Há poucas histórias locais que não incluam alguns relatos deste género. Muitas vezes o medo exagera os factos, que, de boca em boca, vão sendo muito aumentados. A superstição também ajuda. As casas onde se passam tais coisas são classificadas como assombradas pelo diabo, daí os contos fantásticos ou assustadores de almas do outro mundo. A invenção maldosa não perde a oportunidade de explorar a crendice, às vezes em proveito de interesses pessoais. Factos deste género, mesmo no âmbito da realidade, empurram para a superstição as pessoas mais fracas que se deixam sugestionar.

O meio mais seguro de prevenir inconvenientes e proteger os mais fracos, visto não ser possível impedir-se que aconteçam, é dar a conhecer a verdade. Os fenómenos mais simples tornam-se assustadores, quando as causas são desconhecidas. Quando as pessoas tiverem um conhecimento adequado da realidade dos Espíritos e quando aqueles a quem eles se manifestam já não acreditarem que estão às voltas com uma legião de demónios, deixará de existir o medo sem razões.

Muitos factos autênticos desse género podem ser lidos na *Revista Espírita*. Entre outros, o do Espírito batedor de Bergzabern, cujas tropelias duraram mais de oito anos (números de maio, junho e julho de 1858); o de Dibbelsdorf (agosto de 1858); o do Padeiro das Grandes Vendas, próximo a Dieppe (março de

1860); o da Rua de Noyers, em Paris (agosto de 1860); o do Espírito de Castelnaudary, sob o título *História de Um Danado* (fevereiro de 1860); o do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860), e muitos outros.

89. Os factos desta natureza têm, muitas vezes, um carácter de verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que viviam juntas, e que, durante vários anos, encontraram os vestidos dispersos, escondidos até por cima dos telhados, rasgados e cortados em pedaços, fossem quais fossem as precauções de os fechar à chave.

Tem acontecido que pessoas, deitadas e *bem acordadas*, vejam as suas cortinas serem sacudidas, as roupas de cama e as almofadas serem arrancadas violentamente, serem levantadas por cima dos colchões e, algumas vezes mesmo, serem atiradas fora da cama.

Estes casos são mais frequentes do que se julga. As suas vítimas não se atrevem a falar, com medo do ridículo. Houve quem julgasse curar pessoas do que se pensava serem alucinações, sujeitando-as aos tratamentos dados aos loucos, o que realmente as tornou loucas. A medicina não pode compreender estas coisas, porque apenas entende as causas materiais, e daí resultam frequentemente graves enganos.

A História, um dia, falará de certos tratamentos usados no século XIX, nos mesmos termos em que hoje descrevemos os processos usuados durante a Idade Média.

Admitimos que certos factos são obra da malícia ou da maldade. Mas, se tudo for bem estudado, se se concluir que não foram obra de pessoas vivas, dizendo alguns que foram obra do diabo, nós diremos que foram obra dos Espíritos. Mas então, de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, como na nossa sociedade os homens sérios, não fazem espalhafatos.

Quanto aos maldosos, já chamámos por eles muitas vezes para lhes perguntar por que razão transtornam assim o repouso das pessoas. A maioria só pensa em divertir-se, são Espíritos mais superficiais do que maldosos, que se riem dos sustos que pregam e das canseiras inúteis a que as pessoas são obrigadas para saberem as causas da confusão.

Muitas vezes, obstinam-se em seguir um indivíduo, que se divertem em aborrecer e que perseguem de casa em casa; outras, apegam-se a um local, apenas por simples capricho. É também a maneira de se vingarem, como iremos ver. Podem, ainda, ter a melhor das intenções: querer chamar a atenção e comunicar, quer para dar um aviso útil a quem se dirigem ou para pedir alguma coisa para si mesmos. Já os vimos muitas vezes a pedirem preces, outros a solicitar o cumprimento, em seu nome, de uma promessa que não puderam cumprir; outros, enfim, para poderem descansar em paz, quererem que se lhes repare uma má ação cometida em vida.

Em geral, fazemos mal tendo medo. Podem aborrecer, mas não são perigosos. É compreensível que sintamos vontade de nos vermos livres deles e fazemos geralmente as coisas da maneira menos indicada. Se são Espíritos que andam a divertir-se, quanto mais os levamos a sério, mais eles insistem, como os miúdos atrevidos que dão muito que fazer aos que perdem a paciência, e que metem medo aos covardes.

Se tivessemos o bom senso de rir com os disparates que fazem, acabariam por se cansar, aquietando-se. Conhecemos quem, longe de se irritar, os excitava, desafiava-os a fazerem certas coisas, e, dias depois, deixavam de aparecer.

Como dissemos atrás, há alguns cujas razões são menos frívolas. É por isso que é util saber sempre o que querem. Se pedem alguma coisa, deixarão de aparecer logo que o seu desejo seja satisfeito. A melhor maneira de estar informado a este respeito, é evocar o Espírito por intermédio de um bom médium escrevente. Consoante as suas respostas, ver-se-á imediatamente o que temos de fazer, e devemos agir em conformidade. Se for um Espírito infeliz, a caridade exige que se trate com o cuidado que merece. Se gosta de brincar é para tratar sem cerimónia. Se for mal-intencionado, pedimos a Deus que o melhore. Em todos os casos as preces são sempre aconselháveis e proveitosas. As fórmulas dos exorcismos fá-los-ão rir-se e não terão utilidade nenhuma.

Se for possível comunicar com eles, é preciso estar atento às credenciais mais ou menos ridículas ou assustadoras que apresentam, para se divertirem com os respetivos efeitos.

Daremos mais pormenores acerca deste tema e a respeito das causas que tornam as preces ineficazes, no capítulo dos "*lugares assombrados" e da "obsessão".*

91. Estes fenómenos, ainda que executados por Espíritos inferiores, são muitas vezes provocados por Espíritos mais evoluídos, com a finalidade de demonstrar a existência de seres incorpóreos e de uma inteligência superior aos humanos.

O efeito resultante, o próprio susto, acabará por abrir os olhos aos mais incrédulos. Estes acham mais simples pensar que é fruto da imaginação, explicação muito cómoda, que dispensa outras. Contudo, se há objetos que mudam de lugar ou vos são atirados à cabeça, seria necessária uma imaginação muito complacente para aceitar que tais coisas são aquilo que não são.

Se se nota um efeito qualquer, ele tem necessariamente uma causa: se uma *fria e calma* observação nos demonstrar que esse efeito é independente de qualquer vontade humana e de qualquer causa material, e se, além disso, nos dá sinais *evidentes* de inteligência e de vontade autónoma, *que é o seu sinal mais característico*, é-se forçado a atribuí-lo a uma inteligência oculta.

Quais são estes seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira menos contestável, pela forma como nos permite comunicar com eles.

Ensinam, além disso, a separar o que há de real e o que há de falso ou exagerado nos fenómenos que não percebemos. Se um facto fora do normal acontece, ruído, movimento ou mesmo uma aparição, o primeiro pensamento que deve ter-se é que se deve a uma causa perfeitamente natural, porque é o mais provável.

É necessário então investigá-la com o maior cuidado, e só admitir a intervenção dos Espíritos se for razoável, de maneira a não criar ilusões. Uma pessoa, por exemplo, que sem ser seguida por ninguém, apanha uma palmada nas costas, como já aconteceu, não teria dúvidas da presença de um ser invisível.

Devemos ter a máxima cautela relativamente às descrições que nos fazem de episódios que podem estar marcadas pelo exagero e ter cuidado igualmente em não encarar como tendo origem oculta tudo aquilo que não compreendemos. Há muitas coisas simples e naturais que podem produzir efeitos estranhos, à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver, por toda a parte, Espíritos ocupados em derrubar os móveis, quebrar a louça, provocar os mil e um aborrecimentos domésticos, que é mais racional atribuir à falta de jeito

Objetos Atirados

92. A explicação dada para o movimento dos corpos inertes aplica-se a todos os efeitos espontâneos que acabámos de ver. Os ruídos, ainda que mais fortes que as pancadas dadas na mesa, têm a mesma causa. Os objetos atirados ou deslocados são-no pela mesma força que levanta um corpo qualquer.

Há uma circunstância que apoia esta teoria. Onde está o médium de apoio nestas situações? Os Espíritos disseram que nestes casos há sempre alguém por perto, que pode colaborar com eles, mesmo sem saber de nada.

As manifestações espontâneas raramente se produzem em sítios isolados. É quase sempre em casas habitadas, o que permite recorrer à ajuda dos habitantes presentes, que exercem influência sem querer. São verdadeiros médiuns sem a consciência disso. Chamamos-lhes, por isso, *médiuns naturais*. Estão para os outros médiuns como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos e são, como eles, merecedores de atenção.

93. É necessária, na maior parte destes casos, a intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa especialmente dotada para a produção destes fenómenos, embora o Espírito pareça actuar sozinho.

Nesse caso, poderia supor-se que ele colhesse o fluido animalizado numa pessoa ausente dali. Mas esse é o motivo que explica que os Espíritos, que estão sempre à nossa volta, não produzam fenómenos físicos a qualquer momento. Primeiro têm de ter vontade para isso e um motivo, uma finalidade. Sem isso, nada fazem. É necessário também que o Espírito encontre no lugar em que quer agir, uma pessoa com a capacidade de ajudá-lo, o que só acontece raramente. Se essa pessoa aparecer por acaso, o Espirito aproveita-se dela.

Embora estando reunidas as condições favoráveis, o Espírito pode ser impedido de agir por uma vontade superior, que só concede a autorização dentro de certos limites: caso a manifestação seja julgada útil, se servir como meio de criar convicções espíritas, ou como prova dirigida à pessoa a que se destina.

94. Só vamos citar a respeito deste caso a conversa a propósito do que se passou em Junho de 1860, na Rua das Nogueiras, em Paris, assunto publicado em detalhe na *Revista Espírita* de agosto desse ano.

1. (Ao Espírito S. Luís). Tereis a bondade de nos dizer se os factos ocorridos na Rua das Nogueiras são reais? **Da sua possibilidade, não temos dúvidas.**

Sim, são verdadeiros. A imaginação das pessoas poderá empolá-los, seja por medo ou por ironia. Repito, contudo, que são verdadeiros. São provocadas por um Espírito que se diverte um pouco à custa dos habitantes.

2. Há alguém em casa que seja a causa das manifestações?

As manifestações são sempre causadas pela presença da pessoa que se quer atacar. O Espírito perturbador não gosta que o habitante ali esteja e quer pregar-lhe partidas, vai mesmo tentar pô-lo fora.

3. Perguntamos se, entre os moradores da casa, há alguém que seja a causa destes fenómenos por influência medianímica espontânea e involuntária?

Isso tem que ser, *sem isso o fenómeno não poderia acontecer.* Um Espírito escolhe um lugar predilecto para viver. Fica tranquilo enquanto se sente à vontade. Quando chega alguém que se presta às suas partidas desagradáveis, então, diverte-se quanto pode.

4. A presença dessa pessoa é indispensável?

Esse é o caso mais vulgar, e é o do facto que citais: por isso eu disse que, sem isto, o facto não aconteceria; mas não tive intenção de generalizar. Há casos em que a presença próxima não é necessária.

5. Se esses Espíritos são sempre de uma ordem inferior, a capacidade de lhes servir de auxiliares é uma suposição desfavorável à pessoa? Isso quererá dizer que ela tem simpatia por seres desta natureza?

Não, exactamente, porque essa capacidade depende de condições do organismo físico. Contudo, indica uma tendência material que era melhor não existir, visto que quanto mais elevado moralmente, mais se atrai os bons Espíritos, que – naturalmente – afastam os maus.

6. Onde vai o Espírito encontrar os projéteis de que se serve?

No local onde está ou na vizinhança. A força usada pelo Espírito atira-os e eles vão cair num local escolhido por ele.

7. Visto que as manifestações espontâneas são frequentemente permitidas, e mesmo provocadas, com o objetivo de convencer as pessoas da realidade do mundo espiritual, parece-nos que, se certos incrédulos fossem, eles mesmos, protagonistas ou testemunhas dessas manifestações, seriam forçados a render-se às evidências. Alguns queixam-se de nunca serem testemunhas de factos concludentes. Competirá, pois, aos Espíritos, a iniciativa de lhes dar a oportunidade de uma prova sensível?

Os ateus e os materialistas são, a todo o instante, testemunhas de formidáveis efeitos da potência de Deus e do seu pensamento. E, no entanto, esse facto não os impede de negar a Deus e de negar a alma.

Acaso os milagres de Jesus convenceram todos os seus contemporâneos? Os fariseus pediam-lhes: Mestre, faz-nos ver um prodígio. Estão exactamente na mesma atitude das pessoas do nosso tempo que, para acreditar, estão à espera que lhes aconteça qualquer manifestação reveladora! Se não se deixam

convencer pelas maravilhas da criação, como poderiam ser melhor convencidos mesmo que lhes aparecessem Espíritos da maneira mais evidente? Isso deriva do seu orgulho que os transforma em personagens obstinadas, imóveis na sua teimosia.

As ocasiões não lhes faltariam se as procurassem de boa-fé. É por essa razão que Deus não lhes faz a eles mais do que faz àqueles que procuram sinceramente instruir-se, porque só recompensa os homens de boa vontade. A sua incredulidade não impedirá a vontade de Deus de se realizar. Vede que também não impediu a doutrina de progredir. Não tenham medo da oposição dos que não crêem porque, perante a verdade e a razão, são o que a sombra é perante a luz, que só serve para avivar os contrastes.

Qual seria o mérito de os convencer pela força? Deus entrega-lhes a responsabilidade da sua teimosia, e essa responsabilidade é mais grave do que pensam. Felizes aqueles que acreditam sem ter visto, disse Jesus, porque não duvidam do poder de Deus.

8. Teria algum interesse evocar o Espírito a que nos referimos para lhe pedir algumas explicações?

Se quiserem, evoquem-no. Mas é um Espírito inferior e só vos dará respostas bastante insignificantes.

95. Conversa com o Espírito perturbador da Rua das Nogueiras.

1. Evocação

Porque é que me chamaram? Também querem levar umas pedradas? Largavam a fugir todos, não se estejam a armar em valentes!

2. Quando nos atirares pedras, não nos vais assustar. Se fores capaz podes já começar a atirar.

Aqui, talvez não conseguisse. Vocês estão bem guardados!

3. Na Rua das Nogueiras havia alguém para te ajudar a pregar partidas àquela gente?

Claro. Encontrei quem servia bem para isso. E não houve nenhum Espírito douto, sábio e prudente para me controlar. Eu sou alegre, gosto de me divertir à vontade!

4. Quem foi que te ajudou?

Uma empregada.

5. E era sem o seu conhecimento que te estava a ajudar?

Sim, era uma pobre rapariga. Estava cheia de medo.

6. Querias fazer mal a alguém?

Não, não queria fazer mal a ninguém. Mas os homens, que se apossam de tudo, distorcerão os factos da forma que melhor lhes convier.

7. Que queres dizer com isso? Não estamos a perceber.

O que eu queria era divertir-me, mas vocês estudarão a situação e terão aí mais um facto para mostrar que nós existimos.

8. Disseste que não querias fazer mal a ninguém. Mas partiste os vidros todos das janelas. Deste prejuizo às pessoas!

São miudezas...

9. Onde é que arranjaste as coisas para atirar?

São coisas vulgares. Apanhei-as no pátio e nos jardins vizinhos.

10. Encontraste as coisas *todas* para atirar ou fabricaste-as tu mesmo? (ver o Capítulo VIII).

Não fabriquei, nem compuz nada.

11. Se não encontrasses nada, terias podido fabricar objetos?

Era mais difícil. Mas, com rigor, misturamos materiais e isso faz um objeto qualquer.

12. Agora, diz-nos como é que as atiraste?

Isso é mais difícil de explicar. Tive que me servir da energia da rapariga, junto com a minha que é menos material. Pudemos assim, em conjunto, transportar várias coisas.

13. Gostávamos de saber quem tu és, se não te importas. Há quanto tempo é que acabou a tua vida aqui?

Há bastante tempo, para aí há uns cinquenta anos.

14. O que é que fazias?

Não fazia lá grande coisa. Andava ao trapo aí no bairro e as pessoas parodiavam comigo. Como me metia um bocado nos copos, gozavam comigo, e agora queria eu gozar com eles.

15. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste às nossas perguntas?

Tive aqui um professor.

16. Quem foi esse professor?

O vosso bom rei Luís.

Nota : Esta questão foi motivada pela natureza de algumas respostas, que parecem ultrapassar o alcance deste Espírito, pelo teor das ideias e pela forma da linguagem. Não é de admirar visto que teve o apoio de um Espírito mais esclarecido, que aproveitou esta ocasião para nos dar algumas informações. É um facto normal, mas observa-se particularmente neste caso em que, nas respostas em que há ajuda desse Espírito, a sua influência torna-se visível na própria escrita, que é mais regular e corrente. A escrita da trapeira é angulosa, vulgar e irregular, com um carácter bem diferente.

17. O que fazes agora? Tratas do teu futuro?

Ainda não. Ando ao acaso. Na Terra, sou tão pouco lembrada que ninguém ora por mim. Também não tenho ajudas, não trabalho.

Nota : Mais adiante vamos ver de que modo se pode contribuir para o avanço e para o alívio dos Espíritos inferiores, pela prece e pelos conselhos.

18. Quando vivias, como te chamavas?

Jeannet.

19. Pois bem, Jeannet, iremos fazer preces por ti, com muita fé. Diz-nos se a nossa evocação te deu prazer ou te contrariou.

Causou-me satisfação, porque sois boa gente, alegres, apesar de muito austeros. Correu bem, ouviram-me, estou satisfeita.

Espírito Jeannet

Fenómeno de transportes

96. Estes fenómenos só diferem dos que temos vindo a falar pela bondosa intenção dos Espíritos seus autores, pela natureza dos objetos sempre graciosos, e pela maneira doce e delicada como são trazidos ou transportados. Consiste no transporte espontâneo de algo que não existe no local onde se está presente, frequentemente flores, frutos, doces, enfeites.

97. Este fenómeno é dos que mais se presta à imitação e por isso é preciso ter cautela para evitar a fraude. Sabe-se até que ponto pode chegar a arte da prestidigitação neste género de experiências. Sem termos contacto com profissionais desse género de actuações, podemos ser facilmente enganados com manobras hábeis e interessadas.

As melhores garantias são *o carácter, a honra e o desinteresse absoluto* da pessoa que procura os efeitos. Além disso, o exame atento de todos os pormenores dos factos sucedidos. Por fim, a consciência esclarecida do espiritismo, pois só assim se podem descobrir gestos suspeitos.

98. A teoria sobre os fenómenos de transportes e de manidestações físicas em geral, está resumida de uma forma notável na dissertação seguinte, feita por um Espírito cujas comunicações têm qualidade incontestável de profundidade e de lógica. São publicadas nesta obra várias comunicações da sua autoria. Deu-se a conhecer pelo nome de *Erasto,* discípulo de São Paulo, e, como Espírito, protector do médium que lhe serviu de intérprete:

"São necessários, para obter este tipo de fenómenos, médiuns chamados *sensitivos,* dotados do mais alto grau de faculdades medianímicas de expansão e de penetrabilidade. O seu sistema nervoso, facilmente estimulável, permite-lhes projetar à sua volta, em profusão, mediante certas vibrações, o seu fluido animalizado.

As pessoas de natureza impressionável, cujos nervos vibram com os mínimos sentimentos e com as mais pequenas sensações, que são estimuladas pelas influências morais ou físicas, internas ou externas, são pessoas muito aptas a tornarem-se excelentes médiuns de efeitos físicos, de tangibilidade e de transporte.

O seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido da cobertura refractária que isola a maioria dos encarnados, torna-os aptos ao desenvolvimento desse género de fenómenos. Consequentemente, com pessoas desta natureza e cujas outras faculdades não são hostis à mediunização, obter-se-ão mais facilmente fenómenos de tangibilidade, pancadas vibradas nas paredes e nos móveis, movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte. Poderão, para além disso, alcançar-se tais resultados se, em vez de um médium, estiverem presentes vários médiuns igualmente bem dotados.

Entre a produção dos fenómenos físicos em geral, e os de transportes, há um mundo de diferenças. Neste caso, o trabalho do Espírito é mais complexo e difícil, e só pode usar um aparelho medianímico, isto é, vários médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenómeno. Pode até acontecer que a presença de pessoas antipáticas ao Espírito activo impeçam radicalmente a sua operação. Além deste inconveniente que, como se vê, tem muita importância, os transportes necessitam de grande concentração e, ao mesmo tempo, uma maior difusão energética, pelo que só podem ser executados por médiuns com os melhores dotes, ou seja, cujo aparelho *electromedianímico* disponha do melhor condicionamento.

Os fenómenos de transportes continuarão a ser muito raros. Não tenho necessidade de demonstrar por que motivo assim são e continuarão a ser, mais do que os outros fenómenos de tangibilidade. Do que fica dito deduzireis a razão por vós mesmos. Aliás, estes fenómenos são de uma natureza tal, que nem todos os médiuns e nem todos os Espíritos são aptos para os produzir. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium mobilizado exista uma certa afinidade, uma certa analogia, numa palavra, uma parecença que permita à parte expansível da energia perispiritual [6] do encarnado, misturar-se, unir-se ou combinar-se com a do Espírito que vai fazer um transporte. Esta união deve ser tal que a força resultante se transforme, por assim dizer, *numa só,* do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. E porquê esta união, porquê esta fusão, perguntareis?

É que, na produção destes fenómenos, é preciso que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas por algumas do mediunizado; é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenómenos medianímicos, é qualidade *exclusiva* do encarnado, e que, por consequência, o Espírito operador é obrigado a impregnar-se dele. Só então poderá, por meio de certas propriedades do vosso meio

[6] Quando se exprime uma ideia nova com uma palavra que não existe, os Espíritos criam neologismos. As palavras *electromedianímico* e *perispiritual*, não foram criadas por nós. Os que nos criticaram por termos criado as palavras *espírita, espiritismo* e *perispírito*, que não existiam ainda, terão que criticar os Espíritos por isso, e não a nós.(A.K.)

ambiente que vos são desconhecidas, isolar, tornar invisíveis e fazer mover certos objetos materiais e até pessoas.

Não me é permitido, por agora, revelar as leis especiais que regem os gases e as energias que vos cercam. Antes que passe o tempo de vida de um ser humano, a explicação dessas leis e desses fenómenos ser-vos-á revelada, e surgirá uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico especial, quando estiverem mediunizados.

Reparem nas dificuldades da produção dos fenómenos de transporte. É lógico concluir-se que, além de raros, como disse, os Espíritos dedicam-se muito pouco a eles. É, para os Espíritos, um trabalho quase material, que os aborrece e fatiga. Além disso, acontece muitas vezes que, apesar da sua energia e vontade, o estado do médium opõe-lhes uma barreira intransponível.

É evidente, e o vosso raciocínio o confirmará, que os fenómenos tangíveis de pancadas, movimentos e suspensões, são fenómenos simples, que se operam pela concentração e dilatação de certos fluidos, e que podem ser realizados pela vontade e pelo trabalho de médiuns aptos, quando secundados por Espíritos amigos e benévolos. Enquanto os fenómenos de transportes são multiplos, complexos, exigem condições especiais e só podem ser levados a cabo por um só Espírito e um só médium que necessitam, para além das condições de tangibilidade, uma combinação muito especial para isolar e tornar invisíveis os objetos a transportar

Todos os espíritas irão compreender as minhas explicações sobre fenómenos produzidos pela concentração de energias especiais para locomoção e palpabilidade de matéria inerte. Vós acreditais neles tais como acreditais nos fenómenos da electricidade e do magnetismo, com os quais os factos medianímicos têm plena semelhança, sendo a sua consagração e desenvolvimento.

Quanto aos incrédulos, e aos sábios ainda piores que os incrédulos, não vou ter o trabalho de os convencer, não me ocupo deles, já que um dia será a força das evidências que os fará inclinarem-se perante os factos espíritas, tal como já aconteceu perante tantas outras circunstâncias, que de início tinham rejeitado.

Em resumo: se os fenómenos da tangibilidade são frequentes, os de transporte são raros, porque as condições necessárias são muito difíceis de reunir. Nenhum médium poderá dizer o dia nem a hora em que poderá obter um transporte. Muitas vezes o próprio Espírito está ocupado com outras tarefas. Além disso, fenómenos destes são ainda mais difíceis em público, pela presença de agentes energeticamente refractários, que paralisam os esforços do Espírito e com maior razão a ação do médium. É em privado que costumam ter lugar, espontaneamente e quase sempre sem o conhecimento prévio do médium e sem premeditação. Será motivo de suspeita que um médium se vanglorie de os obter à vontade, ou, dito de outra forma, mandar nos Espíritos como se fossem simples servidores, o que seria um total absurdo.

Alem disso, deveis ter como regra geral que os fenómenos espíritas não são para dar espectáculo ou divertir curiosos. Se houver Espíritos que se prestem a isso, só para coisas muito simples, e não para transportes ou outras igualmente complexas, que exigem condições excecionais.

Lembrem-se espíritas, que se é absurdo rejeitar por sistema todos os fenómenos de além-túmulo, também não é inteligente aceitá-los a todos cegamente. Quando se apresentarem fenómenos de tangibilidade, aparição, vidência ou transporte, espontanea e instantaneamente, aceitai-os, mas insisto que examinem minuciosamente cada um deles. O espiritismo, tão rico de fenómenos sublimes e elevados, nada tem a ganhar com pequenas manifestações facilmente imitáveis por hábeis prestidigitadores.

Sei bem que me vão dizer que tais fenómenos são úteis para convencer um ou outro incrédulo, mas sabei que, se não tivésseis outros meios de convicção, não teríeis hoje a centésima parte dos espíritas com que podeis contar.

Será mais útil falar ao coração. É por aí que se fazem as conversões mais sérias.

Se acreditais que é útil para certas pessoas utilizar os fenómenos materiais, apresentai-os, pelo menos, de tal forma que não se prestem às mínimas dúvidas ou falsas interpretações. E, sobretudo, não

saiais das condições normais desses factos, porque apresentados de maneira imprópria, podem fornecer aos incrédulos mais razões para duvidarem, do que para serem convencidos."

Espírito Erasto

99. Os fenómenos que temos estado a considerar têm uma característica muito especial. Há certos médiuns que apenas conseguem produzi-los no seu estado sonambúlico. Isso explica-se facilmente porque, nesse estado, há um desprendimento natural, uma espécir de isolamento do Espírito e do perispírito, que pode facilitar a combinação necessária de energias. Foi isso que testemunhámos em certos casos de transporte.

As questões seguintes foram dirigidas ao Espírito que as tinha produzido, mas as respostas refletem, por vezes, a sua insuficiência. Foi ao Espírito chamado Erasto, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, que as submetemos e que as completou de forma muito criteriosa.

Um fenómeno passa-se com um artesão e o outro com um sábio. A comparação destas duas inteligências oferece um estudo interessante, porque prova que não basta ser Espírito para compreender tudo.

1. Diga-nos por que razão só efectuou transportes com o médium no estado de sono magnético?

– Isso depende das suas características. Os fenómenos que produzo com um médium nesse estado, também poderia produzi-los com outro médium que estivesse acordado.

2. Por que razão demora tanto a chegada dos objetos, e por que motivo estimula tanto a cobiça do médium em receber o objeto prometido?

– Preciso desse tempo para reunir a energia que produz o fenómeno. Quanto à expectativa, por vezes é só para divertir os assistentes e o sonâmbulo.

Nota de Erasto: As respostas não revelam grande conhecimento do Espírito. Não percebe o motivo dessa cobiça que estimula instintivamente sem conhecer o seu efeito. Julga que está a divertir alguém quando, de facto, apenas provoca um aumento de produção fluídica. É uma consequência da dificuldade do fenómeno, que é tanto maior quanto menos espontâneamente for produzido, sobretudo com certos médiuns.

3. A produção do fenómeno tem alguma relação com a natureza do médium, e poderia ser produzido por outros médiuns com mais facilidade e rapidez?

– Está relacionada com a qualidade do médium e só se pode produzir com naturezas correspondentes; no que toca à rapidez, a continuidade de trabalho com o mesmo médium é uma grande vantagem.

4. A influência das pessoas presentes tem algum significado?

– No caso de serem pessoas incrédulas e adversas aos fenómenos espíritas, podem ser muito prejudiciais. Gostamos mais de trabalhar com a assistência de crentes e conhecedores do espiritismo, mas isso não significa que as vontades adversas possam paralizar-nos completamente.

5. Onde fostes buscar as flores e os bonbons que trouxestes?

– As flores vou buscá-las aos jardins onde as encontro mais bonitas.

6. E os bonbons? O vendedor pode ter dado conta de que lhe faltam alguns?

– Apanho-os onde me agrada; os vendedores não dão por nada porque coloquei outros no seu lugar.

7. Mas os anéis são valiosos, onde pudestes ir buscá-los? Isso não irá prejudicar o dono a quem os tirastes?

– Tirei-os de sítios completamente desconhecidos e de maneira a não provocar prejuízos a ninguém.

Nota de Erasto : A explicação dada é insuficiente devido à capacidade do Espírito que respondeu. De facto, pode ter cometido um erro, mas não quis dar a ideia de ter falhado em nada. Um objeto só pode ser substituido por

outro idêntico, da mesma forma e do mesmo valor. Por isso, se um Espírito tiver a possibilidade de substituir por um objeto semelhante aquele de que se apoderou, não há razão para ter-se apoderado dele, entregando nesse caso o objeto de substituição.

8. É possível oferecer flores trazidas de outro planeta?

–Não, isso não me é possível.

A Erasto: Outros Espíritos poderiam fazê-lo?

– Não é possível devido às diferenças do meio ambiente.

9. Poderíeis trazer flores de outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo?

– Se for da Terra, posso.

10. Poderíeis fazer desaparecer e devolver os objetos que trouxestes?

– Da mesma forma que os trago, também posso devolvê-los à minha vontade.

11. A realização de fenómenos de transporte causa-vos dificuldades ou atrapalhação?

– Dificuldades, não, quando estamos autorizados. Seria muito grave se quiséssemos realizá-los sem autorização.

Nota de Erasto: Não quer reconhecer as suas dificuldades, mesmo que as tenha sentido, visto que foi obrigado a realizar uma operação, por assim dizer, material.

12. Quais são as dificuldades que encontrais?

– Nenhuma, além das más disposições fluídicas que podem ser-nos contrárias.

13. Como trazeis os objetos, na mão?

– Não, trazêmo-los envolvidos em nós mesmos.

Nota de Erasto: Não explica muito bem esta operação, porque realmente não envolve em si mesmo o objeto. Visto que o seu campo energético é dilatável, penetrável e expansível, combina uma parte dele com a energia animalizada do médium e é nesse conjunto que esconde e transporta o objeto. Dizer que o envolve em si, não é exacto.

14. Seria possível transportar objetos mais pesados, digamos, de 50 quilos?

– O peso não tem significado para nós. Oferecemos flores porque é um objeto mais agradável do que algo pesado.

Nota de Erasto : É certo. Pode transportar 100 ou 200 quilos de objetos porque o peso que existe para vós, não existe para ele. Mas também não compreende bem o que se passa. A combinação energética tem de ser proporcional à massa dos objetos, ou seja, a força deve ser em função da resistência. Se o Espírito transporta apenas uma flor ou um objeto leve, é muitas vezes porque não consegue, da parte do médium, ou de si mesmo, as condições para um esforço maior.

15. Alguma vez aconteceu o desaparecimento de objetos, cuja causa é ignorada e na realidade é devida aos Espíritos?

– Muitas vezes, mais frequentemente do que se julga, o que pode ser resolvido pedindo ao Espírito a devolução do objeto desaparecido.

Nota de Erasto : É certo. Mas o que é levado, é bem levado, porque os objetos que vos faltam foram levados para muito longe. Como trazer tais objetos exige os mesmos recursos energéticos que a sua subtração, só podem fazer isso médiuns especialmente dotados. Quando qualquer coisa desaparece isso deve-se mais às vossas distrações do que à ação dos Espíritos.

16. Há alguns efeitos considerados fenómenos naturais que podem ter sido acções produzidas por Espíritos?

– Sim, há inúmeras coisas que ninguém nota nem compreende, porque nem pensais nisso e que, com um pouco de sentido de observação, poderíeis notar com clareza.

Nota de Erasto: Não atribuam aos Espíritos coisas produzidas pelos humanos. Mas acreditem na sua constante influência oculta, que produz à vossa volta milhares de coisas e incidentes necessários ao cumprimento dos vossos actos e da vossa existência.

17.Entre os objetos trazidos há alguns que tenham sido fabricados pelos Espíritos, quer dizer, produzidos espontaneamente por modificações que eles podem fazer através de transformações do fluido universal?

– Por mim, não, porque não estou autorizado. Só os Espíritos elevados podem fazê-lo.

18. Como conseguistes, há dias, trazer aqui para dentro os objetos, com a sala fechada?

– Fi-los entrar comigo, envolvidos, por assim dizer, na minha substância. Mais pormenores não posso explicar.

19. Como tornastes esses objetos visíveis, depois de terem estado invisíveis?

– Retirei a matéria em que estavam envolvidos.

Nota de Erasto : Não foi a matéria, mas uma combinação energética fornecida metade do perispírito do médium e metade do perispírito do Espírito que produz o fenómeno.

20. *A Erasto* : Um objeto pode ser trazido para um sítio totalmente fechado? O Espírito pode espiritualizar um objeto material, de maneira a poder atravessar a matéria?

– Essa pergunta é difícil. O Espírito pode tornar invisíveis os objetos, mas não pode torná-los penetráveis. Não pode desagragar a matéria, o que destruiria o objeto. Tornado invisível, pode trazê-lo quando quiser, tornando-o visível no momento conveniente.

Com os objetos compostos por nós, não se passa o mesmo. Como só trazemos elementos da matéria fluídica, e como esses elementos são essencialmente penetráveis, assim como atravessamos os corpos mais densos com a mesma facilidade com que os raios de sol atravessam as vidraças, podemos afirmar que introduzimos um objeto em locais, por mais fechados que estejam. Mas é só nestes casos.

Nota : Ver a seguir, para a teoria da formação espontânea dos objetos, o Capítulo VIII – *Laboratório do Mundo Invisível.*

CAPÍTULO VI – Manifestações visuais

Sobre as aparições

100. As manifestações espíritas, mais interessantes de todas, são aquelas em que os Espíritos se nos revelam visualmente. Pela explicação deste fenómeno se verá que não é um fenómeno mais sobrenatural que os outros. Vamos dar as respostas que foram dadas pelos Espíritos a este respeito.

1. Os Espíritos podem tornar-se visíveis?

Sim, sobretudo durante o sono; algumas pessoas podem vê-los acordadas, mas é mais raro.

Nota: Enquanto o corpo repousa, o Espírito liberta-se das suas ligações materiais. Fica mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos, com os quais entra em comunicação. O sonho é a lembrança desse estado. Quando não nos lembramos de nada dizemos que não sonhámos, mas não é por isso que a alma não esteve alerta, entretanto, vivendo a sua liberdade. Vamos então falar principalmente nas aparições de Espíritos, estando nós acordados. [7]

2. Os Espíritos que se manifestam à vista são de que nível hierárquico?

– Podem pertencer a qualquer nível, dos mais aos menos elevados.

3. Todos os Espíritos podem manifestar-se visualmente?

– Todos; mas nem sempre têm autorização ou vontade para isso.

4. Com que finalidade se manifestam visualmente os Espíritos?

– Depende; segundo o seu nível moral, a finalidade pode ser boa ou má.

5. Se for má a finalidade da sua manifestação visual, como pode o Espírito ser autorizado?

– Nesses casos, constituirá uma prova para aqueles a quem se mostrarão. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado poderá ser bom.

6. Qual poderá ser a finalidade dos Espíritos que têm má intenção, em se deixar ver?

– Assustarem ou vingarem-se de alguém.

Qual será a finalidade dum Espírito com boas intenções?

– Consolar as pessoas que sentem a sua falta, provar-lhes que existem e que estão perto delas; dar-lhes conselhos e às vezes pedirem auxílio para si mesmos.

7. Que inconveniente haveria se os Espíritos se tornassem todos permanentemente visíveis? Não seria um meio para tirar as dúvidas aos mais incrédulos?

– Se as pessoas estivessem permanentemente rodeadas de Espíritos, a sua visão perturbá-las-ia, constrangia-as nas suas atividades e tirar-lhes-ia a iniciativa na maior parte dos casos. Sentindo-se sós, as pessoas agem com mais liberdade. Quanto aos incrédulos, têm razões suficientes para se convencerem, se quiserem aproveitá-las e se não se deixarem cegar pelo orgulho. Sabeis bem que há pessoas que viram e não acreditam mais por isso, dizendo que não passam de ilusões. Não vos inquieteis com essas pessoas, Deus se encarregará delas.

Nota: Seria tão inconveniente vermo-nos constantemente na presença de Espíritos como ver o ar que nos rodeia, ou a multidão de bichinhos microscópios que pululam à nossa volta e sobre nós mesmos. A conclusão a tirar é de que o que Deus faz é bem feito e de que é ele quem melhor sabe o que nos convém.

8. Se a visão dos Espíritos tem inconvenientes, porque será permitida em certos casos?

---

[7] Para conhecer mais pormenores a respeito do estado do Espírito durante o sono, ver "*O Livro dos Espíritos";* Livro Segundo; Capítulo VIII – *Emancipação da Alma,* pergunta nº 409. (A.K.)

– É para dar uma prova de que tudo não morre com o corpo e de que a alma conserva a sua individualidade após a morte. A sua imagem passageira chega para dar essa prova e provar a presença dos vossos amigos junto de vós, sem ter os inconvenientes da sua permanência.

9. Nos mundos mais avançados que o nosso, a visão dos Espíritos é mais frequente?

– Quanto mais as pessoas se aproximam da sua natureza espiritual, mais facilmente entram em contacto com os Espíritos. É a densidade do vosso corpo material que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres imateriais.

10. É racional ter medo da aparição de um Espírito?

– Quem reflectir deve compreender que um Espírito, seja qual for, é menos perigoso que um vivo. Os Espíritos, aliás, andam por todo o lado e não é preciso vê-los para se saber que estão ao nosso lado. O Espírito que quiser causar dano pode fazê-lo sem que se mostre e com maior eficácia. Não é perigoso por ser Espírito, mas pela influência que tem no pensamento, afastando o bem e atraindo o mal.

Nota : As pessoas que têm medo de estar sozinhas ou do escuro desconhecem a razão desse problema. Em verdade mais medo deveriam ter de encontrar pessoas do que de encontrar Espíritos. De facto, um malfeitor é mais perigoso em vida do que depois de morto. Uma senhora nossa conhecida teve, de noite, uma aparição no seu quarto, tão bem caracterizada, que julgou realmente tratar-se de uma pessoa. A sua primeira impressão foi de susto, mas, quando se deu conta do que era, disse: é só um Espírito, posso dormir descansada.

11. Quem encontrar um Espírito, pode ter uma conversa com ele?

– Perfeitamente, e é isso que deve fazer-se nesses casos, perguntando-lhe quem é, o que deseja e se podemos ser-lhe úteis nalguma coisa. Se o Espírito estiver infeliz ou a sofrer, a compaixão que lhe demonstrarmos aliviá-lo-á. Se for um Espírito bondoso, pode ter a intenção de nos dar bons conselhos.

Como poderá, nesse caso, responder-nos?

– Por meio de palavras, como o faria uma pessoa viva, mas, o mais frequente é o uso da transmissão de pensamentos.

12. Os Espíritos que se mostram com asas, têm asas realmente ou não passam de uma aparência simbólica?

– Os Espíritos não têm asas, não necessitam delas, porque, como Espíritos, podem deslocar-se com toda a facilidade. Aparecem da forma com que desejam impressionar a pessoa a quem se mostram. Uns aparecerão com a roupa vulgar, outros envoltos em tecidos, alguns com asas, como atributo da categoria do Espírito que representam.

13. As pessoas que vemos em sonhos são realmente quem parecem ser?

– São quase sempre as pessoas que o vosso Espírito procura encontrar, ou as que vêm ao vosso encontro.

14. Os Espíritos brincalhões poderão tomar a aparência de pessoas nossas amigas, para nos enganarem?

– Só tomam aspectos fantásticos para se divertirem à nossa custa. Mas há coisas com as quais não lhes é permitido brincar.

15. Sendo os pensamentos uma espécie de evocação, podem provocar a presença de certos Espíritos. Porém, por que motivo aqueles em que mais pensamos, que teríamos imenso gosto em ver, nunca nos aparecem em sonhos, sendo habituais os encontros com estranhos e desconhecidos, nos quais nunca pensamos?

– Os Espíritos não têm a possibilidade de se manifestarem visualmente, mesmo em sonhos, apesar do desejo que temos de os encontrar. Há motivos alheios à sua vontade que os impedem disso. Também pode ser uma prova que devem enfrentar, e que o desejo mais intenso não pode conseguir. Quanto aos estranhos e desconhecidos, não pensando vós neles, podem eles pensar em vós.

Não vos é possível fazer uma ideia exacta das relações no mundo dos Espíritos. Aí encontrareis em grande número as entidades vossas conhecidas no passado, das quais – quando acordados – não fazemos sequer a mínima ideia.

Nota : Como não há forma de controlar as visões ou aparições, poderíamos julgar que são alucinações. Sendo muitas confirmadas pelos acontecimentos, está excluída a hipótese da serem produto da imaginação. Temos por exemplo as visões no leito de morte, em sonhos ou acordados, de pessoas de quem nada se sabe e que, por sinais vários, vêm revelar as circunstâncias inesperadas do seu próprio fim.

Tem havido cavalos a empinarem-se recusando-se a avançar perante certas visões que assustam aqueles que os conduzem. Se a imaginação tem os seus efeitos sobre as pessoas, certamente nada representa nos animais. De resto, se as imagens que vemos em sonhos fossem devidas a preocupações da véspera, por que motivo nunca sonhamos com coisas que tanto nos afligem?

16. Porque é que certas visões são mais frequentes em casos de doença?

– Essas têm também lugar no estado de saúde. Acontece, porém, que estando doentes, os laços da materialidade se encontram enfraquecidos e a fraqueza do corpo deixa o Espírito em liberdade, e assim mais facilmente entra em contacto com outros Espíritos.

17. As visões espontâneas parecem ser mais frequentes em certas regiões. Haverá povos mais dotados do que outros para este tipo de manifestações?

– Tendes relatórios detalhados de todas as visões que acontecem? As vidências, os ruídos, todos esses fenómenos, enfim, espalham-se por toda a Terra, embora tenham as características próprias daqueles a quem se dirigem. Por exemplo, se são gente pouco letrada, é normal que não haja médiuns escreventes, enquanto noutros lugares abundam. Além disso, são mais frequentes os ruídos e os movimentos e menos abundantes serão os que incluem comunicações inteligentes, onde tais fenómenos serão menos apreciados ou procurados.

18. Porque é que as aparições acontecem mais frequentemente de noite? Será o efeito produzido pelo silêncio e pelo escuro sobre a imaginação?

– É pela mesma razão que as estrelas se veem melhor de noite do que de dia. A claridade diurna pode apagar aparições subtis. Mas é um erro julgar que a noite é causadora das visões. Um inquérito poderia provar que a maior parte delas ocorre durante o dia.

Nota: As aparições são muito mais numerosas e generalizadas do que se julga. Há muitas testemunhas que não falam nelas pelo receio de cair no ridículo, outros julgam tratar-se de ilusões. A ideia de que as aparições sucedem com maior frequência entre certos povos, deve-se ao hábito que têm de cultivar a memória de tradições, verdadeiras ou falsas, quase sempre exageradas pela atração do maravilhoso em certas culturas locais. A credulidade, nesses casos, leva a que se vejam efeitos sobrenaturais nos fenómenos mais vulgares. O silêncio da solidão, as escarpas das ravinas, os murmúrios da floresta, o eco das montanhas, o rugido das tempestades, a forma fantástica das nuvens e as sombras, as miragens, tudo se presta à imaginação simples e ingénua, que conta de boa-fé o que viu ou o que julgou ver. Como ao lado da ficção existe a realidade, compete ao estudo sério do espiritismo a tarefa fundamental de retirar os acessórios ridículos e nocivos da superstição.

19. A visão dos Espíritos acontece no estado normal, ou apenas em êxtase?

– Pode ter lugar em condições perfeitamente normais. No entanto, os videntes encontram-se frequentemente numa situação especial, vizinha do êxtase, que lhes confere uma espécie de dupla vista. (Ver « *O Livro dos Espíritos* », pergunta nº 447).

20. As pessoas que vêem os Espíritos, vêem-nos pelos olhos?

– Julgam que sim. Na realidade é a alma que vê. E a prova disso está no facto de poderem continuar a vê-los de olhos fechados.

21. Como é que o Espírito pode tornar-se visível?

– O princípio é o mesmo de todas as manifestações. Depende das propriedades do perispírito, que pode modificar-se à vontade do Espírito.

22. O Espírito pode tornar-se visível, ou só pode fazê-lo por intermédio do perispírito?

– No estado material, os Espíritos só podem manifestar-se por intermédio do perispírito, corpo semimaterial. É o intermediário pelo qual agem sobre os vossos sentidos. É sob essa estrutura energética que tomam forma humana ou outra, durante os vossos sonhos ou quando acordados, tanto com luz como no escuro.

23. É pela condensação da energia perispiritual que o Espírito se torna visível?

– Condensação não será o termo. É uma comparação que vos ajuda a compreender o fenómeno, porque não há de facto condensação. A combinação da estrutura energética do perispírito toma uma disposição especial que não tem analogia para vós, e que o torna visível.

24. Os Espíritos que se tornam visíveis são inapreensíveis ou imperceptíveis ao tacto?

– São inapreensíveis, como num sonho, no seu estado normal. Contudo, é-lhes possível produzir a sensação do toque material, deixar até sinais da sua presença e mesmo, em certos casos, tornarem-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre vós e os Espíritos existe matéria.

25. Todas as pessoas têm a capacidade de ver os Espíritos?

– Durante o sono, sim, mas acordados, não. No sono, a alma vê sem necessitar de intermediário. Quando acordados, a percepção depende dos órgãos próprios. Por isso, são condições diferentes.

26. De que é que depende a faculdade de ver os Espíritos estando acordados?

– Depende do organismo físico e da maior ou menor capacidade de haver combinação entre a energia do observador e a do Espírito. Como tal, não basta que o Espírito queira mostrar-se, também é necessário que encontre na pessoa a quem quer mostrar-se as faculdades próprias para isso.

Essas faculdades podem desenvolver-se pelo exercício?

– Podem, como todas as outras faculdades. Neste caso, porém, vale mais esperar o seu desenvolvimento natural, para não sobre-excitar a imaginação. A capacidade de ver os Espíritos de forma permanente é excepcional e não pertence às condições normais dos seres humanos.

27. Pode provocar-se a aparição dos Espíritos?

– Pode, mas muito raramente. É quase sempre espontânea e requer faculdades especiais.

28. Os Espíritos podem apresentar-se sob formas não-humanas?

– A forma humana é a forma normal de se apresentarem. O Espírito pode variar de aparência, mas sempre dentro do tipo humano.

Podem aparecer sob a forma de uma chama?

– Podem produzir chamas, clarões e outros efeitos visuais, para afirmar a sua presença, mas tais efeitos não representam o Espírito em si. A chama será uma miragem ou emanação do perispírito, ou melhor, de parte dele. O perispírito só aparece por inteiro nas visões.

29. Qual a relação entre os fogos-fátuos e a presença de almas ou Espíritos?

– Deriva unicamente da superstição e da ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida.

A chama azul que se diz ter aparecido sobre a cabeça de Servius Tullius, em criança, foi fábula ou realidade? [15 – Servius Tullius]

– Foi uma realidade produzida pelo Espírito familiar que queria avisar a mãe. Esta, médium vidente, tinha notado um sinal do Espírito protetor do seu filho. Os médiuns videntes têm diferentes capacidades de visão, da mesma forma que os vossos médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa. Enquanto esta mãe via apenas uma chama, um outro médium teria visto o próprio corpo do Espírito.

30. Os Espíritos podem apresentar-se sob a forma de animais?

– Isso pode acontecer, mas são só os Espíritos muito inferiores que tomam esse aspecto. Em todo o caso, seria apenas uma aparência momentânea, visto que seria absurdo acreditar que um animal qualquer pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são apenas animais, e nunca mais do que isso.

Nota : Só a superstição pode fazer crer que certos animais são animados por Espíritos. É preciso uma imaginação muito condescendente ou muito emocionada para ver algo de sobrenatural na estranheza com que às vezes se apresentam. O medo faz por vezes ver o que não existe, mas nem sempre é o medo a fonte desta ideia. Conhecemos uma senhora, muito inteligente aliás, que tinha um afecto invulgar por um grande gato preto, ao ponto de julgar que ele era dotado de uma natureza que ia *para além do animal*. Nunca tinha ouvido falar no espiritismo. Se o conhecesse, compreenderia o ridículo da causa da predilecção pelo seu gato, pois este provar-lhe-ia a impossibilidade de tal metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações mais comuns de aparições têm lugar durante o sono, em sonhos. São as visões. Não é possível aqui analisar pormenorizadamente os sonhos. Em resumo, podem ser: visões atuais de coisas presentes ou ausentes; visões retrospectivas do passado e, em certos casos excepcionais, pressentimentos do futuro. São também quadros alegóricos apresentados pelos Espíritos que por esse meio nos avisam ou aconselham de forma útil, se forem Espíritos bons; ou para nos induzir em erro ou lisongear as nossas paixões, se forem Espíritos imperfeitos.

A teoria que se segue aplica-se aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições. (Ver « *O Livro dos Espíritos* » pergunta nº 400 e seguintes.)

Relativamente ao que se chama vulgarmente a "interpretação dos sonhos" trata-se de um exercício inútil, sem o mínimo interesse.

102. As aparições propriamente ditas têm lugar no estado de vigília, isto é, quando as pessoas estão acordadas, em liberdade e no pleno uso das suas faculdades. Apresentam-se geralmente sob a forma vaporosa e diáfana, por vezes vaga e indecisa. Começam por ser uma luminosidade esbranquiçada, cujos contornos vão ganhando forma. Outras vezes, as formas são nítidas e podem ver-se os mínimos detalhes do rosto, ao ponto de ser possível descrevê-los de forma pormenorizada. Os gestos e o aspecto são semelhantes ao que era o Espírito quando vivo.

Podendo assumir aparências muito variadas, o Espírito apresenta aquela que melhor facilita a sua identificação, se esse for o seu desejo. Já não sofrendo, na qualidade de Espírito, de enfermidades corporais, poderá aparecer com todas as deficiências físicas, sinais, cicatrizes e características fisionómicas que tinha quando vivo, para comprovar a sua identidade. Por exemplo: Ésopo, como Espírito, não tem deformações; porém, se for evocado na sua condição pessoal, mesmo que tenha tido várias encarnações posteriores, aparecerá feio e corcunda, como foi conhecido, usando o seu traje tradicional.

Um pormenor interessante: a menos que seja em circunstâncias especiais, as partes menos desenhadas das entidades visionadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre nitidamente apresentados. Também quase nunca são vistos a caminhar, mas a deslizar, como sombras.

Quanto aos trajes, nos Espíritos Superiores compõem-se geralmente de tecidos drapeados terminando em longas pregas flutuantes, e uma cabeleira ondulante e graciosa. É o mínimo que caracteriza os Espíritos que já nada conservam dos seus hábitos terrestres. Quanto às pessoas normais, que foram nossas conhecidas, mostram o vestuário que usaram na fase final da sua existência.

Os Espíritos superiores usam frequentemente os atributos próprios da sua elevação, como uma auréola, enquanto outros usam os que lembram as suas ocupações terrenas: um guerreiro poderá aparecer com a armadura, um sábio com livros, um assassino com o punhal, etc..

Os Espíritos superiores apresentam uma bela imagem, nobre e serena. Os inferiores têm algo de selvagem ou animalesco, e algumas vezes trazem ainda traços dos crimes que cometeram ou dos sofrimentos porque passaram.

As questões das roupas e dos acessórios são as que causam maior surpresa, e serão tratadas num capítulo especial, por se ligarem a outros factos importantes.

103. Foi dito que as visões têm algo de vaporoso. Podem comparar-se à imagem refletida por um espelho sem amálgama de estanho que, apesar da nitidez, deixa ver os objetos através do vidro, confundindo a imagem observada. É assim que os médiuns videntes descrevem a visão das entidades espirituais: vêem-nas vir, entrar e sair de um compartimento, andar por entre as pessoas vivas, com o aspeto, para os Espíritos vulgares, de quem participa em tudo o que se passa à sua volta, interessados, escutando o que se diz. Às vezes vêem-nas aproximar-se de alguém sugerindo ideias, influenciar ou consolar, se são boas, ou maltratar se são más; mostrarem-se contentes ou tristes com os resultados que conseguem. É, numa palavra, um desdobramento do mundo corporal.

É assim o mundo oculto que nos cerca, no qual vivemos sem darmos conta, tal como também vivemos, inconscientemente, mergulhados na infinidade de seres do mundo microscópico. Os microscópios revelaram-nos o mundo do infinitamente pequeno de que não tinhamos a mínima ideia.

O espiritismo, ajudado pelos médiuns videntes, revelou-nos o mundo dos Espíritos que, também ele, é uma das forças activas da natureza. Com a ajuda dos mediuns videntes, estudámos o mundo invisível, começando a perceber os seus hábitos, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível, com a ajuda de alguém que, milagrosamente, pudesse emprestar-lhes a visão. (Ver mais adiante, no *Capítulo dos Médiuns*, o artigo a respeito dos "*médiuns videntes").*

104. O Espírito que quer ou pode mostrar-se apresenta uma forma ainda mais nítida, com todas as características de um corpo material, a ponto de produzir uma ilusão perfeita e fazer crer, a quem o veja, que está perante um ser corporal.

Em certos casos e em certas circunstâncias, pode atingir a tangibilidade real, isto é, pode ser tocado, palpado, pode até mostrar resistência e o calor de um corpo vivo, o que não o impede de desaparecer instantâneamente. Nesse caso, deixa de ser pelos olhos que se reconhece a sua presença, mas pelo tacto. Se a aparição simplesmente visual for atribuida a uma ilusão ou fascinação, a dúvida quanto à sua realidade não é admissível quando se lhe pode tocar, quando ela mesma nos pode abraçar.

As aparições palpáveis são as mais raras. Contudo, aquelas que aconteceram recentemente por influência de médiuns de alta capacidade [8], e que têm toda a autenticidade de testemunhos irrecusáveis, provam e confirmam aquelas que a História relata, de pessoas que se mostraram depois da sua morte com todas as aparências da realidade.

De resto, como dissemos, por muito extraordinários que sejam tais fenómenos, todo o maravilhoso desaparece quando se conhecem as suas causas naturais e, longe de constituirem uma revogação das leis da natureza, são apenas o resultado de aspectos desconhecidos das mesmas.

105. Pela sua natureza e no seu estado normal, o perispírito é invisível. Isso é o que acontece com uma enorme quantidade de manifestações energéticas que sabemos que existem, mas que não vemos. Pode acontecer que, em determinadas condições, algumas dessas manifestações possam tornar-se visíveis devido a uma espécie de condensação ou a modificações da sua estrutura molecular. É então que nos

---

[8] Entre outros o Senhor Home (A.K.)

aparecem sob forma vaporosa. A condensação (palavra que não deve ser tomada à letra, apenas a empregamos a título de comparação, por não termos outra) pode ser tal que o perispírito adquire as propriedades de um corpo sólido e tangível, as quais também pode perder de um momento para o outro, retomando o seu estado etéreo e invisível. Podemos entender este efeito comparando-o ao vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e *vice-versa*. Estes diferentes estados do perispírito são resultado da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior como nos gases.

Quando um Espírito nos aparece, é porque coloca o seu perispírito no estado adequado para torná-lo visível. A sua vontade, porém, não basta, porque a modificação do perispírito depende da sua combinação com o próprio fluido do médium; ora, esta combinação nem sempre é possível, e é a razão pela qual a visibilidade dos Espíritos não é geral. Não basta que o Espírito queira aparecer e não basta que haja alguém que deseje vê-lo. É necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que haja entre eles uma certa afinidade. A pessoa que quer ver o Espírito pode dispor de bons fluidos que ajudem o perispírito a transformar-se, havendo ainda outras condições que nos são desconhecidas.

É necessário, enfim, que o Espírito esteja autorizado a mostrar-se a certa pessoa, o que só acontece em condições muito especiais, que não estão ao nosso alcance apreciar.

106. Uma outra propriedade do perispírito, que depende da sua natureza imaterial, é a penetrabilidade. Não há obstáculos materiais que o detenham e atravessa-os a todos, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não se pode impedir um Espírito de entrar seja onde for. Entram numa prisão fechada como atravessam um campo aberto.

107. As aparições a pessoas acordadas não são raras nem recentes. Sempre existiram e a História registou um grande número delas. Mas não é preciso recuar ao passado; actualmente são frequentes e muitas pessoas, a quem sucedem pela primeira vez, tomam-nas como se fossem alucinações. Acontecem geralmente no caso da morte de pessoas ausentes que vêm visitar parentes ou amigos. Não têm objetivos muito definidos, são em geral visitas de simpatia.

Se forem consultadas memórias antigas, há poucas pessoas que nunca tenham ouvido relatar factos deste género, cuja autenticidade a generalidade das pessoas não coloca minimamente em dúvida.

Espíritos esféricos

108. Acrescentaremos às considerações precedentes o exame de alguns efeitos óticos que deram lugar à estranha teoria dos "*Espíritos esféricos".*

O ar nem sempre é de uma limpidez absoluta e há certas circunstâncias em que as correntes das moléculas e a sua agitação produzida pelo calor são perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isto por aglomerações de Espíritos que se agitam no espaço; Basta-nos mencionar esta opinião para a refutar.

Mas há outra espécie de ilusão, não menos estranha, contra a qual é bom, igualmente, estar precavido. O humor aquoso, quando perde a transparência, forma pequenos pontos que são como corpos opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos eles acompanham. No ar ambiente, à distância e por efeito da refração, tomam a aparência de pequenas imagens globulares de um a dez milímetros de diâmetro, que parecem nadar na atmosfera.

Algumas pessoas convenceram-se que eram grupos de Espíritos movimentando-se no espaço, que as seguiam e acompanhavam por toda a parte e, no seu entusiasmo, tomaram como figuras os matizes da irisação, o que é tão pouco racional como ver uma figura na Lua. Uma simples observação, fornecida por essas mesmas pessoas, vai reconduzi-las à realidade.

Esses glóbulos, dizem elas, não apenas as acompanham como seguem todos os seus movimentos; para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento da cabeça. Isto não tem nada de surpreendente: como a causa da aparência está no globo do olho, ela deve seguir-lhe os movimentos. Se fossem Espíritos, temos de confessar que teriam um papel demasiado mecânico para seres inteligentes e livres; papel bem fastidioso, mesmo para Espíritos inferiores, e com maior razão incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores.

Alguns tomam por maus Espíritos os pontos negros ou moscas amauróticas. Esses discos, assim como as manchas negras, têm um movimento ondulatório que nunca se afasta da amplitude de um certo ângulo e, o que aumenta a ilusão, é que eles não acompanham, bruscamente, os movimentos da linha visual. A razão é muito simples. Os pontos opacos do humor aquoso, causa primeira do fenómeno, estão em suspensão no líquido e tendem a descer. Sobem com o movimento dos olhos, mas atingindo certa altura, se fixamos o olhar, vemos os discos descerem por si mesmos e depois pararem. A sua mobilidade é extrema, pois basta um movimento imperceptível do olho para mudá-los de direção e fazê-los percorrer rapidamente toda a amplitude do arco, no espaço em que a imagem se produz. Enquanto não se provar que essa imagem tem movimento próprio, espontâneo e inteligente, só se pode ver nisso um fenómeno ótico e fisiológico. [16- Moscas amauróticas]

Acontece o mesmo com as centelhas produzidas pela contração dos músculos dos olhos, que aparecem em feixes mais ou menos compactos, e que são provavelmente devidos à eletricidade fosforescente da íris, pois em geral se circunscrevem ao círculo desse órgão.

Semelhantes ilusões só podem resultar de uma observação incompleta. Quem tiver estudado seriamente a natureza dos Espíritos, através dos meios oferecidos pela prática doutrinária, compreenderá quanto elas têm de pueril. Assim como combatemos as teorias temerárias com as quais atacam as comunicações, pois que resultam da ignorância dos factos, também devemos procurar destruir as ideias falsas que resultam mais do entusiasmo do que da reflexão, e que por isso mesmo produzem mais mal do que bem junto aos incrédulos, já naturalmente dispostos a procurar o lado ridículo.

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações. O seu conhecimento revelou-nos numerosos fenómenos, permitindo um grande avanço à Ciência Espírita e fazendo-a entrar num novo caminho, fora de todo o carácter maravilhoso. Nele encontramos, graças aos próprios Espíritos, porque, notai bem, foram eles que nos mostraram este caminho, a explicação da possibilidade da ação do Espírito sobre a matéria, da movimentação dos corpos inertes, dos ruídos, das aparições e de muitos outros fenómenos ainda por examinar, antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas. Compreendê-las-emos tanto melhor quanto mais nos inteirarmos das suas causas fundamentais. Se bem compreendermos esse princípio, facilmente poderemos aplicá-lo aos diversos factos que se apresentarem à observação.

110. Estamos longe de considerar a teoria que apresentamos como absoluta e como sendo a última palavra a este respeito. Terá de ser desenvolvida e retificada mais tarde através de novos estudos. Contudo, por mais incompleta que hoje se apresente, pode ajudar a compreender a possibilidade destes fenómenos por meios que nada têm de sobrenatural. É uma hipótese credível em que não se pode negar o mérito da racionalidade e da probabilidade, que vale tanto quanto todas as explicações tentadas pelos que recusam os fenómenos espíritas, considerando-os como simples ilusão, fantasmagoria ou subterfúgio.

Teoria da alucinação

111. Os que não acreditam na existência do mundo incorporal e invisível atribuem a *alucinações* todos os fenómenos de que falámos aqui. A definição desta palavra é conhecida: "percepção de sensações

sem causa que as origine" (do latim *hallucinari*, errar, que vem de *ad lucem*). Portanto é uma ilusão de uma pessoa que julga que viu algo que não viu, sem que os cientistas tenham dado razão fisiológica para esse efeito, segundo julgamos.

Se a óptica e a fisiologia parecem não ter segredos para eles, como é que ainda não explicaram a origem e a natureza de visões e perceções que registamos em certas circunstâncias? Ficam-se apenas pelas leis da matéria, seja. Que dêem, então, através dessas leis, uma teoria da alucinação, boa ou má; sempre será uma explicação.

112. A causa dos sonhos nunca foi explicada pela ciência. São considerados como efeitos da imaginação, mas a ciência não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz as imagens tão claras e nítidas que nos aparecem, às vezes. Explica uma coisa que não é conhecida, por outra que também o não é. A questão permanece sem ser esclarecida. Dizem que são simples recordações do que se vive quando estamos acordados; mas admitindo mesmo esta solução, que é apenas uma, deixa por explicar o espelho mágico que conserva assim a imagem das coisas. Como explicar, sobretudo, as visões das coisas reais que nunca vimos acordados e sobre as quais nunca tínhamos pensado? Só o espiritismo pode explicar esse fenómeno bizarro, que passa despercebido devido à sua própria vulgaridade, como todas as maravilhas da natureza às quais não prestamos atenção.

Os cientistas desdenharam o estudo das alucinações, reais ou não, as quais a fisiologia deve poder esclarecer, sob pena de confessar a sua insuficiência. Se um dia um cientista apresentar, não uma definição, mas uma explicação fisiológica para elas, veremos se essa teoria resolve todos os casos; que, entretanto, não omita as tão frequentes visões de pessoas no momento da sua morte; que expliquem a coincidência da visão com a morte da pessoa. Se fosse um facto isolado, poderia ser atribuído ao acaso, porém, como são tão frequentes, o acaso não pode explicá-los.

Se aquele que tem essa visão estivesse tomado pela ideia de que a pessoa estava para morrer, seja; mas a pessoa que aparece é, na maioria das vezes, a pessoa em quem menos se pensa; o que demonstra que a imaginação não é o motivo provável para tais visões.

Menos ainda podem explicar-se pela imaginação as circunstâncias de uma morte de que não temos a mínima ideia. Os defensores da teoria das alucinações dirão que a "alma" (se os teóricos admitirem a sua existência…) tem momentos de sobre-excitação que intensificam muito as suas faculdades. Aí, estamos de acordo. Porém, quando a alma vê algo que é real, não se trata de uma ilusão. Se, na sua exaltação, a alma vê algo que não está presente, é porque ela mesma se transporta. E se a nossa alma puder transportar-se até outra pessoa ausente, é sinal que a alma dessa pessoa também pode transportar-se até nós.

Uma teoria da alucinação, seja qual for, deverá ter em conta estes factos. E não podemos esquecer que, se for possível opôr-lhe factos contrários, é necessáriamente falsa ou incompleta. Esperando essa explicação, vamos acrescentar mais algumas ideias a este respeito.

113. Os factos provam a veracidade das aparições, que o espiritismo tem explicado perfeitamente e que são recusadas apenas por aqueles que nada admitem para além do corpo material. Além dessas visões reais, haverá alucinações tal como são entendidas? É evidente que sim. De que origem? São os Espíritos que no-lo dizem nas comunicações seguintes:

As visões serão sempre reais ou serão por vezes efeito de alucinações? Quando se vê, em sonhos ou noutros casos, o diabo ou outras fantasias inexistentes, não será produto da imaginação?

– Sim. Quando estamos impressionados por certas leituras ou por histórias demoníacas que impressionam, julga-se por vezes ter visto coisas inexistentes. Mas também dissemos que os Espíritos, no seu veículo semimaterial, podem assumir a aparência que desejarem, para se manifestar. Os Espíritos trocistas podem aparecer, se isso lhes der prazer, aos crédulos a quem quiserem pregar um susto, com garras e chifres, exactamente da mesma forma que um bom Espírito pode adornar-se com asas de anjo e uma figura radiosa.

Podem considerar-se como aparições as figuras e outras imagens que se nos apresentam no estado de sonolência, ou simplesmente quando cerramos os olhos?

– Quando os sentidos se entorpecem o Espírito liberta-se e pode ver o que não podem ver os olhos do corpo. Essas imagens podem ser visões, mas também podem ser a recordação de objetos que o cérebro conservou, como conserva melodias e outras referências. O Espírito liberto vê então no seu próprio cérebro as impressões ali fixadas como numa gravação. A variedade e a mistura dessas impressões formam conjuntos estranhos e confusos, que se esfumam quase imediatamente, embora queiramos recordar-nos deles. É a uma causa semelhante que se devem atribuir certas aparições fantásticas que nada têm de real e se produzem frequentemente nos acessos de febre ou nas más disposições.

Admite-se que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro. Mas por que estranho fenómeno essas impressões, tão variadas e múltiplas, não se confundem?

– É um mistério impenetrável, mas não mais estranho que o das ondas sonoras que se cruzam no ar e se conservam distintas. Num cérebro são e bem organizado, essas impressões são nítidas e precisas; num estado menos favorável apagam-se e confundem-se; daí a perda de memória ou a confusão de ideias. Isso parece menos estranho quando se admite, como na frenologia, uma complexa especialização para cada parte e mesmo para cada fibra do cérebro.

As imagens transmitidas ao cérebro pelos olhos deixam ali a sua impressão, que nos permite recordar um quadro como se ele estivesse presente, embora se trate de uma questão de memória, pois nada se vê. Ora, num estado de *emancipação,* a alma pode ver o que guarda o cérebro e nele reencontra essas imagens, sobretudo as que mais a sensibilizaram, segundo a natureza das preocupações ou as disposições do Espírito. É assim que reencontra a impressão das cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, das figuras de animais bizarros que viu outrora em pintura ou ouviu em narrações, porque estas deixam também as suas impressões. Assim, a alma vê realmente, mas apenas a imagem registada no cérebro.

No estado normal essas imagens são fugidias e passageiras, porque todas as zonas do cérebro funcionam de forma complexa. Durante as enfermidades o cérebro está sempre mais ou menos enfraquecido, perde parte do equilíbrio entre todos os seus órgãos: só alguns conservam a sua atividade enquanto outros estão, de alguma forma, paralisados; daí, a permanência de certas imagens que não se apagam, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior. Essa é a verdadeira alucinação e a causa primária das ideias fixas.

Explicámos assim esta anomalia por uma lei fisiológica bem conhecida, que é a das impressões cerebrais. Entretanto, foi sempre necessária a intervenção da alma. Se os materialistas ainda não puderam dar uma solução satisfatória deste fenómeno é por não quererem admitir a alma. Por isso dirão que a nossa explicação é má, pois nos apoiamos num princípio que é contestado. Mas contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria, desde que há homens na Terra. A negação de alguns não pode constituir-se em lei.

A nossa explicação é boa? Damo-la como simples hipótese e pelo que possa valer na falta de outra melhor. Como está, pode explicar todos os casos de visões? Certamente que não, mas desafiamos todos os fisiologistas a apresentarem uma que, segundo as suas opiniões especiais, expliquem tudo.

Quando eles pronunciam as palavras sacramentais de superexcitação e de exaltação, nada esclareceram. Se todas as teorias sobre a alucinação são insuficientes para explicar todos os factos, é porque há algo mais do que a alucinação, como a concebem. A nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visões, pois alguns poderiam ser contraditórios. Aplica-se de forma justa nos casos restritos em que a usamos.

Aparições de Espíritos de vivos

114. Estes dois fenómenos são variedades de manifestações visuais. Por muito maravilhosas que possam parecer, reconhece-se facilmente, pela explicação, que não passam de fenómenos naturais.

Baseiam-se ambos no seguinte princípio: tudo o que foi dito das propriedades do perispírito, após a morte, aplica-se ao perispírito dos vivos. Sabendo que durante o sono o perispírito retoma em parte a sua liberdade, visto que se isola do corpo, é nesse estado que tem havido muitas oportunidades de o observar.

O Espírito das pessoas, quer quando estão vivas quer quando mortas, possui da mesma forma o seu veículo semimaterial que, pelas causas que indicámos, pode tornar-se visível e até palpável, o que tem sido provado em variadas circunstâncias. Disso iremos citar apenas alguns exemplos do nosso conhecimento pessoal, cuja exatidão garantimos, estando cada um de nós em condições de acrescentar outros, recorrendo às suas lembranças.

115. A esposa de um amigo nosso viu várias vezes, durante a noite, entrar no seu quarto, estando iluminado ou não, uma vendedeira de fruta conhecida de vista, mas com a qual nunca tinha conversado. A aparição causou-lhe um grande susto, principalmente porque não tinha nessa altura conhecimento do espiritismo e também porque esse tipo de fenómeno se repetia com frequência. A vendedeira estava viva, a essa hora muito possivelmente a dormir. Enquanto o seu corpo material estava em casa, o seu Espírito com o corpo fluídico estava em casa desta senhora. Por que razão**?** Não se sabe. Em casos destes, qualquer espírita iniciado neste género de conhecimentos teria perguntado à entidade visitante, ideia essa que não ocorreu à senhora nossa conhecida.

Sempre que a aparição a visitava, desaparecia sem que ela soubesse como, tendo a preocupação de ir verificar todas as portas pelas quais alguém teria podido entrar ou sair de sua casa. Esta precaução provava que estava bem acordada e que não tinha sido vítima de um sonho. Noutras ocasiões, era um desconhecido que aparecia da mesma forma, tendo um dia, porém, tido a visão do seu irmão que vivia na Califórnia.

A sua aparência era exactamente a de uma pessoa real, de tal maneira que pensou que ele tinha regressado e quis dirigir-lhe a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo. Por uma carta recebida posteriormente, confirmou que o irmão não tinha falecido.

Essa senhora era o que podemos chamar uma médium vidente natural mas, como já dissemos, nesse tempo nunca tinha ouvido falar a respeito de médiuns.

116. Uma outra senhora, que vivia na província, estava bastante doente. Perto das dez da noite, viu um senhor de idade que vivia na mesma cidade, que encontrava por vezes na sociedade, mas com quem não tinha relações diretas de confiança pessoal. O senhor estava sentado num sofá junto da cama onde estava deitada, aspirando de vez em quando uma pitada de rapé. Parecia que estava a vigiá-la.

Surpreendida com tal visita a uma hora daquelas, quis-lhe perguntar porque estava ali, e ele fez-lhe sinal para não falar e continuar a dormir. Por várias vezes procurou falar com ele e, de cada vez, recebia a o mesmo conselho. Acabou por adormecer.

Poucos dias depois, estando restabelecida, recebeu uma visita do mesmo senhor, em pessoa, mas a uma hora mais conveniente. Estava vestido da mesma forma, usava a mesma caixa de tabaco e comportava-se de forma idêntica.

Convencida que fora ele que tinha estado junto dela quando enferma, agradeceu-lhe o cuidado que tivera. O visitante ficou perplexo, dizendo-lhe que não tinha o prazer de a ver há muito. A senhora, que

conhecia os fenómenos espíritas, compreendeu a situação, porém, não querendo avançar com explicações, limitou-se a dizer que deveria ter sonhado.

Foi isso que provavelmente se passou, dirão os observadores incrédulos, os espíritos fortes, os que por essa expressão entendem pessoas esclarecidas. O certo é que a senhora não estava a dormir, tal como referimos antes. A sua opinião é de que ela sonhava acordada, isto é, sofria de uma alucinação. Esta é a grande palavra, explicação universal que dão de tudo o que não compreendem. Como já rebatemos esta visão das coisas, continuaremos a dirigir-nos a quem nos pode compreender.

117. Há outro facto ainda mais característico, cuja curiosidade é estimulante e gostaríamos de ver como se poderia explicar apenas à base da imaginação.

Certo indivíduo, residente na província, nunca tivera vontade de casar, apesar da insistência da família, e das sugestões que lhe tinham feito relativamente a uma senhora que habitava noutra localidade vizinha e que ele nunca tinha visto. Um dia, estando no seu quarto, ficou espantado de se ver na presença de uma jovem vestida de branco, com a cabeça ornada por uma coroa de flores. Disse-lhe ser a sua noiva, estendeu-lhe a mão que tomou na sua e onde viu um anel. Em breves instantes, a visão desfez-se.

Surpreendido pela aparição, e convicto de que estava bem acordado, teve o cuidado de se certificar que ninguem tinha ido lá a casa.

Um ano depois, cedendo à solicitação dos parentes, decidiu ir visitar a jovem que lhe tinham proposto. Chegou no dia de Corpus-Christi; voltavam da procissão e uma das primeiras pessoas que viu, ao entrar em casa, foi a jovem. Ao vê-la, reparou que era ela quem lhe aparecera antes e que, por ser a festa do dia de Corpus-Christi, usava o mesmo vestido branco. Ficou perplexo, tendo a jovem soltado um grito de surpresa, sentindo-se repentinamente mal. Retomando a disposição normal, disse que já o tinha visto antes, no mesmo dia do ano anterior.

Acabaram por casar e, por se tratar de um facto acontecido em 1835, não se falava ainda de Espíritos. Eram ambos positivistas em extremo, com a imaginação menos exaltada do mundo.

Como explicação para o acontecido poderá dizer-se então que estas pessoas tinham o espírito tocado pela ideia da união proposta e que, esta preocupação determinou uma alucinação, sendo, entretanto, de acentuar que o indivíduo em causa esteve indiferente durante um ano e só depois se dirigiu à pretendida.

Ainda que se admita esta hipótese, ficariam por esclarecer a dupla aparição, a coincidência do traje branco do dia de festa e o facto de ambos se terem reconhecido sem nunca se terem visto, casos que dificilmente poderiam ser produto da simples imaginação.

118. Antes de mais, deve responder-se a uma pergunta que os leitores irão fazer, de como é que o corpo pode viver enquanto o Espírito se encontra ausente. Em primeiro lugar poderia dizer-se que a actividade orgânica pode ser independente da presença do Espírito, e a prova está na vida das plantas, que não têm Espírito.

O que devemos acrescentar é que, durante a nossa vida, o Espírito nunca está completamente ausente do corpo. Os Espíritos reconhecem, assim como alguns médiuns videntes que, no caso das pessoas ainda vivas, existe uma ligação luminosa que, do Espírito, se dirige e permanece ligado ao corpo, em determinado ponto deste. Mais, observam que esta ligação não existe, no caso das pessoas já mortas, sendo nesse caso completa a separação. É através desta ligação que o Espírito, em caso de necessidade, é advertido instantaneamente, seja qual for a distância a que se encontre, e volta no mesmo momento. Resulta deste facto que o corpo não pode morrer enquanto o Espírito se encontrar longe, sendo impossível que este, ao desejar regressar ao corpo, encontre a passagem fechada, caso que tem servido para certas referências de alguma literatura recreativa. (Ver «*O Livro dos Espíritos»,* Livro Segundo; Capítulo VIII – *Emancipação da Alma;* pergunta nº 400 e seguintes)

119 – Voltemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode protagonizar aparições tal como o de uma pessoa morta, e ter todas as aparências da realidade. Pelos mesmos motivos que explicámos pode, por momentos, adquirir até a palpabilidade. É o fenómeno chamado de *bicorporeidade*, que deu lugar às histórias dos homens duplos, isto é, dos indivíduos cuja presença simultânea se verificou em dois locais diferentes. Aqui estão dois exemplos tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo determinado, por se ter mostrado simultaneamente em dois locais diferentes, facto que foi considerado um milagre;

Santo António de Pádua pregava um sermão numa Igreja em Espanha, quando teve conhecimento de que o pai, que estava em Pádua, fora condenado à morte por um crime que não cometera. Nesse momento Santo António apareceu, demonstrou a inocência do seu pai, ao mesmo tempo que denunciava o verdadeiro criminoso que mais tarde foi castigado. Foi verificado que, durante esse episódio, Santo António não tinha deixado a Espanha.

Tendo evocado o Espírito de Santo Afonso em sessão mediúnica, interrogámo-lo a respeito do facto relatado acima.

1. Podeis dar-nos explicações deste fenómeno?

- Sim. Qualquer pessoa, quando completamente desmaterializada devido às suas virtudes, que eleve a sua alma a Deus, pode aparecer em dois locais simultaneamente da seguinte forma: O Espírito encarnado, sentindo-se adormecer, pode pedir a Deus para se transportar a determinado sítio. A sua Alma, ou o Espírito, como quiserdes chamá-lo, abandona então o corpo, seguido de *uma parte* do seu perispírito, e deixa a matéria corporal num estado vizinho da morte. Digo "*vizinho da morte*" porque no corpo ficou um elo que liga o perispírito e a alma à matéria, elo este difícil de definir. O corpo aparece então no lugar desejado. Creio que é tudo o que desejais saber.

2. Essa explicação nada nos diz quando à visibilidade e palpabilidade do perispírito.

- O Espírito que se encontra liberto da matéria pode, segundo o seu grau de elevação, tornar-se palpável.

3. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça noutros locais?

- A Alma pode dividir-se quando se sente transportada para um lugar diferente daquele onde está o corpo. Pode suceder que o corpo não fique adormecido, embora em casos raros, mas não fica num estado completamente normal, isto é, fica mais ou menos estático.

Nota: A Alma não se divide no sentido literal do termo. Irradia em várias direções e pode manifestar-se em diversos locais simultaneamente, sem se fragmentar. Acontece o mesmo com uma luz que pode refletir-se simultâneamente em diversos espelhos.

4. Que aconteceria à pessoa adormecida se acordasse de súbito, enquanto o Espírito está noutro local?

- Isso não aconteceria, porque se alguém desejasse acordá-lo, o Espírito tomaria conta do corpo e preveniria a situação, visto que pode ler no pensamento.

Uma explicação idêntica foi-nos dada várias vezes pelo Espírito de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explicou o facto da bilocação, mas não apresentou a teoria da visibilidade e da palpabilidade.

Vespasiano

120. Tácito relata um acontecimento semelhante:

Durante o período que Vespasiano passou em Alexandria, onde foi proclamado Imperador pelas legiões do Oriente, à espera dos ventos propícios de Verão e do período em que o mar se torna mais seguro para navegar de regresso a Roma, vários prodígios aconteceram, demonstrando o interesse que os deuses pareciam querer demonstrar por ele. [17 – Vespasiano]

Esses prodígios redobraram em Vespasiano o desejo de visitar o templo de um deus egípcio, para consultá-lo a respeito do império Romano. Ordenou para isso que o templo fosse encerrado para toda a gente. Entrou, atento ao que iria dizer o oráculo e apercebeu-se da presença, atrás de si, de um dos principais sacerdotes egípcios, chamado Basílido, que ele sabia estar ausente de Alexandria há vários dias, por doença. Perguntou depois aos sacerdotes se Basílido tinha vindo ao templo nesse dia, informou-se junto dos transeuntes se o tinham visto na cidade, inquiriu e mandou homens a cavalo saber dele, tendo sido informado que nessa mesma altura se encontrava a oitenta milhas de Alexandria. Acreditou então, de acordo com os seus conhecimentos, que a visão que tivera fora um fenómeno sobrenatural e que a presença de Basílido representava para si uma declaração propícia do oráculo. ("*Histórias",* obra de *Publio Cornélio Tácito,* historiador romano, Livro IV, capítulos 81 e 82). [18 - Basílido]

121. O indivíduo, que se mostre em dois locais diferentes ao mesmo tempo, tem obviamente dois corpos. Mas desses dois corpos só um é que é real, o outro não passa de uma aparência. O primeiro tem a vida orgânica, o segundo a vida da alma. Ao despertar, os dois corpos unem-se e a vida da alma regressa ao corpo material.

Não é possível, e a razão bem o demonstra que, estando separados, os dois corpos possam gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. Ressalta ainda daquilo que dissemos que o corpo material não pode morrer enquanto o corpo aparente permanece visível, visto que no transe da morte o Espírito terá que estar presente, nem que seja por um breve instante. Logicamente o corpo aparente não pode ser morto, porque não tem constituição física, não é formado de carne e osso. Desapareceria no momento em que quisessem matá-lo. [9]

Transfiguração

122. Passemos ao segundo fenómeno, o da *transfiguração*, que consiste na mudança de aparência de um corpo vivo. Citamos um caso de autenticidade garantida, que se passou em 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Étienne. Uma menina de cerca de 15 anos tinha a faculdade rara de mudar de aparência, isto é, de ficar em certos momentos com o aspeto de certas pessoas que tinham falecido antes. A ilusão era tão completa que os presentes julgavam estar em presença dessas pessoas ainda vivas, com toda as semelhanças possíveis, os traços do rosto, o olhar, até o som da voz e a maneira de falar. O fenómeno verificou-se centenas de vezes, independentemente da vontade da menina. Várias vezes tomou a aparência de um irmão seu, falecido havia alguns anos, evidenciando não apenas as semelhanças em geral, mas a própria estatura e o volume corporal. Um médico ali residente, testemunha de repetidos episódios deste fenómeno, desejando ter a certeza de que não se tratava de uma ilusão, fez a seguinte

---

[9] Ver na *Revista Espírita* de janeiro de 1859, *O Duende de Bayonne;* no mesmo ano, em fevereiro, *Os agéneres; o meu amigo Hermann*; em maio, *O laço entre o Espírito e o corpo;* em novembro, *A Alma errante*; em janeiro de 1860, *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; em março, *Estudos sobre os Espíritos de pessoas vivas*: *o Dr. V; a Menina I.;* em abril: *O fabricante de S. Petersburgo*; *aparições palpáveis*; em novembro, *História de Maria Agreda;* em julho de 1861, *Uma aparição providencial.(A.K.)*

experiência (temos o depoimento do médico, do pai da menina e de várias outras testemunhas oculares, pessoas honestas de toda a confiança):

Primeiro pesou a menina no seu estado normal, depois num dos estados de transfiguração, com a aparência do irmão que tinha vinte e poucos anos de idade, que era de maior estatura e mais forte. Pois bem, verificou-se que neste último estado, o peso era quase o dobro. A experiência foi conclusiva, era impossível atribuir esta aparência a uma simples ilusão de óptica.

Tentemos então explicar o caso, que durante certo tempo foi designado como um milagre, e que nós considerámos apenas um fenómeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode ter como causa uma simples contração muscular, que pode dar à fisionomia uma expressão muito diferente, ao ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Observámos isso em transes de sonambulismo, mas aí a transformação nunca é radical. Uma mulher pode parecer mais jovem ou mais velha, mais bonita ou mais feia, mas será sempre uma mulher, sendo o peso exactamente o mesmo.

No caso que estamos a considerar, é evidente que algo mais acontece, sendo a teoria do perispírito a pista fundamental. Como já sabemos, o Espírito pode conferir ao perispírito a aparência que desejar. Também admitimos, em princípio:

- Que por uma modificação na disposição molecular, ele pode dar-lhe visibilidade, tangibilidade e por consequência, *opacidade*;
- Que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode sofrer as mesmas transformações;
- Que esta mudança de estado se opera pela combinação de fluidos.

Imaginemos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando em torno do corpo de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Neste estado, pode modificar-se como se estivesse isolado. Se perde a transparência, o corpo pode tornar-se invisível, ou ficar como que mergulhado na neblina. Pode mudar de aspeto, tornar-se brilhante se for essa a vontade ou o poder do Espírito.

Outro Espírito, combinando o seu próprio fluido com o primeiro, pode substituir-lhe a aparência, de tal forma que o corpo real desaparece num veículo fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Parece ser essa a verdadeira causa do estranho e raro acontecimento da transfiguração.

Quanto à diferença do peso, explica-se da mesma forma que no caso dos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque a quantidade de matéria é a mesma; sofrendo a influência de um agente exterior, pode aumentar ou diminuir o seu peso relativo, como explicámos no nº 78 e seguintes, deste livro. Se a transformação mostrasse uma criança de pouca idade, o peso diminuiria proporcionalmente.

Invisibilidade

124 - É possível que o corpo possa tomar uma aparência maior ou das mesmas dimensões. Mas como poderia tomar uma aparência menor, como a de uma criança pequenina, como referimos? Em tal caso, o corpo real deveria ultrapassar os limites do corpo aparente. Não afirmamos que o facto se tenha produzido. Só quisemos mostrar, relativamente à teoria da diminuição do peso específico, que o peso aparente teria podido diminuir.

Quanto ao fenómeno em si mesmo, não afirmamos a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. No caso de acontecer, não havendo para isso uma solução satisfatória, isso não desmentiria o fenómeno.

Estamos a dar os primeiros passos numa ciência, sendo natural que não haja explicação para este fenómeno, como não haverá para outros. Aliás, a parte restante do corpo que não aparece, pode ficar simplesmente invisível, teoria que decorre das explicações dadas antes, e das que foram dadas a respeito dos fenómenos de transporte, no número 96 e seguintes.

125 – Falta falar do estranho fenómeno dos *agéneres*. Por muito extraordinário que pareça, é tão natural como os outros. Como já os explicámos na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859, julgamos inútil repetir aqui os detalhes. Dizemos somente que é uma variedade das aparições tangíveis. [19 - Agénere]

[20 - Revista Espírita]

É o estado dos Espíritos que podem momentaneamente adquirir as formas de uma pessoa viva, ao ponto de criar uma ilusão perfeita. (do grego *a*, privativo e *géine*, *géinomaï*, gerar: que não foi gerado).

Capítulo VIII – Laboratório do mundo invisível

Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos palpáveis

126 – Dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, drapeados ou mesmo com o vestuário normal que usavam em vida. Os drapeados parecem ser uso geral no mundo dos Espíritos. A questão é saber como obtêm a aparência dos vestuários que usavam na Terra, com todos os acessórios.

É certo que não levaram esses objetos consigo, visto que tudo deixaram neste mundo. De onde provêm aqueles que usam no mundo espiritual? Esta questão sempre intrigou muito, sendo para muitas pessoas mera questão de curiosidade. No entanto, ela confirmava uma questão de princípio muito importante, porque a sua resolução colocou-nos na via de uma lei geral que também se aplica no nosso mundo. Vários factos vieram complicá-la e demonstrar a insuficiência das teorias que tínhamos formulado.

Podia-se entender o traje porque faz parte da personalidade do indivíduo que o usa. Já não acontece o mesmo com certos acessórios, como a tabaqueira do cavalheiro que fez uma visita a uma senhora doente, de que falámos no nº 116. Lembremos que se tratava de um vivo e não de um morto e que, quando se apresentou em pessoa, levava consigo uma tabaqueira igual à que mostrava na aparição. Onde é que o seu Espírito teria encontrado aquela que levava quando esteve ao pé da cama da doente? Poderíamos citar um grande número de casos em que os Espíritos dos mortos ou de vivos aparecem munidos de diversos objetos, tais como paus, armas, cachimbos, lanternas, livros, etc.

Ocorreu-nos que os corpos inertes pudessem ter versões etéreas correspondentes no mundo invisível, e que a matéria condensada que forma os utensílios que nos mostram também poderia ser imaterial, insensível aos nossos sentidos. Esta teoria tinha a sua lógica, mas não explicava devidamente os factos. Há outra, contudo, que parece servir a todas as interpretações. Até agora sempre se tratou apenas de imagens e aparências. Já sabemos que o perispírito pode assumir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, embora apenas momentaneamente, diluindo-se os corpos sólidos como sombras.

É já um fenómeno extraordinário, mas, o que o é ainda mais é ver formar-se matéria sólida permanente, tal como provam muitos factos autênticos, nomeadamente o da escrita direta de que falaremos em pormenor num capítulo especial. Todavia, como este fenómeno se liga intimamente com o tema de que estamos a tratar, sendo uma das suas aplicações mais positivas, anticipamo-lo da ordem em que deveria vir.

127. A escrita direta, ou *pneumatografia*, é a que se produz espontaneamente sem o auxílio nem da mão do médio nem do lápis ou caneta. Basta usar uma folha de papel em branco, o que deverá ser feito com todas as precauções, para evitar fraudes. Dobra-se o papel e coloca-se em qualquer sítio, numa gaveta ou sobre um móvel.

Se as condições forem as convenientes, ao fim de um certo período de tempo encontrar-se-ão escritos sinais, letras, palavras, frases, ou mesmo textos completos traçados, na maioria das vezes, numa cor acinzentada semelhante ao lápis de grafite, outras vezes semelhante ao lápis vermelho, ou à tinta azul vulgar e mesmo à tinta de impressão dos livros.

Aqui está descrito com simplicidade o facto que, embora pouco comum, não é assim tão raro, visto que há pessoas que o obtêm com facilidade.

Se se colocasse um lápis junto do papel, poderia pensar-se que ele teria sido utilizado pelo Espírito mas, como só o papel é colocado, é evidente que a escrita é formada pela aplicação de matéria, cuja proveniência se desconhece. É um fenómeno da mesma ordem do da tabaqueira, que abordámos há pouco.

128. Foi o Espírito São Luís que nos deu a solução nas respostas seguintes:

1. Falámos da aparição do Espírito de uma pessoa viva, que cheirava rapé de uma caixa de tabaco. Será que experimentava a sensação equivalente aos que o fazem normalmente?

– Não.

2. A caixa que mostrava era igual a uma de que costumava servir-se, e que tinha em casa. Que caixa era essa que a pessoa segurava nas mãos?

– Era apenas uma aparência. O Espírito queria que a sua aparição tivesse a aparência da realidade e que a doente não a julgasse uma alucinação. Por isso tomou todas as suas precauções.

3. Falais de uma aparência, mas que nada tem de real, como uma ilusão de óptica. Queríamos saber se a tabaqueira, sendo apenas uma imagem irreal, possuía, apesar disso, uma parcela de materialidade?

– Claro que sim. É com a ajuda desse princípio de materialidade que o perispírito toma a aparência do vestuário semelhante ao que o Espírito vestia enquanto encarnado.

Nota: O uso que fazemos da palavra aparência tem aqui o sentido de aspeto, de imitação. A tabaqueira real não estava lá. A que era empunhada pelo Espírito era apenas uma representação com a aparência do original, formada com base num princípio de materialidade.

A experiência ensinou-nos que não se deve tomar à letra certas expressões usadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo as nossas ideias, corremos o risco de nos enganarmos seriamente. Perante a mínima ambiguidade é necessário aprofundar o sentido das suas palavras. Aliás, são eles mesmos que nos recomendam isso. Sem a explicação que procurámos, o termo "aparência", constantemente usado em casos análogos, podia induzir a uma falsa interpretação.

4. Seria um desdobramento da matéria inerte? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial, correspondente a todos e a cada um dos objetos que vemos? Teriam, pois, o seu *duplo etéreo* no mundo invisível, tal como os indivíduos têm o seu Espírito?

– As coisas não se passam assim. O Espírito tem sobre todos os elementos materiais existentes no espaço, na vossa atmosfera, um poder que está muito longe do que supondes. Pode, a seu gosto, concentrar os elementos e dar-lhes a forma aparente própria para os seus projetos.

Nota: Esta pergunta, como se viu, era a tradução do nosso pensamento, isto é, da ideia que tínhamos formado quanto à natureza desses objetos. Se as respostas fossem, como pretendem alguns, o reflexo do pensamento, teríamos obtido a confirmação da nossa teoria, e não uma contrária.

5. Para tirar dúvidas de forma categórica: o vestuário dos Espíritos tem algo de material?

– Parece-me que a minha resposta anterior resolve a questão. Já disse que o próprio perispírito tem qualquer coisa de material.

6. Portanto os Espíritos podem transformar a seu gosto matéria de densidade etérea. Como aconteceu com a tabaqueira, o Espírito não foi buscá-la algures para se servir dela, fê-la ele mesmo no momento em que dela necessitou, por um ato de vontade, e pode também desfazê-la. O mesmo deverá acontecer relativamente a todos os objetos, vestuário, adereços, etc. Será assim?

– Evidentemente!

7. A tabaqueira que a senhora viu, pareceu-lhe completamente real. O Espírito poderia torná-la palpável?

– Sim, poderia.

8. Neste caso, se a Senhora lhe pegasse, julgaria ter nas mãos uma tabaqueira autêntica?

– Sim.

9. Se estivesse aberta, tendo tabaco dentro e se o cheirasse, te-la-ia feito espirrar, como verdadeiro rapé?

– Sim.

10. Então o Espírito pode dar não somente a forma do objeto, mas também as suas propriedades especiais?

- Se o quiser. Foi em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da ação poderosa que o Espírito exerce sobre a matéria e que estais longe de supor, como já disse.

11. Suponhamos que o Espírito fazia uma substância venenosa que fosse tomada por uma pessoa. Ficaria envenenada?

- O Espírito teria essa possibilidade, mas não o faria porque não lhe seria permitido.

12. Teria ele o poder de fazer uma substância salutar e própria para curar, em caso de doença, e, este caso, já aconteceu alguma vez?

- Sim, muitas vezes.

13. Poderia então, da mesma maneira, fazer uma substância alimentar? Suponhamos que fazia uma fruta ou uma iguaria qualquer. Alguém poderia comê-la e sentir-se satisfeito?

- Sim, sim. Mas não é preciso perguntar tanto para ver o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos orgãos densos as partículas materiais que enchem o espaço no meio em que viveis. Não sabeis que o ar contém vapor de água? Condensai-o e voltará ao estado normal. Privai-o de calor e vereis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se transformam num corpo sólido e bem sólido. Bem como muitas outras substâncias das quais os químicos ainda tirarão maravilhas mais espantosas. Sómente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os vossos: a vontade e a permissão de Deus.

Nota: A questão da satisfação alimentar é muito importante. Como é que uma substância, que tem uma existência e propriedades apenas temporárias, pode satisfazer quem a coma? Pelo seu contacto com o estômago, produz uma *sensação* de saciedade, mas não daquela que resulta da plenitude. Se essa substância pode agir sobre o organismo e servir de remédio, também poderá satisfazer o apetite. Quanto aos farmacêuticos e aos proprietários de restaurantes não se preocupem, os Espíritos não querem fazer-lhes concorrência. Esses casos são raros e não dependem da nossa vontade, pois de contrário todos se alimentariam e curariam de forma muito barata.

14. Os objetos tornados tangíveis pela vontade dos Espíritos poderiam manter-se assim, de forma estável e permanente, podendo ser utilizados?

– Poderiam, sim, *mas não acontece,* porque não seria de acordo com as leis.

15. O poder de produzir objetos tangíveis é igual para todos os Espíritos?

– Quanto mais elevado for o Espírito mais facilidades tem. Mas também depende das circunstâncias; há Espíritos menos evoluídos que também têm esse poder.

16. O Espírito sabe exactamente como fazer o seu vestuário e outros objetos?

– Não. Concorre por vezes para essas produções, de forma instintiva que não compreende, se não tiver o nível necessário de conhecimentos para isso.

17. Se o Espírito pode recolher, no elemento universal, os materiais para fazer tudo, dando a cada objeto a realidade temporária e as propriedades respectivas, também pode colher o que é necessário para escrever, o que permitirá concluir que é dessa forma que se produzem os casos de escrita direta?

– Finalmente, tiraste a conclusão correta!

Nota: Era exactamente aqui que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares. A resposta que nos foi dada prova que o Espírito seguiu os nossos pensamentos.

18. Se a matéria de que se serve o Espírito não tem duração, como pode compreender-se que a escrita directa não desapareça?

– Não tirem conclusões precipitadas. Não disse a palavra "nunca", e falava apenas de objetos com certo volume. No caso da escrita são sinais escritos que convém conservar. O que pretendia dizer era que os objetos criados pelos Espíritos não poderiam transformar-se em objetos usuais, porque não foram produzidos pela agregação da matéria, como nos vossos corpos sólidos.

129. A teoria anterior pode resumir-se assim: O Espírito age sobre a matéria; colhe na matéria cósmica universal os componentes necessários para formar a seu gosto os objetos com a aparência daqueles que existem na Terra. Também pode operar sobre a matéria elementar, pela sua vontade, transformações íntimas que lhe conferem certas propriedades. Tal faculdade é uma inerência da natureza do Espírito, muitas vezes exercida como ato instintivo, quando é necessário, e sem se aperceber disso.

Os objetos formados pelo Espírito têm existência temporária, de acordo com a sua vontade ou necessidade. Pode fazê-los ou desfazê-los, à vontade. Aos olhos dos vivos podem ter todas as aparências da realidade, tornarem-se, além de visíveis, palpáveis. Pode dizer-se que há "*formação de objetos",* mas não "*criação de objetos",* visto que os Espíritos nada podem tirar do nada.

130. A existência da matéria elementar única é actualmente admitida pela ciência, tendo sido confirmada pelos Espíritos. Essa matéria dá origem a tudo o que existe na natureza. Pelas transformações que nela se opera, dá origem às propriedades dos corpos. É desta forma que uma substância salutar pode tornar-se venenosa, por transformações sofridas. A Química dá-nos muitos exemplos.

Duas substâncias inocentes, combinadas em certas proporções, podem dar origem a uma perigosa. Uma parte de oxigénio e duas de Hidrogènio, ambas inofensivas, formam a água. O oxigénio e o hidrogénio, combinados em partes iguais, formam um líquido corrosivo. **[21 - Compostos químicos]**

Mesmo sem mudar a proporção dos componentes, basta haver modificações no modo de agregação molecular, para mudar as propriedades de certos corpos. Por exemplo: um corpo opaco pode tornar-se transparente, e vice-versa.

Visto que o Espírito tem um tal poder sobre a matéria elementar, imagina-se que possa, não somente formar substâncias, mas pode também desnaturar as suas propriedades. A vontade tem, aqui, o efeito de um reagente!

Ação magnética curativa

131. Esta teoria dá-nos a solução de um facto bem conhecido do magnetismo, mas inexplicado até aqui: o da mudança das propriedades da água pela vontade. O elemento ativo é o Espírito do magnetizador, a maioria das vezes com a ajuda de um Espírito exterior. Tem lugar uma transformação com a ajuda da energia magnética, que, como já foi dito, é a substância que mais próxima se encontra da matéria cósmica ou elemento universal. Se pode provocar modificações nas propriedades da água, também as pode provocar sobre os fluidos do organismo humano, e daí o efeito curativo que possui a ação magnética convenientemente dirigida.

É conhecida a importância fundamental que a vontade tem sobre todos os fenómenos do magnetismo. Como explicar, porém, a ação material de um agente tão subtil? A vontade não é um ser ou uma substância qualquer. Nem é, sequer, uma propriedade da matéria, por mais purificada que seja. A vontade é um atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com a ajuda de tal ferramenta, age

sobre a matéria elementar e, logo depois, actua sobre os compostos cujas propriedades íntimas podem, assim, ser transformadas.

A vontade é o atributo do Espírito encarnado, assim como do Espírito entre vidas. Daí, a potência do magnetizador, potência que se sabe depender da força da vontade. Se o Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar, pode também orientar as suas propriedades dentro de certos limites. É assim que se explica a faculdade de curar pelo contato e imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem, em maior ou menor grau.

(Ver no capítulo relativo aos *médiuns,* o artigo relativo aos *mediuns de cura,* e também a *REVISTA ESPÍRITA* de julho de 1859; pgs. 184 a 189; *o Zuavo de Magenta; um oficial do exército de Itália.)*

132- As manifestações espontâneas que sempre se produziram e a persistência de alguns Espíritos em deixar marcas ostensivas da sua presença em certos locais, são a origem da crença nos lugares ditos "assombrados". As respostas seguintes foram dadas às perguntas feitas sobre este assunto.

1. Os Espíritos apegam-se só a pessoas ou também a objetos?

– Isso depende do seu nível evolutivo. Alguns apegam-se a objetos; os avarentos, que guardaram tesouros e que não estão ainda desmaterializados, continuam a vigiá-los e a guardá-los.

2. Os Espíritos que se encontram entre vidas apegam-se a lugares prediletos?

– Passa-se o mesmo que com os objetos. Os mais evoluídos, mais desmaterializados, dirigem-se aos seus lugares de eleição, atraídos pelos afetos e pelas pessoas e não pela materialidade. Entretanto há os que podem momentaneamente ter preferência por certos lugares, mas esses são sempre Espíritos menos evoluídos.

3. Visto que o apego dos Espíritos por certos lugares é sinal de menor evolução, poder-se-á pensar que se trata de "maus Espíritos"?

– De maneira nenhuma. Um Espírito pode ser menos evoluído sem por isso ser mau. Passa-se com eles o mesmo que com os seres humanos.

4. A crença de que os Espíritos preferem locais em ruinas tem fundamento?

– Não. Os Espíritos visitam esses locais como quaisquer outros. A imaginação é atraída pelo aspeto lúgubre de certos ambientes e atribui à sua presença o que é frequentemente apenas um efeito natural. Quantas vezes o medo não fez tomar a sombra de uma árvore por um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento por almas do outro mundo! Os Espíritos gostam da presença de pessoas, é por isso que preferem lugares habitados em vez de sítios isolados.

De acordo com a diversidade de carácter dos Espíritos, pode haver um certo número de entidades pouco sociáveis que preferem o isolamento.

– Também não dei uma resposta categórica à pergunta; disse que podem ir a lugares desertos como a quaisquer outros. Os que se afastam de outras entidades, é porque se sentem melhor assim. Isso nada tem a ver com as ruínas dos monumentos. De resto, há muito mais Espíritos nas cidades e nos grandes lugares públicos do que nos recantos das florestas.

5. As crenças populares têm, em geral, um fundo de verdade. Qual pode ser a origem da ideia dos "lugares assombrados"?

– O fundo de verdade é a manifestação dos Espíritos nos quais os seres humanos acreditaram desde todo o sempre, por instinto. Como disse, os lugares soturnos fascinam a imaginação, o que ajuda a colocar aí os seres imaginados como sobrenaturais. Esta crença supersticiosa é alimentada pelas narrativas dos poetas e dos contos fantásticos que eram narrados às crianças.

6. Os Espíritos que se reúnem escolhem para isso dias e horas da sua predileção?

- Não. Os dias e as horas são usados entre os humanos para controlo do tempo e da vida material. Os Espíritos não têm necessidade e não se preocupam com isso.

7. Qual a origem da ideia de que os Espíritos aparecem de preferência à noite?

– A impressão produzida na imaginação pelo silêncio e pela escuridão. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do Espiritismo deve destruir. O mesmo se dá com a crença em dias e horas mais propícios. Acreditai que a influência da meia-noite só existiu nas histórias.

Se é assim, porque é que certos Espíritos anunciam a sua chegada e realizam as suas manifestações a essas horas e em dias determinados, como a Sexta-feira, por exemplo?

– São Espíritos que se aproveitam da credulidade e que se divertem com isso. É por isso que alguns afirmam ser o diabo ou adoptam nomes infernais. Mostrai-lhes que não vos deixais enganar e eles não voltarão.

8- Os Espíritos têm alguma preferência em visitar o seu sepulcro?

– O corpo não passava de um veículo existencial provisório. Foi um aprisionamento com sofrimentos e limitações associados. O que lhes é principalmente caro é a recordação dos seus entes queridos.

As preces que lhes fazem sobre os seus túmulos são-lhes mais agradáveis do que as outras?

– A prece é uma evocação que atrai os Espíritos, como sabeis. Tem tanto mais ação quanto maior o fervor e a sinceridade com que são feitas. Diante do túmulo venerado, o recolhimento e a conservação das memórias são testemunhos de afeto, aos quais são sensíveis. É sempre o pensamento que age sobre o Espírito e não os objetos materiais. Os objetos influenciam mais os que oram, fixando a sua atenção, do que os Espíritos.

9 - Sendo assim, a crença nos lugares assombrados não tem a mínima credibilidade?

– Já dissemos que há Espíritos que são atraídos por objetos materiais ou por lugares que encaram como casa sua, até ao momento em que cessam as circunstãncias que aí os conduziram.

Que circunstâncias poderão conduzi-los a esses lugares?

– A simpatia pelas pessoas que os visitam ou o desejo de comunicar com elas. Entretanto, as suas intenções nem sempre são tão louváveis. Se se trata de Espíritos maus, podem querer exercer uma vingança sobre certas pessoas de que se queixam. A permanência num certo local, para alguns, pode ser também como um castigo que lhes é imposto, sobretudo se cometeram aí algum crime, de modo que tenham esse crime permanentemente diante dos olhos [10] .

10. Os « lugares assombrados » são-no pela presença de antigos moradores?

– Às vezes sim, mas nem sempre. Se o antigo habitante for um Espírito elevado, nada o ligará à sua antiga morada terreste, tal como ao seu corpo material. Os Espíritos que "assombram" certos locais fazem-no por capricho, embora possam agir também pela simpatia por certas pessoas.

Fa-lo-ão para proteger alguém da sua família?

– Certamente, se forem bons Espíritos. Nesse caso, nunca o farão de formas desagradáveis.

11. Há alguma realidade na história da "Dama Branca"?

– É um conto tirado de mil factos que são verdadeiros. [22 – A dama branca]

12. É racional temer os lugares assombrados por Espíritos?

– Não. Os Espíritos que assombram certos lugares produzindo barulho e confusão querem, mais do que fazer mal, divertir-se à custa da crendice e da pobreza de espírito. Além que de os Espíritos estão presentes e rodeiam-vos por todo o lado, mesmo nos sítios mais serenos. Não há neles a preferência por certos locais, a não ser para procurarem a oportunidade de manifestarem a sua presença.

13. Há alguma maneira de expulsá-los?

– Há, sim, embora por vezes o que se faz para isso contribua para os atrair. A maneira mais segura para afastar os Espíritos menos bons é atrair os melhores. Procurai estar acompanhados por bons Espíritos, praticando o bem da melhor forma possível e os Espíritos inferiores desaparecem, visto que o mal e o bem são incompatíveis. Sede sempre bons e sereis permanentemente rodeados de bons Espíritos.

Há, no entanto, pessoas boas que estão expostas aos aborrecimentos de maus espíritos?

– Se essas pessoas são realmente boas, pode ser uma prova a que estão sujeitas, para serem pacientes e tentarem ser ainda melhores. Reparai bem, contudo, que não são aquelas que muito falam da virtude que melhor a praticam. Quem possui as autênticas qualidades exerce-as naturalmente, sem se dar conta nem falar nisso.

14. Os exorcismos para expulsar os Espíritos imperfeitos dos lugares assombrados, valem realmente a pena?

– Já vistes, muitas vezes, esse meio ser eficaz? Antes pelo contrário, a confusão e o barulho aumentam depois dos exorcismos. Há Espíritos que se divertem por serem tidos como o diabo.

---

[10] Ver *Revista Espírita* de fevereiro de 1860; *História de um condenado* (A.K.)

Os Espíritos que não vêm com má intenção também podem manifestar a sua presença com ruídos, e mesmo tornando-se visíveis, mas não fazem trapalhadas incómodas. São por vezes Espíritos sofredores que podeis aliviar fazendo preces por eles. Também podem ser Espíritos bondosos que querem mostrar que estão junto de vós, ou Espíritos brincalhões que querem divertir-se. Aqueles que perturbam o repouso com ruídos, o seu intuito é quase sempre divertir-se e a melhor coisa que há a fazer nesses casos é rirmo-nos com eles. Cansar-se-ão quando virem que não conseguem assustar nem meter medo. (Ver o que foi escrito no Capítulo V sobre *as manifestações físicas espontâneas*)

Em conclusão, pode dizer-se que há Espíritos que se ligam e preferem certos locais, mas não têm necessidade de manifestar a sua presença por efeitos sensíveis. Qualquer sítio pode ser frequentado, por imposição ou preferência, por um Espírito, mesmo imperfeito, sem que daí resultem manifestações.

Os Espíritos que se apegam aos locais ou às coisas materiais, nunca são Espíritos superiores. Sem serem Espíritos superiores, não quer dizer que sejam maus nem que tenham más intenções. São presenças habituais mais úteis que prejudiciais, porque se se interessam pelas pessoas, podem protegê-las.

CAPÍTULO X – Natureza das comunicações

133. Dissemos que todos os efeitos causados por actos deliberados, mesmo insignificantes, revelam uma causa inteligente. Um simples movimento da mesa que responda a um pensamento nosso, ou apresente carácter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se ficar por aí, não terá grande interesse. Porém, é a prova de que há em tais fenómenos mais do que uma casualidade material, embora a utilidade prática para nós seja nula ou diminuta.

Será muito diferente quando a inteligência apresentar um desenvolvimento que permita uma troca regular e sucessiva de pensamentos. Deixam de ser simples manifestações inteligentes para se tornarem verdadeiras *comunicações*. Os meios de que hoje dispomos permitem obtê-las tão extensas, explícitas e rápidas, como as que mantemos com as pessoas vivas.

Se foi bem compreendida, pela leitura da Escala Espírita (nº 100 de "*O Livro dos Espíritos"),* a imensa variedade de níveis de evolução dos Espíritos, nos dois aspetos do conhecimento inteligente e da moralidade, ter-se-á uma ideia da variedade que deve existir entre diferentes comunicações mediúnicas. Revelam a elevação ou a baixeza das ideias, do saber e da ignorância, dos vícios e virtudes de cada um.

É tão imensa a variedade de níveis entre eles, que só podem ser comparados com os próprios seres humanos, uns no início mais recuado da sua evolução, e outros já muito mais avançados no caminho da perfeição espiritual.

Os tipos das comunicações podem ser agrupados em quatro categorias principais. De acordo com as suas características mais acentuadas, são: *Grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.*

Comunicações grosseiras

134. ***As comunicações grosseiras*** são caracterizadas por expressões que chocam a decência. Só podem ser efectuadas por Espíritos de baixo nível, muito próximos da materialidade e elas não diferem em nada do que diriam homens viciosos e grosseiros. Repugnam a qualquer ouvinte delicado, com sentimentos. Podem ser, conforme o carácter dos Espíritos: triviais, com palavrões, obscenas, insolentes, arrogantes, maldosas e mesmo ímpias.

Comunicações frívolas

135. ***As comunicações frívolas*** são próprias dos Espíritos superficiais e trocistas, mais próximos da travessura do que da maldade e que não dão importância ao que dizem. Como não são maldosas, agradam a alguns ouvintes, por serem divertidas e servirem como entretenimento fútil onde se fala de tudo sem dizer nada. Estes Espíritos atrevem-se por vezes a tiradas espirituosas ou mordazes e, no meio de facécias banais, dizem muitas vezes duras verdades incómodas e com sentido de justiça.

Estes Espíritos superficiais pululam à nossa volta e não perdem a oportunidade de se intrometerem em comunicações mediúnicas. Não se preocupam com a verdade, alimentando o prazer malicioso de enganar os que têm a fraqueza ou a presunção de acreditar neles.

As pessoas que toleram estas comunicações, por complacência, dão acesso aos Espíritos superficiais ou enganadores. Quanto aos Espíritos sérios, distanciam-se delas, como entre nós as pessoas sérias se afastam da companhia dos estouvados.

Comunicações sérias

136. *As comunicações sérias* são elevadas quanto ao assunto e à maneira como são conduzidas. Todas as comunicações que fogem à frivolidade e à grosseria, que têm finalidade útil, ainda que de interesse privado, são por isso mesmo sérias. Mas não são sempre, por isso mesmo, isentas de erros. Os Espíritos sérios não são todos igualmente esclarecidos. Há muitas coisas que desconhecem e sobre as quais se podem enganar de boa-fé. É por isso que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam, sem cessar, submeter todas as comunicações ao controle da razão e da mais severa lógica.

É preciso, portanto, distinguir duas espécies de comunicações sérias: as que são *verdadeiras* e as que são *falsas,* o que nem sempre é fácil, porque a linguagem grave é usada por alguns Espíritos presunçosos ou falsos sábios, para imporem ideias erradas e teorias absurdas. Para ganharem credibilidade e importância, não hesitam em assumir os nomes mais respeitáveis e até venerados.

São esses problemas os maiores escolhos da ciência prática. Regressaremos a este assunto mais tarde, com todo o desenvolvimento que necessita, dando a conhecer os meios de prevenir o perigo das falsas comunicações.

Comunicações instrutivas

137. *As comunicações instrutivas* são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um determinado ensino dado pelos Espíritos sobre as Ciências, a Moral, a Filosofia, etc.

São mais ou menos profundas, consoante o grau de evolução e de *desmaterialização* do Espírito. Para colher delas um fruto real, é necessário que sejam regulares e seguidas com perseverança.

Os Espíritos sérios aproximam-se daqueles que querem instruir-se e ajudam-nos, enquanto deixam aos Espíritos superficiais o cuidado de divertir os que só vêem nestas manifestações distrações passageiras.

Só pela regularidade e pela frequência destas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos comunicantes, e o grau de confiança que merecem. Se é necessária muita maturidade para julgar os humanos, muito mais é preciso para julgar os Espíritos.

Ao dar a estas comunicações mediúnicas a qualificação de *instrutivas*, supomos que são *verdadeiras*, visto que algo que não fosse *verdadeiro* não poderia ser *instrutivo*, mesmo que fosse pronunciado na linguagem mais imponente. Não poderíamos, portanto, colocar nesta categoria certos ensinamentos que só têm de sério a forma empolada e enfática, com a ajuda da qual, os Espíritos que os ditam, mais presunçosos que sábios, esperam causar sensação perante a sua audiência. Tais Espíritos, não podendo consolidar o suporte que lhes falta, não conseguiriam conservar as suas posições por muito tempo. Quando as comunicações continuam, ou desde que se saiba empurrá-los até aos seus últimos redutos, logo mostram o seu lado fraco, acabando por ser desmascarados.

138. Os meios de comunicação mediúnica são muito variados. Os Espíritos agem sobre o nosso organismo e sobre os nossos sentidos; podem manifestar-se à vista, mediante aparições; ao tato pelas manifestações palpáveis, ocultas ou visíveis; ao ouvido pelos ruídos; ao cheiro pelos odores sem causa aparente. Esta última forma de manifestação, embora muito real, é seguramente a mais incerta, pelas numerosas causas que podem induzir em erro, por isso não nos deteremos nelas.

Aquilo que importa examinar com cuidado é a ampla variedade de comunicações que podemos receber, numa troca regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: *as pancadas vibradas, a palavra falada e a palavra escrita*, que serão abordados em capítulos especiais.

CAPÍTULO XI – Sematologia e tiptologia

Linguagem de sinais e de pancadas – tiptologia alfabética

139. As primeiras manifestações inteligentes foram conseguidas por pancadas vibradas ou tiptologia. Esse meio inicial, que se ressentia da infância desta ciência, tinha recursos muito escassos e estávamos limitados a respostas monossilábicas, a um "sim" ou um "não", conforme o número combinado de pancadas.

Foi aperfeiçoado mais tarde, como dissemos. As pancadas eram de dois géneros, e eram obtidas por médiuns especiais; esse modo de operar exige uma certa aptidão para as manifestações físicas.

A primeira, a que podemos chamar "*tiptologia de balança",* consiste no movimento da mesa que se levantava de um lado e depois caía, batendo com o pé. O médium limitava-se a colocar as mãos sobre a mesa e, se desejava falar com certo espírito, era preciso evocá-lo. No caso contrário falava-se com o primeiro que aparecesse, ou com aquele que vinha habitualmente.

Estando combinado, por exemplo, que o "*sim*" correspondia a uma pancada, e o "*não"* a duas, as perguntas muito breves que se faziam ao Espírito tinham que ser formuladas de jeito a reduzir a conversa a respostas terminadas por afirmativas ou negativas. Não se podia, por exemplo, perguntar "O que desejas?", era preciso designar sucessivamente várias coisas concretas que o Espírito desejasse hipoteticamente, para ele poder resolver a resposta apenas com um sim ou um não. Mais tarde veremos quais as perguntas que convinha evitar.

A dificuldade está na brevidade das respostas e em formular a pergunta de maneira a ter respostas só com um sim ou um não. Se se pergunta "que é que queres?", a resposta tem de ser dada por uma frase. Se se perguntar: Queres "isto"? Queres "aquilo"? A resposta já pode ser dada com um sim ou um não. E assim por diante.

140. A esta forma de comunicar o Espírito associou uma espécie de "*mímica",* que indicava a energia afirmativa ou negativa das pancadas pela força dos golpes, e exprimia também a natureza dos seus sentimentos: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo com força pancadas repetidas, como uma pessoa bate o pé de forma exigente, derrubando a mesa, por vezes.

Se for bondoso e delicado, inclina a mesa a princípio e ao fim, como numa saudação; se quer dirigir-se a alguém dirige a mesa na sua direção, com suavidade ou bruscamente, registando afeição ou antipatia. Usa, portanto, uma linguagem de sinais, chamada *sematologia*, assim como a *tiptologia* é a linguagem das pancadas vibradas. Damos um exemplo espontâneo de sematologia:

Uma pessoa conhecida, tendo recebido em casa um grupo de pessoas que se ocupava com manifestações mediúnicas, recebeu nesse momento uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesinha das experiências veio rapidamente ter com ele. Quando a pessoa acabou de ler, foi colocar a carta em cima de um móvel na outra extremidade da sala onde se encontravam, tendo de novo a mesinha caminhado na sua direção.

Surpreendido pela coincidência, concluiu que havia uma relação entre os movimentos da mesinha e a carta recebida. Fez uma pergunta ao Espírito, que lhe disse tratar-se do nosso Espírito familiar.

A pessoa deu-nos a conhecer o sucedido, tendo nós perguntado depois a esse Espírito o motivo por que a visitou, tendo respondido:

– *É natural que vá ver pessoas com quem tens relações, de forma a poder, se necessário, dar-te a ti, assim como a elas os conselhos necessários*.

Como é óbvio, o que o nosso Espírito desejava era chamar a atenção da pessoa, procurando uma oportunidade de lhe dizer que estava lá. Uma pessoa muda não teria podido agir de forma mais explícita.

141. A tiptologia, ou processo que os Espíritos usavam para se exprimirem por pancadas, rapidamente se aperfeiçoou, passando à "*tiptologia alfabética",* que consistia na designação de letras do alfabeto, por meio de pancadas, formando palavras, frases, mesmo discursos inteiros. Seguindo o método, a mesa bate tantas pancadas quantas é necessário para indicar cada letra. Uma pancada para o *"a",* duas para o *"b",* e assim sucessivamente. Durante este tempo, uma pessoa escrevia as letras à medida que eram designadas. Quando acabava a mensagem, o Espírito comunicante mostrava ter terminado, por um sinal combinado.

Tal processo era demorado e trabalhoso, embora houvesse pessoas que conseguiam registar mensagens de certa extensão. A continuidade das mensagens acabou por encontrar meios mais práticos. Passou a usar-se um alfabeto completo, com números, escrito numa folha grande. Com o médium sentado à mesa, outra pessoa percorria as letras e os números. Quando atingia certo símbolo, a mesa produzia um toque, e alguém escrevia esse símbolo. Depois recomeçava-se. Para as falhas, lá estava o Espírito que avisava por várias pancadas ou por um movimento da mesa e recomeçava-se.

Com o hábito começou a avançar-se mais depressa, abreviando o processo quando se deduzia a meio da palavra qual o seu significado. Se não se tinha a certeza perguntava-se ao Espírito se queria tal palavra e ele respondia sim ou não!

142. Tudo o que já explicámos foi muito facilitado quando os sinais sonoros passaram a ser dados como toques vibrados na madeira, sem que esta tivesse que se mover, levantar ou bater no chão, tal como foi explicado no capítulo das manifestações físicas, nº 64, a que se chamou a "*tiptologia interna".*

Esta modalidade não é possível com certos médiuns que não conseguem o efeito de toques dados com um objeto qualquer na madeira. Mas, com a prática, a maior parte deles conseguia fazê-lo, o que também contribuiu para agilizar as mensagens, com a vantagem de ser menor a hipótese de suspeita que o balanço, que se podia atribuir a uma pressão voluntária. É verdade que as pancadas íntimas poderiam também ser imitações, feitas por médiuns de má-fé. As melhores coisas deste mundo podem ser falsificadas, o que nada prova contra elas. (Ver no fim deste volume o capítulo intitulado: *Fraudes e Charlatanismo)*

Por muito elaborados que tenham sido os esforços de progresso tentados nesta fase, nunca podem ser comparados com a rapidez e a facilidade que se atingiu com a escrita, tendo por isso sido postos de parte. Contudo, ela é, às vezes, muito interessante do ponto de vista do fenómeno, principalmente para os iniciantes, e tem, sobretudo, a vantagem de comprovar a absoluta independência do pensamento dos médiuns. Em suma, as respostas dadas pelos Espíritos são tão completamente imprevistas, tão a propósito, que só poderiam ser postas em questão por uma observação totalmente tendenciosa.

Para muitas pessoas, a história da evolução das comunicações mediúnicas é também um forte motivo de convicção, embora os Espíritos – aqui como noutras áreas – não gostem de se prestar ao capricho dos curiosos que querem pô-los à prova com questionamentos despropositados.

143. Com a finalidade de assegurar a independência do pensamento do médium, foram imaginados vários instrumentos sobre os quais foram escritas letras à maneira dos visores dos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel, manejada pelo médium com a ajuda de um fio condutor e de uma roldana, indica as letras. Só conhecemos esses instrumentos por desenhos e imagens que foram publicados na América. Não podemos assegurar o seu mérito, pensando que a sua complexidade é um inconveniente; pensamos que a independência do médium já está perfeitamente garantida pelas "pancadas interiores" e que está garantida muito mais pela imprevisibilidade das suas respostas do que por quaisquer meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, que estão sempre dispostos a ver truques e artimanhas por todo o lado, desconfiam mais de um visor telegráfico do que da primeira mesa desprovida de quaisquer acessórios.

144. Um aparelho mais simples, mas de cuja má-fé se pode facilmente abusar, como veremos no capítulo das fraudes, é o que chamaremos a "*Mesa-Girardin",* em memória do uso que dela fazia a Senhora Émile de Girardin nas numerosas comunicações que recebia como médium. A Senhora Émile de Girardin, sendo como era uma personagem muito especial, tinha a fraqueza de acreditar nos Espíritos e nas suas manifestações. A mesa de que falamos é uma pequena mesa redonda de trinta ou quarenta centímetros de diâmetro, que facilmente andava à roda em torno do seu eixo, como uma roleta. Sobre a circunferência estão traçados as letras e os números e as palavras *sim* e *não*, como se fosse o visor de um relógio. No centro tem uma agulha fixa. O médium coloca as mãos sobre o bordo da mesa, esta roda e, quando a agulha indica a letra desejada, pára. Toma-se nota da letra indicada e, seguindo com o processo, depressa se formam palavras e frases.

Note-se que a mesa não deslisa sob as mãos, mas que os dedos, que nela estão apoiados, seguem o movimento da mesa. Talvez um médium poderoso pudesse obter um movimento independente; acreditamos ser possível, mas nunca fomos testemunhas de tal facto. Se a experiência fosse executada desta maneira, seria muito mais concludente, porque afastaria completamente a possibilidade de fraudes.

145. Desejamos destruir um erro muito divulgado, que consiste em colocar no grupo dos barulhentos todos os Espíritos que fazem comunicações mediúnicas por sinais sonoros ou pancadas. A tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, que não merece menos consideração dos Espíritos elevados que a que é feita por meio da palavra falada ou escrita. Os Espíritos de todos os níveis evolutivos podem usar a tiptologia como qualquer outro meio de comunicar.

O que diferencia realmente os Espíritos superiores é a elevação do pensamento e não o meio de que se servem para transmiti-lo. É natural que prefiram os processos mais cómodos e sobretudo mais rápidos. Porém, à falta de papel e lápis, servir-se-ão da velha mesa falante, e a prova disso é que podem obter-se por esse processo as mensagens mais sublimes. Se não nos servimos dela não é por desprezo, mas unicamente porque, como fenómeno, já nos ensinou tudo o que podíamos saber, nada pode acrescentar às nossas convicções e que a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Todos os Espíritos que fazem ruido de pancadas, não são Espíritos barulhentos. Esta designação deve ser reservada para aqueles que têm de chamar-se barulhentos por intenção, e a quem agrada fazer isso para brincar com certas pessoas ou para assustar outras. Da parte deles podem-se esperar, algumas vezes, coisas espirituosas, mas nunca coisas profundas; seria perder tempo fazer-lhes perguntas de carácter filosófico ou científico. A sua ignorância e a sua inferioridade valeram-lhes o título de palhaços ou saltimbancos do mundo espírita. Acrescente-se que, se agem muitas vezes por conta própria, também são usados pelos Espíritos superiores para desempenharem efeitos materiais.

CAPÍTULO XII – Pneumatografia ou escrita direta

Escrita direta

146. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da *psicografia* por esta ser a transmissão do pensamento do Espírito, por meio da escrita, pela mão de um médium.

A escrita direta é, sem dúvida, um dos fenómenos mais extraordinários do Espiritismo. Por muito anormal que possa parecer à primeira impressão, é actualmente um facto compreendido e incontestável.

Se a teoria é necessária para conhecer a possibilidade dos fenómenos espíritas em geral, ela ainda se torna mais necessária no caso da escrita direta, um dos mais estranhos que se apresentaram, e que deixa de parecer sobrenatural quando se conhece o princípio que lhe dá origem.

À primeira revelação deste fenómeno, o sentimento dominante é o de dúvida. Ocorre logo a ideia de uma fraude. É bem conhecida a ação das tintas designadas como simpáticas, cujos traços, de início invisíveis, aparecem ao fim de algum tempo. Podem ter acontecido casos de abuso da credulidade das pessoas, e não afirmamos que nunca tenham acontecido. Estamos convencidos que certas pessoas, quer fosse com objetivos de proveito material, quer fosse unicamente por motivos de amor-próprio e para fazer crer nos seus poderes, terão empregado subterfúgios.

(Ver o já citado Capítulo XXVIII, sobre *Fraudes)*

Mas, por se poder imitar-se uma coisa, seria absurdo concluir-se que a coisa não existe. Não é verdade que, nestes últimos tempos, foi encontrada a forma de imitar a lucidez sonambúlica ao ponto de conseguir iludir? E por este procedimento de falsificação ter dado volta a todas as feiras, poderá concluir-se que não existem os verdadeiros sonâmbulos? Porque certos taberneiros venderam vinho falsificado, será razão para crer que não há vinho puro? Acontece o mesmo com a escrita directa: as precauções para garantir a veracidade do facto eram aliás bem simples e fáceis e, graças a tais precauções, não poderá hoje em dia ser objeto das mínimas dúvidas.

147. Visto que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atrbutos do Espírito, visto que os Espíritos sempre existiram e sempre produziram os fenómenos que conhecemos, também devem ter produzido escrita direta na Antiguidade, tal como nos nossos dias. É assim que poderá explicar-se a aparição de **três palavras** na sala do festim de Baltazar. **[23 – As três palavras]**

A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, que por desgraça foram eliminados nas fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta, e porventura encontrar-se-á na teoria das modificações que os Espíritos podem realizar sobre a matéria, que desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Fossem quais fossem os resultados atingidos nesse domínio, em diversas épocas, só depois da vulgarização das manifestações espíritas se colocou seriamente a questão da escrita directa.

A primeira personalidade que deu a conhecer em Paris factos deste teor, foi Ludwig von Güldenstubbe (1820-1873) o barão de Güldenstubbe, que publicou acerca deste fenómeno uma obra muito interessante, com grande número de *fac-simile* de mensagens que obteve.[11]

O fenómeno já era muito conhecido nos Estados Unidos da América. A posição social de Güldenstubbe, a sua independência e credibilidade cultural demonstram a autenticidade das suas pesquisas, que fez sem motivos de interesse. Poder-se-ia, quando muito, supor que ele próprio seria o

[11] *A realidade dos Espíritos e as suas manifestações,*demonstrada pelo fenómeno da escrita direta. Por M. le baron de Guldenstubbe. 1 vol. In 8º, 15 pranchas e 93 *fac-similé.(A.K.)*

joguete de uma ilusão; mas isso foi posto perentoriamente de lado, visto que o mesmo fenómeno foi obtido por outras pessoas, rodeando-se de todas as precauções para evitar qualquer causa de erro.

148. A escrita direta obtém-se como a maior parte das manifestações espíritas "*não espontâneas",* pelo recolhimento, pela prece e pela evocação. Já foi obtida em igrejas, nos túmulos e junto de estátuas ou imagens das personagens evocadas. Os locais, contudo, têm como única influência provocar maior recolhimento e concentração do pensamento, visto que está provado que podem obter-se sem acessórios e nos sítios mais vulgares, em cima de um móvel doméstico, se as pessoas se encontram nas condições morais requeridas e se dispõem dos recursos mediúnicos necessários.

De início, julgava-se que era necessário colocar um lápis junto do papel, o que podia, até certo ponto, justificar-se, pois sabe-se que os Espíritos podem manipular, deslocar e lançar objetos. Podiam, portanto, segurar o lápis e servir-se dele para traçar os caracteres; já que lhe dão a impulsão por intermédio da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, igualmente, fazê-lo de forma direta.

Mas em breve se descobriu que o lápis não era necessário, bastando colocar no sítio apropriado o papel dobrado ou não, no qual aparecem, alguns minutos depois, as letras escritas. O fenómeno adquire, neste caso, um carácter completamente diferente, visto que a escrita foi traçada por uma substância desconhecida, que não foi fornecida ao Espírito. Ele obteve-a pelos seus próprios meios. Onde terá ido buscá-la? Esse é o problema.

A teoria completa deste fenómeno já foi explicada no Capítulo VIII, nºs. 127 e 128. Ali se vê que o Espírito não se serve das nossas substâncias nem dos nossos instrumentos. Faz, ele mesmo, os instrumentos de que necessita, recorrendo ao elemento primitivo universal, no qual opera as modificações necessárias, através da vontade. Ele pode muito bem fabricar lápis vermelho, tinta de impressão ou tinta comum, tal como lápis preto ou até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para realçar a escrita, assim como temos visto exemplos. A filha de um senhor que nós conhecemos, de 12 ou 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância análoga ao pastel.

149. Tal é o resultado a que nos conduziu o fenómeno da tabaqueira, referido no Capítulo VII, nº 116, sobre o qual nos debruçámos longamente, porque vimos nele a oportunidade de sondar uma das leis mais sérias do espiritismo, lei cujo conhecimento permite esclarecer vários mistérios do mundo visível. Isso demonstra que, de um facto aparentemente vulgar, se pode chegar a conclusões importantes. É necessário observar com cuidado e não se limitar a ver os efeitos que se obtêm sem ter procurado as causas. Se a nossa fé se consolida dia após dia, é porque compreendemos; esclarecei por isso as coisas, se quereis fazer prosélitos sérios. A inteligência das causas tem outro resultado, é traçar uma linha de separação entre a verdade e a superstição.

Encarando a escrita direta sob o ponto de vista das vantagens que pode oferecer, a sua principal utilidade foi a constatação material de um facto sério: a intervenção de um poder oculto que encontra através dela um novo meio de se manifestar. As comunicações assim obtidas, contudo, raramente são extensas; são espontâneas, limitando-se a palavras, frases e sinais muitas vezes incompreensíveis. Foram registadas mensagens em idiomas diversos: grego, latim, siríaco, em hieróglifos, etc. Mas não se prestaram, por agora, a comunicações tão continuadas e rápidas como as que permitem a psicografia ou escrita pelos médiuns.

Pneumatofonia

150. Os Espíritos, que podem produzir ruídos e pancadas, também podem fazer ouvir gritos de qualquer tipo e imitar o som da voz humana, junto de nós ou no vazio do ar que nos rodeia. É o fenómeno que designamos como ***pneumatofonia***. De acordo com o nosso conhecimento dos Espíritos, podemos

pensar que alguns, menos evoluídos, julgam que ainda falam como quando eram vivos. (ver *Revista Espírita* de fevereiro de 1858, *História da aparição da menina Clairon).*

É preciso ter o bom senso de não tomar como vozes ocultas todo e qualquer ruído desconhecido. Já para não falar nos zumbidos e, principalmente, não acreditar na crença popular de que se o ouvido zumbe é porque alguém fala de nós, em algum lugar. Esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm sentido nenhum, enquanto os sons pneumatofónicos, se genuínos, exprimem pensamentos e só isso é que os pode identificar como provenientes de uma causa inteligente e não acidental.

Em princípio, os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos que denotam a intervenção dos Espíritos. Noutra espécie casual de ruídos há, pelo menos, cem possibilidades contra uma de que sejam devidos a causas fortuitas.

151- Acontece muito que, no estado de sonolência, se ouvem palavras, nomes, frases inteiras, com nitidez suficiente para nos sobressaltar. Embora possa tratar-se de uma manifestação espiritual, não é impossível que tal fenómeno possa ser explicado pela teoria das alucinações, abordada no Capítulo VI, nº 111 e seguintes.

As coisas que se ouvem desse modo não têm seguimento. Outro tanto não acontece quando estamos lucidamente despertos. Então, se é um Espírito que se faz ouvir, pode quase sempre estabelecer-se com ele uma troca de pensamentos e a continuação de uma conversa regular.

Os sons espíritas ou pneumatofónicos têm duas maneiras diferentes de se produzir: é, às vezes, uma voz íntima que se repercute no foro interior e que, apesar de as palavras serem bem nítidas, não têm nada de material; outras vezes são externas e tão nítidas como sendo ditas por uma pessoa que estivesse ao nosso lado.

De qualquer forma que se produza, o fenómeno da *pneumatofonia* é quase sempre espontâneo e raramente pode ser provocado.

CAPÍTULO XIII – Psicografia

Psicografia indireta: cestas e pranchetas

152. A ciência espírita progrediu como todas as outras, e mais rapidamente que as outras. Apenas alguns anos depois, já ultrapassámos os meios rudimentares das "mesas falantes" dos seus inícios, já sendo possível actualmente falar diretamente com os Espíritos, tão fácil e rapidamente como as pessoas falam entre si, com os mesmos meios: pela palavra falada ou escrita. A escrita, sobretudo, tem a vantagem de mostrar materialmente a intervenção de uma força oculta, deixando documentos que podem conservar-se, como se faz com a correspondência entre vivos. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas equipadas com um lápis. Vejamos como.

153. Dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir movimento rotativo a uma mesa ou a um objeto qualquer. Tomemos, em vez de uma tábua, uma pequena cesta de 15 a 20 cm de diâmetro, de qualquer material (de madeira ou de vime, a matéria é indiferente). Se, através do fundo da cesta, fizermos passar um lápis e o prendermos bem, com a ponta para fora e para baixo, tudo em condições de equilíbrio e colocado sobre uma folha de papel, e se colocarmos os dedos sobre a cesta, esta começará a mover-se; mas em vez de girar, o lápis passeará sobre o papel em diversos sentidos, de modo a formar quer traços sem significado quer letras.

Se um Espírito for evocado e quiser comunicar, responderá, já não por pancadas, como na tiptologia, mas por palavras escritas. O movimento da cesta já não é automático como nas mesas girantes, torna-se inteligente.

Estando o lápis aplicado à cesta, chegando ao fim da linha não regressa ao princípio, para começar outra. Continua a escrever circularmente, de tal modo qua a linha escrita forma uma espiral, sendo necessário, para ler a mensagem, fazer o papel andar à roda.

A escrita obtida por este processo não é sempre muito legível e as palavras são escritas ligadas umas às outras. Mas o médium, por uma espécie de intuição, decifra a mensagem com facilidade. Por economia, pode-se substituir a ardósia e o giz pelo papel e o lápis comum.

À cesta daremos o nome *"cesta-pião",* podendo substituí-la por uma caixa de cartão, parecida com uma caixa de comprimidos, colocando o lápis em forma de eixo, como num *pião* de jogar.

154. Outros dispositivos foram imaginados para a mesma finalidade. O mais cómodo de todos foi chamado "*cesta de bico",* que consiste em adaptar à cesta uma peça de madeira inclinada, fazendo-a prolongar-se de dez a quinze centímetros para fora, de um lado, na posição de um mastro da proa de um navio. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, faz-se passar um lápis suficientemente comprido, cuja ponta possa repousar no papel.

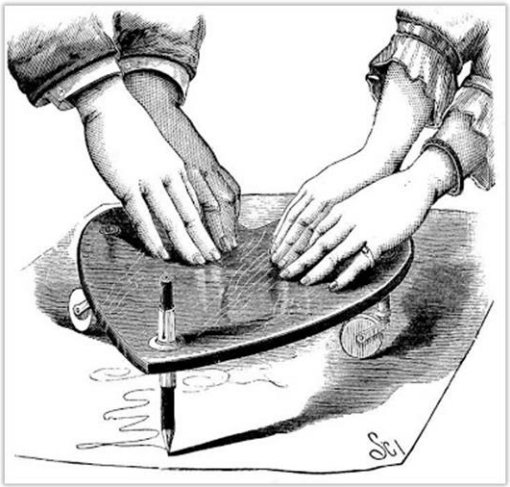
Com os dedos do médium nos bordos da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve, como no caso acima citado, com a grande diferença de que a escrita é em geral mais legível, com as palavras separadas entre si e com as linhas direitas, sem serem escritas em espiral, porque o médium pode, facilmente, conduzir o lápis de uma linha para a outra, como se escreve normalmente. Por este processo pode escrever-se praticamente à mesma velocidade que se escreve à mão.

155. A Inteligência que comunica manifesta-se, por vezes, por outros sinais confusos. Chegado ao fim da página, o lápis faz um movimento para virá-la. Se deseja referenciar algo que disse antes, na mesma página ou noutra mais atrás, procura-a com a ponta do lápis, como faríamos com o dedo, depois sublinha-a. Se o Espírito quer dirigir-se a uma pessoa presente, a ponta da haste de madeira dirige-se para ela. Para abreviar, exprime muitas vezes as palavras *sim* e *não* por sinais de afirmação ou negação como fazemos

com a cabeça. Se deseja exprimir impaciência ou desacordo bate com a ponta do lápis na mesa, por vezes partindo-o.

156. Em vez da cesta, algumas pessoas servem-se de uma espécie de pequenas mesinhas feitas de propósito, com doze a quinze centímetros de comprimento e 5 ou 6 de altura, com três pés, um dos quais porta o lápis; os outros são arredondados ou guarnecidos com uma pequena bola para deslizar facilmente sobre o papel. Outros servem-se simplesmente de uma *prancheta* de 15 a 20 centímetros quadrados, triangular ou oval, tendo nos bordos um orifício *oblíquo* para colocar o lápis. Preparada para escrever, fica inclinada e apoia-se por um dos lados sobre o papel. O lado que se apoia sobre o papel é muitas vezes guarnecido por duas pequenas rodinhas para facilitar o movimento. É claro que o formato não tem qualquer importância, o mais cómodo é o melhor.

Trabalhando com este tipo de aparelhos são sempre necessárias duas pessoas, o médium e um ajudante, que escusa de possuir dotes mediúnicos. Serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir a fadiga do médium.



Psicografia direta ou manual

157. Os exemplos que temos apreciado até aqui são os de "***psicografia indirecta",*** por contraste com os de "***psicografia direta",*** ou "***manual",*** obtida pelo próprio médium.

Para compreender este último procedimento, é preciso perceber o que acontece nesta operação. O Espírito comunicante age através do organismo psíquico e biológico do médium. Este, sob a sua influência, dirige *maquinalmente o* seu braço e a sua mão para escrever, sem ter a menor noção do que escreve (é, pelo menos, o caso mais comum); a mão age sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente,* ela torna-se um instrumento dirigido por uma inteligência; Só é, na realidade, um "porta-lápis", um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis; suprimindo o intermediário, o lápis pode ser empunhado pela mão e o resultado será o mesmo, com um mecanismo muito mais simples, visto que o medium pode escrever como faz normalmente. Todos os médiuns que escreveram com a ajuda duma cesta, de uma prancheta ou outro objeto, podem escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, o processo da *escrita à mão*, também designada como *"escrita involuntária*", é a mais simples, a mais fácil e a mais cómoda, porque não exige nenhuma preparação, prestando-se, como a escrita corrente a textos mais extensos. Retomaremos este tema quando falarmos a respeito dos médiuns.

158. No começo das manifestações, quando ainda não havia ideias muito precisas sobre este assunto, vários trabalhos foram publicados com este título: *Comunicações de uma "cesta", de uma "prancheta" ou de uma "mesa",* etc.

Compreende-se hoje que essas expressões eram insuficientes, erróneas, até pouco sérias. Com acabamos de ver, esses objetos *desprovidos de inteligência*, eram animados momentaneamente de uma vida fictícia e nada podiam comunicar por si mesmos. É tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; seria o mesmo que um autor colocasse, no título da sua obra, que a escreveu com uma pena metálica ou uma pena de ganso.

Estes instrumentos, aliás, não são absolutos. Conhecemos alguém que, em vez da *cesta-pião*, que acabamos de descrever, se servia de um funil, em cujo gargalo introduzia o lápis. Ter-se-ia podido, assim, receber as comunicações de um funil, ou as de uma caçarola ou de uma saladeira.

Se elas ocorreram por meio de pancadas e se estas pancadas foram dadas por uma cadeira ou um pau, já não se tratava de uma mesa falante, mas de uma cadeira ou um pau falante.

O importante nestes fenómenos não era a natureza dos instrumentos de que se serviam, mas o meio de obtenção. Se a comunicação teve lugar pela escrita, seja qual for o porta-lápis, é para nós uma *psicografia.* Se foi realizada pelo processo das pancadas chama-se *tiptologia.*

O Espiritismo, assumindo-se como uma ciência, deve ter uma linguagem científica. **[24 – Linguagem científica]**

CAPÍTULO XIV – Os médiuns

159. Qualquer pessoa que, em maior ou menor grau, sente a influência dos Espíritos é, por esse facto, médium. Tal faculdade é inerente aos seres humanos e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo, sendo raras as pessoas dela totalmente desprovidas. Em sentido prático, contudo, só se atribui essa qualidade às pessoas em que as faculdades respetivas se encontram bem caracterizadas, com efeitos evidentes e de certa intensidade, o que depende de um organismo realmente sensitivo.

Tal faculdade revela-se de maneira diferente de pessoa para pessoa, tendo cada médium uma determinada aptidão para a produção de estes ou daqueles fenómenos, tão variados como as manifestações em si.

Os principais grupos de médiuns são os seguintes: *Os médiuns de efeitos físicos; Os médiuns sensitivos ou impressionáveis; Os médiuns auditivos; falantes; videntes; sonâmbulos; curadores; pneumatógrafos; escreventes ou psicógrafos.* [25 – Classificação dos mediuns]

Médiuns de efeitos físicos

160. ***Os médiuns de efeitos físicos*** são mais especialmente aptos para produzir fenómenos materiais, tais como o movimento de corpos inertes, ruídos, etc. Podem ser divididos em médiuns ***facultativos e médiuns involuntários.*** (Ver 2ª parte, Capítulos II e IV)

Os *médiuns facultativos* são os que têm a consciência das suas faculdades e que produzem os fenómenos espíritas pela sua vontade.

Esta faculdade, embora inerente à espécie humana, como dissemos, é diferente de pessoa para pessoa. Porém, embora haja poucas pessoas nas quais é quase nula, as que têm capacidade para produzir grandes efeitos, como a suspensão de corpos pesados no espaço, a translação aérea e, sobretudo, as aparições, ainda são mais raras.

Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, as pancadas resultantes do levantamento e queda desse objeto ou mesmo ruídos produzidos dentro da sua própria substância.

Sem atribuirmos uma importância principal e esses fenómenos, insistimos em que devem ser tidos em conta, visto que podem proporcionar observações interessantes e contribuir para a crença nos Espíritos.

É de notar que a faculdade de produzir efeitos materiais, contudo, existe raramente nas pessoas que têm meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita ou a palavra. Essa faculdade tende a diminuir num sentido à medida que se desenvolve noutro.

161. Os *médiuns involuntários ou naturais* são aqueles cuja influência se exerce sem o seu conhecimento. Não têm nenhuma consciência do seu poder e o que se passa de anormal à sua volta não lhes parece nada extraordinário. Isso faz parte deles mesmos, tal como as pessoas dotadas com dupla vista e que nem dão por isso. Estas pessoas merecem observação e devem ser recolhidos e estudados todos os factos deste género de que houver conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e, muito frequentemente em crianças novinhas. (Ver o Capítulo V, *Manifestações Espontâneas*).

Esta faculdade não é, por si mesma, sintoma de estados patológicos, porque é compatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui sofre, é por outros motivos, sendo ineficazes os meios de tratamento que tentarem pôr-lhe fim.

Pode, em certos casos, surgir na sequência de estados de fraqueza orgânica, mas não é causada por eles. Não é possível associá-la a transtornos de saúde. Só haverá inconveniente para o detentor desta

faculdade se ele se tornar médium facultativo e for feita utilização abusiva da mesma. Nesse caso dá-se uma emissão excessivamente abundante de fluido vital e subsequente enfraquecimento orgânico.

162. É revoltante pensar que pessoas fracas e delicadas foram sujeitas pela ciência a duras provas morais e corporais, para verificar que não andavam a praticar fraudes.

Estas *experiências*, a maioria das vezes levadas a cabo com maldade, são sempre graves para personalidades sensitivas e delas poderiam resultar graves consequências orgânicas. Fazê-las é como brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa de empregar estes meios, visto que, estando familiarizado com este tipo de fenómenos, sabe que são mais de ordem moral do que de ordem física, e que é inútil procurar a sua solução no âmbito das ciências exatas.

Os fenómenos em causa são de ordem moral, por isso deve evitar-se, com cuidados escrupulosos, tudo o que pode sobre-excitar a imaginação. São conhecidos os acidentes que podem derivar do medo, e seriam mais prudentes se conhecessem todos os casos de loucura e de epilepsia originados pelos contos de lobisomens e do bicho-papão. Mais descabido ainda será procurar a origem desses fenómenos na ação do próprio diabo!... Os que dão acolhimento a essas ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *podem matar*.

O perigo não ameaça apenas os que são passíveis dos fenómenos, também os que os rodeiam, que podem ficar chocados com a ideia de que a sua casa é frequentada por demónios. Foi esta crença funesta que causou tantas atrocidades em tempos de ignorância.

Com um pouco de bom senso poderia ter-se visto que, queimando os corpos supostamente possuídos pelo diabo, não se queimava o diabo. Visto que se queriam ver livres do diabo, era ele que era necessário eliminar. A cultura espírita, esclarecendo sobre a verdadeira causa de todos estes fenómenos, deu-lhes o golpe final. *Longe de propagar tal ideia, é um dever moral e de humanidade combatê-la, se existir.*

O que é importante fazer, quando essas faculdades se manifestam espontaneamente, é deixar o fenómeno seguir o seu curso natural: a natureza é mais prudente que os indivíduos. A Providência, além disso, tem os seus desígnios, e o mais pequeno pode estar guardado para os mais altos objetivos.

Terá que reparar-se, contudo, que estes fenómenos adquirem por vezes proporções fatigantes e muito importunas para toda a gente.[12]

Vejamos o que é preciso fazer em todos os casos: no Capítulo V, das *Manifestações físicas espontâneas,* já demos alguns conselhos a este respeito, dizendo que é necessário comunicar com o Espírito para saber da parte dele o que deseja.

O passo seguinte é igualmente baseado na observação: os seres invisíveis que revelam a sua presença por efeitos sensíveis são, em geral, Espíritos pouco evoluídos, que podem ser controlados pelo ascendente moral. É necessário adquirir esse ascendente (Ver nºs 251, 254 e 279), o que se consegue fazendo o medium passar do estado de médium natural, ao estado de médium facultativo. Passa-se então algo semelhante ao que acontece no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se pára a faculdade emancipadora da alma, dá-se-lhe outra

---

[12] Um dos factos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e estranheza dos fenómenos, teve lugar em 1852, em Bad Bergzabern, perto de Wissembourg, na Renânia/Palatinado, Alemanha.

É mais assinalável por que reuniu, no mesmo indivíduo, todos os géneros de manifestações espontâneas. Pancadas tão enérgicas que abalavam a casa; móveis virados; objetos lançados de longe por mão invisível; visões e aparições; sonambulismo; êxtase; catalepsia; atração eléctrica; gritos e sons ouvidos no espaço; instrumentos tocando sem serem manipulados; comunicações inteligentes, etc.

E, o que é mais importante, a observação destes factos, que durou quase dois anos, foi feita por inúmeras testemunhas presenciais, pessoas idóneas, de confiança e conhecidas publicamente. A sua narrativa autêntica foi publicada na altura, em diversos jornais alemães e numa brochura há muito esgotada. A sua tradução completa está publicada na *Revista Espírita* de 1858, com as explicações necessárias, a única publicação francesa que o fez. Para além do grande interesse desses fenómenos, são muito úteis do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.(A.K.)

orientação. É isso que acontece com a faculdade mediúnica. Em vez de serem impedidos os fenómenos, o que raramente se consegue e que pode apresentar alguns perigos, é necessário encorajar o médium a produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por este meio, passa a controlá-lo, e de um dominador algumas vezes tirânico, ele faz um seu subordinado muito obediente. [26 – O papel dos mediuns]

Um facto digo de nota, e confirmado pela experiência, é que, num caso desses, uma criança tem muitas vezes mais autoridade do que um adulto: nova prova que apoia um princípio capital da cultura espírita, de que um Espírito só é criança pelo corpo, tendo em si mesmo uma evolução anterior à encarnação actual, evolução que pode dar-lhe ascendência sobre Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização do Espírito pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experientada, se o médium não está em estado de fazê-lo, é um meio frequentemente muito eficaz. Regressaremos a este assunto mais tarde. [28 – A palavra influente]

Pessoas eléctricas

163. É a esta categoria de médiuns que devem pertencer as pessoas dotadas de alguma eletricidade natural, verdadeiros "*torpedos humanos*", que produzem, pelo simples contacto, todos os efeitos de atração e repulsão. Seria errado considerá-los *médiuns*, porque a verdadeira mediunidade pressupõe a intervenção direta de um Espírito.

No caso que estamos a considerar, experiências concretas provaram que a eletricidade é o único agente destes fenómenos. Essa estranha faculdade, que poderia ser considerada uma enfermidade, pode por vezes ser associada à mediunidade, como pode ver-se no caso do *Espírito barulhento de Bergzabern*, mas em muitos casos é completamente independente.

Como dissemos oportunamente, a única prova da intervenção dos Espíritos é o carácter inteligente das manifestações. Sempre que esta qualidade não se manifesta, devemos atribuir-lhes causas unicamente físicas. A questão é de saber se as *"pessoas elétricas"* têm uma tendência especial para se tornarem *médiuns de efeitos físicos*. Pensamos que sim, mas isso só se concluirá com a experiência.

Médiuns sensitivos ou impressionáveis

164. Chamam-se assim as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, um arrepio nos membros, cuja razão se desconhece. Este género de mediunidade não tem características muito marcadas. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, e essa qualidade é mais geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.

Difere da impressionabilidade puramente física ou nervosa, com a qual não deve confundir-se, porque há pessoas que não têm sensibilidade nervosa e que notam de certa maneira a presença dos Espíritos, enquanto outras pessoas muito irritáveis não a notam de forma nenhuma.

Esta faculdade desenvolve-se pelo hábito, podendo adquirir una tal subtileza, que aqueles que a possuem reconhecem não apenas a natureza boa ou menos boa dos Espíritos presentes, mas até a sua individualidade, como um cego que não vê alguém que se aproxima, mas consegue saber quem é por impressões subentendidas.

A pessoa nessas condições torna-se, relativamente aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito causa sempre uma impressão doce e agradável; o que não for bom, ao contrário, causa uma impressão penosa, ansiosa e desagradável; tem como um odor de impureza.

Médiuns que ouvem ou auditivos

165. Ouvem a voz dos Espíritos; é, tal como dissemos ao falar de pneumatofonia (ver nº 150), algumas vezes uma voz íntima que se escuta no foro interior, outras vezes uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Podem, portanto, entrar em conversação com os Espíritos. Quando esses médiuns criam hábitos de comunicação, conhecem aqueles com quem costumam falar, pelo tom da voz. Quem não tiver esta faculdade pode também comunicar com um Espírito, por intermédio de um médium auditivo que pode servir de intermediário.

O exercício desta categoria mediúnica é muito agradável quando o médium só atende bons Espíritos, ou somente aqueles que chama. Mas é completamente diferente quando um espírito inferior se encarniça contra ele e o obriga a ouvir as coisas mais desagradáveis e até inconvenientes. Nesse caso é necessário livrar-se dele mediante o que indicaremos no capítulo que trata da *"Obsessão"*.

Médiuns que falam ou falantes

166. Os médiuns auditivos, que só transmitem o que ouvem, não são, de facto, "*médiuns falantes";* estes últimos, frequentemente, nada ouvem. Os Espíritos actuam sobre os seus órgãos da fala, do mesmo modo que actuam sobre a mão dos médiuns escreventes ou psicógrafos.

Os Espíritos que desejam fazer uma comunicação servem-se, através do médium, do seu órgão fisiológico que é mais flexível e que melhor serve para o efeito. A certos médiuns, pedem emprestada a mão, a outros pedem emprestada a fala e a outros o ouvido.

O "médium que fala" exprime-se, geralmente, sem ter a consciência do que diz, coisas que estão completamente fora do seu conhecimento e até para além do alcance da sua inteligência. Embora esteja completamente acordado e num estado normal, raramente conserva a lembrança do que disse. As palavras são instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma pessoa estranha pode entrar em comunicação, como por intermédio de um "médium auditivo".

A passividade do "médium que fala" nem sempre é completa. Há alguns que têm a intuição do que dizem no próprio momento em que pronunciam as palavras. Regressaremos a este assunto quando tratarmos dos "médiuns intuitivos".

Médiuns que vêem ou videntes

167. Os médiuns videntes têm a faculdade de ver os Espíritos. Alguns têm-na quando se encontram no seu estado normal, perfeitamente acordados, ficando com a lembrança exacta desse facto.

Outros só têm a faculdade se se encontrarem em transe sonambúlico, ou perto disso. Em permanência, é uma faculdade muito rara. É quase sempre efeito de uma crise passageira.

Podem colocar-se nesta categoria de médiums todas as pessoas dotadas de dupla vista. A capacidade de ver Espíritos em sonhos resulta de uma espécie de mediunidade, mas as pessoas a quem tal acontece não são por isso médiuns videntes. Explicámos este fenómeno no Capítulo VI, das *Manifestações Visuais.*

O Medium vidente julga ver pelos olhos, assim como os que têm dupla vista. Na realidade, porém, é a alma que vê. É por esse motivo que os videntes vêem os Espíritos tanto de olhos abertos como com eles fechados, e que as pessoas cegas podem vê-los tão bem como as que vêem normalmente. Um estudo importante a fazer a este respeito seria determinar se esta faculdade é mais ou menos frequente nas pessoas cegas. Os Espíritos das pessoas que foram cegas disseram-nos que, durante a vida tinham, pela alma, a perceção de certos objetos e que não viviam mergulhados no *negrume*.

168. É preciso conhecer a diferença entre as aparições acidentais e espontâneas, e a faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras acontecem, sobretudo, no momento da morte das pessoas que amámos ou conhecemos, que vêm avisar-nos que já não pertencem a este mundo. Há numerosos casos deste género, sem falar nas visões durante o sono.

Outras vezes são parentes ou amigos já falecidos há mais ou menos tempo, que vêm avisar-nos de um perigo, dar-nos um conselho ou pedir-nos um favor. Normalmente é para que façamos qualquer coisa que não puderam fazer enquanto eram vivos, ou para ajudá-los com as nossas preces. Tais aparições são isoladas, têm um carácter individual e pessoal e não representam a faculdade da vidência propriamente dita.

A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos bastante frequente, de vermos o primeiro Espírito que aparece, mesmo que nos seja completamente desconhecido. Essa é a faculdade dos médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, há os que vêem somente os Espíritos que são evocados e cuja descrição podem fazer com minuciosa exatidão: descrevem nos mínimos detalhes os gestos, as feições, o traje, e até os sentimentos de que parecem animados. Há outros que têm uma faculdade mais geral, veem toda a população espírita ambiente ir e vir, poderia dizer-se, a tratarem da sua vida.

169. Assistimos, numa soirée, a uma representação da ópera *"Oberon",* acompanhados por um médium vidente muito bom. Havia uma grande quantidade de lugares vagos na sala, estando muitos deles ocupados por Espíritos que tinham o ar de tomar parte do espectáculo. Alguns iam junto de certos espectadores, aparentemente para escutar o que diziam. [28 – Ópera Obéron]

Em cena passava-se outra coisa: atrás dos atores, vários Espíritos de humor jovial divertiam-se a imitá-los, com macaquices, para se divertirem. Outros, mais sérios, pareciam querer inspirar e entusiasmar os cantores. Um deles estava sempre junto de uma das principais cantoras, ao que nos parecia, com intuitos um pouco levianos. Chamámo-lo até nós, depois de ter descido o pano, tendo ficado ofendido com essa nossa suposição. *"Não sou aquilo que julgais, disse-nos, sou o seu guia e anjo protetor, e fui encarregado de dirigi-la"*. Depois de uma troca muito séria de impressões, despediu-se, dizendo: "*Adeus, ela está no seu camarim; é preciso que vá velar por ela."*

Fizémos então a evocação de Weber, o autor da ópera que fora cantada e perguntámos-lhe o que pensava da execução que fora feita, até ali, do seu trabalho. *"Não foi de todo mau, mas pouco enérgico. Os actores cantam, e é tudo. Não houve inspiração. Esperai, acrescentou, que vou tentar comunicar-lhes um pouco de entusiasmo inspirador"*. Vimo-lo então, no palco, planando por sobre os cantores durante o segundo ato. Alguma vibração pareceu ter-se desprendido da sua atitude, e foi notório, a partir desse momento, um ganho de convicção e de entusiasmo expressivo por parte dos intérpretes.

170 - Vamos agora ver um facto que prova a influência que os Espíritos têm sobre as pessoas, sem que estas saibam. Estávamos, noutra ocasião, numa representação teatral, com um outro médium vidente. Tendo falado com um *Espírito espetador*, disse-nos este: *"Vedes aquelas duas senhoras sozinhas naquele camarote de primeira? Pois bem! Estou a ganhar balanço para fazê-las sair da sala*". Dito isto, dirigiu-se rapidamente para lá e começou a falar com elas. Tendo estado até ali muito atentas ao espetáculo, as senhoras entreolharam-se, parecendo que trocavam impressões, levantaram-se e deixaram a sala definitivamente. O Espírito fez-nos um sinal brincalhão para nos mostrar que tinha conseguido o que queria. Como não voltámos a vê-lo, não pudemos ter a explicação detalhada do que se passou.

Foi assim que pudemos testemunhar muitas vezes o papel que os Espíritos podem exercer sobre os vivos. Observámos Espíritos em diversas ocasiões, bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos, e em todos os lados os vimos estimulando as más intenções, sugerindo discórdias, acicatando disputas, e divertindo-se com isso. Outros Espíritos, pelo contrário, tentavam contrariar essas influências negativas com sugestões benévolas, que muito raramente eram acatadas.

171- A faculdade de ver os Espíritos pode desenvolver-se, mas convém esperar que surja de forma natural, se não quisermos arriscar-nos a ser vítimas da sua imaginação. Quando o germe de uma faculdade existe, esta manifesta-se por si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com aquelas que Deus nos deu, sem tentar alcançar impossíveis. Querendo ter tudo, podemos correr riscos de perder o que já temos.

[29 – Desenvolvimento das capacidades mediúnicas]

Dissemos no número 107 que as aparições espontâneas são frequentes, mas isso não quer dizer que sejam vulgares. Os médiuns videntes propriamente ditos ainda são mais raros, e é preciso desconfiar daqueles que se gabam de sê-lo. Não devemos depositar confiança plena, senão com provas muito positivas. Nem sequer falamos da ridícula ilusão, de que falámos no nº 108, dos "Espíritos esféricos", mas daqueles que julgam ver Espíritos de uma forma racional.

Algumas pessoas podem realmente enganar-se de boa-fé, mas outros podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, é preciso levar em conta o carácter, a moralidade e a sua sinceridade habitual. Onde se pode encontrar o controlo mais exato é nos detalhes circunstanciais, porque há alguns que não podem deixar dúvidas como, por exemplo, a exatidão do retrato dos Espíritos que o médium nunca conheceu em vida. O fenómeno que relatamos a seguir está nessa categoria.

Uma senhora viúva, com quem o Espírito de seu marido comunicava com frequência, conversou um dia com um médium vidente que não a conhecia nem à sua família, e que lhe disse:

– Estou a ver um Espírito a seu lado.

– Ah! respondeu ela, é, sem dúvida o meu marido, que quase nunca me deixa.

– Não, respondeu o médium, é de uma senhora de certa idade, que está penteda de uma forma pouco habitual, com uma fita branca sobre a fronte.

Com esse e mais alguns pormenores, a senhora reconheceu tratar-se da sua avó, na qual não estava a pensar nesse momento.

Se o médium tivesse querido dar uma ideia especial dos seus dotes, seria fácil para ele ter-se alargado com referências aos pensamentos da senhora, visto que, em vez do marido, com que estava preocupada, viu a tal senhora com uma fita branca na cabeça, de quem ninguém poderia dar-lhe uma ideia. Esse facto prova ainda outra coisa: que a imagem dada pelo médium não era reflexo de nenhum pensamento estranho. (Ver número 102)

Médiuns sonâmbulos

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variante da mediunidade, ou melhor, são dois fenómenos que muitas vezes se encontram associados. O sonâmbulo age sob a influência do seu Espírito. É a sua alma que, nos momentos de emancipação[13], vê, ouve e sente para lá do limite dos sentidos. É em si mesmo que vai buscar as suas ideias, mais exatas assim do que no seu estado normal, com conhecimentos mais alargados, porque a alma está em liberdade e vive, por antecipação, a condição dos Espíritos.

O médium, pelo contrário, é intermediário de uma inteligência exterior. É passivo, porque o que diz não está em si mesmo.

Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento e o médium exprime o pensamento de outro. Entretanto, um Espírito que comunica com um médium vulgar, pode fazer o mesmo com um sonâmbulo. Muitas vezes mesmo, o estado de emancipação da alma, durante o transe sonambúlico, torna a comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e descrevem-nos com o

---

[13] Ver "Emancipação da alma" – Livro Segundo de "*O Livro dos Espíritos*", Capítulo VIII – Pergunta nº 400 e seguintes. (N.T.)

mesmo rigor que os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitirem-nos o seu pensamento. O que nos disserem, fora do âmbito dos seus conhecimentos, foi-lhes dito por outros Espíritos.

Este é um exemplo notável da ação conjugada do Espírito de um sonâmbulo e de um Espírito exterior, que asim se revela da forma mais clara.

173. Um amigo nosso trabalhava com um jovem sonâmbulo de 14/15 anos, de inteligência vulgar e instrução limitada. Contudo, no transe sonambúlico, dava provas de lucidez e perspicácia muito notáveis.

Era excelente no tratamento de doenças e fez um grande número de curas, algumas consideradas impossíveis. Certo dia, na consulta que deu a um doente, fez um diagnóstico perfeito da sua situação.

– *Mas isso não chega*, disseram-lhe os presentes, *é preciso indicar-lhe o tratamento*.

– *Não posso,* respondeu, *o meu anjo médico não está presente.*

– *E quem é o teu anjo médico?*

– *É o que me diz os tratamentos a fazer.*

– *Não és tu que vês os medicamentos?*

– *Não, não sou eu. Já disse que é o anjo médico.*

Fazer o dignóstico estava, portanto, nas capacidades do Espírito do sonâmbulo, que não precisava para isso de qualquer assistência; mas a indicação do remédio era-lhe dada por outro. Esse outro estava ausente e, portanto, nada podia dizer.

Sózinho, o jovem era apenas um "*sonâmbulo",* acompanhado do que chamava o seu anjo médico, passava a ser um *"sonâmbulo-médium".*

174- A lucidez sonambúlica é uma faculdade que depende do organismo e que nada tem a ver com o grau de evolução ou com o estado moral do sujeito. Um sonâmbulo pode ser muito lúcido, e ser incapaz de responder a certas questões, se o seu Espírito for pouco avançado. Aquele que fala por si mesmo pode dizer coisas boas ou más, certas ou erradas, colocar mais ou menos escrúpulo e delicadeza nos seus procedimentos, conforme o grau de maior ou menor elevação do seu Espírito. É então que a assistência de um outro Espírito pode compensar a sua insuficiência. Um sonâmbulo, porém, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, superficial ou até mau, tal como sucede com os médiuns. É então que as qualidades morais têm uma grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver *Livro dos Espíritos, "Sonambulismo",* pergunta nº 425; neste livro, mais à frente ver o Capítulo XX, que trata da *"Influência moral do médium*")

Médiuns curadores ou de cura

175- Falaremos aqui a respeito dos médiuns que curam, só para mencioná-los. O estudo adequado deste assunto exigiria desenvolvimento mais extenso. Além disso, sabemos que um amigo nosso, que é médico, se propõe tratá-lo numa obra especial sobre a medicina intuitiva.

Diremos apenas que este género de mediunidade consiste principalmente no dom que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque pessoal, pelo olhar, por um gesto, sem recurso a medicamentos.

Dir-se-á, sem dúvida, que se trata de magnetismo. É evidente que a energia magnética desempenha aqui um papel importante. Mas, se observarmos o fenómeno com cuidado, reconhece-se que há qualquer coisa mais.

A cura pela magnetização é um tratamento que exige continuidade regular e metódica, o que a torna diferente. Todos os magnetizadores estão praticamente aptos a fazer tratamentos, se souberem atuar convenientemente, enquanto no caso dos médiuns de cura a faculdade é espontânea, dando-se o caso de alguns a possuirem sem nunca terem ouvido falar de magnetismo.

A intervenção de um poder oculto, que constitui a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias, considerando que a maior parte das pessoas que podem ser considerados médiuns de cura recorrem à prece, o que é uma autêntica evocação. (Ver atrás o número 131)

176. De seguida, as perguntas que dirigimos aos Espíritos a respeito deste tema e as respostas que nos deram.

1. Podemos considerar as pessoas dotadas de magnetismo como um grupo específico de médiuns?

– Não há dúvidas a esse respeito.

2. Contudo, o médium é um intermediário entre os Espíritos e as pessoas e o magnetizador, sendo alguém que usa as suas próprias faculdades, não parece ser intermediário de qualquer força externa?

– É um erro. A força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que chama em seu auxílio. Quem magnetizar para efeitos de cura, se invocar um bom Espírito que se interessa por si e pelo seu doente, aumenta a sua força de vontade e dirige as suas energias, dando-lhe as qualidades necessárias.

3. Há, no entanto, muito bons magnetizadores que não acreditam nos Espíritos?

– Os Espíritos não atuam apenas sobre os que neles acreditam. Os que magnetizam para o bem são ajudados pelos bons Espíritos. Todas as pessoas que agem pelo bem, invocam-nos sem se darem conta disso. Do mesmo modo, se agirem pelo mal, não serão os bons Espíritos que vêm em seu auxílio, mas os maus.

4.Os que tiverem dotes magnéticos, acreditando na intervenção dos Espíritos, serão mais eficazes?

– Farão coisas que poderão ser tidas como milagres.

5. Haverá quem tenha o dom de curar pelo simples toque, sem o emprego de passes magnéticos?

– Certamente, existem numerosos exemplos.

6. Nesse caso existe ação magnética ou somente a influência dos Espiritos?

– Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, visto que actuam sob a influência dos Espíritos. O que não significa que sejam médiuns de cura como os entendeis.

7. Esse poder é transmissível?

– O poder, não. Mas o conhecimento das coisas necessárias para o exercer, sim, caso se possua. Ninguém julgará ter esse poder sem acreditar que lhe foi transmitido.

8. Podem obter-se curas apenas pelo recurso à prece?

– Sim, se Deus o permitir. Mas pode ser que o bem do doente esteja na continuação do sofrimento, acreditando vós, nesse caso, que as vossas preces não foram ouvidas.

9. Haverá para isso modelos de preces mais eficazes que outros?

– Só a superstição e os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem acreditar nisso. Um modelo pode contribuir apenas para dar confiança a pessoas pouco esclarecidas, sem compreensão espiritual. Não é o modelo de prece que é eficaz e sim o aumento da fé causado por essa confiança.

Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se esse nome aos médiuns capazes de obter a escrita direta, o que não é concedido a todos os médiuns escreventes. Esta faculdade é rara e desenvolve-se talvez por tentativas. Como dissemos, porém, a sua utilidade prática é só a de comprovar a intervenção de uma força oculta nas manifestações.

Só a experiência pode revelar quem possui essa faculdade. Pode-se tentar e pedir ajuda ao Espírito protetor por outros meios de comunicação. Segundo a maior ou menor potência do médium, obtêm-se traços, sinais, letras, palavras, frases, ou mesmo páginas inteiras.

Geralmente basta colocar uma folha de papel dobrado num lugar qualquer ou num lugar designado pelo Espírito, durante dez minutos ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são essenciais. É por isso que se julga impossível obter alguma coisa em reuniões de pessoas pouco sérias ou

que não estejam animadas de sentimentos simpáticos e bondosos. [Ver teoria da escrita direta, capítulo VIII, "*Laboratório do mundo invisível*" (nº 127 e seguintes) e capítulo XII, sobre *"Pneumatografia*"].

Iremos tratar de forma especial nos capítulos seguintes o assunto dos médiuns escreventes.

CAPÍTULO XV – Médiuns que escrevem ou psicógrafos

178. De todos os meios de comunicação, a escrita à mão é o mais simples, o mais cómodo e, sobretudo, o mais completo. É nessa direção que devem ser feitos todos os esforços, porque permite estabelecer com os Espíritos relações tão continuadas e regulares como aquelas que há entre nós e por ser dessa forma que melhor revelam a sua natureza e o grau da sua perfeição ou inferioridade. Pela facilidade que têm de se exprimir, revelam os seus pensamentos íntimos, permitindo-nos julgar e apreciar o seu valor. Além disso, a faculdade da escrita, para um médium, é a que permite mais fácil progresso pelo exercício.

Médiuns mecânicos

179. Se forem observados os movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não podemos duvidar que foram produzidos pela ação direta dos Espíritos sobre esses objetos. Por vezes, a cesta movimenta-se com tal violência que escapa das mãos do médium ou dirige-se às pessoas presentes, para as atingir. Outras vezes os movimentos mostram sentimentos suaves e afectivos.

A mesma coisa acontece com o lápis empunhado pelo médium; às vezes é atirado para longe com força, outras a cesta e a mão são agitadas convulsivamente e batem na mesa com raiva, mesmo quando o médium está perfeitamente calmo e se espanta por não poder dominar-se. Digamos que este tipo de gestos denota a presença de Espíritos imperfeitos.

Os Espíritos superiores são sempre calmos e bem-intencionados. Se não forem escutados convenientemente, retiram-se, tomando outros o seu lugar. O Espírito pode então exprimir o seu pensamento, seja pelo movimento do objeto de escrita, no qual a mão do médium é apenas o ponto de apoio, ou pela sua ação na própria mão. Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, dá-lhe um impulso completamente independente da vontade do médium, escreve enquanto tiver que escrever até ao fim da sua mensagem.

O que caracteriza este fenómeno é a inconsciência absoluta dos médiuns quanto ao que estão a escrever, designando-se por isso *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é preciosa, visto que não pode deixar dúvidas quanto à independência do pensamento do Espírito que escreve.

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também se dá por intermédio do Espírito do médium, melhor, da sua alma – visto que se trata de um Espírito encarnado. O Espírito comunicante não actua sobre a mão do médium para realizar a escrita, ele não a segura, não a guia; age sobre a alma com a qual se identifica.

A alma, sob esta impulsão, guia a mão que empunha o lápis. Notemos, aqui, uma coisa importante, a saber: o Espírito comunicante não substitui a alma do médium, visto que não poderia deslocá-la. Domina-a sem que o médium tenha consciência disso, e realiza o ato da escrita através da sua própria vontade. O papel da alma do médium não é totalmente passivo. É ela que recebe o pensamento do Espírito e que o transmite. Nesse momento o médium tem a consciência do que escreve, embora não seja o seu próprio pensamento. É o que se chama um *"médium intuitivo".*

Se assim é, dir-se-á, nada prova que seja um Espírito comunicante que escreve e não o médium. Neste caso, pela dificuldade em fazer essa distinção, pode acontecer que isso importe pouco, visto que o pensamento registado nunca é preconcebido, nasce à medida que é escrito e frequentemente diverso de tudo o que se sabia antes. Pode mesmo estar além dos conhecimentos e das capacidades do médium.

Enquanto o papel de um *"medium mecânico"* é o de uma máquina, o "médium intuitivo" age como faria um intérprete; Este, para transmitir o pensamento tem de compreendê-lo, apropriar-se do sentido

que atravessa a sua mente, para o traduzir fielmente. O pensamento não é seu, só atravessa o seu cérebro. É esse exatamente o papel do médium intuitivo. **[30 – Não há incorporação]**

Médiuns semi-mecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade.

No médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo.

O médium semi-mecânico partilha as características de ambos. Sente o impulso na mão, que lhe é estranho, mas ao mesmo tempo tem a consciência do que está a escrever, à medida que as palavras se formam.

No primeiro, o pensamento segue o acto da escrita; no segundo o pensamento chega antes da escrita, no terceiro acompanham-se. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Médiuns inspirados

182. Qualquer pessoa que, no estado normal ou no estado de êxtase, receba pelo pensamento comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser considerada "médium inspirado".

É uma variante do "médium intuitivo", com a diferença de que a intervenção de uma força oculta ainda é menos perceptível, porque numa pessoa inspirada é ainda mais difícil distinguir o seu próprio pensamento daquele que lhe é sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade.

A inspiração vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, mas principalmente dos que nos querem bem e cujos conselhos benévolos cometemos frequentemente o erro de não seguir.

Essa inspiração aplica-se a todas as circunstâncias da vida e a todas as resoluções que devemos tomar. Neste ponto de vista pode dizer-se que todos somos médiuns, porque todos temos os nossos Espíritos familiares e de proteção, que fazem todos os esforços para sugerir bons pensamentos aos seus protegidos. Se estivéssemos sempre atentos a essa realidade, recorreríamos mais vezes à inspiração do nosso anjo da guarda, quando estamos indecisos ou receosos.

Se, em caso de necessidade, o invocarmos *com fervor e confiança,* ficaremos muito satisfeitos com a quantidade de boas ideias que nos surgem como por encanto, quer para uma decisão a tomar quer para fazer qualquer coisa.

Se nenhuma ideia surgir imediatamente, é porque se deve esperar. A prova de que se trata de ideia sugerida está precisamente em que, se fosse da pessoa, teria estado ao seu dispor, não havendo razão para não se manifestar à vontade.

Quem não é cego, basta abrir os olhos para ver quando quiser. Da mesma maneira, o que possui ideias próprias, sempre as tem ao seu dispor. Se elas não surgem à vontade é porque precisa de as procurar fora de si mesmo.

Podem-se incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de uma inteligência notável, sem saírem do seu estado normal, têm vislumbres de uma lucidez intelectual que lhes fornecem momentaneamente uma facilidade rara de conceção e de expressão e, em certos casos, pressentimentos de coisas futuras.

Nesses momentos, que consideramos "inspirados", as ideias abundam e encadeiam-se por si mesmas, e por impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que o nosso Espírito se libertou dum fardo.

183. Os homens de génio de todos os géneros, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos avançados, capazes de empreender e conceber grandes coisas. É por serem considerados capazes que os

Espíritos, que desejam que certas iniciativas se concretizem, lhes sugerem as ideias necessárias. E é desse modo que as tais pessoas de génio são muitas vezes *"médiuns sem o saberem"*.

Terão, no entanto, uma vaga impressão de terem tido uma ajuda inexplicável, estranha, porque os que apelam à inspiração fazem uma verdadeira evocação. Se não esperassem ser atendidos não exclamariam por vezes: meu bom génio, vem em meu auxílio!

Há certas respostas que o confirmam:

Qual é a causa primária da inspiração?

- O Espírito que comunica pelo pensamento.

A inspiração só tem como finalidade revelar grandes coisas?

– "Não, a inspiração relaciona-se com as coisas mais insignificantes da vida. Por exemplo: se desejares ir algures, há uma voz misteriosa que te diz para não ir, porque poderá ser perigoso. Outras vezes pode dizer-te para fazeres certa coisa em que não pensavas: é a inspiração. Quase toda a gente, uma vez ou outra da vida, foram mais ou menos inspiradas em certas ocasiões."

Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, num momento de inspiração, podem ser considerados como médiuns?

– "Sim, nesses casos a sua alma está mais livre, como que liberta da matéria. Recupera uma parte das faculdades do seu Espírito e abre-se mais facilmente às ideias que outros Espíritos lhes inspiram."

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga de coisas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida e podem devê-la a uma espécie de "dupla vista" que lhes permite entrever consequências de coisas presentes e a origem de acontecimentos futuros. Podem também ser comunicações ocultas e é nesses casos que se pode dar a essas pessoas especialmente dotadas o nome de *"médiuns de pressentimentos"*, uma variedade dos "*médiuns inspirados".* [31– Pré-cognição]

CAPÍTULO XVI – Médiuns especiais

Aptidões especiais dos médiuns

185. Para além das categorias de médiuns que acabámos de descrever, a mediunidade apresenta grande quantidade de variantes a que chamamos médiuns especiais, com faculdades ainda não definidas, independentemente das qualidades e conhecimentos dos Espíritos que se manifestam.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz a marca da sua elevação ou da sua inferioridade, do seu conhecimento e da sua ignorância. Em casos de mérito equivalente e sob o ponto de vista hierárquico, há sempre no Espírito a propensão a ocupar-se mais de certas coisas que de outras. Os Espíritos barulhentos, por exemplo, não saem muito das manifestações físicas. No que toca aos Espíritos de manifestações inteligentes há os que são poetas, músicos, desenhadores, moralistas, cientistas, médicos, etc. Falamos de Espíritos de nível médio, porque, a partir de certo nível de elevação, as suas faculdades atingem a unidade na perfeição.

Paralelamente às aptidões dos Espíritos é importante considerar também a qualidade dos médiuns, podendo estes ser instrumentos mais ou menos cómodos, mais ou menos flexíveis para eles, e nos quais descobrem qualidades específicas que nós não podemos apreciar.

Façamos uma comparação. Um músico bastante hábil tem ao seu dispor numerosos violinos que, sendo todos bons instrumentos, podem variar muito no conceito de um especialista. Ele nota neles diferenças de uma extrema delicadeza, que o farão escolher uns e rejeitar os outros, diferenças que ele percebe por intuição e que não consegue definir.

Passa-se o mesmo com os médiuns. Sendo iguais na sua potência medianímica, o Espírito valorizá-los-á de formas diferentes, segundo o género de comunicação que desejar fazer.

Assim, por exemplo, vêem-se pessoas escrever, como médiuns, admiráveis poesias, embora em condições normais nunca tenham podido ou sabido escrever versos. Outros, pelo contrário, são poetas, mas como médiuns só escrevem prosa, apesar do seu desejo de escrever poesias. Acontece o mesmo com o desenho, a música, etc.

Há médiuns que, sem possuírem conhecimentos científicos, têm melhor aptidão para receber comunicações dessa área de conhecimentos. Outros são aptos para estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes a Espíritos moralistas. Numa palavra, qualquer que seja a habilidade do médium, as comunicações que recebe com mais fácilidade têm geralmente um cunho especial. Há ainda os que nunca saem de um determinado campo, e quando dele se afastam só recebem comunicações incompletas, lacónicas e muitas vezes falsas.

Além da questão das aptidões, os Espíritos que comunicam ainda dão preferência, mais ou menos acentuada, a este ou àquele intermediário, de acordo com as suas simpatias. Em iguais condições, o mesmo Espírito será mais explícito com certos médiuns, unicamente porque estes lhe convêm melhor.

186. Seria um erro pensar que, dispondo de um médium de boa qualidade, com uma excelente capacidade de escrita, está garantida a receção de boas comunicações de todos os géneros.

A primeira condição para que uma comunicação seja boa, é garantir uma boa fonte donde ela nos venha, isto é, que emane de um bom Espírito. Mas não é menos necessário atentar nas qualidades do instrumento que se dá ao Espírito. É importante, pois, estudar a natureza do médium como se estuda a natureza do Espírito comunicante, sendo estes os elementos principais para obter bons resultados.

Há uma terceira condição que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga. E isso entende-se: *Para que uma comunicação seja boa é necessário que emane de um bom Espírito; para que esse Espírito POSSA*

transmiti-la, é-lhe necessário um bom instrumento; para que QUEIRA transmiti-la é necessário que a finalidade lhe convenha.

O Espírito, que lê no pensamento, avalia se a ***pergunta*** que lhe é apresentada merece uma resposta séria e se a pessoa que lha apresenta é digna de a receber.

No caso contrário, não perde tempo a semear bons grãos em terreno pedregoso. É nessa altura que os Espíritos fúteis e trocistas aparecem, porque pouco lhes interessa a verdade e são geralmente pouco escrupulosos a respeito do fim e dos meios.

Quadro resumido das diferentes variedades de médiuns

Resumimos, aqui, os principais géneros de mediunidade a fim de apresentar um quadro sinótico compreendendo os que já descrevemos nos capítulos anteriores, indicando os números onde tratamos de cada um, com mais pormenores.

Agrupámos as diferentes variedades de médiuns, por analogia de causas e de efeitos, sem que esta classificação tenha qualquer valor absoluto. Algumas surgem com frequência; outras, pelo contrário, são raras e mesmo excepcionais, o que tivemos o cuidado de mencionar.

Estas últimas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos que, de resto, reviram este quadro com um cuidado particular e completaram-no com numerosas observações e novas categorias, de tal modo que ele é, por assim dizer, inteiramente obra sua.

"Indicámos, pondo-as entre aspas e em corpo tipográfico diferente**, quando quisemos **destacá-las." São, na maioria, dos Espíritos *Erasto e Sócrates.*

187. Podem-se dividir os médiuns em duas grandes categorias:

MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS, os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Nº 160).

MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS, os que são mais aptos para receberem e transmitirem comunicações inteligentes. (Nº 65 e seguintes).

Todas as outras variedades de médiuns se ligam mais ou menos directamente a uma destas duas categorias; algumas ligam-se a ambas. Se analisarmos os diferentes fenómenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que há em todos um efeito físico e que, aos efeitos físicos se alia quase sempre um efeito inteligente; o limite entre os dois é muitas vezes difícil de estabelecer, mas isso não tem qualquer consequência. Sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais*, incluimos os que podem, mais especialmente, servir de intermediários para as comunicações regulares e continuadas. (Nº 133).

188. Variedades comuns a todos os géneros de mediunidade

Médiuns sensitivos: pessoas com a capacidade de sentir a presença dos Espíritos, por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria diferencia os Espíritos entre bons e maus pela natureza da impressão que causam (Nº 164).

"Os médiuns delicados e muito sensitivos devem evitar as comunicações com Espíritos violentos, ou cuja impressão é penosa, devido à fadiga que daí resulta."

Médiuns naturais ou inconscientes: os que produzem os fenómenos espontaneamente, sem qualquer participação da sua vontade e, a maior parte das vezes, sem o seu conhecimento. (Nº 161).

Médiuns facultativos ou voluntários: os que têm o poder de provocar os fenómenos por um acto da sua vontade (Nº 160).

"Seja qual for essa vontade, nada podem fazer se os Espíritos se recusarem, o que prova a intervenção de um poder exterior."

189. Variedades especiais para os efeitos físicos

Médiuns tiptólogos: por intermédio dos quais se produzem barulhos e pancadas. Qualidade frequente, com ou sem intervenção da vontade.

Médiuns motores: os que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito comuns. (n. 61).

Médiuns de translações e suspensões: os que produzem a translação de objetos no ar ou a sua suspensão, sem qualquer ponto de apoio. Há os que podem elevar-se a si mesmos. Mais ou menos raros conforme a natureza do fenómeno produzido. Muito raros no últmo caso. (Nºs. 75 e seguintes; Nº 80).

Médiuns de efeitos musicais: produzem actuações por instrumentos musicais, sem contacto com esles. Muito raros. (Nº 74, perg. 24).

Médiuns de aparições: os que podem provocar aparições semimateriais ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito excecionais. (Nº 100, perg. 27; Nº 104).

Médiuns de transportes: os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para transporte de objetos materiais; variedade dos médiuns motores e de translações. Excecionais. (Nº 96).

Médiuns nocturnos: são os que só produzem efeitos físicos quando está escuro. Esta é a resposta de um Espírito sobre a possibilidade de se considerarem estes médiuns como uma variedade:

"Certamente que sim, mas os fenómenos produzidos são devidos mais às condições ambientais do que à natureza do médium ou dos Espíritos. Devo acrescentar que alguns médiuns escapam a essa influência do meio e, na sua maioria, poderiam chegar, pelo exercício, a operar tão bem à luz como no escuro. São pouco numerosos.

Deve dizer-se, em favor desta condição, que ela deixa toda a liberdade na utilização de truques, dos ventríloquos e dos tubos acústicos, e que os charlatães usaram e abusaram da credulidade, fazendo-se passar por médiuns, para ganhar dinheiro. Mas, que importa? Os malabaristas de gabinete, bem como os da praça pública, serão inteiramente desmascarados e os Espíritos provar-lhes-ão que não é bom imiscuírem-se na sua obra.

Repito: alguns vigaristas serão repreendidos, de modo bastante rude, para os desgostar do ofício de falsos médiuns. De resto, isso tudo não durará muito."

Espírito Erasto

Médiuns pneumatógrafos: os que obtêm a escrita directa. Fenómeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de ser imitado por trapaceiros. (Nº 177).

Nota : Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a **escrita directa** entre os fenómenos de efeitos físicos, pela seguinte razão, dizem eles: "Os efeitos inteligentes servem aos Espíritos para usarem as qualidades cerebrais do médium, o que não acontece nos casos de escrita directa. A acção do médium, aqui, é toda material, enquanto para que o médium escreva, ainda que mecânicamente, o cérebro desempenha sempre um papel activo."

Médiuns que curam: os que têm o poder de curar ou de aliviar, pela imposição das mãos, ou pela prece.

"Esta faculdade não é essencialmente mediúnica; pertence a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. A maioria das vezes é apenas uma exaltação do poder magnético, fortalecido, em caso de necessidade, pelo auxílio de bons Espíritos." (Nº 175).

Médiuns activadores da escrita: pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, pela sua influência, a capacidade de escrever.

"Aqui há mais um efeito magnético do que um caso de mediunidade propriamente dita, porque não há nada que prove a intervenção de um Espírito. Em todo o caso, pertence à categoria dos efeitos físicos." (ver o cap. *"A formação dos médiuns").*

190. Médiuns especiais para efeitos intelectuais. Aptidões diversas:

Médiuns que ouvem ou auditivos: têm a capacidade de ouvir os Espíritos. Muito comuns. (Nº 165).

"Há muitos que imaginam ouvir o que apenas está na sua imaginação."

Médiuns que falam ou falantes: os que falam sob a influência dos Espíritos. Muito comuns. (Nº 166).

Médiuns que vêem ou videntes: os que vêem os Espíritos quando estão acordados. A visão acidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância especial, é muito frequente; mas a visão habitual, ou facultativa dos Espíritos, sem distinção, é excepcional. (Nº 167).

"É uma aptidão à qual se opõe o estado actual dos órgãos visuais. É por isso que nem sempre se deve acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos."

Médiuns inspirados: aqueles a quem são sugeridas ideias pelos Espíritos, sem terem a noção disso, quer para actos normais da vida quer para grandes trabalhos intelectuais. (Nº 182).

Médiuns de pressentimentos: pessoas que, em determinadas circunstâncias, têm uma vaga intuição de acontecimentos futuros vulgares. (Nº 184).

Médiuns proféticos: variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos; recebem, com a permissão de Deus, com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de coisas futuras de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para sua instrução.

"Se há profetas verdadeiros, há ainda mais falsos profetas, que consideram revelações os devaneios da própria imaginação, quando não são embusteiros que, por ambição, se apresentam como profetas." (Ver *O Livro dos Espíritos*, Nº 624 - Características do verdadeiro profeta).

Médiuns sonâmbulos: os que, em estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (Nº 172).

Médiuns extáticos: os que, em estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

"Muitos extáticos são vítimas da sua própria imaginação e de Espíritos enganadores que se aproveitam da sua exaltação. Os que merecem total confiança são muito raros."

Médiuns pintores ou desenhadores: os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que executam trabalhos sérios, pois não se pode dar esse nome a certos médiuns, que Espíritos trocistas levam a fazer coisas tão ridículas, que desclassificariam o estudante mais atrasado.

Os Espíritos superficiais são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhadores, que Espíritos trocistas levaram a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo fazer esquecer os desenhos de Júpiter pelas dimensões, já que não pela qualidade, fez desenhar a um médium um monumento que ocupava um enorme número de folhas de papel para atingir a altura de dois andares. Muitos outros fizeram pintar supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas. (Revista Espírita, Agosto de 1858).

Médiuns músicos: os que executam, compõem ou escrevem música, sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semi-mecânicos, intuitivos e inspirados, como para as comunicações literárias (ver *Médiuns de efeitos musicais*).

Variedades de médiuns de escrita ou escreventes

191- Iº - Segundo o modo de execução

Médiuns escreventes ou psicógrafos: os que têm a faculdade de escrever, por si mesmos, sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: aqueles, cuja mão recebe um impulso involuntário, e que não têm a mínima consciência do que escrevem. Muito raros. (Nº 179).

Médiuns semi-mecânicos: aqueles, cuja mão se move involuntariamente, mas que têm, instantaneamente, consciência das palavras ou das frases, à medida que escrevem. São os mais comuns. (Nº 181).

Médiuns intuitivos: com quem os Espíritos comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida pela vontade. Diferem dos médiuns inspirados pelo facto de que estes últimos não precisam de escrever, enquanto o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. (Nº 180).

"São muito comuns, mas também muito sujeitos a erro, porque muitas vezes não podem discriminar o que é proveniente dos Espíritos do que provém de si próprio."

Médiuns polígrafos: cuja escrita muda com o Espírito comunicante, ou que são capazes de reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida. O primeiro caso é muito vulgar; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro. (Nº 219).

Médiuns poliglotas: os que têm a faculdade de falar, ou escrever, em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.

Médiuns iletrados: os que escrevem como médiuns e que não sabem ler nem escrever no seu estado normal.

"São mais raros do que os precedentes por terem mais dificuldades naturais a vencer."

192 - 2º - Segundo o desenvolvimento das faculdades

Médiuns principiantes: com capacidades ainda não desenvolvidas, aos quais falta experiência.

Médiuns improdutivos: não conseguem mais do que insignificâncias, monossílabos, traços ou letras isoladas. (Ver o capítulo "*Formação dos médiuns").*

Médiuns feitos ou formados: têm faculdades mediúnicas completamente desenvolvidas, transmitem as comunicações que recebem com facilidade e rapidez, sem hesitação. Esse resultado só se consegue pelo hábito, pois nos *médiuns principiantes* as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacónicos: cujas comunicações, embora fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: Obtêm comunicações amplas e extensas, próprias de um escritor com maturidade.

"Esta aptidão deve-se à expansão e à facilidade de combinação dos fluidos; Os Espíritos procuram-nos para tratar de assuntos complexos."

Médiuns experientes: a facilidade de execução é uma questão de hábito e que se adquire em pouco tempo, enquanto a experiência resulta de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do espiritismo. A experiência dá ao médium o tacto necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para julgar as suas qualidades, boas ou más, pelos mais minuciosos sinais, para distinguir a falsidade dos Espíritos enganadores, que se encobrem sob a aparência da verdade. Facilmente se compreende a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras ficam sem utilidade real. O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto do organismo. Julgam-se mestres, porque escrevem com facilidade; rejeitam todos os conselhos e tornam-se presas de Espíritos mentirosos e hipócritas, que os conquistam, lisonjeando-lhes o orgulho. (Ver adiante o capítulo "*A obsessão")*

Médiuns flexíveis: aqueles, cuja faculdade se adapta mais facilmente aos diversos géneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem manifestar- se, espontaneamente ou por evocação.

"Esta espécie de médiuns aproxima-se muito da dos médiuns sensitivos."

Médiuns exclusivos: aqueles pelos quais certo Espírito se manifesta, de preferência, até com exclusão de todos os outros, e que responde pelos que são chamados por intermédio do medium.

"Isto deriva da falta de flexibilidade. Quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia, ou com um propósito louvável; quando é mau, é sempre com o objectivo de pôr o médium na sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade e é muito próximo da obsessão." (Ver o capítulo "*A obsessão").*

Médiuns para evocações: os médiuns com flexibilidade são os mais aptos para este género de comunicação e para as questões de pormenor que se podem dirigir aos Espíritos. Sob este aspecto, há médiuns muito especiais.

"As suas respostas limitam-se quase sempre a um quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento de temas gerais."

Médiuns para ditados espontâneos: recebem de preferência comunicações espontâneas de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando esta faculdade é especial num médium, torna-se difícil, às vezes mesmo impossível, fazer-se uma evocação por seu intermédio.

"Contudo, são melhor apetrechados que os da qualidade precedente. Por apetrechamento, entenda-se, dotes cerebrais, pois é sempre preciso mais inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Entende-se por ditados espontâneos os que verdadeiramente merecem esse nome e não algumas frases incompletas e banais que se encontram em todos os temas humanos."

193-3º - Segundo o género e a especialidade das comunicações

Médiuns versejadores: obtêm comunicações em verso mais facilmente do que outros. Muito comuns, para maus versos; muito raros, para os bons.

Médiuns poéticos: sem serem em verso, as comunicações que recebem têm qualquer coisa de delicado, de sentimental; nada que mostre rudeza. São, mais do que os outros, capazes de exprimir sentimentos ternos e afectuosos. Tudo, nos seus textos, é vago; será inútil pedir-lhes rigor. Muito comuns.

Médiuns rigorosos: as suas comunicações têm geralmente um carácter de nitidez e precisão, que se presta naturalmente a pormenores circunstanciados, a informações exactas. Muito raros.

Médiuns literários: não apresentam nem a imprecisão dos médiuns sentimentais, nem o terra-a-terra dos médiuns rigorosos; mas dissertam com sagacidade. O seu estilo é correcto, elegante e, frequentemente, de uma eloquência notável.

Médiuns incorretos: podem obter bons pensamentos, moralmente dignos, mas o seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios.

"A incorrecção material do estilo decorre geralmente de falta de cultura intelectual do médium que, sob esse aspecto, não é para o Espírito um bom instrumento. O Espírito liga pouca importância a isso; para ele, o essencial é o pensamento e deixa-vos livres para lhe dar melhor forma. Não se passa o mesmo no que se refere às ideias falsas e ilógicas que uma comunicação possa conter; estas são sempre um sinal da inferioridade do Espírito que se manifesta."

Médiuns historiadores: os que revelam aptidão especial para os desenvolvimentos históricos. Esta faculdade, como todas as outras, não depende dos conhecimentos do médium, pois vêem-se pessoas sem instrução, e até crianças, tratar de assuntos que estão muito acima da sua capacidade. Variedade rara dos médiuns rigorosos.

Médiuns científicos: não dizemos sábios, porque podem ser muito ignorantes e, não obstante, mostrarem-se aptos para comunicações relativas às ciências.

Médiuns de prescrições médicas: A sua qualidade é a de servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. É importante não os confundir com os médiuns curadores, pois eles só transmitem o pensamento do Espírito, sem terem nenhuma influência na cura. São muito frequentes.

Médiuns para questões religiosas: recebem especialmente comunicações de carácter religioso, ou que tratam de questões religiosas, independentemente das suas crenças ou hábitos.

Médiuns para questões de moral e filosofia: as suas comunicações têm geralmente como objectivo questões de moral e de alta filosofia. Muito frequentes, quanto à moral.

"Todas estas características são variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto aos que têm uma aptidão especial para comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, fora do alcance da sua capacidade actual, é porque possuíram esses conhecimentos numa outra existência e permaneceram em estado latente, fazendo parte dos dotes intelectuais necessários ao Espírito que se

manifesta; são os elementos que oferecem ao Espírito o caminho para comunicar as suas próprias ideias, porque esses médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais claros do que se fosse um igorante." (Espírito Erasto)

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: estas palavras indicam o género de comunicações que alguns médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as fazem. Quem tiver estudado o mundo espírita, em todos os graus da escala, sabe que há Espíritos cuja perversidade iguala a dos homens mais depravados, que se comprazem em exprimir os seus pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos abjetos, contentam-se com expressões triviais. Compreende-se que estes médiuns tenham o desejo de se livrarem da preferência destes Espíritos, invejando aqueles que, nas comunicações que recebem, nunca registam mensagens com linguagem imprópria. Seria necessária uma estranha aberração das ideias e ausência total do bom senso, para julgar que uma linguagem assim pudesse ser usada por Espíritos bons.

194. 4°. Segundo as qualidades físicas do médium

Médiuns calmos: escrevem lentamente e sem experimentar a mínima agitação.

Médiuns rápidos: escrevem com maior rapidez do que lhes é hábito fora do transe. Os Espíritos comunicam por seu intermédio de forma muito rápida. Parece disporem de superabundância energética, que lhes permite identificarem-se instantaneamente com o Espírito. Há o inconveniente de os elementos que registam serem pouco legíveis, a não ser por eles mesmos.

"É mesmo muito fatigante, porque gastam muita energia inutilmente."

Médiuns convulsivos: ficam numa excitação quase febril. A mão e até o corpo agitam-se num tremor difícil de dominar. A causa está na estrutura física, mas também depende da natureza dos Espíritos comunicantes. Os bons Espíritos são sempre suaves e agradáveis; a comunicação com os maus, pelo contrário, é sempre penosa.

"Convém que esses médiuns só raramente se sirvam da sua faculdade mediúnica, cujo uso frequente lhes poderia afetar o sistema nervoso." (Capítulo XXIV "*Identidade dos Espíritos",* Distinção entre bons e maus Espíritos.)

195. 5º. Segundo as qualidades morais dos médiuns

Fazemos um resumo de memória só para completar o quadro, pois serão desenvolvidas mais adiante: Capítulo XX - *Influência moral do médium*; Capítulo XXIII - *A obsessão*; Capítulo XXIV - *Identidade dos Espíritos* e outros, para os quais pedimos boa atenção. Aí se verá a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer na segurança das comunicações e quais são os que, com razão, podem considerar-se como *médiuns imperfeitos ou bons médiuns*.

196. Médiuns imperfeitos

Médiuns obsidiados: os que não podem desembaraçar-se de Espíritos importunos e enganadores, mas não se deixam enganar por eles.

Médiuns fascinados: os que são abusados por Espíritos enganadores e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: os que sofrem uma dominação moral e até mesmo material por parte de maus Espíritos.

Médiuns superficiais: os que não levam a sério as suas faculdades e só se servem delas para se divertirem ou para futilidades.

Médiuns indiferentes: os que não tiram qualquer proveito moral das instruções que recebem e não modificam o seu comportamento e os seus hábitos.

Médiuns vaidosos: Os que estão convencidos que só se relacionam com Espíritos superiores; julgam-se infalíveis e consideram inferior e erróneo tudo aquilo que não venha deles.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem pelas comunicações que recebem; pensam que não têm mais nada que aprender com o Espiritismo e não tomam para si as lições que recebem frequentemente dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem; querem tê-las todas.

Médiuns susceptíveis: variante dos **médiuns orgulhosos**; ofendem-se com as críticas que são feitas às suas comunicações; zangam-se à menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para serem admirados e não para que se lhes dê uma opinião. Geralmente ficam com aversão às pessoas que os não aplaudem sem restrições e abandonam as reuniões em que não possam impor-se e dominar.

"Deixai-os ir pavonear-se por qualquer lado e procurar ouvidos mais complacentes ou o isolamento; Não é uma grande perda para as reuniões que eles privam da sua presença." – ERASTO.

Médiuns mercenários: os que comercializam o exercício das suas faculdades.

Médiuns ambiciosos: os que, embora não comercializem as suas faculdades, esperam tirar delas algum tipo de vantagem.

Médiuns de má-fé: os que, embora tenham qualidades reais, fingem ter as que não possuem para se darem importância. Não se podem designar pelo nome de médium as pessoas que, não tendo nenhuma faculdade mediúnica, só produzem certos efeitos por meio da astúcia.

Médiuns egoístas: os que só se servem das suas capacidades para seu uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos: os que vêem com despeito que outros médiuns sejam apreciados e lhes sejam superiores.

Todas estas más qualidades têm necessariamente o seu oposto no bem.

197. Bons médiuns

Médiuns sérios: aqueles que só se servem das suas faculdades para o bem e para fins verdadeiramente úteis; acreditam profaná-las servindo a satisfação de curiosos, indiferentes ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não têm vaidade nas comunicações que recebem, mesmo que sejam muito belas; Sentem-se estranhos a elas e sabem que não estão livres de mistificações. Não recusam bons conselhos e até os solicitam.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e que devem, quando for necessário, sacrificar os seus gostos, hábitos, tempo e até interesses materiais para o bem dos outros.

Médiuns seguros: estes, além da facilidade de execução, merecem confiança pelas suas qualidades de carácter e pela elevação dos Espíritos que os assistem; são os menos expostos a serem enganados. Veremos mais tarde que esta segurança em nada depende dos nomes pelos quais se apresentam os Espíritos.

"É incontestável que, apresentando assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, se provocará a contrariedade e até a reprovação de alguns. Mas, que importa? A mediunidade desenvolve-se cada vez mais e o médium que levar estas reflexões a mal, provará apenas que não é um bom médium, quer dizer, que é assistido por maus Espíritos. De resto, tudo isso passará e os maus médiuns, que abusam ou fazem mau uso das suas faculdades, sofrerão tristes consequências, como já aconteceu com alguns. Aprenderão à sua própria custa o resultado de usarem em proveito das suas paixões terrenas um dom que Deus lhes deu para o seu progresso moral. Se não podeis levá-los ao bom caminho, lamentai-os, porque são reprovados por Deus."

Espírito Erasto

"Ler este "Quadro resumido das diferentes variedades de médiuns" (desde o nº 187) é de grande importância não só para os médiuns sinceros e de boa-fé, para se defenderem dos riscos a que estão

expostos, mas também, para todos os que se servem dos médiuns ficarem a saber com o que podem contar. Devia ser constantemente observado por aqueles que se ocupam de manifestações espíritas, tal como a "escala espírita", de que é um complemento. O quadro e a escala reúnem todos os princípios da cultura espírita e contribuirão, mais do que pode supor-se, para conduzir o Espiritismo ao verdadeiro caminho."

Espírito Sócrates

198. Todos estas variedades de médiuns apresentam graus infinitos na sua intensidade. Há alguns que constituem apenas pequenas diferenças quase imperceptíveis que podem ser o resultado de aptidões especiais. Pensamos que deve ser bastante raro que as faculdades de um médium sejam absolutamente reduzidas a um só género. O mesmo médium pode ter várias aptidões, mas há sempre uma que domina, e é essa que deve ter a preocupação de desenvolver, se ela for útil.

É um erro querer forçar o desenvolvimento de uma faculdade que não se possua e é necessário cultivarem-se aquelas, cujos germes se possuem. Procurar ter as outras é perder tempo e, em segundo lugar, enfraquecer aquelas de que se é dotado.

"Quando existe o princípio, o germe de uma faculdade, ela manifesta-se sempre claramente. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode melhorá-la e obter bons resultados e belas coisas. O desejo de expandir indefinidamente as suas aptidões é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos não deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna vítima dos mentirosos. Não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão tira-lhes a qualidade mais preciosa: a de "médiuns seguros".

Espírito Sócrates

199. É necessário o estudo das características dos médiuns, não apenas por eles mesmos, mas também pelo evocador.

Segundo a natureza dos Espíritos que se deseja chamar e das perguntas que se vão fazer, é preciso escolher o médium mais apto para a tarefa.

Escolher o primeiro que apareça é expor-se a receber respostas incompletas, ou erradas.

Por exemplo, ninguém confiará a redacção de qualquer trabalho, nem mesmo uma simples cópia, ao primeiro que encontrar, só porque sabe escrever. Um músico quer que se execute um trecho de canto da sua composição; tem à sua disposição vários cantores, todos hábeis; no entanto, ele não escolherá um ao acaso; escolherá, para seu intérprete, aquele cuja voz, a expressão, todas as qualidades, enfim, melhor se adequam à natureza do trecho. Os Espíritos fazem o mesmo em relação aos médiuns e nós devemos fazer como os Espíritos.

Devemos notar também que os matizes que a mediunidade apresenta, e aos quais podíamos acrescentar outros, não estão sempre relacionados com o carácter do médium. Por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial, pode ter habitualmente comunicações graves ou mesmo severas e vice-versa; é a prova evidente de que age sob o impulso de uma influência exterior.

Voltaremos a este assunto no capítulo que trata da *Influência moral do médium*.

CAPÍTULO XVII – Formação dos médiuns

Desenvolvimento da mediunidade

200. Iremos tratar aqui especialmente dos médiuns escreventes ou psicógrafos, por ser o género de mediunidade mais frequente, o mais simples, o mais cómodo, o que dá resultados mais satisfatórios e mais completos e que a maioria das pessoas ambiciona.

Não existe até ao presente qualquer diagnóstico que possa indicar, mesmo que só por aproximação, se alguém possui esta capacidade. Os sinais físicos, nos quais algumas pessoas julgam ver indícios, não são seguros. Encontramo-la nas crianças e nos idosos, em homens e mulheres, seja qual for o seu temperamento, estado de saúde, grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de se lhe comprovar a existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, por meio das cestas e pranchetas ou, diretamente, com a mão; sendo este último meio o mais fácil, podemos dizer que é o único empregado hoje. É a prática que sugerimos, de preferência.

O processo é muito simples: o médium pega num lápis e numa folha de papel e coloca-se na posição de quem escreve, sem qualquer outra preparação. Mas, para ter êxito, são indispensáveis várias recomendações.

201. Recomendamos que se evite tudo o que possa embaraçar o movimento da mão. É preferível até que esta não descanse no papel. A ponta do lápis deve encostar neste o bastante para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Estas precauções tornam-se inúteis quando se estiver já a escrever correntemente, porque então já nenhum obstáculo detém a mão. O que dissemos são simples preparativos para o aprendiz.

202. É indiferente que se use caneta ou lápis. Alguns médiuns preferem a caneta, mas esta só convém àqueles que escrevem pausadamente; há os que escrevem com tanta velocidade, que o uso da caneta seria quase impossível ou, pelo menos, muito incómodo; acontece o mesmo quando os médiuns escrevem com movimentos bruscos e irregulares, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo o aspirante a médium é de poder conversar com os Espíritos dos seus entes queridos; deve evitar-se a impaciência, pois a comunicação com um Espírito determinado, oferece muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível para o principiante. Para que um Espírito possa comunicar, é preciso que haja entre ele e o médium relações energéticas, que não se estabelecem sempre instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire, pouco a pouco, a aptidão necessária para se pôr em comunicação com o primeiro Espírito que aparecer.

Pode acontecer que aquele com quem o médium deseje comunicar, *embora presente*, não tenha condições propícias para o fazer. Pode também não ter possibilidade nem permissão para acorrer à chamada. É por isso que não convém, de início, insistir em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, porque pode não ser com esse que as relações energéticas se estabelecem mais facilmente, apesar da simpatia que se possa ter por ele. Antes de procurar comunicações com tal ou tal Espírito, é preciso continuar a desenvolver as faculdades mediúnicas, para o que deve fazer-se um apelo geral e dirigir-se principalmente ao seu anjo da guarda.

Nas comunicações não há nenhuma fórmula sacramental. Quem pretender indicar alguma pode ser considerado, sem receio, um impostor, uma vez que, para os Espíritos, a forma nada vale. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. Poder-se-á fazê-la nos termos seguintes, ou outros

equivalentes: *Rogo a Deus Todo-Poderoso que permita que venha um bom Espírito comunicar comigo e fazer-me escrever; peço também ao meu anjo da guarda que se digne assistir-me e afastar os maus Espíritos.*

Espera-se depois que o Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode ser que venha aquele que se deseja, como pode acontecer também que venha um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda; em qualquer caso, dar-se-á a conhecer, geralmente escrevendo o seu nome. Mas então surge a questão da *identidade*, uma das que mais experiência requer, pois há poucos principiantes que não estejam sujeitos a serem enganados.

Trataremos desse aspeto posteriormente, num capítulo especial.

No caso de se querer chamar determinados Espíritos, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes ou amigos.

Neste caso, a evocação pode ser formulada assim*: Em nome de Deus Todo-Poderoso peço que tal Espírito comunique comigo*. Ou então: *Peço a Deus Todo-Poderoso que permita que tal Espírito comunique comigo*; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento.

De início, as primeiras perguntas devem ser concebidas de modo que as respostas possam ser dadas por um *sim* ou um *não*, como por exemplo: *Estás aí? Queres responder-me? Podes fazer-me escrever?* etc. Mais tarde, essa precaução torna-se inútil. No princípio, trata-se de estabelecer assim uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, não diga respeito a coisas de interesse particular e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento de benevolência e simpatia para com o Espírito a quem é dirigida. (Ver à frente o capítulo especial sobre as *Evocações*).

204. Mais importante que a forma de chamamento é a calma e o recolhimento juntos com o desejo ardente e a vontade firme de bom sucesso. Não falamos da vontade como coisa passageira, que pode ser interrompida por outras preocupações. Falamos de um sentimento sério, perseverante, contínuo, *sem impaciência nem desejo febril*.

O recolhimento é favorecido pelo isolamento, pelo silêncio e pela ausência de tudo o que possa causar distrações. Só falta então uma coisa: renovar essa tentativa todos os dias, durante dez minutos ou, no máximo, um quarto de hora de cada vez.

Esta deve ser repetida durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se for preciso. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, ao passo que outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis de quem tenta ser médium escrevente pela primeira vez, pode pedir-se a outro médium que pergunte a um Espírito sério e evoluído, quais as verdadeioras qualidades da pessoa principiante.

Devemos notar que, quando alguém pergunta aos Espíritos se uma certa pessoa tem ou não qualidades, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas infrutíferas se repitam.

Isso explica-se naturalmente. Faz- se ao Espírito uma pergunta de ordem geral e ele responde de modo geral. Ora, como se sabe, nada é mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode apresentar-se sob as mais variadas formas e em graus muito diferentes.

Uma pessoa pode, portanto, ser médium sem saber, e num sentido diferente daquele que imagina.

A esta pergunta vaga: sou médium? O Espírito pode responder – Sim.

A outra pergunta mais específica: Sou médium escrevente? Pode responder – Não.

Deve também ter-se em consideração a natureza do Espírito a quem se pergunta. Há-os tão superficiais e ignorantes, que respondem a torto e a direito, como verdadeiros irrefletidos, é por isso que sugerimos a quem faz as perguntas que se dirija a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de

boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, desde que haja possibilidade de se ser bem-sucedido.

206. Um meio que costuma dar bom resultado consiste em usar como auxiliar momentaneamente um bom médium psicógrafo, já formado. Se ele puser a mão sobre a mão daquele que deseja escrever, raro é que não o faça imediatamente.

Compreende-se: a mão que segura o lápis torna-se um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta, ou uma prancheta. O exercício é muito útil, quando é possível empregá-lo. Se for repetido, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Em certos casos basta magnetizar o braço e a mão daquele que quer escrever. Mesmo que o magnetizador se limite a colocar a mão no seu ombro, temos visto escrever prontamente sob essa influência.

O mesmo efeito pode produzir-se sem qualquer contacto, apenas por um ato da vontade. A confiança do magnetizador na sua própria força, neste caso, desempenha um papel importante. Um magnetizador incrédulo teria pouca ou nenhuma ação.

O auxílio de um guia experimentado é igualmente muito útil, para ensinar ao principiante uma grande quantidade de pequenas precauções que muitas vezes não leva em conta, em detrimento da rapidez do progresso. É sobretudo para o esclarecer sobre a natureza das primeiras perguntas e a maneira como devem ser feitas ao Espírito comunicante. O guia pode ser um professor essencial, que só é de dispensar quando se é muito hábil.

207. Outro meio que pode contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade mediúnica é a reunião de pessoas animadas pelo mesmo desejo e pelas mesmas intenções. Em silêncio absoluto e recolhimento religioso, tentam escrever, apelando cada uma ao seu Anjo da Guarda, ou a qualquer Espírito simpático. Uma delas pode também fazer, sem designação e em nome de todos, um apelo aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: *Em nome de Deus Todo-Poderoso, pedimos aos bons Espíritos que nos honrem com a vossa comunicação, por intermédio das pessoas aqui presentes*.

É raro que entre os presentes não esteja alguém que dê prontos sinais de mediunidade, ou que até possa escrever uma mensagem dos Espíritos corretamente, em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que se passa nessa circunstância. As pessoas unidas em comunhão de intenções formam um todo coletivo, cuja potência e sensibilidade se encontram acentuadas por uma espécie de influência magnética que favorece o desenvolvimento da faculdade mediúnica.

Entre os Espíritos atraídos por essa contribuição de vontades haverá alguns que descobrirão nos assistentes o intermediário que lhes convenha; se não for um, será outro e eles aproveitar-se-ão desse facto. Este meio deve sobretudo ser empregado nos grupos espíritas a que faltam médiuns, ou que não os possuam em número suficiente.

208. Têm-se procurado processos para a formação de médiuns, como se têm procurado diagnósticos; mas, até hoje não conhecemos nenhum mais eficaz do que os que indicámos. Convencidas de que o obstáculo ao desenvolvimento da aptidão mediúnica é uma resistência só **material,** algumas pessoas pretendem vencê-la por meio de uma espécie de ginástica que quase provoca a deslocação do braço e da cabeça.

Não descrevemos esse processo, que nos vem do outro lado do Atlântico, não só porque não possuímos qualquer prova da sua eficiência, como também pela convicção que sentimos de que pode oferecer perigo para as pessoas de estrutura delicada, devido ao abalo do sistema nervoso. Se os rudimentos da faculdade não existirem, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização, que já foi utilizada, sem êxito, com o mesmo objetivo.

209. A fé do médium aprendiz, não constitui uma condição. Apoia os seus esforços, sem dúvida, mas não é indispensável; a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever à sua revelia, enquanto crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade está relacionada com uma disposição orgânica.

210. O primeiro sintoma da disposição para escrever é um frémito no braço e na mão que, pouco a pouco, é arrastada por um impulso que não consegue dominar. Muitas vezes só traça, inicialmente, riscos insignificantes. Depois, os caracteres desenham-se cada vez mais nitidamente e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos, deve entregar-se a mão ao seu movimento natural e não oferecer resistência nem impulso.

Alguns médiuns escrevem fluentemente desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é bastante raro. Outros fazem durante muito tempo traços e verdadeiros exercícios de caligrafia; os Espíritos dizem que é para lhes soltar a mão. Se estes exercícios se prolongassem demasiado, ou degenerassem em sinais ridículos, não restariam dúvidas de que se tratava de um Espírito que se diverte, já que os bons Espíritos não fazem nada inutilmente. Nesse caso, seria necessário apelar, com fervor, à sua assistência. Se não se verificar melhoria, o médium deve parar logo que se aperceba que não obtém algo de sério. Pode recomeçar a tentativa todos os dias, mas convém parar aos primeiros sinais equívocos, para não se dar essa satisfação aos Espíritos brincalhões.

A estas observações, acrescenta um Espírito:

"Há médiuns cuja faculdade não vai além desses sinais; quando, ao fim de alguns meses, nada mais conseguir do que coisas insignificantes, ora um *sim,* ora um *não* ou letras sem conexão, é inútil continuar, será gastar papel e pura perda. São médiuns, mas *médiuns improdutivos.* Além disso, as primeiras comunicações obtidas devem considerar-se meros exercícios, tarefa que é confiada a Espíritos secundários.

Não se lhes deve dar importância, uma vez que provêm de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para estimularem o médium principiante; Não são Espíritos elevados os que fazem com o médium esses exercícios preparatórios. Se o médium não tiver um propósito sério, esses Espíritos ficam e prendem-se a ele. Muitos médiuns passaram por essa provação para se desenvolverem; compete-lhes fazer o que for preciso para captarem a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores."

211. O obstáculo que a maioria dos médiuns principiantes enfrenta é terem de lidar com Espíritos inferiores, e sorte terão se encontrarem apenas Espíritos superficiais. Não devem deixar que esses Espíritos se fixem, pois, uma vez ancorados, não será fácil verem-se livres deles. Se não forem tomadas as precauções necessárias, sobretudo no início, pode perder- se o fruto das mais belas faculdades.

Em primeiro lugar é fundamental colocarem-se, com fé sincera, sob a proteção de Deus e pedirem o auxílio do seu Anjo da Guarda. Este é sempre bom; os Espíritos familiares, pelo contrário, por simpatizarem com as boas ou más qualidades do médium, podem ser superficiais ou até maus.

Em segundo lugar devem reconhecer, por todos os índices que a experiência fornece, a natureza dos primeiros Espíritos que comunicam e dos quais devem, por prudência, desconfiar. Se os índices forem suspeitos, é preciso fazer um apelo fervoroso ao Anjo da Guarda e repelir o mau Espírito com todas as forças, para que ele desista.

É por isso que o estudo prévio da teoria é indispensável, se queremos evitar os inconvenientes próprios da inexperiência. Neste livro encontrar-se-ão, sobre este assunto, instruções muito desenvolvidas nos capítulos sobre a *Obsessão* e a *Identidade dos Espíritos*.

Limitamo-nos a dizer aqui, que além da linguagem, podem considerar-se provas *infalíveis* da inferioridade dos Espíritos todos os sinais e figuras inúteis ou infantis, a escrita extravagante, irregular, distorcida, de dimensão exagerada ou apresentando formas ridículas e esquisitas. A escrita pode ser muito má ou pouco legível, o que tem mais a ver com o médium do que com o Espírito, sem que isso seja insólito. Temos visto médiuns de tal maneira enganados, que medem a superioridade dos Espíritos pela dimensão

das letras e que atribuem uma grande importância às letras modeladas, como se fossem letras de imprensa, frivolidades incompatíveis com uma superioridade real.

212. Se é importante que o médium não caia involuntariamente na dependência dos maus Espíritos, é-o ainda mais não se colocar nesta situação voluntariamente, e não se deve deixar que um desejo imoderado de escrever faça acreditar que é indiferente dirigir-se ao primeiro Espírito que vier, podendo livrar-se dele mais tarde, se não convier. Não se pede impunemente a assistência a um Espírito mau; mais tarde, este pode fazer pagar caro os seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes por verem desenvolver-se em si a faculdade mediúnica, muito lenta para os seus gostos, tiveram a ideia de chamar em seu auxílio um Espírito qualquer, *mesmo sendo mau*, contando despedi-lo em seguida. O Espírito contactado, pouco incomodado de início com o facto de ter sido considerado a pior hipótese, mostrou-se, porém, menos dócil a sair do que a entrar.

Conhecemos casos de médiuns que foram punidos pela sua presunção de serem fortes, convencidos que poderiam distanciar-se desses Espíritos quando quisessem. Custou-lhes anos de obsessões de todos os tipos, as mais ridículas mistificações, uma fascinação tenaz, infelicidades *materiais* e as maiores deceções. O Espírito mostrou-se primeiro abertamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer acreditar na sua conversão ou no suposto poder do seu subjugado, para o expulsar à vontade.

213. A escrita dos Espíritos é às vezes muito fácil de ler, com letras bem desenhadas. Mas com alguns médiuns é difícil de decifrar a não ser pela pessoa que escreveu. É preciso adquirir o hábito. Frequentemente a escrita é formada por grandes traços. Os Espíritos são pouco económicos com o gasto de papel.

Não sendo possível a leitura, pode pedir-se aos Espíritos para escreverem de novo, o que fazem geralmente de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este consegue obter versões melhores, com exercícios frequentes, *apoiados numa forte vontade,* pedindo por muito favor ao Espírito para ser mais cuidadoso.

Certos Espíritos usam sinais convencionais que passam a usar em reuniões seguintes. Por exemplo, para mostrar desagrado por certa pergunta, a que não querem responder, poderão fazer um longo traço contínuo, ou coisa parecida.

Quando o Espírito conclui o que tinha a dizer, ou que não quer responder mais, a mão fica imóvel e o médium, seja qual for o esforço que faça e a vontade que tenha, não obtém nem mais uma palavra. Pelo contrário, enquanto o Espírito não concluir, o lápis move-se sem que a mão possa parar. Se o Espírito quiser espontaneamente dizer alguma coisa, a mão aperta convulsivamente o lápis e põe-se a escrever sem que o médium consiga opor-se. Aliás, sente em si, quase sempre, alguma coisa que lhe indica se a paragem é breve, ou se o Espírito concluiu. É raro que não sinta quando o Espírito se foi embora.

Estas são as explicações essenciais que temos para dar, no que se refere ao desenvolvimento da psicografia. A experiência revelará, na prática, alguns pormenores que seria inútil referir aqui e a que os princípios gerais servirão de guia. Que muitos tentem, e encontrar-se-ão mais médiuns do que se pensa ser possível.

214. Tudo o que temos vindo a dizer aplica-se à escrita mecânica; é ela que todos os médiuns procuram, com razão, obter; mas o mecanismo puro é raríssimo; associa-se a ele, frequentemente, a intuição.

O médium, se tiver consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; não sabe se vem de si, ou de um Espírito comunicante. Não tem nada que se preocupar com esse facto e deve, mesmo assim, continuar; se se observar a si mesmo cuidadosamente, facilmente descobrirá que escreve imensas coisas que não estavam no seu pensamento, que lhe são mesmo contrárias, prova evidente que elas não vêm de si. Deve continuar, pois a dúvida dissipar-se-á com a experiência.

215. Se o médium não foi dotado para ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para chegar a esse resultado serão infrutíferas. No entanto, seria errado julgar estar, por isso, a ser desfavorecido. Se só for dotado de mediunidade intuitiva, deve contentar-se, pois não deixará de lhe prestar grandes serviços se a souber aproveitar, não a rejeitando.

Se depois de algumas tentativas inúteis, continuadas durante algum tempo, não se verificar nenhum sinal de movimento involuntário, ou se esses movimentos forem demasiado fracos para resultarem, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento sugerido, sem se preocupar se esse pensamento vem de si ou de uma fonte exterior: a experiência ensinar-lhe-á a fazer a distinção. Aliás, acontece com frequência o movimento mecânico vir a desenvolver-se posteriormente.

Dissemos antes que é indiferente saber se o pensamento vem do médium ou de um Espírito exterior. Acontece sobretudo quando um médium, puramente intuitivo ou inspirado, executa um trabalho de imaginação para si mesmo. Pouco importa que atribua a si um pensamento que lhe foi sugerido; se lhe ocorrem boas ideias, deve agradecer ao seu bom génio, que lhe sugerirá outras. Esta é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida e escrevendo o médium com facilidade, sendo o que se chama "um médium feito"; cometeria um grave erro se pensasse estar dispensado de outros conhecimentos. Só venceu um obstáculo material e é a partir desse momento que começam para ele as verdadeiras dificuldades e que precisa, mais do que nunca, dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair em mil armadilhas que lhe vão aparecer. Se pretender voar com as suas próprias asas demasiado cedo, não tardará a ser vítima de Espíritos mentirosos, que procurarão explorar a sua presunção.

217. Quando a faculdade mediúnica estiver desenvolvida, é fundamental que o médium não abuse. A satisfação desenvolve um entusiasmo nos principiantes que é importante moderar. Devem lembrar-se de que lhes foi dada para o bem e não para a curiosidade fútil. Devem servir-se dela só em momentos oportunos e não a cada instante. Os Espíritos não estão sempre às suas ordens e os médiuns correm o risco de serem enganados por impostores.

E bom adotar, para esse efeito, dias e horas determinados, porque isso facilita uma atitude mais serena e os Espíritos que quiserem manifestar-se estão prevenidos e preparam-se em conformidade.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelar de algum modo, seria absolutamente necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um tradutor; é necessário fazer o mesmo, isto é, recorrer a outro médium.

À falta de médiun, não deve considerar-se privado da assistência dos Espíritos. A mediunidade é, para eles, um meio de se exprimirem, mas não o único atrativo. Os que nos amam estão sempre connosco, sejamos ou não médiuns. Um pai não abandona o filho se ele for surdo e cego e não puder ouvi-lo nem vê-lo; cerca-o de toda a solicitude, como os bons Espíritos nos fazem a nós. Se não podem transmitir-nos verbalmente os seus pensamentos, vêm em nossa ajuda através da inspiração.

Mudança de caligrafia

219. A mudança da caligrafia dos médiuns psicógrafos é muito habitual, em função dos Espíritos comunicantes e, o mais notável, é que a mesma caligrafia se reproduz com o mesmo Espírito, sendo por vezes idêntica à que tinha em vida. Veremos mais tarde as conclusões que se podem tirar desse facto, no que se refere à identidade.

A mudança de caligrafia só se verifica com os médiuns mecânicos ou semi-mecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido unicamente pelo Espírito.

Não acontece o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois neste caso o Espírito atua apenas sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, como quando escreve só por si.

A uniformidade da caligrafia, mesmo quando se trata de um médium mecânico, não prova nada contra a sua faculdade, pois a mudança de forma da escrita não é condição decisiva na manifestação dos Espíritos: deve-se a uma aptidão especial, da qual os médiuns mais mecânicos não são sempre dotados. Designamos aqueles que têm esta qualidade pelo nome de *médiuns polígrafos.*

Perda e suspensão da mediunidade

220 - A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, quer no que se refere às manifestações físicas, quer à escrita. Eis as respostas que obtivemos dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este assunto:

1 - Os médiuns podem perder a sua faculdade?

– Isso acontece frequentemente, qualquer que seja o género dessa aptidão; mas é só uma interrupção momentânea, que cessa com a causa que a produziu.

2 - A causa da perda da mediunidade é uma perda energética?

– Seja qual for a faculdade de que o médium é dotado, nada pode sem a ajuda simpática dos Espíritos; quando a perde, não é por falta da capacidade mediúnica, são os Espíritos que já não querem, ou não podem servir-se dele.

3 - Que causa pode provocar a um médium o abandono dos Espíritos?

– O uso que ele faz da sua faculdade é a causa mais importante para os bons Espíritos. Podemos abandoná-lo quando ele a usa para frivolidades ou ambições; quando se recusa a transmitir as nossas palavras ou ideias aos que o procuram ou têm necessidade de ver para se convencerem.

Este dom de Deus não é concedido ao médium para seu prazer e, ainda menos, para servir a sua ambição, mas para o seu melhoramento espiritual e para dar a conhecer a verdade aos seres humanos. Se o Espírito vê que o médium já não corresponde a estes objetivos e já não aproveita as instruções e os conselhos que lhe dão, retira-se e procura um protegido mais digno.

4 - O Espírito que se afasta não poderia ser substituído, e, neste caso, não se conceberia a suspensão da faculdade?

– Não faltam Espíritos desejosos de comunicar, sempre prontos a substituir os que se afastam. Quando é um bom Espírito que abandona o médium, pode deixá-lo só momentaneamente e privá-lo por algum tempo da comunicação, a fim de lhe servir de lição, provar que a faculdade *não depende dele,* e que não deve envaidecer-se. Esta breve impossibilidade também serve para dar ao médium a prova de que escreve sob influência exterior, caso contrário, não haveria suspensões.

De resto, a quebra da faculdade não é sempre uma punição; evidencia às vezes a solicitude do Espírito para com o médium de quem gosta. Quer dar-lhe um repouso material que considera necessário e, nesse caso, não permite ser substituído.

5 - Vêem-se, no entanto, médiuns de muito mérito, moralmente falando, que não sentem qualquer necessidade de repouso e que ficam muito contrariados com essas interrupções, cujo objetivo não compreendem.

– Isso é para lhes pôr a paciência à prova e para avaliar a sua perseverança; por isso, é que os Espíritos não fixam prazo às suspensões: querem ver se o médium desanima. É também para lhe dar tempo para meditar nas instruções que lhe foram dadas. É por essa meditação sobre os nossos ensinamentos que conhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome aos que não passam de amadores de comunicações.

6 - É necessário que o médium continue as suas tentativas para escrever?

– Se o Espírito lho aconselha, sim; se lhe diz que se abstenha, deve fazê-lo.

7 - Haverá meio de abreviar a prova?

– A resignação e a prece. De resto, basta fazer uma tentativa de alguns minutos por dia, pois será inútil perder o seu tempo em experiências infrutíferas. A tentativa só tem por fim averiguar se a faculdade foi recuperada ou não.

8 -A suspensão da capacidade implica o afastamento dos Espíritos que comunicam habitualmente?

– De modo nenhum. O médium está na posição de uma pessoa que tivesse perdido momentaneamente a visão e que não foi abandonado pelos seus amigos, embora não possa vê-los. O médium pode, pois, e até deve continuar a comunicar pelo pensamento com os seus Espíritos familiares e estar certo de que é ouvido. Se a falta da mediunidade pode privar de comunicações materiais com certos Espíritos, não pode privar de comunicações mentais. [32 - moral ou mental]

9 - A interrupção da faculdade mediúnica implica sempre uma censura da parte dos Espíritos?

– Não, sem dúvida, pois pode ser uma prova de benevolência.

10 - Por que sinal pode reconhecer-se uma censura nesta interrupção?

– Que o médium interrogue a sua consciência, que verifique como usou a sua faculdade, qual o bem que dela resultou para os outros, *que proveito tirou dos conselhos que lhe foram dados* e terá a resposta.

11 - O médium que não pode escrever pode recorrer a outro médium?

– Isso depende da causa da interrupção, que tem o objetivo de deixar-vos algum tempo sem comunicações, depois de vos terem dado conselhos, para que não vos habitueis a fazer as coisas sem a nossa colaboração. Neste caso, nada conseguirá servindo-se de outro médium, para vos provar que os Espíritos são livres e que não depende de vós fazê-los andar ao vosso gosto. É também por esta razão que os que não são médiuns, também não obtêm sempre todas as comunicações que desejam.

Nota: Deve observar-se que quem recorre a terceiros para obter comunicações, não obstante a qualidade do médium, nem sempre obtém respostas satisfatórias, enquanto noutras condições as respostas são muito explícitas. Isso depende de forma tal da vontade do Espírito, que não se progride mudando de médium. Os próprios Espíritos parecem passar entre si a palavra de ordem, porque o que não se obtém de um, também não se obterá de outro. É preciso, pois, evitar insistir e ficar impaciente, ou correremos o risco de ser vítimas de Espíritos enganadores, que responderão se o pedido for suficientemente insistente. Os bons Espíritos deixá-los-ão agir, para nos punirem pela nossa insistência.

12 - Com que propósito é que a Providência dotou certos indivíduos com a mediunidade?

– É uma missão de que se encarregaram e pela qual se sentem felizes. São os intermediários entre os Espíritos dos que morreram e as pessoas ainda vivas.

13 - Há médiuns que desempenhem a sua função com repugnância?

– São médiuns imperfeitos; não conhecem o valor da graça que lhes é concedida.

14 - Se é uma missão, como se explica que não seja privilégio das pessoas de bem e que a faculdade seja dada a pessoas que não merecem qualquer estima e que podem abusar dela?

– É-lhes dada porque precisam dela para a sua própria evolução espiritual, para poderem receber bons ensinamentos; se não a aproveitarem, sofrerão as consequências. Jesus pregava de preferência aos pecadores e dizia que é preciso dar àquele que não tem.

15 - As pessoas que têm um grande desejo de escrever como médiuns e não conseguem, podem concluir daí alguma coisa contra si próprias, no que se refere à benevolência dos Espíritos para com elas?

– Não. Deus pode ter-lhes recusado essa faculdade como lhes pode ter negado o dom da poesia ou da música; mas se não usufruírem desse favor, podem ter recebido outros.

16 - Como é que uma pessoa pode aperfeiçoar-se através do ensino dos Espíritos, quando não tem, nem por si mesmo nem através de outros médiuns, os meios de receber este ensino diretamente?

– Tem os livros, como o cristão tem o Evangelho. Para praticar a moral de Jesus, o cristão não precisa de ter ouvido as suas palavras saírem-lhe da boca.

CAPÍTULO XVIII – Inconvenientes e perigos da mediunidade

Influência da prática da mediunidade sobre a saúde, o cérebro e as crianças

221. 1 - A faculdade mediúnica é sinal de qualquer estado patológico ou simplesmente anormal?

– Anormal, às vezes, mas não patológico; há médiuns de saúde robusta; os que são doentes, são-no por outras causas.

2 - O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

– O exercício demasiado prolongado de qualquer faculdade provoca fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; necessariamente, esta provoca um dispêndio de energia que leva à fadiga, que se ultrapassa pelo repouso.

3 - O exercício da mediunidade pode ter inconvenientes, por si próprio, do ponto de vista da saúde, independentemente do abuso?

– Há casos em que é prudente, até mesmo necessário, abster-se dele ou, pelo menos, moderar a sua prática; depende do estado físico e moral do médium. Aliás, geralmente o médium apercebe-se e quando sente fadiga, deve abster-se.

4 - Há pessoas para quem este exercício tenha mais inconvenientes do que para outras?

– Já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar todas as causas de sobrexcitação e esta é uma delas. (n°s 188 e 194).

5 - A mediunidade poderá produzir a loucura?

– Não mais do que qualquer outra coisa, quando não há predisposição para a fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzirá a loucura, quando não existe essa tendência; mas se a tendência existe, o que é fácil de reconhecer no estado psíquico, o bom senso diz que é preciso ter atenção em todos os sentidos, pois qualquer choque pode ser nocivo.

6 - Há inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?

– Certamente, e julgo mesmo perigoso. Os organismos débeis e delicados serão demasiado abalados e a imaginação infantil demasiado exaltada. Os pais sensatos devem afastá-las de tais ideias, ou podem procurar esclarecer, mas apenas do ponto de vista das consequências morais.

7 - No entanto, há crianças que são médiuns naturais tanto de efeitos físicos, como escreventes e até de visões. Isto tem o mesmo inconveniente?

– Não; quando a faculdade é espontânea numa criança, é porque está na sua natureza e a sua constituição presta-se a isso; não se passa o mesmo quando é provocada. A criança que tem visões, geralmente, fica pouco impressionada com elas; acha-as, como tudo que a rodeia, um facto natural, a que dá muito pouca atenção e de que muitas vezes se esquece. Mais tarde, se se recordar, explica-as facilmente se conhecer algo sobre Espiritismo.

8 - Qual é a idade em que, sem inconvenientes, a pessoa pode dedicar-se à mediunidade?

– Não há uma idade exata, depende do desenvolvimento físico e ainda mais do desenvolvimento intelectual; há crianças de doze anos a quem ela afetará menos do que a certas pessoas adultas. Refiro-me à mediunidade em geral; mas a que se aplica aos efeitos físicos é mais fatigante fisicamente; a escrita tem outro inconveniente, que se prende com a inexperiência da criança, no caso de se querer ocupar dela sozinha e fazer disso uma brincadeira.

222. A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, exige muito tato, a fim de contornar os estratagemas dos Espíritos enganadores; se mediuns feitos são suas vítimas, a infância e a juventude ainda estão mais expostas, devido à sua inexperiência.

Por outro lado, sabe-se que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios; as evocações feitas estouvadamente e por brincadeira, são uma verdadeira profanação, que dá fácil acesso aos Espíritos brincalhões ou maldosos.

Como não se pode esperar de uma criança a seriedade necessária para tal, seria de temer que fizesse disto uma brincadeira se estivesse entregue a si mesma. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de desejar que uma criança dotada da faculdade mediúnica só a exerça sob o amparo de pessoas experientes que lhe ensinem, através do exemplo, o respeito que se deve às almas dos que já viveram.

Por aqui se vê que a questão da idade está subordinada às circunstâncias, tanto do temperamento como do carácter.

No entanto, o que ressalta claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento desta faculdade nas crianças quando não é espontânea e que, em qualquer dos casos, é preciso usar-se uma grande prudência. Relativamente às pessoas débeis, não se deve estimulá-las nem dar-lhes apoio.

É preciso, por todos os meios possíveis, afastar as que tenham dado os mínimos sintomas de excentricidade nas ideias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, pois há nelas uma evidente predisposição para a loucura, que qualquer causa excitante pode desenvolver. A este respeito, as ideias espíritas não têm mais influência do que as outras, mas se a loucura se declarasse, tomariam características de preocupação dominante, tal como tomariam características religiosas se a pessoa se entregasse em excesso às práticas da devoção, e a responsabilidade recairia sobre o Espiritismo.

O que há a fazer de melhor com qualquer indivíduo que mostre tendência para ter ideias fixas, é dirigir as suas preocupações para outro sentido, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

A este respeito, chamamos a atenção dos nossos leitores para o capítulo XII da "Introdução" de *O Livro dos Espíritos.*

CAPÍTULO XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas

Influência do Espírito pessoal do médium

223. 1- O médium está num estado perfeitamente normal no momento em que exerce a sua faculdade?

– Às vezes está num estado de crise mais ou menos acentuada. É isso que o fatiga e é por isso que precisa de repouso. Mas, na maioria das vezes, o seu estado não difere sensivelmente do estado normal, sobretudo no caso dos médiuns psicógrafos.

2 - As comunicações escritas ou verbais também podem ser provenientes do próprio Espírito encarnado no médium?

– A alma do médium pode fazer comunicações, tal como qualquer outra. Se se encontrar num certo grau de liberdade, recupera as suas qualidades de Espírito. A prova está nas visitas que fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes comunicam através da escrita, sem serem evocadas, porque, entre os Espíritos que são evocados, há alguns que já estão encarnados na Terra; então*, falam como Espíritos e não como pessoas vivas*. Porque é que não poderia dar-se o mesmo com o médium?

Essa explicação parece confirmar a opinião daqueles que acreditam que todas as comunicações são provenientes do Espírito do médium e não de outros Espíritos?

– Essa opinião peca por ser radical. O Espírito do médium pode atuar por si próprio; mas isso não impede outros de comunicarem por seu intermédio.

3 - Como se pode saber se o Espírito que responde é o do médium ou de outro Espírito?

– Pela natureza das comunicações. Estudando as circunstâncias e a linguagem, se distinguirão. É sobretudo no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque nessas alturas está livre; no estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que é impossível atribuir-lhe; é por isso que se aconselha o estudo e a observação.

Nota: Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela, daquilo de que apenas se faz eco. Acontece o mesmo com os médiuns.

4 - Uma vez que o Espírito do médium pode adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob o veículo corporal, mas de que se lembra como Espírito, pode extrair do seu próprio íntimo ideias que parecem ultrapassar o âmbito da sua instrução?

– Isto acontece no estado da crise sonambúlica ou extática. Mas há circunstâncias que não admitem nenhuma dúvida; *estudai longamente e meditai*.

5 - As comunicações, que são provenientes do Espírito do médium, são sempre inferiores às que poderiam ser feitas por outros Espíritos?

– Sempre não, porque um Espírito exterior pode ser de ordem inferior ao do médium e, por isso, falar com menos sensatez. Vê-se no transe sonambúlico, porque aí é mais frequente manifestar-se o Espírito do sonâmbulo e pode dizer coisas muito boas.

6 - O Espírito, que comunica através de um médium, transmite diretamente o seu pensamento ou é este pensamento que tem como intermediário o Espírito encarnado no médium?

– É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma ligação entre vós e os outros Espíritos que comunicam. Tal como é preciso um fio elétrico para comunicar uma notícia à distância e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e a transmita.

7 - O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que este deve transmitir e que são provenientes de outros Espíritos?

– Sim, porque se não simpatiza com eles, pode alterar-lhes as respostas e adaptá-las às suas próprias ideias e tendências; *mas não influencia os próprios Espíritos*, é apenas um mau intérprete.

8 - É esta a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

– É a única causa possível. Os Espíritos procuram o intérprete que simpatize mais com eles e que traduza com mais exatidão os seus pensamentos. Se não há simpatia entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece uma certa resistência e que se transforma num intérprete de má vontade, frequentemente infiel. O mesmo acontece entre vós quando a opinião de um sábio é transmitida por intermédio de um desorientado ou de um oportunista de má-fé.

9- Compreende-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas não para os médiuns mecânicos.

– Vós não compreendeis muito bem o papel que o médium desempenha: há uma lei que ainda não apreendestes. Para produzir o movimento num corpo inerte, o Espírito tem necessidade de certa energia animalizada que vai buscar ao médium, para movimentar momentaneamente a mesa, a fim de que ela obedeça à sua vontade. Para uma comunicação inteligente, precisa de um intermediário inteligente, sendo esse intermediário o Espírito do médium.

Isso não parece aplicável ao que se chamam mesas falantes, porque quando objetos inertes, tais como mesas, pranchetas e cestas, dão respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium não toma parte nestes factos.

– É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma momentânea vida fictícia, mas não inteligência. Um corpo inerte nunca foi inteligente, portanto, é o Espírito do médium quem recebe o pensamento sem o saber e o transmite gradualmente, com a ajuda de vários intermediários.

10 - O Espírito do médium, portanto, nunca é completamente passivo...

– É passivo, quando não mistura as suas próprias ideias com as do outro Espírito, apesar de nunca ser completamente nulo. A sua colaboração é sempre precisa como intermediário, mesmo nos casos daqueles a quem chamamos médiuns mecânicos.

11 - Há maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

– Com certeza que sim e, para certas comunicações, é preferível um médium mecânico; mas, dependendo das circunstâncias, isso pode não ter nenhuma importância desde que se conheçam as faculdades desse médium intuitivo; quero dizer com isto, que há comunicações que exigem menos precisão.

Teoria dos médiuns inertes

12. Entre as várias teorias que foram elaborados para explicar os fenómenos espíritas, há uma que acredita que a verdadeira mediunidade está num corpo completamente inerte, na cesta ou no cartão, por exemplo, que servem de instrumento; que o Espírito manifestante identifica-se com o objeto e torna-o não só vivo mas inteligente; daí o nome de *médiuns inertes* que é dado a tais objetos. Que pensais disto?

– Se o Espírito tivesse transmitido inteligência e ao mesmo tempo vida, à cesta, esta escreveria sozinha, sem a ajuda do médium. Seria estranho que uma pessoa inteligente se tornasse numa máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. Esta é uma das numerosas teorias oriundas de ideias preconcebidas e que, como tantas outras, cai por terra perante a experiência e a observação.

13. Um fenómeno muito conhecido poderia corroborar a opinião de que nos corpos inertes animados há mais do que vida, há também inteligência. São as mesas, as cestas, etc., que exprimem pelos seus movimentos a cólera ou a afeição?

– Quando um homem encolerizado agita um pau, não é o pau que está zangado nem mesmo a mão que o segura, mas sim o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do

que o pau, não têm nenhum sentimento inteligente, apenas obedecem a uma inteligência. Por outras palavras, o Espírito não se transforma em cesta nem faz dela sua morada.

14. Se não é racional atribuir-se inteligência a esses objetos, poder-se-á considerá-los como uma variedade de médiuns, dando-se-lhes o nome de *médiuns inertes*?

– E uma questão de palavras que pouco importa. Sois livres de chamar marioneta a um ser humano.

Aptidão de certos médiuns por coisas que desconhecem: línguas, música e desenho

15. Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento, não têm fala articulada, como os vivos. É por isso que para eles só há uma língua. Assim sendo, poderia um Espírito, por via mediúnica, exprimir-se numa língua que nunca falou enquanto vivo? Nesse caso, onde vai buscar as palavras de que se serve?

– A própria pergunta responde à questão: os Espíritos só têm uma língua, a do pensamento, que é compreendida por todos, os homens e os Espíritos. Quando se dirige ao Espírito encarnado do médium, o Espírito desencarnado não lhe fala em francês ou inglês, mas sim na língua universal, que é a do pensamento. Para traduzir as suas ideias numa língua articulada e transmissível, vai buscar as palavras à memória do médium.

16. Se é assim, o Espírito só deveria poder exprimir-se na língua do médium. Contudo, em certas comunicações, vê-se que escreve em línguas que este desconhece; não há aqui uma contradição?

– Os médiuns não estão todos igualmente aptos para esse género de exercício, e os Espíritos só acidentalmente se prestam a ele, quando julgam que isso pode ser útil. Para as comunicações habituais e de certa extensão, preferem servir-se de uma língua familiar do médium, porque têm menos dificuldades materiais a vencer.

17. A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é alheia, não virá do facto de que essa língua lhes teria sido familiar numa outra existência e que desta teriam conservado a intuição?

– É certo que isso pode acontecer, mas não é uma regra. Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.

18. Uma pessoa analfabeta poderia escrever como médium?

– Sim, mas compreende-se que há que vencer uma grande dificuldade mecânica, pois a mão não está habituada ao movimento necessário para formar as letras. Acontece o mesmo com os médiuns desenhadores, que não sabem desenhar.

19.Um médium muito pouco inteligente poderia transmitir comunicações de ordem elevada?

– Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que desconhece. A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência, assim como das qualidades morais. À falta de um intermediário melhor, o Espírito pode servir-se daquele que tem à mão. Mas é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira um médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais.

É de notar que as pessoas, com debilidade mental, são-no apenas por insuficiências da sua constituição natural. O seu Espírito pode ser mais avançado do que se pensa; há provas disso em certas evocações de pessoas com debilidade mental, mortos ou vivos.

Nota: Este é um facto comprovado pela experiência: temos muitas vezes evocado débeis mentais vivos que deram provas irrefutáveis da sua identidade e responderam de forma muito sensata e mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o embaraço em que se vê. Um médium com essa debilidade pode, em certas circunstâncias, oferecer ao Espírito que queira manifestar-se, mais recursos do que se supunha. (ver *Revista Espírita,* de Julho de 1860, artigo sobre a *Frenologia* e a *Fisiognomia*).

20. De onde vem a aptidão de alguns médiuns para escreverem em verso, apesar da sua ignorância no que se refere à poesia?

– A poesia é uma linguagem. Podem escrever em verso, tal como podem escrever numa língua que desconhecem; além disso, podem ter sido poetas noutra existência e, como já vos foi dito, os conhecimentos adquiridos nunca se perdem para o Espírito, que deve chegar à perfeição em tudo. Por isso, o que aprenderam dá-lhes, sem que o desconfiem, uma facilidade de que não dispõem no estado normal.

21. Acontece o mesmo com os que têm uma aptidão especial para o desenho e para a música?

– Sim; o desenho e a música também são formas de exprimirem os pensamentos; os Espíritos servem-se dos recursos que lhes dão maiores facilidades.

22. A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música, depende unicamente da aptidão especial do médium ou também da do Espírito que comunica?

– Umas vezes, do médium; outras vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores só dispõem de conhecimentos limitados.

23. Por que é que um homem, com um talento transcendente numa existência, já não o tem na existência seguinte?

– Não é sempre assim. Muitas vezes, aperfeiçoa numa existência o que começou na precedente. Pode acontecer, porém, que uma faculdade transcendente adormeça durante um certo tempo, para deixar que outra se desenvolva; é um germe latente, que se encontrará mais tarde e da qual ficam sempre alguns vestígios ou pelo menos uma vaga intuição.

224. O Espírito comunicante compreende todas as línguas, visto que as línguas são a expressão do pensamento, e o Espírito compreende pelo pensamento. Para transmitir o pensamento é necessário um instrumento, que é o médium.

A alma do médium, que recebe a comunicação exterior, só pode transmiti-la através dos órgãos do seu corpo; ora, estes órgãos não podem ter, para uma língua desconhecida, a flexibilidade que têm na língua que lhes é mais familiar.

Um médium, que só sabe falar francês, poderia acidentalmente dar uma resposta em inglês, por exemplo, se o Espírito comunicante assim quisesse. Ora, os Espíritos que já acham a linguagem humana muito lenta, tendo em conta a rapidez do pensamento, e a abreviam o mais que podem, tornam-se impacientes com a resistência mecânica que sentem; é por isso que nem sempre fazem isso.

É também a razão por que um médium novato, que ainda escreve com lentidão mesmo na sua língua, não obtém senão respostas breves e sem desenvolvimento.

Os Espíritos também recomendam que, por seu intermédio, só se façam perguntas simples. Para as de maior alcance é necessário um médium desenvolvido que não ofereça qualquer dificuldade mecânica ao Espírito. Ninguém convidaria para locutor um aprendiz que mal soubesse ler. Um bom operário não gosta de se servir de uma má ferramenta.

Acrescentemos ainda outra consideração de grande seriedade, no que se refere às línguas estrangeiras. Os ensaios deste género são sempre feitos com o objetivo da curiosidade e da experimentação. Ora, nada é mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a elas e afastam-se. Quanto mais lhes agradam as coisas úteis e sérias, mais se aborrecem com o fútil sem objetivos.

Dirão os incrédulos: Esse fim é útil porque é para nos convencerem, pode granjear adeptos para a causa dos Espíritos.

A isto respondem os Espíritos: A nossa causa não precisa dos orgulhosos que se julgam indispensáveis; chamamos *a nós os que queremos* e estes são quase sempre os mais pequenos e humildes.

Jesus fez os milagres que lhe pediam os escribas? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserdes convencer-vos, tendes outros meios que não a força; começai pelas atitudes de humildade; não é de regra que o discípulo imponha a sua vontade ao mestre.

Daqui resulta que, salvo algumas exceções, o médium comunica o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição, acontecendo que a expressão desse pensamento pode, na maioria das vezes, ressentir-se da imperfeição desses meios.

Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas e exprimir as ideias mais elevadas e filosóficas, falando como camponês, porque, como se sabe, nos Espíritos o pensamento domina tudo. Isto responde a certas críticas relativamente às incorreções de estilo e de ortografia que se podem reprovar aos Espíritos, mas que tanto podem vir do médium como do Espírito.

Existe futilidade ao ligar importância a coisas deste género. E não é menos pueril querer reproduzir essas incorreções com minuciosa exatidão, como vimos fazerem algumas vezes. Podem corrigir-se sem o mínimo escrúpulo, a menos que sejam características do Espírito que comunica, caso em que é bom conservá-las, como prova de identidade.

É assim, por exemplo, que temos visto um Espírito escrever constantemente Jule (sem o s), quando fala do seu neto, porque, quando estava vivo, o escrevia desse modo, embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome.

Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns

225. A dissertação seguinte, dada espontaneamente por um Espírito superior, que se revelou por comunicações do mais elevado nível, resume da forma mais clara e completa a questão do papel dos médiuns:

"Seja qual for a natureza dos médiuns escreventes, quer sejam mecânicos, semi-mecânicos, ou simplesmente intuitivos, os nossos processos de comunicação com eles não variam no essencial. De facto, tanto comunicamos com os Espíritos encarnados como com os Espíritos já libertos do corpo físico, só pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não precisam da roupagem da palavra, para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, só porque dirigimos esses pensamentos para eles, e isto em função das suas capacidades intelectuais.

Quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por este ou por aquele, de acordo com a sua evolução espiritual, enquanto noutros Espíritos, não despertando nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo do seu coração ou do seu cérebro, esse pensamento não é percetível para eles.

Neste caso, o Espírito encarnado, que nos serve de médium, é mais capaz de exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, embora não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçados a recorrer a ele; pois o ser terreno põe o seu corpo como instrumento à nossa disposição, o que o Espírito liberto não pode fazer.

Assim, quando encontramos um médium com o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos anteriores, latentes, adequados para nos facilitarem as comunicações, servimo-nos dele, de preferência, porque com ele o fenómeno da comunicação torna-se-nos muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e cujos conhecimentos anteriores tenham permanecido insuficientes. Vamos fazer-nos compreender por meio de algumas explicações claras e precisas.

Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior esteja desenvolvida, o nosso pensamento comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma aptidão própria da essência do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos adequados para dar ao nosso pensamento a

roupagem da palavra que lhe corresponda e isto, quer o médium seja intuitivo, semi-mecânico, ou inteiramente mecânico.

Essa é a razão pela qual, seja qual for a diversidade dos Espíritos que comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedam de Espíritos diferentes, trazem uma marca de forma e de cor que é pessoal desse médium.

Ainda que o pensamento lhe seja de todo estranho, ainda que o assunto saia do quadro em que ele habitualmente se move, ainda que o que queremos dizer não provenha de forma nenhuma dele, o medium influencia a forma pelas qualidades e pelas propriedades que são próprias da sua individualidade.

Como quando se olha através de lentes coloridas; embora as coisas que se observam sejam totalmente independentes, todas adquirem a mesma tonalidade que provém da cor das lentes.

Ou melhor, comparemos os médiuns a esses frascos cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se veem na vitrine dos laboratórios farmacêuticos; pois bem! Sendo nós, os Espíritos, como luzes que iluminam certos pontos de vista morais, filosóficos e psicológicas, através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal forma que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através dos frascos mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, quer dizer, por médios mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos, que desejamos iluminar, tomando a cor ou melhor, a forma de dizer própria e especial de um desses médiuns.

Para terminar com uma última comparação: nós, os Espíritos, somos como compositores de música, que compuseram ou querem improvisar uma ária magnífica, e só temos à mão: um piano, um violino, uma flauta, um fagote e um apito de dois tostões.

É incontestável que, com o piano, o violino ou a flauta, executaremos a nossa peça de modo muito mais rico e compreensível para os ouvintes. Embora os sons que provêm do piano, do violino ou da flauta sejam essencialmente diferentes uns dos outros, a nossa composição nem por isso deixará de ser a mesma, salvo as diferenças do som. Se só tivermos à nossa disposição o apito de dois tostões, com escassos meios de expressão, aí reside para nós a grande dificuldade.

Com efeito, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, o nosso trabalho torna-se muito mais longo e penoso, porque nos vemos forçados a lançar mão de recursos com formas incompletas, o que é uma complicação para nós; somos forçados a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, o que é um aborrecimento e uma fadiga, para nós, bem como um entrave real à rapidez e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

É por isso que ficamos felizes por encontrar médiuns apropriados, bem aparelhados, munidos de elementos mentais que podem ser prontamente utilizados, numa palavra, bons instrumentos. Então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que mediunizamos, só tem de lhe impulsionar a mão que escreve.

Com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho semelhante ao que era feito por meio de pancadas, formando letra por letra ou palavra por palavra, cada uma das frases dos pensamentos que vos queremos transmitir.

É por estas razões que nos dirigimos de preferência às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais.

Tal como deixamos hoje aos Espíritos brincalhões e pouco adiantados o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e de transporte, também os homens pouco sérios entre vós preferem o espetáculo dos fenómenos que lhes impressionam os olhos ou os ouvidos aos fenómenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e reunimos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto sem ele saber. É como se lhe tirássemos do bolso as somas que ele aí possa ter e dispuséssemos as diferentes moedas segundo a ordem que nos parecesse mais útil.

Mas, quando o próprio médium nos quer interrogar desta ou daquela forma, é bom que reflita nisso seriamente, para nos questionar de forma metódica, facilitando-nos assim o trabalho de resposta.

Porque, como vos foi dito numa instrução anterior, o vosso cérebro está muitas vezes numa desordem inextricável e é-nos tão penoso como difícil movermo-nos no labirinto dos vossos pensamentos. Quando as perguntas forem postas por terceiros, é bom e útil que a série de perguntas seja comunicada com antecedência ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador, e se impregne dele, por assim dizer; porque nós próprios teremos então mais facilidade em responder, devido à afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

Certamente podemos falar de matemáticas através de um médium a quem estas ciências pareçam absolutamente estranhas; mas, frequentemente, o Espírito desse médium possui esse conhecimento em estado latente, isto é, inerente ao ser energético e não ao ser encarnado, porque o seu corpo atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. Acontece o mesmo com a astronomia, a poesia, a medicina, as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos especializados da espécie humana. Finalmente, temos ainda, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, um meio de elaboração penoso, reunindo as letras e as palavras, uma a uma, como em tipografia.

Conforme já dissemos, os Espíritos não precisam de revestir os seus pensamento por palavras; percebem-nos e transmitem-nos, pelo simples facto de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos quando revestidos. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceber as ideias, mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária a nós."

Espíritos Erasto e Timóteo

Nota: Esta análise do papel dos médiuns, e dos processos pelos quais os Espíritos comunicam, é tão clara como lógica. Dela se deduz que o Espírito tira do cérebro do médium, *não as suas ideias,* mas os materiais necessários para as exprimir; e que, quanto mais rico em materiais for o cérebro, mais fácil é a comunicação.

Quando o Espírito se exprime na língua familiar do médium, encontra neste as palavras necessárias à configuração das ideias. Se o fizer numa língua estranha, não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; por isso se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se quiséssemos que escrevesse em Alemão, alguém que não conhecesse uma palavra nessa língua.

Se o médium não souber ler nem escrever, não possui sequer as letras; é preciso conduzi-lo pela mão, sendo maior a dificuldade material a vencer. Estes fenómenos são possíveis e temos numerosos exemplos. Compreende-se, contudo, que tais recursos não permitem nem a extensão nem a rapidez das comunicações e que os Espíritos prefiram instrumentos mais fáceis ou, como eles dizem, médiuns bem apetrechados do seu ponto de vista.

Se os que reclamam esses fenómenos, como meio de convicção, tivessem previamente estudado a teoria, saberiam em que condições excecionais eles se produzem

Questões diversas

226. 1. O desenvolvimento da mediunidade é proporcional ao desenvolvimento moral dos médiuns?

– Não; a faculdade propriamente dita depende do organismo; é independente da moral; não se passa o mesmo com o uso, que pode ser mais ou menos bom, de acordo com as qualidades do médium.

2. Foi sempre dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Porquê não é então privilégio das pessoas de bem e por que motivo há pessoas sem dignidade que são dotados no mais alto grau e que abusam dela?

– Todas as faculdades são favores pelos quais se deve dar graças a Deus, pois há pessoas que são privadas delas. Poderias igualmente perguntar por que é que Deus dá uma vista magnífica aos malfeitores, agilidade aos ladrões, eloquência aos que a usam para dizer coisas más. Acontece o mesmo com a mediunidade; as pessoas indignas têm essa capacidade porque precisam dela, mais do que as outras, para se aperfeiçoarem; pensais que Deus recusa os meios de salvação aos culpados? Ele multiplica-os a cada passo do seu caminho; *coloca-os nas suas mãos,* cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, fez milagres e curou doentes como apóstolo. Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar mais odiosa a sua traição.

3. Os médiuns que fazem mau uso da sua faculdade, que não se servem dela para o bem ou que não a aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências?

– Se as usarem mal, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais para se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.

4. Há médiuns a quem são dadas espontânea e frequentemente comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, sobre determinados defeitos; isso tem algum objetivo?

– Sim. É para esclarecê-los sobre um assunto repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. Por isso é que os Espíritos falarão a um continuamente da caridade, a outro, do orgulho, e só a insistência poderá abrir-lhes enfim, os olhos. Não há médiuns que abusem da sua faculdade por ambição ou por interesse, ou que a comprometam por um defeito grave, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, etc. e que não recebam, de vez em quando, advertências dos Espíritos; o pior é que a maior parte das vezes eles não as tomam como dirigidas a si mesmos.

Nota: Os Espíritos põem muitas vezes delicadeza nas suas lições; dão-nas de modo indireto para não tirarem o mérito àquele que as sabe aplicar e tirar proveito delas; mas a cegueira e o orgulho de certas pessoas são tais, que elas não se reconhecem no quadro que se lhes põe diante dos olhos; ainda mais, se o Espírito lhes der a entender que é delas que se trata, zangam-se e chamam-lhe mentiroso ou brincalhão de mau gosto. Somente isto é já suficiente para provar que os Espíritos têm razão.

5. Nas lições que são ditadas ao médium de modo geral, e sem aplicação pessoal, este serve como instrumento passivo para a instrução de outros?

– Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhe são dirigidos pessoalmente, mas a outros a quem não nos podemos dirigir senão por intermédio desse médium, mas que deve retirar deles a sua parte, se não for cego, devido ao amor-próprio.

Não julgueis que a faculdade mediúnica tenha sido dada só para corrigir uma ou duas pessoas. O objetivo é maior: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento muito pouco importante como indivíduo; por isso é que, quando damos instruções, das quais devem aproveitar a generalidade das pessoas, servimo-nos dos que oferecem as facilidades necessárias; mas podeis ter a certeza que virá o

tempo em que os bons médiuns serão muito comuns, para que os bons Espíritos não precisem de servir-se de maus instrumentos.

6. Uma vez que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas, ou grosseiras?

– Conheces todos os recônditos da sua alma? Ele pode, aliás, não ser mau, mas ser leviano e frívolo; e depois, também ele, por vezes, tem necessidade de uma lição, a fim de se manter vigilante.

7. Por que é que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de grande poder como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?

– Eles procuram influenciá-las; mas, quando elas se deixam levar por um mau caminho, eles deixam-nas ir. É por isso que as usam com repugnância, pois *a verdade não pode ser interpretada pela mentira*.

8. É absolutamente impossível obterem-se boas comunicações por um médium imperfeito?

– Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas porque, se dispõe de uma boa aptidão, os bons Espíritos podem servir-se dele na falta de outro, em determinadas circunstâncias; mas isso é sempre momentaneamente, pois desde que os Espíritos encontrem um que lhes convenha mais, dão preferência a esse.

Nota: Não podemos deixar de referir que, quando os bons Espíritos vêem que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, pelas suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, eles provocam quase sempre circunstâncias que desvendem os seus defeitos e o afastem das pessoas sérias e bem intencionadas, de cuja boa fé poderia abusar. Neste caso, quaisquer que sejam as suas faculdades, não se deve lamentá-lo.

9. Qual seria o médium que se poderia considerar perfeito?

– Perfeito? Bem sabeis que a perfeição não existe na Terra.Se não fosse assim, não estaríeis nela. Dizei antes bom médium, já é muito, pois são raros. O médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos nunca teriam ousado fazer uma tentativa para enganá-lo; o melhor é aquele que só simpatize com os bons Espíritos e tenha sido enganado menos vezes.

10. Se ele só simpatiza com os bons Espíritos, como é que estes permitem que ele seja enganado?

– Os bons Espíritos permitem isso, às vezes, com os melhores médiuns, para exercitar a sua ponderação e para lhes ensinar a distinguir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja um médium, ele nunca é tão perfeito que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isso deve servir-lhe de lição. As falsas comunicações que recebe de tempos a tempos, são avisos para que não se considere infalível e não se torne orgulhoso; porque, mesmo que um médium receba as coisas mais notáveis, ele não tem que se enaltecer pelo facto mais do que o tocador de órgão que obtém belas árias, movendo a manivela do seu instrumento.

11. Quais são as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue pura de qualquer alteração?

– Querer o bem; perseguir o *egoísmo e o orgulho*. Ambas essas atitudes são necessárias.

12. Se a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de encontrar, isso não será um obstáculo à propagação da verdade?

– Não, porque a luz sempre chega ao que deseja recebê-la. Quem quiser esclarecer-se deve fugir às trevas e as trevas estão na impureza do coração.

Os Espíritos que considerais personificações do bem não respondem à chamada dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cobiça e pela falta de caridade.

Que aqueles que querem esclarecer-se se despojem de toda a vaidade humana, usando a humildade da razão ante o poder infinito do Criador; será a melhor prova da sua sinceridade. E esta condição, todos podem satisfazê-la.

227. Como agente de comunicação, o médium é apenas um elemento instrumental. Sob o ponto de vista moral, contudo, exerce uma grande influência. Um Espírito, para comunicar, tem que se identificar com o Espírito do médium, o que só pode acontecer se houver simpatia e mesmo afinidade entre eles.

A alma exerce sobre o Espírito comunicante uma espécie de atração ou repulsão, em função da sua semelhança ou dissemelhança. Ora, os bons têm afinidade com os bons, e os maus com os maus, donde se conclui que as qualidades morais do médium têm a máxima importância na natureza dos Espíritos que comunicam por seu intermédio.

Se é imoral, vêm agrupar-se à sua volta os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos que foram evocados. As qualidades que atraem de preferência os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Por outro lado, os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são portas abertas para os maus Espíritos; mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que menos reconhecemos em nós próprios.

O orgulho tem perdido inúmeros médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem ele, teriam podido tornar-se indivíduos notáveis e muito úteis. Ao terem caído sob a influência de Espíritos mentirosos, viram as suas aptidões serem corrompidas no início, aniquiladas depois, e mais do que um se viu humilhado pelas mais amargas deceções.

Nos médiuns, o orgulho traduz-se por sinais inequívocos, a respeito dos quais é absolutamente necessário chamar a atenção, pois é um dos defeitos que maior desconfiança inspira quanto à veracidade das suas comunicações.

De início é uma confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhas dá; depois, um certo desdém por tudo o que não venha deles, pois pensam ter o privilégio da verdade.

Ficam deslumbrados com o prestígio dos grandes nomes com que se enfeitam os Espíritos que se supõe serem os seus protetores e, como o seu amor-próprio sofreria se reconhecessem que são enganados, repudiam qualquer tipo de conselhos; evitam-nos mesmo, afastando-se dos amigos e de quem poderia abrir-lhes os olhos.

Se têm a condescendência de escutá-los, não dão qualquer valor aos seus avisos, pois duvidar da superioridade do "seu" Espírito é quase uma profanação. Impacientam-se com a mínima contradição, com uma simples observação crítica e, por vezes, chegam mesmo a odiar as próprias pessoas que lhes têm prestado serviço.

A favor deste isolamento provocado pelos Espíritos que não querem ter quem os contradiga, estes divertem-se a conservar-lhes as ilusões, bem como a fazê-los tomar por coisas sublimes as mais absurdas.

Assim, confiança absoluta na superioridade do que obtêm, desprezo pelo que não venha deles, importância irrefletida dada aos grandes nomes, recusa de conselhos, desconfiança de qualquer crítica, afastamento dos que podem dar opiniões desinteressadas, confiança nas suas capacidades, apesar da sua falta de experiência; são estas as características dos médiuns orgulhosos.

Convenhamos que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium por aqueles que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentes, é procurado e elogiado; crê-se indispensável e em breve se dá ares importantes e de desdém, quando presta a sua colaboração. Mais de uma vez tivemos razão para lamentar os elogios que tínhamos dado a alguns médiuns para os encorajar.

229. Paralelamente, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, aquele em quem se pode ter confiança. Para começar, suponhamos haver uma facilidade de execução bastante grande, para permitir aos Espíritos comunicarem livremente, sem serem impedidos por qualquer dificuldade material.

Posto isto, o que mais interessa considerar é a natureza dos Espíritos que habitualmente o frequentam e, para isto, não é o nome que tem importância, mas sim a linguagem. O médium deverá ter sempre presente que as simpatias que desperta, entre os bons Espíritos, estão na razão direta do que faz para afastar os maus.

Persuadido de que a sua faculdade é um dom que lhe foi concedido para o bem, não procurará minimamente sobressair, nem dará a si próprio qualquer mérito por esse dom. Aceitará as boas comunicações que lhe são transmitidas como uma graça, fortalecendo o seu esforço no sentido de se tornar cada vez mais digno, através da sua bondade, da sua benevolência e da sua modéstia.

O primeiro orgulha-se das suas relações com os Espíritos superiores; este, com humildade, considera-se sempre abaixo das graças recebidas.

Dissertação de um Espírito sobre a influência moral

230. Sobre este assunto, vejamos a instrução seguinte que nos foi dada por um Espírito, do qual temos incluído várias comunicações:

Já dissemos que os médiuns, enquanto médiuns só têm uma função secundária nas comunicações com os Espíritos. As suas funções são como as de uma máquina elétrica, que transmite despachos telegráficos entre dois pontos distantes.

Quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo faz sobre o aparelho transmissor, isto é, da mesma forma que o tique-taque do telégrafo desenha, a milhares de léguas, sobre um pedaço de papel, os sinais reprodutores do telegrama, também nós comunicamos através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, o que vos queremos ensinar, por meio do aparelho mediúnico.

Assim como as condições atmosféricas podem perturbar as transmissões telegráficas, também a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão das nossas informações do mundo espiritual, porque somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é contrário.

No entanto, o mais normal é que essa influência seja anulada pela nossa energia e pela nossa vontade, e que não se manifeste qualquer ato perturbador. Ditados de alto valor filosófico, comunicações de moralidade perfeita são transmitidas às vezes por médiuns pouco próprios a esses ensinamentos superiores; enquanto comunicações pouco edificantes chegam também por médiuns com boas qualidades que se envergonham de lhes terem servido de condutores.

Em princípio, pode afirmar-se que os Espíritos atraem outros que lhes são semelhantes e que raramente os Espíritos dos grupos elevados comunicam por intermediários maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, isto é, bons médiuns.

Os médiuns superficiais e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que as suas comunicações estão marcadas por banalidades, por ideias sem nexo e desencontradas, sob o ponto de vista espiritual. Eles podem dizer, e às vezes dizem, boas coisas; mas, é principalmente neste caso que é necessário um exame rigoroso, pois, juntamente com essas coisas boas, certos Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e com uma perfídia calculada, factos controversos e asserções mentirosas, para enganarem a boa-fé dos seus auditores.

Deve riscar-se então, sem piedade, qualquer palavra ou frase equívoca, e conservar apenas o que a lógica aceita ou o que o espiritismo já ensinou.

As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas isolados e para os grupos recentes ou pouco esclarecidos, visto que nas reuniões em que os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a enfeitar-se com as penas do pavão, porque acaba sempre por ser impiedosamente desmascarada.

Não falarei dos médiuns que se divertem a solicitar e a receber comunicações inferiores; deixemo-los na companhia dos Espíritos menores. Aliás, os autores de tais comunicações procuram a solidão e o isolamento; pois, entre os membros de grupos filosóficos e sérios, só podem provocar o desdém e o desgosto.

Onde a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando substitui as suas próprias ideias pelas ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que acredita, de boa fé, serem o resultado de uma comunicação intuitiva. Nesse caso, há mil possibilidades contra uma de que isso não passe de reflexo do Espírito pessoal do médium. Acontece mesmo este facto curioso: a mão do médium movimenta-se às vezes quase mecanicamente, impulsionada por um Espírito secundário e brincalhão.

É contra esta pedra de toque que vêm quebrar-se as imaginações ardentes; pois, levados pelo ardor das suas próprias ideias, pelo brilho ilusório dos seus conhecimentos literários, os médiuns desprezam o ditado modesto de um Espírito sério, e, substituem-no por uma paráfrase empolada.

É contra este escolho que vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, por falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam as suas próprias obras como obras desses mesmos Espíritos. Eis por que é preciso que os diretores dos grupos espíritas sejam dotados de um fino tato e de uma rara sagacidade, para distinguir as comunicações autênticas das que o não são, e não ferir os que se iludem a si mesmos.

"Na dúvida, abstém-te", diz um velho provérbio. Aceitai só o que é de uma evidência clara. Quando uma opinião nova surge, por pouco duvidosa que vos pareça, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que não for aceite pela razão e pelo bom senso deverá ser reprovado. **Vale mais rejeitar dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria.**

Sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema de pensamento, que se desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça. Enquanto rejeitando hoje algumas verdades, porque não são demonstradas lógica e claramente, em breve um facto novo ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.

Lembrai-vos, contudo, oh espíritas! que para Deus e para os bons Espíritos, só a injustiça e a iniquidade são impossíveis.

O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a utilizar maus instrumentos, médiuns imperfeitos.

Portanto, se agora, um médium, seja ele quem for, der pela sua conduta ou pelos seus modos, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, um motivo legítimo de suspeita, rejeitai as suas comunicações, pois aí estará uma serpente escondida na erva.

Eis a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

Espírito Erasto

231. 1 - O meio em que se encontra o médium exerce influência nas manifestações espíritas?

– Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam, tanto no bem como no mal.

2 - Os Espíritos superiores podem triunfar sobre a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e daqueles que o rodeiam?

– Sim, quando consideram útil e de acordo com a intenção da pessoa que se lhes dirige. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem, às vezes, comunicar *por* um auxílio especial, apesar da imperfeição do médium e do meio, mas então, estes ficam completamente alheios ao facto. [33- Graça vs auxílio]

3 - Os Espíritos superiores procuram conduzir as reuniões fúteis para uma corrente de ideias mais sérias?

– Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a sua presença é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, vamos voluntariamente, mesmo que aí só encontremos instrumentos imperfeitos. Nos meios esclarecidos onde domina a ironia, não vamos. Lá, é preciso que se fale aos ouvidos e aos olhos; esse é o papel dos Espíritos barulhentos e trocistas. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos esclarecidos e menos evoluídos.

4 - O acesso às reuniões sérias é interdito aos Espíritos inferiores?

– Não, vão lá às vezes, para aproveitarem os ensinamentos que vos são dados; mas ficam silenciosos, *como os estouvados numa reunião de sábios.*

232. Seria um erro acreditar que é preciso ser-se médium para atrair a si os seres do mundo invisível. O espaço está cheio deles, andam constantemente à nossa volta, vendo-nos, observando-nos, assistindo às nossas reuniões, seguindo-nos ou evitando-nos, conforme se sentem atraídos ou repelidos por nós.

A faculdade mediúnica em nada contribui para isso, pois é apenas um meio de comunicação.

De acordo com o que referimos relativamente às causas da simpatia ou da antipatia dos Espíritos, é fácil compreender-se que devemos estar rodeados por aqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito, conforme este seja mais ou menos elevado.

E se pensarmos no estado moral do nosso planeta, compreenderemos de que género devem ser aqueles que predominam nos Espíritos entre vidas. Se olharmos para cada nação, em particular, poderemos dizer, pelo carácter predominante dos seus cidadãos, pelas suas preocupações, pelos seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários,* qual a ordem dos Espíritos que de preferência se encontra entre eles.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de pessoas superficiais, inconsequentes, ocupadas com os seus prazeres; quais serão os Espíritos que mais se encontrarão entre elas? Não serão certamente os Espíritos superiores, do mesmo modo que não serão os nossos sábios e filósofos que aí iriam passar o seu tempo.

Todas as vezes que as pessoas se reúnem, têm na sua companhia uma reunião oculta, que simpatiza com as suas qualidades ou com os seus defeitos, *independentemente de todo o pensamento de evocação*.

Admitamos agora que eles têm a possibilidade de comunicar com os seres do mundo invisível, através de um intérprete, isto é, de um médium. Quais serão os que vão responder à sua chamada? Evidentemente, os que lá estão, já prontos, e que só esperam uma oportunidade para comunicarem.

Se numa reunião fútil chamarem um Espírito superior, este poderá vir e pronunciar até algumas palavras sensatas, como um bom pastor vem para junto das suas ovelhas perdidas; mas a partir do momento em que ele não se veja compreendido nem escutado, ele afasta-se como vós faríeis no seu lugar, e os outros ficam com liberdade de ação.

233. Não basta que uma reunião seja séria para obter comunicações de nível elevado. Há pessoas que nunca riem e cujo coração não é, só por isso, totalmente puro. Ora, é sobretudo o coração que atrai os bons Espíritos.

Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas quando se está em más condições, fala-se com os que são nossos semelhantes, que não deixam de nos enganar, muitas vezes tecendo elogios às nossas tendências.

Vê-se por aí a enorme influência que tem o meio sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência, porém, não se exerce como terão pretendido certas pessoas, na altura em que ainda não se conhecia o mundo dos Espíritos como se conhece hoje, e antes que experiências mais conclusivas tivessem vindo esclarecer as dúvidas.

Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é porque essa opinião se tenha refletido no Espírito do médium como num espelho; é porque convosco estão Espíritos que vos são simpáticos, tanto para o bem, como para o mal, e que concordam convosco. A prova disso mesmo é que, se tiverdes a força de atrair outros Espíritos, que não aqueles que vos cercam, esse mesmo médium vai usar uma linguagem completamente diferente e dizer coisas muito desviadas das vossas ideias e das vossas convicções.

Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais o desejo sincero de se instruir, sem ideias preconcebidas.

CAPÍTULO XXII – A mediunidade nos animais

Dissertação de um Espírito sobre esta questão

234. Os animais podem ser médiuns?

– Esta questão tem sido colocada muitas vezes e certos factos pareceriam responder-lhe afirmativamente. O que tem podido tornar credível esta opinião são os espantosos sinais de inteligência de algumas aves adestradas, que parecem adivinhar o pensamento e tiram, de um maço de cartas, as que podem dar a resposta exata a uma pergunta feita.

Observámos estas experiências com especial atenção e o que mais admiramos foi a arte que foi necessário desenvolver para a instrução dessas aves.

Não se lhes pode recusar uma certa inteligência relativa, mas isso levar-nos-ia a pensar, nesta circunstância, que a sua perspicácia ultrapassa de longe a do homem, porque ninguém poderá gabar-se de fazer o que elas fazem.

Seria preciso mesmo, para certas experiências, supor-lhes um dom de segunda visão, superior ao dos sonâmbulos mais clarividentes. Com efeito, sabe-se que este tipo de lucidez é essencialmente variável e sujeita a frequentes intermitências, enquanto nesses animais seria permanente e de uma regularidade e precisão que não se vêem em nenhum sonâmbulo; numa palavra, nunca lhes faltaria.

A maior parte das experiências que observámos são como as que fazem os prestidigitadores, e não poderiam deixar-nos dúvidas acerca do emprego de alguns dos seus processos, principalmente o das cartas marcadas.

A arte da prestidigitação consiste na dissimulação desses processos, sem a qual o efeito já não teria graça. O fenómeno, mesmo reduzido a estas proporções, não deixa de ser interessante e releva o talento do instrutor, bem como a inteligência do aluno, pois a dificuldade a vencer é muito maior do que se a ave agisse apenas na base das suas próprias faculdades; ora, obrigando-a a fazer coisas que ultrapassam a inteligência humana, é provar, por esse mesmo facto, o emprego de um processo secreto.

Além disso, é um facto constante que essas aves só atingem esse grau de habilidade após um certo tempo e com o auxílio de cuidados especiais e perseverantes, que não seriam necessários se a inteligência deles fizesse tudo. Não é mais extraordinário treiná-los para tirar cartas de um baralho do que ensiná-los a cantar cantigas ou recitar palavras.

Sucedeu o mesmo quando a prestidigitação quis imitar a segunda visão; levava-se o paciente a fazer demasiado, para que a ilusão fosse de longa duração. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão desse tipo, vimos apenas uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando a ignorância das condições mais essenciais dessa faculdade.

235. Seja como for, quanto às experiências acima referidas, a questão principal permanece, no entanto, a partir de outro ponto de vista; pois assim como a imitação do sonambulismo não impede a faculdade de existir, a imitação da mediunidade por meio dos pássaros não provaria nada contra a possibilidade de uma faculdade análoga neles ou noutros animais.

É, portanto, uma questão de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir como intermediários dos Espíritos para suas comunicações inteligentes.

Parece até lógico supor que um ser vivo, dotado de certa inteligência, seja mais adequado para essa finalidade do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo; é, no entanto, aquilo que não acontece.

236. A questão da mediunidade dos animais encontra-se completamente resolvida na dissertação seguinte, feita por um Espírito cuja profundidade e sagacidade podemos apreciar nas citações que temos

tido ocasião de fazer. Para se captar bem o valor da sua demonstração, é essencial que se recorde a explicação que deu sobre o papel do médium nas comunicações, a qual reproduzimos anteriormente (n° 225). Esta comunicação foi dada a seguir a uma discussão que se tinha realizado sobre o assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

"Abordo hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos, que pretende, em virtude do axioma de que "*quem pode o mais, pode o menos",* que podemos "medianizar" os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana.

É o que chamais em Filosofia, ou melhor, em Lógica, pura e simplesmente um sofisma. E disse esse adepto: *"Vós animais a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; por maioria de razão, deve ser-vos possível animar a matéria já com vida, especialmente as aves."*

Pois bem, no estado normal do Espiritismo, não é, não pode ser assim.

Em primeiro lugar, ponderemos bem os factos: o que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de elo de ligação aos Espíritos, para que estes possam comunicar facilmente com os seres humanos: Espíritos encarnados. Por consequência, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, seja qual for a sua natureza.

É um princípio que, estou certo, é admitido por todos os espíritas: que os semelhantes interagem com os seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? É preciso que repita? Pois repeti-lo-ei: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são duma natureza idêntica, numa palavra, são semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, pormo-nos muito rápida e facilmente em comunicação. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da sua individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão especial, que lhes anula toda a possibilidade de rejeição, e estabelece, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que nos facilita as comunicações. De resto, é essa possibilidade de rejeição, própria da matéria, que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

Os homens gostam de exagerar; uns, não me refiro aos materialistas, negam que os animais têm alma, outros querem dar-lhes uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Porquê querer assim confundir o que pode evoluir com o que não pode evoluir?

Não, não, convencei-vos disso, o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se identificar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra, que anima o ser essencialmente evolutivo e aperfeiçoável: o homem, o rei da criação. Ora, o que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres não é, afinal, esta condição essencial de perfetibilidade?

Reconhecei então, que não se pode comparar ao ser humano, o único perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras espécies que vivem na Terra.

O cão, cuja inteligência superior entre os animais, o tornou o amigo e companheiro do homem, é perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, pois o cão não faz progredir o cão. Aquele que, entre eles, é o mais bem-educado, é sempre educado pelo seu dono.

Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu a sua casa na água, segundo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas nunca construíram os ninhos de modo diferente do dos seus pais. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhinhas e dos talos das ervas e fragmentos apanhados na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, que formam pequeninas repúblicas bem administradas, nunca mudaram os seus hábitos de abastecimento, a sua forma de proceder, os seus costumes, as suas produções. Enfim, a aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagem e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrareis, em seu lugar, os palácios e os castelos da civilização moderna; ao vestuário de peles grosseiras sucederam os tecidos de ouro e seda; enfim, a cada passo encontrais a prova desta marcha incessante da Humanidade para o progresso.

Deste progresso constante, invencível, irrecusável, da espécie humana, e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, deveis concluir comigo que, se existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra, o sopro e a matéria, não menos certo é que só vós, Espíritos encarnados, estais submetidos à inevitável lei do progresso, que vos empurra fatalmente para diante e sempre para diante.

Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos apoiarem. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam de compreender; porém, só lhes proporcionou a inteligência de acordo com os serviços que são chamados a desempenhar; mas, na sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso. Tal como foram criados, permanecem e permanecerão até à extinção das suas raças.

Dissemos que os Espíritos "mediunizam" e fazem mover a matéria inerte: cadeiras, mesas, pianos. Fazem mover, sim; "mediunizam", não!

Porque, mais uma vez repito: sem um médium, nenhum desses fenómenos pode produzir-se. Que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de muitos médiuns, façamos mover a matéria inerte passiva que, precisamente em virtude da sua passividade, da sua inércia, é apropriada para executar os movimentos e as impulsões que lhe quisermos dar?

Para isso, precisamos de médiuns, certo; mas não é necessário que o médium esteja presente ou *consciente.* Podemos atuar com os elementos que ele nos fornece com o seu desconhecimento e fora da sua presença, sobretudo nos casos de tangibilidade e de transporte.

O nosso corpo fluídico, mais imponderável e mais subtil do que o mais subtil e mais imponderável dos vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se, com o corpo fluídico mas *materializado* do médium, e cuja capacidade de expansão e de penetrabilidade é inatingível pelos vossos sentidos e quase inexplicável para vós, permite-nos mover os móveis e até parti-los, em aposentos desabitados.

Certamente, os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles revelam e que vos parece sem motivo, é causado pela visão de um ou mais Espíritos mal-intencionados para com os indivíduos presentes, ou para os donos dos animais.

Muito frequentemente vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que se empinam perante um obstáculo imaginário. Pois bem, tende por certo que o obstáculo imaginário é, muitas vezes, um Espírito ou um grupo de Espíritos que se divertem em impedi-los de se moverem.

Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo-lhe a espada flamejante, se obstinava em não se mover; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo tinha querido tornar-se visível só ao animal. [34 - Episódio Bíblico – A mula de Balaão]

Mas repito, não mediunizamos (transformamos em médiuns) diretamente, nem os animais nem a matéria inerte; é-nos sempre necessária a colaboração *consciente* ou *inconsciente*, de um médium humano, porque precisamos da união de energias similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

M. T. diz que magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porque o infeliz animal morreu depois de ter caído numa fraqueza e num abatimento, como consequência da magnetização. Ao tê-lo sujeito a um banho energético de uma entidade superior à da sua natureza, humana uma, animal, a outra, esmagou-o, agindo sobre ele à semelhança do raio, embora mais lentamente. Como não há qualquer assimilação possível entre o nosso perispírito e o corpo energético dos animais propriamente ditos, esmagá-los-íamos instantaneamente, mediunizando-os.

Dito isto, reconheço que há nos animais diversas aptidões; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, agindo conforme se procede bem ou mal com eles.

É que Deus, que não fez nada incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. Mas daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos há um abismo: a diferença das naturezas.

Sabeis que colhemos no cérebro do médium os elementos de comunicação necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e percetível por vós. É com a ajuda da sua memória cultural e linguística que o médium traduz o nosso pensamento na vossa linguagem. Pois bem, que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Ele tem lá palavras, números, letras, quaisquer sinais semelhantes aos que existem nos homens, mesmo nos menos inteligentes?

No entanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, adivinham-no mesmo. Sim, os animais ensinados compreendem certos pensamentos, mais não sabem reproduzi-los. Podemos concluir, portanto, que os animais não nos podem servir de intérpretes.

RESUMINDO: os factos mediúnicos não podem manifestar-se sem a contribuição, consciente ou inconsciente dos médiuns. É só entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos podem servir de médiuns. Quanto a educar cães, aves ou outros animais, para fazerem tais ou tais exercícios, é trabalho vosso e não nosso."

Espírito Erasto

Nota: Encontra-se na *Revista Espírita,* de setembro de 1861, os pormenores de um processo empregado pelos educadores de pássaros sábios, para os ensinar a tirar de um maço de cartas as pretendidas.

CAPÍTULO XXIII – Da obsessão

237. A prática do Espiritismo apresenta imensas dificuldades, a primeira das quais é a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. Só é praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar alguém. Os bons Espíritos não obrigam, aconselham, combatem a influência dos maus e, se ninguém observa os seus conselhos, retiram-se.

Os maus, pelo contrário, agarram-se àqueles que podem influenciar. Se conseguem dominar alguém, identificam-se com o seu Espírito e dirigem-no como se fosse uma criança.

A obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau de coação e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenómeno, cujas principais variedades são: *a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.*

Obsessão simples

238. ***A obsessão simples*** acontece quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se intromete contra a sua vontade nas comunicações que recebe, o impede de comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.

Ninguém está obsidiado só porque é enganado por um Espírito mentiroso; o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser enganadas por velhacos.

Pode ser-se enganado sem estar obsidiado; a obsessão é o apego de um Espírito, do qual alguém não pode libertar-se.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está envolvido com um Espírito mentiroso, e que este não se esconde nem dissimula minimamente as suas más intenções e o seu desejo de contrariar.

O médium reconhece sem dificuldade a maldade e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este género de obsessão é simplesmente desagradável e só tem o inconveniente de colocar um obstáculo às comunicações que se deseja receber de Espíritos sérios, ou daqueles por quem se sente afeto.

Podem incluir-se nesta categoria os casos de *obsessão física,* isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e insistentes de alguns Espíritos que produzem pancadas ou outros ruídos. Para melhor clarificar a que se refere este fenómeno, consulte-se o capítulo *Manifestações físicas espontâneas* (n° 82).

Fascinação

239. A ***fascinação*** tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que lhe paralisa o raciocínio relativamente às comunicações.

O médium fascinado não sabe que está a ser enganado: o Espírito tem a arte de lhe inspirar uma confiança cega, que o impede de ver o logro e de compreender o absurdo do que escreve, mesmo quando esse absurdo salta aos olhos de toda a gente. A ilusão pode ir mesmo ao ponto de o fazer ver o sublime na linguagem mais ridícula.

Este género de obsessão não atinge apenas as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de senso. As mais espiritualizadas, mais instruídas e mais inteligentes não estão livres dela, o que prova que esta aberração é provocada por uma causa estranha que as influencia.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. Com efeito, graças à ilusão que dela deriva, o Espírito dirige aquele que conseguiu dominar como um cego, e pode fazê-lo aceitar as

doutrinas mais extravagantes, as teorias mais falsas, como sendo a única expressão da verdade. Mais ainda, pode incitá-lo a atitudes ridículas, comprometedoras e mesmo perigosas.

A diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação é fácil de compreender. Compreende-se igualmente com facilidade que os Espíritos que produzem estes dois efeitos devem diferir de carácter.

No primeir caso, o Espírito que se agarra a vós é um ser importuno devido à sua teimosia e do qual nos queremos livrar com ansiedade.

No segundo, o caso é muito diferente. Para chegar a tais fins é preciso um Espírito ágil, ardiloso e profundamente hipócrita, que só pode enganar e impor-se usando uma máscara. Apresenta um falso ar de virtude e usa nobres palavras como caridade, humildade e amor de Deus, que são para ele como cartas de garantia.

Através de tudo isso, porém, deixa transparecer sinais de inferioridade e é preciso estar realmente *fascinado* para não se aperceber disso. O Espírito também receia as pessoas que vêem claro e usa quase sempre a tática de sugerir ao médium o afastamento de quem lhe poderia abrir os olhos. Assim, evitando contradições, está certo de ter sempre a razão do seu lado.

Subjugação

240. A ***subjugação*** é uma coação que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Fica-se, numa palavra, sob um verdadeiro *jugo.*

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal.*

No primeiro caso, o subjugado é levado a tomar decisões, tantas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, supõe sensatas: é uma espécie de fascinação.

No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, imaginavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas e nas paredes.

A subjugação corporal vai, algumas vezes, mais longe e pode levar aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que, não sendo nem jovem nem belo mas, sob o domínio de uma obsessão desta natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma jovem e pedi-la em casamento, apesar de não ter em relação a ela quaisquer intenções matrimoniais.

Outras vezes, sentia nas costas e nos calcanhares uma pressão enérgica que, apesar de toda a resistência que lhe opunha, o forçava a ajoelhar-se e a beijar o chão em lugares públicos e na presença de uma multidão de pessoas. Este homem passava por louco entre as pessoas das suas relações; mas estamos convencidos de que não o era, de forma nenhuma; pois tinha consciência do ridículo em que caía, devido aos seus atos públicos que fazia contra a sua vontade, e sofria horrivelmente com isso.

241. Antigamente, chamava-se *possessão* ao domínio exercido por maus Espíritos, indo a influência dos mesmos até ao transtorno das faculdades. Para nós, a possessão será sinónimo da subjugação. Se não adotámos esse termo, é apenas por dois motivos:

- primeiro, porque implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal.

Sabemos, porém, que só existem seres mais ou menos imperfeitos e que todos podem melhorar;

- segundo, porque implica igualmente a ideia de uma tomada de posse do corpo por um Espírito exterior, de uma espécie de coabitação, ao passo que só existe coação.

A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados, subjugados e fascinados.*

242. A obsessão, como já dissmos, é um dos maiores e mais frequentes escolhos da mediunidade. Não serão demais todos os esforços para vencer a obsessão. Além dos inconvenientes pessoais, é um estorvo à boa qualidade e à veracidade das comunicações.

A obsessão, seja qual for o seu grau, é sempre o resultado de uma coação e portanto nunca é exercida por um bom Espírito. Assim sendo, todas a comunicações dadas por um médium obsidiado são de origem suspeita e não merecem confiança. Se tiverem algo de bom, deve guardar-se e rejeitar tudo o que for duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

Iª- Persistência de um Espírito em comunicar, de boa ou má vontade, pela escrita, pela audição, pela tiptologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2ª- Ilusão de parte do médium que, embora inteligente, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3ª- Crença do médium na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4ª- Confiança do médium nos elogios que lhe dão os Espíritos que comunicam consigo;

5ª- Disposição do médium de se afastar das pessoas que podem emitir avisos úteis;

6ª- Levar a mal a crítica às comunicações que recebe;

7ª- Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8ª- Coação física de qualquer tipo, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou a falar contra a sua vontade;

9ª- Ruídos e agitação persistentes à volta do médium, sendo ele mesmo a origem ou o destinatário de tudo isso.

244. Considerando o perigo da obsessão, possuir faculdades mediúnicas não será um facto a lamentar? Não será essa faculdade que provoca o perigo da obsessão? Não será a obsessão uma prova da inconveniência das comunicações espíritas?

– A nossa resposta é fácil e pedimos que meditem nela.

Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos. Foram os Espíritos que fizeram com que haja espíritas e médiuns. Visto que os Espíritos são as almas dos seres humanos, é evidente que há Espíritos desde que os seres humanos existem e, por consequência, foi desde sempre que os Espíritos exerceram a sua influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade.

A faculdade mediúnica é só um meio de se manifestarem. Na falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria, portanto, um erro, acreditar que os Espíritos só exercem a sua influência por meio das comunicações escritas ou verbais. Essa influência é permanente e mesmo aqueles que não se ocupam com os Espíritos ou não acreditam neles, estão expostos a ser alvo dela e a sofrer com ela como todos os outros e até mesmo mais do que os outros, porque não têm a compreensão do fenómeno.

A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se nos dar a conhecer; se é mau, acaba sempre por se trair, por mais hipócrita que seja. A mediunidade, portanto, permite que se veja o inimigo cara a cara, digamos assim, podendo enfrentá-lo com as suas próprias armas. Sem esta faculdade, age na sombra e a sua invisibilidade permite-lhe fazer muito mal, o que acontece na realidade.

A quantas coisas somos levados, por infelicidade nossa, que poderíamos ter evitado, sendo esclarecidos?

Os incrédulos nem sabem que falam verdade quando dizem daqueles que teimosamente se desencaminham: É o seu mau génio que os impele a perderem-se.

Assim, o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, deve ter como resultado, em tempos mais ou menos próximos e quando ele for propagado, *a destruição desse predomínio*.

À medida que o Espiritismo for sendo divulgado, irá dando a cada um os meios para se acautelar contra as sugestões dos Espíritos inferiores. Então, quem sucumbir, só pode culpar-se a si mesmo.

Regra geral: quem quer que receba más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob má influência; essa influência atua sobre a pessoa, quer escreva quer não, isto é, quer seja médium ou não, quer acredite ou não. A escrita possibilita-lhe um meio de se certificar da natureza dos Espíritos que agem e de os combater se forem maus, o que consegue com maior êxito quando conhece os motivos que os fazem agir. Se for cega para não compreender, podem outros abrir-lhe os olhos.

Em resumo, o perigo não está no espiritismo em si mesmo, porque pode, pelo contrário, vigiar-nos e defender-nos dos riscos que corremos a todo o instante, sem o sabermos. O perigo está na orgulhosa pretensão de alguns médiuns de se considerarem intermediários exclusivos de Espíritos superiores, e na fascinação que não lhes permite compreender as tolices de que são os intérpretes.

Até os que não são médiuns podem cair nesse erro. Comparemos: um indivíduo tem um inimigo secreto, a quem não conhece e que espalha contra ele, todo o género de calúnias. Vê a sua fortuna perder-se, os amigos deixarem-no, a sua felicidade interior perturbada.

Sem saber de quem é a mão que o castiga, não pode defender-se e sucumbe.

Um dia, esse amigo secreto escreve-lhe e, apesar da sua manha, denuncia-se. Com o seu inimigo a descoberto, pode anulá-lo e reerguer-se. Um cenário destes é, em grande medida, semelhante aos prejuízos que nos causam os maus Espíritos e que o espiritismo nos oferece a possibilidade de conhecer e eliminar.

245. São muitas as causas da obsessão e variam de acordo com o carácter do Espírito: às vezes é uma vingança que exerce sobre um indivíduo de quem teve motivos de queixa, quer durante a vida, quer de uma outra existência; outras vezes, só tem o desejo de fazer mal; como sofre, quer fazer sofrer os outros; encontra prazer em atormentar, em humilhar; por isso, a impaciência que se lhe demonstra ainda mais o excita, porque esse é o seu objetivo, enquanto a paciência o cansa. Irritando-se e mostrando despeito, é isso precisamente o que ele quer.

Estes Espíritos agem com ódio e por inveja do bem; por isso lançam as suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas.

Um deles fixou-se como verdadeira "**tinha"** a uma honrada família nossa conhecida a qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. **[35 - tinha]**

Interrogado porque não o fazia antes a homens maus como ele, respondeu: *esses não me causam inveja.* Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os leva a aproveitarem-se da fraqueza moral daqueles que sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um jovem de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: *Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa ponderada repelir-me-ia; ligo-me a um tplo, porque não opõe resistência.*

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que têm mesmo algo de bom, mas que têm o orgulho do falso saber. Têm as suas ideias, teorias sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; querem fazer prevalecer a sua opinião e procuram para isso médiuns crédulos que os aceitem de olhos fechados, a quem eles fascinam para os impedir de discernir o verdadeiro do falso.

São os mais perigosos, porque os sofismas não lhes custam nada e podem tornar credíveis as utopias mais ridículas. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm escrúpulos em se adornarem com aqueles perante os quais todos se inclinam, e não recuam sequer ante o sacrilégio de se dizerem Jesus, sua mãe Maria, ou um santo venerado.

Procuram deslumbrar através de uma linguagem pomposa, mais pretensiosa do que profunda, recheada de termos técnicos e ornamentada com solenes palavras de caridade e de moral; evitarão dar um mau conselho, pois sabem bem que seriam repelidos. Assim, aqueles que estão a ser enganados até os defendem, dizendo: "Bem vedes que eles não dizem nada de mau". Mas a moral só é para eles um passaporte e o que menos os preocupa. Querem, acima de tudo, impor as suas ideias, por mais disparatadas que sejam.

247. Os Espíritos que defendem teorias escrevem com continuidade, pelo que procuram os médiuns que escrevem com facilidade, tentando fazer deles correspondentes dóceis e, principalmente, entusiastas, fascinando-os. São quase sempre muito fluentes, prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Têm prazer em ditar aos seus intérpretes volumosos escritos indigestos e frequentemente pouco compreensíveis, que felizmente têm a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Podemos concluir que essa fecundidade prodigiosa deve ser suspeita, já que os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios; dizem muita coisa em poucas palavras.

A publicação desses escritos deve ser ponderada. As utopias e as excentricidades que, tantas vezes, neles abundam e que chocam o bom senso, produzem uma impressão lamentável nas pessoas ainda principiantes, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo; além disso, são armas de que os seus inimigos se servem, para o ridiculizar. Entre essas publicações há algumas que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem considerar-se imprudentes*, intempestivas,* ou desajeitadas.

248. Acontece muito que um médium só pode comunicar com certo Espírito, que está ligado a ele e responde por aqueles que são chamados por seu intermédio. Nem sempre se trata de uma obsessão, porque pode tratar-se de uma falta de flexibilidade do médium e de uma afinidade da sua parte por este ou aquele Espírito.

Só há obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e afasta intencionalmente os outros, o que nunca é obra de um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium, pretendendo dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que não são aceites e que são discutidas, não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se isolar, chegando mesmo a impor essa atitude.

Qualquer médium, que se ofenda com a crítica das comunicações que obtém é o eco do Espírito que o domina. Tal Espírito não pode ser bom, uma vez que lhe inspira um pensamento ilógico: o de se recusar ao exame crítico. O isolamento do médium é sempre uma situação lastimável para ele, porque não tem controlo das comunicações que recebe. Deve esclarecer-se, não só através da opinião de terceiros, como também lhe é necessário estudar todos os géneros de comunicações, para poder compará-las.

Fechando-se naquelas que lhe são transmitidas, por melhores que lhe pareçam, expõe-se a deixar-se iludir sobre o seu valor, sem ter em consideração que não pode saber tudo, e que todas elas giram sempre no mesmo círculo. (N° 192, *Médiuns exclusivos*).

Meios de combater a obsessão

249. Os meios para se combater a obsessão variam de acordo com as suas características. Não existe perigo para os médiuns que sabem estar em contacto com um Espírito mentiroso, como sucede na obsessão simples, que é para ele apenas desagradável. Mas exactamente porque ela lhe é desagradável, é mais uma razão para o Espírito se encarniçar atrás dele para o aborrecer.

O médium tem duas coisas a fazer: provar ao Espírito que não o está a enganar e que *não lhe será possível enganá-lo;* depois, cansá-lo, mostrando uma paciência mais forte do que a sua. O Espírito, se vir que está a perder o seu tempo, retirar-se-á, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos.

Isso só, contudo, nem sempre é o suficiente e pode levar muito tempo. Os Espíritos são teimosos, e os meses ou anos não contam para eles. O médium deve, por outro lado, fazer um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos e pedir-lhes que o ajudem.

Quanto ao Espírito obsessor, por pior que seja, deve ser tratado com rigor, mas bondosamente, vencendo-o com boas maneiras e rezando por ele. Se for realmente perverso, a princípio troçará desses meios; mas sendo moralizado com perseverança, acabará por corrigir-se; é uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que oferece. Bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de se ter reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Convirá também interromper a comunicação escrita, desde que se reconheça que ela vem de um Espírito inferior que não escuta a razão, para não se lhe dar o prazer de ser ouvido.

Em certos casos, pode mesmo ser conveniente interromper a escrita do médium durante algum tempo, atendendo às circunstâncias. Contudo, se o médium psicógrafo pode evitar estas conversas, abstendo-se de escrever, o mesmo já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessor persegue, às vezes constantemente, com as suas propostas grosseiras e obscenas e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos.

De resto, há pessoas que se divertem com a linguagem vulgar dessa espécie de Espíritos, que encorajam quando se riem das suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não se aplicam a esses, pois que querem afundar-se.

250. Para os médiuns que não se deixam abusar não há perigo. Apenas situações desagradáveis, visto que não se deixam enganar.

Caso diferente é o da *fascinação* porque, nesses casos, o poder exercido pelo Espírito sobre o indivíduo de quem se apoderou não tem limites. A única solução para o médium é mostrar-lhe que está a ser enganado, tentando trazê-lo à situação da obsessão simples.

Nem sempre é fácil e, em certos casos, é impossível. O ascendente do Espírito pode ser tal, que o torne surdo a qualquer espécie de raciocínio, podendo chegar ao ponto, quando o Espírito comete alguma forte heresia científica, de pensar que o erro está na ciência.

Como dissemos, o fascinado não ouve os conselhos; a crítica irrita-o e fá-lo entrar em conflito com os que não se põem do seu lado. Suspeitar do Espírito que o acompanha é, na sua opinião, quase uma profanação. E isso é tudo o que o Espírito exige, pois ele quer exatamente que todos se curvem perante a sua palavra.

Um desses Espíritos exercia, sobre uma pessoa das nossas relações, uma fascinação extraordinária; evocámo-lo e, depois de umas tantas bazófias, vendo que não conseguia enganar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. Quando lhe perguntámos por que razão ludibriava de tal modo aquela pessoa, respondeu com estas palavras, que evidenciam nitidamente o carácter deste género de Espírito:

- *Procurava uma pessoa que me fosse possível manipular; encontrei-a, fico com ela.*

Mas se lhe mostrais como são as coisas, ele lançar-vos-á isto:

- *É o que veremos!*

Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, reconhecida a inutilidade de qualquer tentativa para abrir os olhos ao fascinado, o que há a fazer de melhor é deixá-lo com as suas ilusões. Ninguém pode curar um doente que teima em manter-se doente e que gosta de estar assim.

251. A subjugação corporal tira ao obsidiado a energia necessária para dominar o Espírito mau. Para isso é necessária a intervenção de uma terceira pessoa, agindo pelo magnetismo ou pela força da vontade.

Na falta de colaboração do obsidiado, essa terceira pessoa deve tomar ascendente sobre o Espírito. Tal ascendente só pode ser moral, só pode ser exercido por uma pessoa moralmente superior ao Espírito,

e o seu poder será tanto maior quanto maior for esse ascendente, que imporá ao Espírito, forçando-o a inclinar-se diante dela.

Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o que se chamava então "o demónio", isto é, os maus Espíritos obsessores.

Aqui só podemos dar conselhos gerais, porque não há nenhum procedimento material, nenhuma fórmula ou palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta muitas vezes ao obsidiado é força íntima suficiente. Nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode ser-lhe de grande ajuda. Entretanto, é sempre conveniente procurar, através de um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior ou do Anjo da guarda.

252. As imperfeições morais do obsidiado são um obstáculo à sua libertação. Eis aqui um exemplo notável, que pode servir para a instrução de todos.

Há alguns anos que várias irmãs estavam a ser vítimas de vandalismos muito desagradáveis. As suas roupas eram constantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. Naturalmente, o seu primeiro pensamento foi o de que estavam a ser vítimas de brincalhões de mau gosto, mas aquela persistência e as precauções que tomavam tiraram-lhes essa ideia.

Só muito tempo depois, por algumas indicações, acharam que deviam dirigir-se a nós para saberem a causa desses vandalismos e a forma de lhes darem remédio, se tal fosse possível. Sobre a causa não havia dúvida; o remédio era mais difícil.

O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente maldoso. Na evocação revelou uma grande perversidade e ser inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, exerceu sobre ele uma influência salutar. Após um tempo de interrupção, os vandalismos recomeçaram. Eis o conselho que a este propósito nos deu um Espírito superior:

"O que de melhor essas senhoras têm a fazer é de orar e pedir aos seus Espíritos protetores que não as abandonem. Não tenho melhor conselho para dar-lhes do que procurarem no fundo da sua consciência, confessando-se a si mesmas, vendo se têm praticado o amor ao próximo e a caridade. Não falo da caridade que dá e distribui, mas da caridade de palavras. Infelizmente, não sabem conter as suas e não demonstram, por atos piedosos, o desejo que têm de se libertarem daquele que as atormenta. Gostam muito de maldizer o próximo e o Espírito que as obsidia exerce uma vingança. Em vida, foi um bode expiatório para elas. Só têm de procurar na memória para descobrirem com quem estão a lidar.

Entretanto, se conseguirem melhorar-se a si próprias, os seus anjos da guarda aproximar-se-ão, e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que só tirou partido de uma delas porque o seu anjo guardião teve de afastar-se devido aos seus atos repreensíveis, ou a maus pensamentos.

O que precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição."

Porque estas palavras nos pareceram demasiado severas, sendo conveniente atenuá-las um pouco para as transmitir, o Espírito acrescentou:

"Disse como disse, porque as pessoas em questão julgam que não ferem com palavras, quando o fazem muitíssimo. Por isso é que é preciso tocar-lhes o Espírito, de modo que lhes sirva de advertência séria."

Resulta do que foi dito um ensinamento de grande alcance: que as imperfeições morais dão lugar à ação de Espíritos obsessores e que o meio mais seguro de a pessoa se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem.

Os bons Espíritos têm, sem dúvida, mais poder do que os maus, e a vontade deles basta para afastar estes últimos; mas eles só assistem aos que os seguem, aperfeiçoando-se. De outro modo afastam-se e

deixam o campo livre aos maus Espíritos, que se tornam instrumentos de punição, pois os bons deixam-nos agir com esse objetivo.

253. Não se pode atribuir aos Espíritos todas as contrariedades que acontecem, muitas vezes devidas ao descuido e à imprudência. Um agricultor escreveu-nos dizendo que, havia doze anos, acontecia ao seu gado toda a espécie de infelicidades. As vacas morriam ou deixavam de dar leite, ou morriam os cavalos, os carneiros e os porcos. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, nem as missas que mandou rezar, nem os exorcismos que mandou praticar.

Seguindo os preconceitos, convenceu-se de que lhe haviam enfeitiçado os animais. Supondo-nos dotados de poder para exorcizar superior ao do pároco da sua aldeia, pediu a nossa opinião. A resposta que obtivemos foi a seguinte: "A mortalidade ou as doenças do gado desse homem têm como causa as infeções por falta de higiene dos seus currais, que ele não trata devidamente *porque lhe custa dinheiro."*

254. Terminaremos este capítulo com as respostas que os Espíritos deram a algumas perguntas e que vêm em apoio do que dissemos.

1. Por que é que certos médiuns não podem desembaraçar-se de Espíritos maus que se agarram a eles, e como é que os bons Espíritos que eles chamam não são bastante poderosos para afastar os outros e comunicarem diretamente?

– Não é o poder que falta ao Espírito bom; é, muitas vezes, o médium que não é bastante forte para o apoiar. As suas qualidades prestam-se melhor a certas relações; a sua condição energética identifica-se mais com um Espírito do que com outro; é isso que dá um domínio tão grande aos que querem abusar dele.

2. Parece-nos contudo que há pessoas muito meritórias, de uma moralidade irrepreensível e que, no entanto, são impedidas de comunicar com os bons Espíritos?

– Isso é uma prova. Será que o seu coração está livre de todo o mal? Que o seu orgulho não domina a aparência de bondade?

Essas provas, ao mostrarem ao obsidiado a sua fraqueza, devem levá-lo a ser humilde.

Na Terra, ninguém é perfeito. Mesmo quem tem toda a aparência da virtude pode ter ainda muita imperfeição e defeitos escondidos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizeis daquele que não faz mal, que é leal nas suas relações sociais: é pessoa séria e digna. Mas sabeis se as suas boas qualidades não são manchadas pelo orgulho, se não há nele um fundo de egoísmo, se não é avaro, invejoso, rancoroso, maldizente, e outros problemas escondidos que não conheceis, porque as vossas relações com ele ainda o não permitiram.

O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.

3 - A obsessão, que impede um médium de receber as comunicações que deseja, é sempre um sinal de indignidade da sua parte?

– Eu não disse que é um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode opor-se as certas comunicações. Ao que deve dedicar-se é a erradicar o obstáculo que está em si. Sem isso, as suas preces e as suas súplicas nada farão. Não basta que um doente diga ao seu médico: tratai-me, quero sentir-me bem. O médico nada pode fazer se o doente não fizer o que é necessário.

4 - A impossibilidade de comunicar com os bons Espíritos seria assim uma espécie de castigo?

– Em certos casos, pode ser um verdadeiro castigo, tal como a possibilidade de comunicar com eles é uma recompensa que deveis esforçar-vos por merecer. (Ver *Perda e suspensão da mediunidade*, n° 220).

5 - Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

– Isso é o que não se faz e muito deveria fazer-se. É uma tarefa que vos é dada e que deveis cumprir caridosa e religiosamente. Por sábios conselhos, é possível levá-los ao arrependimento e apressar a sua evolução.

A esse respeito, como pode um ser humano ter mais influência do que os Espíritos?

– Os Espíritos perversos aproximam-se mais dos homens que procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Na aproximação com os humanos, quando encontram quem os moralize, de início não escutam e até se riem; depois, se a pessoa os sabe prender, acabam por se deixar tocar.

Os Espíritos elevados só podem falar-lhes em nome de Deus e isso assusta-os. O ser humano não tem mais poder do que os Espíritos superiores, mas a sua linguagem identifica-se melhor com a natureza deles, e vendo o ascendente que pode ter sobre os Espíritos inferiores, compreende melhor a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

De resto, o ascendente que o ser humano pode exercer sobre os Espíritos está na proporção direta da sua superioridade moral. Não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade. (Ver o n° 279).

6 - A subjugação corporal, levada a um determinado grau, pode ter como consequência a loucura?

– Sim, a uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida do mundo, mas que não tem relação com a loucura vulgar. Entre os que são considerados loucos, há muitos que só são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto com produtos farmacêuticos são conduzidos à verdadeira loucura. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão melhor mais doentes do que com comprimidos. (n° 221)

7 - E as pessoas que, vendo algum perigo no Espiritismo, pensam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

– Se podem proibir certas pessoas de comunicar com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas a essas mesmas pessoas, visto que não podem eliminar os Espíritos, nem impedir a sua influência oculta. Isso faz-nos lembrar as crianças que tapam os olhos, pensando que ninguém as vê. Seria uma loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens, só porque alguns imprudentes podem abusar dela; o meio de se prevenirem estes inconvenientes é, pelo contrário, dá-la a conhecer a fundo.

CAPÍTULO XXIV – Identidade dos Espíritos

Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controversas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Os Espíritos não nos apresentam uma prova de identidade e sabe-se com que facilidade alguns deles tomam nomes que nunca foram seus.

A seguir ao problema da obsessão, este é um dos mais difíceis do Espiritismo prático; no entanto, em muitos casos, a identidade exata é questão secundária e sem importância real.

A identidade do Espírito das personagens antigas é a mais difícil de conhecer, impossível mesmo, e fica-se reduzido a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se, por exemplo, um Espírito se apresenta sob o nome de Fénelon e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele; mas se só diz coisas dignas do carácter de Fénelon as quais este não se negaria subscrever, há, senão uma prova material, pelo menos a probabilidade moral de que seja de facto ele.

É sobretudo nesse caso que a identidade real é uma questão acessória. Se o Espírito só disser coisas boas, pouco importa o nome sob o qual elas são ditas. Objetar-se-á, sem dúvida, que o Espírito que assumir um nome suposto, mesmo que só para o bem, não deixa de cometer uma fraude: não pode, portanto, ser um Espírito bom. Aqui há cambiantes muito difíceis de captar e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, as características das suas personalidades apagam-se na uniformidade da perfeição, sem deixarem de conservar a sua individualidade. É o que se passa com os Espíritos superiores e os Espíritos puros.

Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais *efémeras* por que passaram, é coisa absolutamente insignificante.

Notemos que os Espíritos são atraídos uns pelos outros essencialmente pela semelhança das suas qualidades e assim formam grupos ou famílias simpáticas.

Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos devem ter chegado às fileiras mais altas e se o compararmos ao número tão restrito dos homens que deixaram um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores que podem comunicar connosco, a esmagadora maioria não tem nomes conhecidos por nós.

Como precisamos de nomes para fixarmos as nossas ideias, os Espíritos comunicantes podem tomar o de uma personagem conhecida, cuja natureza seja mais identificada com a deles. É assim que os nossos Anjos da Guarda, quando se dão a conhecer, adotam o nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, pelo daquele que nos inspira mais simpatia.

Segue-se daí que, se um Anjo guardião se dá a conhecer como sendo S. Pedro, a pessoa não pode ter qualquer prova material de que ele seja exatamente o apóstolo com esse nome. Pode ser um Espírito desconhecido pertencente à família de Espíritos de São Pedro.

Se alguém invocar o seu Anjo da Guarda, este acudirá ao apelo que lhe é dirigido, porque é atraído pelo pensamento da pessoa, sendo o nome usado completamente indiferente.

Acontece o mesmo todas as vezes que um Espírito superior comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida; nada prova que seja precisamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele não diz nada que desminta o carácter desta última, há a *suposição* de que é ele e em todos os casos pode dizer-se que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu.

Em resumo, a questão do nome é secundária, podendo considerar-se o nome como um simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita.

A situação é completamente diferente quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável, para que as suas palavras mereçam crédito. Essa situação é tão frequente que nunca são demais as precauções a tomar em relação a essas substituições.

Graças a esses nomes de empréstimo e, sobretudo com o auxílio da fascinação, é que alguns Espíritos teóricos, mais orgulhosos do que sábios, procuram fazer aceitar as ideias mais ridículas.

A questão da identidade dos Espíritos é indiferente quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem consequências de maior.

Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, quase completamente desconhecidas.

O que nos interessa não é a sua pessoa, mas os ensinamentos que nos proporcionam; ora, se esses ensinamentos são bons, pouco importa que aquele que os deu se chame Pedro ou Paulo; é avaliado pela sua qualidade e não pelos seus títulos. Se um vinho é mau, não é a etiqueta que o tornará melhor.

O caso é diferente no que se refere às comunicações íntimas, porque é o indivíduo, a sua própria pessoa que nos interessa; e é com razão que, nesta circunstância, devemos assegurar-nos se o Espírito que acode à nossa chamada é realmente aquele que desejamos.

257. A identidade é muito mais fácil de se reconhecer quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujas características e hábitos se conhecem, porque são esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de afastar-se, que os tornaram conhecidos, que constituem um dos sinais mais seguros de identidade.

O Espírito pode dar essas provas em resposta a pedidos que lhe são feitos, mas nem sempre, só quando lhe convém. Como isso geralmente o magoa, deve ser evitado. Ao deixar o corpo, o Espírito não se despojou das suas suscetibilidades; aborrecem-no as perguntas que tenham por objetivo pô-lo à prova.

Há perguntas que ninguém ousaria dirigir-lhe, se ele se apresentasse vivo, por receio de estar a ser inconveniente; por que razão lhe havemos de dispensar menos consideração depois da sua morte?

Se um homem se apresentar num salão dizendo o nome, irá alguém, à queima-roupa, sob o pretexto de haver impostores, pedir-lhe que prove ser quem diz que é? Esse homem teria o direito de lembrar ao interrogante as regras de civismo. O que fazem os Espíritos é não responder, retirando-se.

Por exemplo: suponhamos que François Arago, o conhecido cientista, astrónomo e político francês quando era vivo, se tivesse apresentado numa casa onde não fosse conhecido e que lhe tivessem dito sem cerimónias:

– Dizeis que sois François Arago. Podeis prová-lo, respondendo às nossas perguntas, resolvendo um problema de astronomia, dizendo quais os vossos apelidos, o nome dos vossos filhos, o que fizestes tal dia, a tal hora, etc.? Que teria Arago respondido? Como pessoa faria o mesmo que faria como Espírito e o mesmo que outros Espíritos fazem. **[36 – François Arago]**

258. Enquanto os Espíritos se recusam a responder a perguntas infantis e extravagantes, que toda a gente teria escrúpulo em dirigir-lhes se fossem vivos, eles próprios dão, espontaneamente, provas irrefutáveis da sua identidade. Pelo seu carácter, que se revela na linguagem, pelo uso das palavras familiares, pela citação de certos factos da vida, muitas vezes desconhecidos dos assistentes, mas cuja exatidão pode ser verificada.

As provas de identidade transparecem, além disso, num sem-número de circunstâncias imprevistas, que não se apresentam sempre no primeiro contacto, mas na continuação das conversas. Convém, pois, esperá-las, sem as provocar, observando-se cuidadosamente o seu conteúdo. (Ver o facto referido no n° 70).

259. Um meio para saber a identidade de um Espírito comunicante, quando é suspeito, é pedir-lhe para afirmar, *em nome de Deus Todo-Poderoso*, que é realmente quem diz ser.

Se usurpou um nome, recua perante o sacrilégio e, depois de ter começado a escrever: "*afirmo, em nome de...*" pára e traça, com cólera, riscos sem significado no papel, ou quebra o lápis.

Se é mais hipócrita, ilude a questão, através duma restrição mental, escrevendo por exemplo: *"Certifico-vos que digo a verdade",* ou então: *"Atesto, em nome de Deus, que sou mesmo eu quem vos fala"*, etc. Mas há aqueles que não têm escrúpulos e que juram tudo o que se quiser.

Um desses comunicou com um médium dizendo ser *Deus*, e o médium, honrado com uma graça tão elevada, não hesitou em acreditar nele. Evocado por nós, não ousou manter a impostura e disse: "Não sou Deus, mas sou seu filho".

- És então Jesus? Isso não é provável, porque Jesus está muito altamente colocado para empregar um subterfúgio. Atreves-te a afirmar, no entanto, em nome de Deus, que és Jesus?

- Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma das suas criaturas.

Daqui deve concluir-se que a recusa de um Espírito em afirmar a sua identidade em nome de Deus, é sempre uma prova evidente de que o nome que ele tomou é uma impostura, mas também que a afirmação não passa de uma presunção e não constitui uma prova certa.

260. Entre as provas de identidade podemos incluir a semelhança da caligrafia e da assinatura mas, além de não ser possível a todos os médiuns, não representa garantia suficiente: há falsários no mundo dos Espíritos, como os há neste. Isso não é, portanto, mais do que uma hipótese de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem.

Sucede o mesmo com todos os sinais materiais, que algumas pessoas consideram talismãs, inimitáveis pelos Espíritos mentirosos. Para os que ousam perjurar em nome de Deus, ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material pode oferecer um obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias acidentais.

261. Se um Espírito pode imitar uma assinatura, também é perfeitamente capaz de imitar a linguagem.

Isso é verdade; temos visto alguns que assumiam até o nome de Jesus e, para enganarem, aparentavam o estilo evangélico e usavam as bem conhecidas palavras: *"Em verdade, em verdade vos digo…".* Porém, quando se estudava o conjunto das ideias, *sem preconceitos*, e se perscrutava o fundo dos pensamentos, se analisava o alcance das expressões, quando, ao lado de belas máximas de caridade se viam recomendações pueris e ridículas, precisaríamos de estar *fascinados* para nos deixarmos enganar.

Sim, certos aspetos da forma material da linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento; a ignorância nunca imitará o verdadeiro saber, nem o vício imitará a verdadeira virtude; sempre, em qualquer parte, aparecerá a pontinha da orelha de fora; é então que o médium, bem como o evocador, precisam de toda a perspicácia e de toda a ponderação para separar a verdade da mentira.

Devemos ter a consciência de que os Espíritos perversos são capazes de todos os estratagemas e de que, quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresente, maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria, ou por um santo venerado!

Distinção entre bons e maus Espíritos

262. Se a identidade rigorosa dos Espíritos comunicantes é, em muitos casos, uma questão supérflua, sem importância, a distinção entre bons e maus Espíritos não o é. A individualidade pode ser-nos indiferente, a sua qualidade nunca o é. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto que deve concentrar-se toda a atenção, porque só a qualidade do Espírito pode indicar-nos o crédito que podemos

dar à entidade que se manifesta. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita pertence? Esta é a questão fundamental. (Ver "*Escala espírita",* em O Livro dos Espíritos, n°100).

263. Julgam-se os Espíritos, já o dissemos de outras vezes, tal como os homens, pela sua linguagem.

Suponhamos que um homem recebe vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas. Pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, avaliará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Assim, também, acontece com os Espíritos. Devemos considerá-los como correspondentes que nunca vimos e interrogarmo-nos o que pensaríamos do saber e do carácter de um homem que dissesse ou escrevesse coisas semelhantes.

Pode fixar-se como regra invariável e sem exceção que *a linguagem dos Espíritos está sempre relacionada com o seu nível de elevação.* Os Espíritos realmente superiores não só dizem coisas boas, como também as dizem em termos que excluem da forma mais absoluta toda a trivialidade. Por melhores que sejam, se uma única expressão denota baixeza, isso constitui um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão, se o conjunto da comunicação fere as conveniências pela sua grosseria.

A linguagem denuncia sempre a sua origem, quer pelo conteúdo, quer pela forma. Mesmo que algum Espírito quisesse iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastaria conversar algum tempo com ele para o avaliarmos.

264. A bondade e a benevolência são atributos essenciais dos Espíritos purificados. Não sentem ódio, nem pelos homens nem pelos outros Espíritos; lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação e sem azedume nem animosidade. Se os Espíritos verdadeiramente bons só querem o bem e só dizem coisas boas, conclui-se que tudo o que revele falta de bondade e generosidade não pode provir de um bom Espírito.

265 - A inteligência não é sinal infalível de superioridade, visto que a inteligência e a moral nem sempre caminham lado a lado.

Um Espírito pode ser bom, generoso e ter conhecimentos limitados, enquanto um Espírito inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade.

Acredita-se, geralmente, que interrogando o Espírito de um homem que na Terra tenha sido sábio numa determinada especialidade, se obterá mais seguramente a verdade. Sendo lógico, porém, não é sempre verdadeiro. A experiência demonstra que os sábios, como os outros homens, sobretudo os que deixaram a Terra há pouco tempo, ainda estão sob o domínio dos preconceitos da vida corpórea; não se despojam imediatamente de teorias tendenciosas. Pode acontecer que, sob a influência das ideias que tiveram em vida, e das quais se orgulhavam, possam ver com menos clareza do que supomos. Não afirmamos este princípio como regra. Dizemos apenas que o facto se dá e que, por consequência, a ciência dos seres humanos não é prova da sua infalibilidade como Espíritos.

266. Submetendo todas as comunicações a um exame rigoroso, analisando o pensamento e as expressões, como é habitual fazer-se com uma obra literária, rejeitando *sem hesitação* tudo o que seja contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o carácter do Espírito que supomos estar a manifestar-se, desencorajam-se os Espíritos mentirosos que acabam por se retirar mal se convençam que não conseguirão enganar ninguém.

Repetimos: este meio é o único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa.

Os bons Espíritos nunca se ofendem com uma crítica rigorosa, eles próprios a aconselham porque nada têm a temer do exame; só os inferiores se chocam com ela e recusam-na, porque têm tudo a perder. Só com isso já provam o que são. Este é o conselho dado pelo Espírito São Luís, sobre este assunto:

"Qualquer que seja a confiança que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca evitamos repetir e que deveríeis ter sempre presente na vossa lembrança, quando vos dedicais aos vossos estudos: é a de ponderar e meditar, é a de submeter ao controlo da razão mais severa todas as comunicações que recebeis; é a de não negligenciar, desde que um ponto pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, o pedido de explicações necessárias para formar uma opinião segura."

267. **Os meios para se reconhecer a qualidade dos Espíritos podem resumir-se nos princípios seguintes:**

1. O único critério para avaliar do valor dos Espíritos é o do bom senso. Qualquer fórmula que contrarie esse princípio é absurda e não provém de Espíritos superiores;

2. Avaliam-se os Espíritos pela sua linguagem e pelas suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que inspiram e os conselhos que dão;

3. Visto que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, tudo o que vier de mal não pode provir de um bom Espírito;

4. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, elevada, sem nenhuma trivialidade; dizem tudo com simplicidade e modéstia, nunca se gabam nem exibem o seu saber ou a sua posição entre os outros. A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre reflexo das paixões humanas; qualquer expressão que denuncie baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, aspereza, é indício característico de inferioridade e de engano, mesmo apresentando-se o Espírito sob um nome respeitável e venerado;

5. Não se deve avaliar os Espíritos pelo aspeto formal ou pela correção do seu estilo, mas sondando o seu íntimo, perscrutando as suas palavras, fria e maduramente, sem preconceitos. Qualquer desvio da lógica, da razão e da sensatez, não pode deixar dúvidas sobre a sua origem, seja qual for o nome com que se vanglorie o Espírito (N°224);

6. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em qualquer lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, a necessidade e a facilidade de comunicar, mas nunca serão contraditórios. Se duas comunicações com o mesmo nome estiverem em contradição, uma das duas é falsa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o carácter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, em que uma aconselhasse a união e a caridade, e a outra tendesse para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderia enganar-se;

7. Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com desembaraço, sem se preocuparem com a verdade. Qualquer erro científico notório, ou princípio com falta de senso, indica fraude se o Espírito se apresentar como entidade esclarecida;

8. Reconhecem-se ainda os Espíritos superficiais, pela facilidade com que predizem o futuro e mencionam factos que não nos é dado conhecer. Os bons Espíritos podem fazer pressentir as coisas futuras, quando esse conhecimento pode ser útil, mas nunca marcam datas; qualquer anúncio de acontecimentos com data fixa é indício de mistificação;

9. Os Espíritos superiores exprimem-se simplesmente, sem prolixidade. O seu estilo é conciso, sem excluir o sentido poético das ideias e das expressões, inteligível e claro para todos. Não exige grande esforço para ser compreendido. Eles têm a arte de dizer muito em poucas palavras, porque cada palavra conta. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, sob o empolamento e a ênfase ocultam o vazio dos pensamentos. A sua linguagem é muitas vezes pretensiosa, ridícula ou obscura, à força de querer parecer profunda;

10. Os bons Espíritos nunca mandam, aconselham. Se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão as ordens, querem ser obedecidos e não se afastam. Qualquer Espírito que impõe trai a

sua origem. São absolutos nas suas opiniões e pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem uma crença cega e não apelam à razão, porque sabem que a razão os desmascararia;

11. Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva; os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, mas pregam a humildade. Procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles que querem conquistar;

12. Os Espíritos elevados são superiores às superficialidades da forma *em todas as coisas.* Só os Espíritos vulgares dão importância a pormenores mesquinhos, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Qualquer prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de fraude, da parte de um Espírito que toma um nome grandioso;

13. Deve desconfiar-se dos nomes raros e fantasiosos que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; seria absurdo tomá-los a sério;

14. Deve igualmente desconfiar-se dos Espíritos que se apresentam com excessiva facilidade sob nomes venerados, e não aceitar as suas palavras sem a maior reserva; é indispensável um controlo severo, porque o nome pode ser uma máscara para fazer crer na intimidade com os Espíritos altíssimos. Com isso lisonjeiam a vaidade do médium tentando induzi-lo a atitudes lamentáveis ou ridiculas.

15. Os bons Espíritos são muito escrupulosos ao dar conselhos, *sempre sérios e úteis.* Devemos considerar suspeitos os que fujam destes princípios, seríamos condenados pela razão; devemos refletir maduramente antes de lhes dar ouvidos, para evitar as mistificações desagradáveis.

16. Também se reconhecem os bons Espíritos pela sua prudente reserva sobre todos os casos que possam comprometer; repugna-lhes a denúncia do mal, ao contrário dos Espíritos superficiais ou maldosos que têm prazer em fazê-lo sobressair. Enquanto os bons procuram atenuar os erros e recomendar a indulgência, os Espíritos inferiores exageram-nos e semeiam a discórdia, através de insinuações maldosas;

17. Os bons Espíritos só recomendam o bem. Qualquer princípio ou conselho que *não estiver estritamente de acordo com a caridade evangélica*, não pode ser obra de bons Espíritos;

18. Os bons Espíritos só aconselham o que for perfeitamente racional; qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza*, revela um Espírito limitado e, como tal, pouco digno de confiança;

19. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, traem-se também por indícios cuja interpretação não engana. A sua ação sobre o médium é por vezes violenta, e provoca neles movimentos bruscos e sacudidos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos;

20. Os Espíritos imperfeitos aproveitam-se das possibilidades de comunicação de que dispõem para dar conselhos negativos. Provocam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos; os que podem desmascarar as suas imposturas são sobretudo o alvo da sua oposição.

Escolhem os homens fracos para induzir ao mal, empregando alternadamente sofismas, troça, injúrias e até sinais materiais do seu poder oculto para melhor os convencer, para os desviar do caminho da verdade;

21. Os Espíritos dos homens que em vida tiveram uma preocupação única, material ou moral, se não se desprenderam da influência material, continuam sob o domínio das ideias terrenas, preconceitos e preferências e *mesmo das manias* que tinham neste mundo, o que é fácil de reconhecer pela sua linguagem;

22. Os conhecimentos com que certos Espíritos se adornam com ostentação, não são sinal de superioridade. A pureza dos sentimentos morais é que é fundamental;

23. Não basta interrogar um Espírito para conhecer-se a verdade. É preciso, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos, visto que os inferiores, também ignorantes, tratam com frivolidade as questões mais sérias. Não basta que tenham sido na Terra altas individualidades para dominarem a sabedoria no mundo espiritual. Só a virtude pode, purificando-os, aproximá-los de Deus e aumentar os seus conhecimentos;

24. Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é muitas vezes fino e vivo, mas nunca trivial. Nos Espíritos trocistas, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é usada, algumas vezes, bem a propósito.

25. Se estudarmos com cuidado o carácter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhece-se a sua natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom senso não engana.

26. Para avaliar os Espíritos, como para avaliar os seres humanos, é preciso primeiro cada um saber avaliar-se a si mesmo. Infelizmente, há muita gente que toma as próprias opiniões pessoais como modelo exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso. Tudo que contradiga o seu ponto de vista, as suas ideias é, na sua opinião, mau. Nestes casos falta, evidentemente, a qualidade primordial para avaliar os outros: a retidão do juízo. Mas elas nem percebem. Este é um dos defeitos pelo qual mais pessoas se iludem.

Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dados pelos Espíritos; vamos completá-las com as respostas que eles próprios deram, sobre os pontos mais importantes.

Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

268. 1. Por que sinais pode reconhecer-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

– Pela linguagem, da mesma forma que se distingue um precipitado de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores nunca se contradizem e só dizem coisas boas. Só querem o bem, é essa a sua preocupação.

Os Espíritos inferiores ainda estão dominados pelas ideias materiais; os seus discursos ressentem-se da sua ignorância e da sua imperfeição. Só aos Espíritos superiores é permitido conhecer todas as coisas e julgá-las desapaixonadamente.

2. A ciência é sempre um sinal certo da elevação dos Espíritos?

– Não, porque se ainda estão sob a influência da matéria, podem ter os vossos vícios e preconceitos. Há pessoas, neste mundo, que são excessivamente vaidosas e orgulhosas; pensais que, mal o deixam, perdem esses defeitos? Fica, após a partida, sobretudo dos que tiveram paixões bem marcadas, uma espécie de atmosfera que os envolve e lhes conserva todas essas coisas más.

Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque, na sua maioria, aliam a astúcia e o orgulho à inteligência. Através do seu pretenso saber, impõem isso às pessoas e aos ignorantes que lhes aceitam, sem controlo, as suas teorias absurdas e mentirosas. Embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal momentâneo, porque dificultam a marcha do Espiritismo e os médiuns tornam-se cegos voluntários acerca do mérito daquilo que lhes é comunicado.

É isso que exige um grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é no distinguir o verdadeiro do falso que é preciso fazer concentrar toda a atenção.

3. Muitos Espíritos protetores designam-se pelos nomes de santos, ou de personagens conhecidas: que se deve pensar a esse respeito?

– Todos os nomes de santos e de personagens conhecidas não seriam suficientes para fornecer um protector a cada ser humano; entre os Espíritos, há poucos que tenham um nome conhecido na Terra; é por isso que, muitas vezes, eles não adotam nome; mas vós quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, eles tomam o de uma figura que conheceis e que respeitais.

4. O uso desse nome pode ser considerado uma fraude?

– Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma ordem, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos.

5. Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, é garantido que seja mesmo o Espírito ou a alma do apóstolo que teve esse nome?

– De maneira nenhuma. Há milhares de pessoas às quais foi dito que o seu Anjo da Guarda é São Paulo, ou qualquer outro; mas que vos importa isso, se o Espírito que vos protege é tão elevado como São Paulo? Já vos disse: como precisais de um nome, eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, como tomais os nomes de batismo para vos distinguirdes dos outros membros da vossa família.

Podem, pois, tomar igualmente os dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que daí resulte qualquer consequência. De resto, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais a sua irradiação é múltipla; acreditai, portanto, que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias; por que haveríeis de supor que nós fossemos, espiritualmente falando, menos aptos para a direção moral dos homens, do que estes o são para a direção material dos seus interesses?

6. Porque é que os Espíritos, que fazem comunicações, tomam frequentemente nomes de santos?

– Os Espíritos comportam-se de harmonia com os hábitos daqueles com quem falam e tomam os nomes que produzam neles a maior influência, levando em conta as suas crenças.

7. Certos Espíritos superiores evocados vêm sempre em pessoa ou fazem-se representar por entidades encarregadas de transmitirem os seus pensamentos?

– Por que não viriam em pessoa, se podem fazê-lo? Mas se o Espírito não pode vir, o que vem é necessariamente um mandatário.

8. O mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?

– Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Aliás, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se identificam no pensamento comum, de tal forma que, para eles, a personalidade é uma coisa indiferente, como o deve ser também para vós. Julgais sempre que no mundo dos Espíritos superiores só existem os que conhecestes na Terra, capazes de vos instruir. Estais de tal modo habituados a considerar-vos como os únicos do Universo que acreditais sempre que fora do vosso mundo não há mais nada. Fazeis lembrar os povos que nunca saíram da sua ilha e que pensam que não há mais nada para além dela.

9. Compreendemos que seja assim, quando se trata de um ensino sério. Mas como permitem os Espíritos superiores que outros, de baixo nível, adotem nomes respeitáveis, para induzirem em erro por meio de princípios errados?

– Não é com a sua permissão que o fazem. O mesmo não acontece entre vós? Os que enganam desse modo serão punidos, tende a certeza, e a punição deles será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, se não fôsseis imperfeitos, só teríeis à vossa volta bons Espíritos; se sois enganados, só de vós mesmos vos deveis queixar. Deus permite que assim aconteça, para experimentar a vossa perseverança e o vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis, é porque não sois suficientemente elevados e precisais ainda das lições da experiência.

10. Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são às vezes enviados para substituir um Espírito superior, para que tenham ocasião de se exercitarem no ensino?

– Nunca nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e para ensinamento geral; os que aí se apresentam fazem-no de sua própria cabeça, para, como dizeis, se exercitarem. Por isso é que as suas comunicações, apesar de boas, trazem a marca da sua inferioridade. Só são delegados para as comunicações pouco importantes e para as que se podem chamar pessoais.

11. As comunicações espíritas ridículas são às vezes entremeadas de excelentes princípios; como explicar esta anomalia, que parece indiciar a presença simultânea de bons e de maus Espíritos?

– Os Espíritos maus ou superficiais também se põem a ditar sentenças, sem lhes perceberem bem o alcance, ou o sentido. Entre vós, todos os que as dizem são homens superiores? Não; os bons e os maus

Espíritos não andam juntos; pela uniformidade constante das boas comunicações é que reconhecereis a presença dos bons Espíritos.

12. Os Espíritos que nos induzem em erro fazem-no sempre conscientemente?

– Não; há Espíritos bons mas ignorantes, que podem enganar-se de boa-fé: quando têm consciência da sua insuficiência admitem-no e só dizem o que sabem.

13. O Espírito que faz uma comunicação falsa, fá-lo sempre com má intenção?

– Não; se é um Espírito superficial, diverte-se a enganar e não tem outra intenção.

14. Se há Espíritos que podem enganar através de palavras, também podem, aos olhos de um médium vidente, tomar uma aparência falsa?

– Isso acontece, mas mais dificilmente. Em todo o caso, só se verifica com um fim que os próprios Espíritos maus não conhecem. Servem de instrumento para dar uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos superficiais e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob a sua influência. Os Espíritos superficiais podem aproveitar-se dessa circunstância para os iludirem por meio de aparências enganadoras; isso depende das qualidades do Espírito do médium.

15. Para não ser enganado, basta que se esteja animado de boas intenções? E as pessoas sérias, que não envolvem nos seus estudos sentimentos de vã curiosidade, também estão sujeitos a serem enganados?

– Menos do que os outros, evidentemente. Mas os seres humanos caiem sempre em erros que atraem os Espíritos trocistas. Julgam-se fortes e por vezes não o são. Devem desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Não são levadas em conta estas duas causas, de que os Espíritos se aproveitam: ao lisonjearem manias, estão seguros de ter êxito.

16. Por que é que Deus permite que os maus Espíritos façam comunicações com conteúdos maus?

– Mesmo com o que há de pior, sempre se aprende. Compete-vos saber aproveitar. São precisas comunicações de todos os géneros para aprender a distinguir os bons Espíritos dos maus e para servir de espelho a vós mesmos.

17. Os Espíritos podem, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças injustas contra certas pessoas e causar desavenças entre amigos?

– Os Espíritos inferiores e invejosos podem fazer, de mal, o mesmo que fazem os homens. É por isso que é preciso ter cuidado. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando censuram alguém. Não dizem mal: advertem delicadamente. Se quiserem que, no seu interesse, duas pessoas deixem de ver-se, provocarão incidentes que as separarão de modo natural.

A linguagem própria para semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, seja qual for o nome atrás do qual se esconda. Deveis escutar com a maior reserva o mal que um Espírito diga a respeito de uma pessoa, sobretudo quando um bom Espírito vos tenha falado bem dela, e desconfiai também das vossas próprias reservas a respeito de alguém. Das comunicações dos Espíritos, guardai apenas o que haja de bom, de grande, de racional, e o que a vossa consciência aprove.

18. Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, haverá a possibilidade de alguma vez chegarmos à verdade?

– Sim, porque tendes a capacidade de julgar. Pela leitura de uma carta, sabeis perfeitamente reconhecer se foi um grosseiro ou um homem elevado quem a escreveu; porque não conseguir isso, quando são os Espíritos que escrevem? Ao receber uma carta de um amigo ausente, que prova vos garante que é dele? Pela caligrafia, dizeis. Mas não há falsificadores para imitarem a escrita? Gente má que pode conhecer os vossos assuntos? Sim, mas há sinais tão claros que não enganam ninguém. O mesmo sucede no que se refere aos Espíritos.

Imaginai que é um amigo quem vos escreve, ou que são textos de um escritor bem conhecido: julgai, da mesma maneira, o conteúdo e a forma.

19. Os Espíritos superiores poderiam impedir que os maus Espíritos tomassem nomes falsos?

– Certamente que sim. Porém, quanto piores são os Espíritos, mais teimosos são e, muitas vezes, não aceitam recomendações. Também é preciso ter a noção de que há pessoas pelas quais os Espíritos

superiores se interessam mais do que por outras e, quando julgam conveniente, preservam-nas dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os Espíritos enganadores nada podem.

20. Qual o motivo dessa parcialidade?

– Não há parcialidade, há justiça. Os bons Espíritos interessam-se pelas pessoas que seguem os seus conselhos, trabalhando para evoluir. É a essas pessoas que eles ajudam. Pouco se preocupam com os que perdem o tempo com belas palavras.

21. Por que é que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente nomes venerados?

– Pela mesma razão que permite que as pessoas mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os humanos, têm o seu livre arbítrio tanto para o bem, como para o mal. A justiça de Deus, contudo, não faltará nem a uns nem a outros.

22. Há fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

– As fórmulas são palavras inúteis. Um bom pensamento dirigido a Deus vale muito mais.

23. Alguns Espíritos disseram ter sinais gráficos inimitáveis, uma espécie de símbolos, pelos quais podem ser conhecidos e comprovar a sua identidade; é verdade?

– Os Espíritos superiores, para se fazerem reconhecer, só têm a superioridade das suas ideias e da sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, denunciam-se de tantas maneiras, que é preciso ser cego para não os reconhecer.

24. Os Espíritos enganadores poderão fingir o pensamento?

– Podem fingi-lo como os cenógrafos imitam a Natureza.

25. Será sempre fácil, portanto, descobrir o engano por meio de um estudo atento?

– Sem dúvida, os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra verdadeira da falsa, dirige-se ao lapidário.

26. Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias. Que tomam mesmo ideias falsas e vulgares por ideias sublimes. Como é que essas pessoas, que nem sequer estão aptas para julgar as obras humanas, podem julgar as obras dos Espíritos?

– Quando são suficientemente modestas para reconhecer a sua incapacidade, não se baseiam em si próprias. Quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que são, sofrem as consequências da sua vaidade tola. Os Espíritos enganadores sabem bem a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que são espertas e têm conhecimentos. Lisonjeando as suas paixões, os Espíritos enganadores conseguem fazer delas o que bem querem.

27. A escrita dos maus Espíritos não revela a sua natureza real pelo uso de certas expressões materiais involuntárias?

– Os mais hábeis conseguem disfarçar; os mais desajeitados atrapalham-se. Qualquer referência inútil e puerill é indício de alguma inferioridade. Os Espíritos elevados nada fazem de inútil.

28. Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou incómoda que sentem à sua aproximação. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, numa palavra, são sempre indicativos da má natureza dos Espíritos que se manifestam.

– O médium regista as sensações do estado no qual se encontra o Espírito que está consigo. Quando o Espírito está feliz, sente-se tranquilo, leve, calmo; quando está infeliz, agitado, febril, e essa agitação comunica-se ao sistema nervoso do médium. De resto, é esse o estado das pessoas vivas: se boas, são calmas e tranquilas; se más, são constantemente agitadas.

Nota: Há médiuns com uma sensibilidade nervosa maior ou menor, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. É preciso, como sempre, ter em conta as circunstâncias. O carácter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, pois se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, ele será pouco ou mesmo nada afetado com a sua proximidade. Aliás, é preciso

não confundir a rapidez da escrita, que é consequência da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar no contacto com Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV – Das evocações

Considerações gerais

269. Os Espíritos podem comunicar espontaneamente, ou responder à nossa chamada, isto é, por evocação.

Algumas pessoas pensam que nos devemos abster de evocar certo e determinado Espírito, e que é preferível esperar aquele que quiser comunicar. Esta opinião é fundamentada no seguinte: quando se chama um determinado Espírito, não se pode ter a certeza de que é ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, por vontade própria, prova melhor a sua identidade, pois manifesta o desejo de conversar connosco.

Na nossa opinião, há um erro nisso:

− Primeiro, porque há sempre Espíritos à nossa volta, na maior parte das vezes de condição inferior, que estão sempre prontos a comunicar;

− Em segundo lugar e, precisamente por esta última razão, não chamar um em particular é abrir a porta a todos os que quiserem entrar. Numa reunião, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta, de um determinado Espírito, constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos.

Sem uma chamada direta, um Espírito não teria motivos para vir até nós, se não for um Espírito familiar.

Estas duas maneiras de agir têm, cada uma, as suas vantagens; só haveria inconveniente se se excluísse totalmente qualquer uma delas.

As comunicações espontâneas não têm qualquer desvantagem, quando se está à vontade com os Espíritos e se tem a certeza de não deixar os maus dominarem a situação; então, é muitas vezes útil aguardar a boa vontade dos que queiram comunicar, porque o seu pensamento não sofre nenhum constrangimento e podem obter-se, desse modo, coisas admiráveis. Enquanto o Espírito evocado pode não estar disposto a falar, ou não ser capaz de o fazer no sentido que se deseja.

O exame rigoroso que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as más comunicações.

Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos conhecidos que a elas comparecem habitualmente, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, devido à regularidade das sessões. Frequentemente tomam a palavra espontaneamente, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver um tema ou prescrever o que deve fazer-se. Nestes casos são facilmente reconhecidos, quer pela forma da sua linguagem que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer ainda por certos hábitos que lhes são próprios.

270. Quando se deseja comunicar com um *determinado* Espírito, é absolutamente necessário evocá-lo (n° 203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente: "*Sim",* ou "*estou aqui",* ou: "*Que me quereis?"*

Algumas vezes entra diretamente na matéria, respondendo por antecipação às perguntas que se queria fazer-lhe.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com precisão. Nas perguntas que lhe são dirigidas, é preciso evitarem-se as expressões secas e imperativas, que seriam para ele um motivo de afastamento. As expressões devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito e, em todos os casos, testemunhar a benevolência do evocador.

271. Surpreende geralmente a rapidez com que o Espírito evocado se apresenta, mesmo que seja pela primeira vez. Fica a sensação de que estava prevenido. É, com efeito, o que acontece quando há a preocupação com a evocação, algum tempo antes. Esta preocupação é uma espécie de evocação

antecipada, e como temos sempre os nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, preparam o caminho de tal modo que, se não surgir nenhum obstáculo, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Se assim não acontecer, é o Espírito familiar do médium ou o do doutrinador, ou ainda um dos frequentadores das reuniões que o vai buscar, não precisando de muito tempo para o fazer. Se o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro (os pagãos diriam *Mercúrio*) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e até de vários dias. Logo que chega, diz: "*Ele está aqui*". Podem então começar a ser feitas as perguntas que querem dirigir-lhe. [37 - Mercúrio]

O mensageiro nem sempre é necessário, pois o apelo do evocador pode ser ouvido diretamente pelo Espírito, conforme ficou dito anteriormente no n° 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento. Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, entendemos que a nossa recomendação deve ser tomada a sério e não de forma ligeira; todos aqueles que aí virem uma fórmula, sem consequências, fariam melhor abstendo-se.

272. As evocações oferecem maiores dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas exatas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo *flexíveis e rigorosos* e já se viu (n° 193) que estes últimos são bastante raros, pois as relações energéticas não se estabelecem sempre instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresenta. Por isso, convém que os médiuns não se dediquem a evocações pormenorizadas, antes de estarem seguros do desenvolvimento das suas faculdades e da natureza dos Espíritos que os assistem, uma vez que, sendo mal assistidos, o resultado das evocações não pode ter autenticidade.

273. Os médiuns são geralmente muito mais procurados para evocações de interesse particular, do que para comunicações de interesse geral. Isso explica-se pelo desejo natural que há de conversar com entes queridos.

Julgamos dever fazer, a este propósito, algumas recomendações importantes aos médiuns:

– Primeiro, de só acolherem com reservas esse desejo de pessoas de cuja sinceridade possam duvidar, e redobrarem os cuidados quanto a armadilhas de pessoas malformadas;

– Em segundo lugar, não se prestarem, sob nenhum pretexto, a essas evocações, se perceberem que o seu objetivo é a simples curiosidade ou interesse e não uma intenção séria da parte do evocador. Devem recusar fazer perguntas inúteis, que saiam do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos Espíritos.

As perguntas devem ser feitas com clareza e precisão, sem ideias preconcebidas, se quisermos obter respostas categóricas. É preciso, portanto, rejeitar todas as que são ditas de má-fé, pois os Espíritos não gostam das que pretendem pô-los à prova; insistir em questões desta natureza é querer ser enganado. O evocador deve ir franca e abertamente ao objetivo, sem subterfúgios e sem rodeios; se receia explicar-se, será melhor abster-se.

Convém ainda só fazer evocações com muita prudência na ausência das pessoas que as pediram, e é até preferível não as fazer, uma vez que só essas pessoas estão aptas a controlar as respostas, a avaliar a identidade e, se necessário for, a fazer perguntas pertinentes de acordo com as circunstâncias. Além disso, a sua presença é um laço que atrai o Espírito, quase sempre pouco disposto a comunicar com estranhos, que não lhes inspiram simpatia.

Em suma, o médium deve evitar tudo aquilo que o possa transformar em agente de consultas, o que, aos olhos de muita gente, é sinónimo de leitor da sina.

Espíritos que podem ser evocados

274. Podem evocar-se todos os Espíritos, seja qual for a sua posição na escala espiritual.

Podemos evocar tanto os bons, como os de carácter inferior, tanto os que deixaram a vida há pouco, como os que viveram em tempos mais recuados, os que foram homens mais ou menos ilustres ou desconhecidos, os nossos parentes e amigos e os que nos sejam indiferentes.

Isso não quer dizer que queiram ou possam responder ao nosso apelo; independentemente da sua própria vontade ou da permissão que pode ser-lhes recusada por uma autoridade superior, podem ser impedidos por motivos que nem sempre nos é dado conhecer.

Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que será dito mais à frente. Os obstáculos que condicionam um Espírito de se manifestar são quase sempre de natureza individual e derivam das circunstâncias.

275. Entre as causas que impedem a manifestação de um Espírito, umas são pessoais e outras alheias.

Entre as primeiras contam-se as ocupações ou as missões que desempenha e das quais não pode afastar-se para aceder aos nossos desejos. Neste caso, a sua visita fica apenas adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o facto de se encontrar encarnado não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em certas circunstâncias, sobretudo quando se dá nos mundos inferiores e quando o Espírito se encontra ainda pouco desmaterializado.

Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, isto é, quando o Espírito já se encontra num elevado nível de desmaterialização, a manifestação é quase tão fácil como no estado de liberdade entre vidas e, em todo o caso, mais fácil do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais densa.

As causas estranhas ao Espírito têm a ver, sobretudo, com a qualidade do médium, da pessoa que evoca, com o meio em que se faz a evocação, enfim, com o objetivo a que se propõe.

Alguns médiuns recebem especialmente comunicações dos seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados. Outros podem servir de intermediários a todos os Espíritos, o que depende da simpatia ou da antipatia, da afinidade ou não afinidade entre o Espírito do médium e o Espírito chamado, que pode tomá-lo por intérprete com prazer, ou com desprazer.

Além das qualidades íntimas do médium, importa ainda a questão do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os Espíritos comunicam de melhor vontade e, principalmente, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material.

Em igualdade de condições morais, quanto maior facilidade tiver o médium para escrever ou para se exprimir, tanto melhores e mais alargadas são as suas relações com o mundo espírita.

276. É ainda de ter em conta a facilidade que deve resultar do hábito de comunicar com determinado Espírito. Com o tempo, o Espírito visitante identifica-se com o Espírito do médium e também com o da pessoa que evoca. Independentemente da questão da simpatia entre o médium e os Espíritos evocados, estabelecem-se relações energéticas que tornam as comunicações mais fáceis.

É por isso que um primeiro contacto nem sempre é tão satisfatório como seria para desejar e é por isso que os próprios Espíritos pedem que os chamem de novo. O Espírito que vem habitualmente está como em sua casa: familiariza-se com os seus ouvintes e intérpretes, fala e age mais livremente.

277. Em resumo, de tudo o que acabamos de dizer, resulta que:

- A faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica que este fique à nossa disposição.
- Ele pode vir na altura que quiser, com o médium ou o evocador que preferir;
- Pode dizer o que entender sem ser constrangido a dizer o que não quiser;
- Também pode Interromper a comunicação quando assim entender.

- Além disso, por motivos relacionados ou não com a sua vontade, depois de um período de assiduidade pode deixar de vir de uma vez por todas.

É por todos esses motivos que, quando se desejar chamar um novo Espírito, necessário será perguntar ao guia protetor dos trabalhos se é possível fazer a evocação e, no caso de não ser, ele nos dirá porquê e não vale a pena insistir.

278. Um problema importante é saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus. Dependerá evidentemente da finalidade pela qual se faz isso e de qual o ascendente que possamos ter sobre eles.

Não há inconvenientes se a finalidade for séria, para ensinamento e melhoria do nível espiritual dos evocados. Será grandemente inconveniente se, pelo contrário, for por pura curiosidade ou brincadeira, ou se nos colocarmos na sua dependência, pedindo-lhes a prestação de um serviço.

Os bons Espíritos, neste caso, podem muito bem dar-lhe o poder de fazer o que lhes foi pedido, levando em conta e castigando o atrevimento dos que ousassem usar esse poder como coisa de nível divino.

Seria em vão, dali em diante, fazer bom uso do auxílio pedido, despedindo o servidor, uma vez prestado o serviço. Esse mesmo serviço que se solicitou, por menor que tenha sido, foi um verdadeiro pacto concluído com um Espírito mau e este não larga facilmente quem com ele se compromete (Ver o n° 212).

279. O ascendente sobre os Espíritos inferiores só se exerce pela *superioridade moral.* Os Espíritos inferiores reconhecem nas pessoas de bem os seus mestres; frente aos que só lhes opõem a energia da vontade, espécie de força bruta, lutam e são frequentemente os mais fortes.

Houve alguém que procurou dominar assim um Espírito rebelde, pela sua vontade, e o Espírito respondeu-lhe: "Deixa-me em paz com o teu ar de mata-mouros, tu que não vales mais do que eu; pareces um ladrão que prega moral a outro ladrão."

As pessoas espantam-se que o nome de Deus que se invoca contra eles seja por vezes impotente.

O espírito São Luís explicou isso com a resposta seguinte:

"O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos na boca daqueles que podem servir-se disso com a autoridade das suas próprias virtudes. Na boca daqueles que não tenham nenhuma autoridade moral sobre o Espírito, o nome de Deus é uma palavra como qualquer outra. Passa-se o mesmo com os símbolos sagrados que sejam mostrados a alguém. Uma arma terrível é inofensiva nas mãos dos que forem incapazes ou indignos de a usar."

Linguagem a usar com os Espíritos

280. O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom que convém usar com eles. É evidente que, quanto mais elevados forem os Espíritos, mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão.

Não lhes devemos demonstrar menos consideração do que lhes demonstraríamos se estivessem vivos, embora por outros motivos. Na Terra, teríamos em conta a sua classe e a sua posição social; no mundo dos Espíritos, o nosso respeito só se dirige à superioridade moral.

A sua própria elevação coloca-os acima das puerilidades dos nossos lisonjeios. Não é com palavras que se pode captar a sua benevolência, mas pela sinceridade dos sentimentos.

Seria ridículo dar-lhes os títulos que os nossos usos consagram para distinguir as classes, aqueles títulos que tivessem podido lisonjear a sua vaidade se estivessem vivos. Se são realmente superiores, não só não lhes dão importância, como até lhes desagradam.

Um bom pensamento é-lhes mais agradável do que os epítetos mais elogiosos; se assim não fosse, não estariam acima da Humanidade. O Espírito de um venerável eclesiástico, que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu um dia a alguém que o evocava dando-lhe o título de "monsenhor": Deverias dizer, ao menos, "ex-monsenhor", porque aqui só há um Senhor, que é Deus; fica a saber que, vejo muitos que na Terra se ajoelhavam na minha presença, e diante dos quais eu hoje me inclino.

Quanto aos Espíritos inferiores, o seu carácter mostra-nos a linguagem que convém ter com eles. Há os que, embora inofensivos e mesmo delicados, são superficiais, ignorantes e precipitados. Tratá-los da maneira como tratamos os Espíritos sérios, como fazem certas pessoas, seria o mesmo que inclinarmo-nos perante um aluno do primeiro ano, ou um burro que usasse barrete de doutor. O tom de familiaridade não os incomoda; pelo contrário, acolhem-no com boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, há os que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que expiem, os seus sofrimentos merecem a nossa compaixão. É bom lembrar as palavras de Jesus: "Que aquele que está sem pecado lhes atire a primeira pedra." A bondade é um alívio para eles; à falta de simpatia, precisam de encontrar a tolerância de que nós mesmos necessitamos.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo, pelas mentiras, pela baixeza de sentimentos e pelos maus conselhos, são certamente menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras testemunham arrependimento; devemos-lhes, pelo menos, a piedade que concedemos aos maiores criminosos e, para reduzi-los ao silêncio, basta mostrarmo-nos superiores a eles.

Esses Espíritos inferiores só se entregam às pessoas de quem nada têm a temer e sentem que os homens de bem e os Espíritos superiores são seus mestres.

Em resumo, seria tão irreverente tratarmos de igual para igual os Espíritos superiores, quanto seria ridículo dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração por aqueles que a merecem, reconhecimento para com os que nos protegem e nos ajudam; para todos os outros, tenhamos a bondade de que talvez um dia nós próprios venhamos a necessitar.

Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo. Esse conhecimento deve guiar-nos nas nossas relações com os que o habitam. Os antigos, na sua ignorância, levantaram-lhes altares; para nós, são apenas criaturas mais ou menos perfeitas e só levantamos altares a Deus.

Utilidade das evocações específicas

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados, ou dos que animaram grandes personagens da Antiguidade, são preciosas, pelos elevados ensinamentos que podem dar-nos.

Esses Espíritos conquistaram um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de ideias mais extensa, penetrar mistérios que escapam ao comum da Humanidade e, consequentemente, iniciar-nos melhor em certas coisas.

Não se conclui daí que as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada sejam inúteis; o observador pode aproveitar uma variedade de ensinamentos. Para se conhecerem os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os seus respetivos níveis, e ver só uma das suas faces seria conhecê-los mal. A cultura e a história de uma nação não é a dos governantes, nem das sumidades sociais. É preciso vê-la na sua vida íntima, nos hábitos privados. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espiritual; a sua própria elevação coloca-os a uma tão grande distância de nós, que nos impressiona.

Os Espíritos das pessoas de nível geral tornam mais compreensível para nós as condições da sua nova existência. Neles, a ligação entre a vida corpórea e a vida espiritual é mais íntima, compreendemo-la melhor, porque nos toca mais de perto. Aprendendo pelo que nos dizem, em que se tornaram, o que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todas as índoles, tanto os de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os ditosos e os infelizes do século, numa palavra: os que

viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem sabemos a vida real, as virtudes e os erros, bem lhes compreendemos as suas alegrias e sofrimentos; a tudo isso nos associamos e com tudo isso colhemos ensinamentos morais, tanto mais proveitoso quanto mais íntimas forem as nossas relações com eles. Pomo-nos mais facilmente no lugar daquele que é nosso igual do que daquele que vemos através da miragem de uma glória celestial.

Os Espíritos vulgares mostram-nos a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria nos é ensinada pelos Espíritos superiores. Aliás, no estudo de uma ciência, nada é inútil. Newton descobriu a lei das forças do Universo na observação direta dos fenómenos mais simples.

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contacto com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo avanço podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Podemos tornar-nos úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos.

Há egoísmo naquele que só procura a sua própria satisfação na relação com os Espíritos, e aquele que desdenha estender a mão para socorrer os que são infelizes, dá prova de orgulho.

De que lhe serve obter belas comunicações de Espíritos de elite, se isso não nos torna melhores, nem mais caridosos nem mais bondosos para com os nossos irmãos, deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a tocar-lhes nas feridas?

Perguntas a respeito das evocações

282. 1. Podemos evocar os Espíritos sem ser médiuns?

– Toda a gente pode evocar os Espíritos. Se aqueles que chamais não puderem manifestar-se materialmente, estarão como que junto de vós, escutando-vos.

2. O Espírito evocado atende sempre o apelo que lhe é feito?

– Depende das condições em que se encontra, pois há circunstâncias em que não pode.

3. Quais os motivos de impedimento?

– A sua vontade, primeiro; depois o seu estado corporal, se estiver encarnado, as missões de que esteja encarregado ou ainda a autorização, que lhe pode ser negada.

Há Espíritos que nunca podem comunicar: os que ainda pertencem a mundos inferiores à Terra; os que se encontram nas esferas de punição, a menos que lhes seja dada uma permissão superior, que só é concedida com um fim específico de utilidade geral. Para que um Espírito possa comunicar, é preciso que tenha nível de evolução compatível com o mundo de onde é chamado. De contrário é estranho às ideias desse mundo e não tem termos de comparação para se exprimir.

Não sucede o mesmo com os que estão em missão, ou em expiação, nos mundos inferiores. Esses têm as referências necessárias para responder.

4. Por que motivos pode ser negada a um Espírito a autorização para comunicar?

– Pode ser uma prova ou uma punição para ele ou para quem o chama.

5. Como podem os Espíritos dispersos pelo espaço ou pelos diferentes mundos, ouvir de todos os pontos do Universo as evocações que lhes são feitas?

– Muitas vezes, são prevenidos pelos Espíritos familiares que vos cercam e que os vão procurar. Aqui passa-se um fenómeno difícil de explicar, porque ainda não podeis compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que posso dizer-vos é que o Espírito evocado, por muito afastado que esteja, recebe um choque no pensamento, uma espécie de comoção energética que chama a sua atenção para o lado de onde vem o pensamento que se dirige a ele. Pode dizer-se que ouve o pensamento, como na Terra se ouve a voz.

O fluido universal é o veículo do pensamento, como a vibração do ar é o veículo do som?

– Sim, com a diferença de que o som só pode fazer-se ouvir dentro de um espaço muito limitado, enquanto o pensamento alcança o infinito. O Espírito no espaço é como o viajante no meio de uma vasta planície que, ouvindo pronunciar o seu nome, se dirige para o lado de onde o chamam.

6. Sabemos que as distâncias não são nada para os Espíritos; contudo, causa espanto vê-los às vezes responder à chamada tão prontamente, como se estivessem muito perto.

– É que, efetivamente, às vezes estão. Se a evocação é premeditada, o Espírito é avisado com antecedência e frequentemente encontra-se já lá, antes de ser chamado.

7. O pensamento do evocador é compreendido mais ou menos facilmente, conforme as circunstâncias?

– Sem dúvida. O Espírito que é chamado por um sentimento simpático e bondoso é tocado de forma mais viva; é como uma voz amiga que reconhece: sem isso, a evocação *não produz efeito.* O pensamento que se desprende da evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, bate no vazio. Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens; se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, mas muitas vezes não o escutam.

8. O Espírito evocado vem espontaneamente ou obrigado?

– Obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo; no entanto, a palavra obrigado não se ajusta ao caso, pois o Espírito avalia se é útil vir: também aqui se exerce o livre arbítrio. O Espírito superior vem, sempre que é chamado com um propósito útil; não se nega a responder, a não ser a pessoas pouco sérias e que tratam destas questões por diversão.

9. O Espírito evocado pode negar-se a atender a chamada que lhe é feita?

– Com certeza. Onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós próprios, considerais-vos obrigados a responder a todos os que pronunciam o vosso nome? Quando digo que ele pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, pois um Espírito inferior pode ser obrigado a vir, por um Espírito superior.

10. O evocador tem meios para forçar um Espírito a vir contra a sua vontade?

– Nenhum, se o Espírito for vosso igual ou vosso superior em *moralidade*. Digo em moralidade e não em inteligência, porque não tendes sobre ele qualquer autoridade. Se é vosso inferior, podeis fazê-lo, desde que seja para o seu bem, porque, neste caso, outros Espíritos vos ajudarão. (n° 279).

11. Há inconveniente em evocar Espíritos inferiores e é de recear que, chamando-os, fiquemos sob o seu domínio?

– Eles só dominam os que se deixam dominar. Quem é assistido por bons Espíritos nada tem a temer; impõe-se aos Espíritos inferiores e estes não se impõem a ele. Se estiverem isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se desse tipo de evocações. (n° 278).

12. E necessário estabelecer algumas disposições especiais para as evocações?

– A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando a alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, o evocador identifica-se com os bons Espíritos, que se dispõem a vir.

13. A fé é necessária para as evocações?

– A fé em Deus, sim. A fé virá também para outras coisas, se tendes o desejo do bem e a vontade de vos instruir.

14. As pessoas, reunidas em comunhão de pensamentos e de intenções, têm mais poder para evocar os Espíritos?

– Quando reunidas pela caridade e para o bem, as pessoas obtêm resultados muito bons. O mais prejudicial para o resultado das evocações é a divergência dos pensamentos.

15. Formar uma cadeia de mãos dadas durante alguns minutos no início das reuniões é útil?

– A cadeia é um meio material, que só estabelece a união se ela existir no pensamento. Mais conveniente do que dar as mãos é a união em harmonia de pensamento, chamando cada um por si os bons

Espíritos. Não vos é possível imaginar o que pode obter-se numa reunião séria, sem sentimentos de orgulho e individualismo, com perfeito sentimento de mútua cordialidade.

16. As evocações em dias e horas fixos são preferíveis?

– Sim; e se for possível no mesmo local; os Espíritos vêm de melhor vontade. É o vosso desejo constante que ajuda os Espíritos a comunicarem convosco. Os Espíritos têm tarefas que não podem deixar *de improviso,* para vossa satisfação pessoal. Digo no mesmo lugar, mas não penseis que isso deva ser uma obrigação absoluta, porque os Espíritos vão a toda parte. Um lugar próprio para as reuniões é preferível, porque o recolhimento é mais bem conseguido.

17. Alguns objetos, como medalhas e amuletos, têm propriedades sobrenaturais, atraem ou repelem os Espíritos, como certas pessoas julgam?

– Essa pergunta é inútil, porque todos sabemos que a matéria não tem ação sobre os Espíritos. Um bom Espírito nunca dará crédito a algo tão absurdo; a virtude dos amuletos, seja qual for a sua natureza, só existiu na credulidade ingénua.

18. Que pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e a horas estranhas?

– Esses Espíritos divertem-se à custa de quem os escuta. É inútil e pode ser perigoso ceder a essas sugestões. Inútil, porque nada se ganha para além de ser enganado; perigoso, não pelo mal que podem fazer os Espíritos, mas pela influência que isso pode ter sobre os cérebros fracos.

19. Há dias e horas mais propícios para as evocações?

– Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar- se na influência dos dias e das horas. Os melhores momentos são quando o evocador está o menos distraído possível pelos seus afazeres habituais, e em que o seu corpo e o seu espírito estão mais calmos.

20. Para os Espíritos a evocação é agradável ou penosa? Apresentam-se de boa vontade, quando são chamados?

– Depende do seu carácter e do motivo por que são chamados. Quando o objetivo é louvável e quando o meio lhes é simpático, é agradável para eles e mesmo atraente. Sentem-se felizes com a afeição que se lhes demonstra. Para alguns é uma grande felicidade comunicarem porque sofrem com o abandono em que são deixados. Mas isso depende também, como já foi dito, do seu carácter. Também há Espíritos tristes ou calados, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem do seu mau humor, sobretudo quando são chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Os Espíritos não têm motivos para atender os desconhecidos levados pela curiosidade, aos quais são indiferentes. Nesses casos, se vêm, as comunicações são curtas, a menos que movidas por um propósito sério e instrutivo.

Nota: Há pessoas que só evocam os familiares para lhes perguntarem as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se alugará ou venderá a sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar em que há dinheiro escondido, se tal negócio será ou não vantajoso.Os parentes de além-túmulo só se interessam por nós em função do afeto que sentimos por eles. Se os pensamentos se limitam a supô-los feiticeiros e para lhes pedirmos informações, não há grande simpatia e não é de admirar a pouca benevolência que demonstrem.

21. Há alguma diferença entre os bons e os maus Espíritos, no que se refere à solicitude com que atendem à nossa chamada?

– Há uma grande diferença. Os maus Espíritos só vêm de vontade para dominar e enganar; mas ficam contrariados quando são forçados a vir confessar as suas faltas, e só pensam em fugir como um aluno chamado para repreensão. Os Espíritos superiores podem obrigá-los a isso, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos, quando são chamados inutilmente, para futilidades. Neste caso, não vêm ou retiram-se logo.

Os Espíritos, como qualquer de nós, não gostam de servir de distração para curiosos. Frequentemente evoca-se um Espírito só para ver o que ele dirá ou interrogá-lo sobre particularidades da sua vida, que não deseja dar-vos a conhecer, porque nenhum motivo tem para vos fazer confidências. Julgais que ele se vá colocar na berlinda somente para vos dar prazer? Desenganai-vos: o que não fariam em vida, também não irão fazê-lo como Espíritos.

Nota: A experiência prova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando é feita com um fim sério e útil. Os bons vêm com prazer instruir-vos; os que sofrem encontram alívio na simpatia que lhes é demonstrada; os que conhecemos ficam satisfeitos por serem lembrados; os superficiais gostam de ser evocados pelas pessoas fúteis, porque isso os diverte. Mas com pessoas sérias sentem-se pouco à vontade.

22. Os Espíritos, para se manifestarem, têm sempre necessidade de ser evocados?

– Não. Apresentam-se muitas vezes sem serem chamados, o que prova que vêm voluntariamente.

23. Quando um Espírito se apresenta a si próprio, podemos estar certos da sua identidade?

– De maneira nenhuma. Os Espíritos enganadores fazem isso para enganar melhor.

24. Quando se evoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem até nós, mesmo sem haver manifestação pela escrita ou de outro modo?

– A escrita é um meio material do Espírito, para provar a sua presença, mas é o pensamento que o atrai e não a possibilidade de escrita.

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, pode-se obrigá-lo a retirar-se?

– Não se lhe dando atenção, pode. Mas como quereis que se retire se vos divertis com as suas tolices? Os Espíritos inferiores ligam-se aos que os escutam com prazer, tal como fazem os tolos entre vós.

26. A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus Espíritos?

– O nome de Deus não é um travão para todos os Espíritos inferiores, embora retenha muitos deles. Desse modo, sempre afastareis alguns e muitos mais, se a evocação for feita do fundo do coração e não como uma fórmula banal.

27. Podem evocar-se, nominativamente, vários Espíritos ao mesmo tempo?

– Isso não é difícil. Se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos vos responderiam ao mesmo tempo; é o que acontece se há vários médiuns.

28. Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente, havendo só um médium, qual é o que responde?

– Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.

29. O mesmo Espírito pode comunicar, ao mesmo tempo e na mesma sessão, através de dois médiuns diferentes?

– Com tanta facilidade como acontece entre vós com os que ditam várias cartas ao mesmo tempo.

Nota: Vimos um Espírito responder ao mesmo tempo, servindo-se de dois médiuns, às perguntas que lhe eram dirigidas, por um, em francês, por outro, em inglês, sendo as respostas idênticas quanto ao sentido; algumas eram até a tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos, evocados simultaneamente por dois médiuns, podem estabelecer entre si uma conversa; não precisam de comunicação, porque um lê os pensamentos do outro e vice-versa, mas prestam-se a isso algumas vezes, para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrenas e das ideias corpóreas, pode acontecer que discutam e se insultem com palavras pesadas, que se reprovem mutuamente os erros e até que atirem um contra o outro, os lápis, os cestos, as pranchetas, etc.

30. O Espírito evocado ao mesmo tempo em vários lugares pode responder simultaneamente às perguntas que lhe são dirigidas?

– Se for um Espírito elevado, sim.

Nesse caso, o Espírito divide-se ou tem o dom da ubiquidade?

– O Sol é um só e, no entanto, irradia à sua volta, levando longe os seus raios, sem se subdividir; acontece o mesmo com os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito mais se *irradia* e se estende o seu pensamento, tal como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; só podem responder a uma única pessoa de cada vez, nem podem vir a um local, se estão a ser chamados noutro.

Um Espírito superior, que for chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, vai responder às duas evocações, se ambas forem sérias e fervorosas. Caso contrário dá preferência à mais séria.

Nota: É o que sucede com alguém que, sem mudar de lugar, pode transmitir o seu pensamento por meio de sinais percetíveis em diversos locais.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que tinha sido discutida a questão da ubiquidade, um Espírito ditou a comunicação seguinte:

"Foi feita aqui uma pergunta sobre a hierarquia dos Espíritos, no que se refere à ubiquidade. Comparai-vos a um balão de ar quente que se eleva pouco a pouco no ar. Enquanto se desloca perto do solo, só um pequeno grupo de pessoas o pode ver. À medida que se vai elevando, a área de visibilidade alarga-se e, chegando a certa altura, é avistável por muita gente. É o que acontece connosco; um Espírito inferior, ainda ligado à Terra, fica num círculo restrito, entre pessoas que o vêem. Subindo na graça, evolui e poderá conversar com mais pessoas. Quando se torna Espírito Superior, pode irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muita gente e em muitos locais ao mesmo tempo".

Espíritio Channing

31. Podem evocar-se os Espíritos puros, os que já completaram a evolução encarnatória?

– Sim, mas muito raramente. Esses só comunicam com os corações puros e sinceros e não com orgulhosos ou egoístas. Por isso mesmo, são de duvidar os Espíritos menos evoluídos que se vangloriam dessa qualidade, para se darem importância diante de vós.

32. Como é que os Espíritos de homens ilustres acodem com tanta facilidade e familiaridade, à chamada de pessoas vulgares?

– Os homens julgam os Espíritos por eles próprios, o que é um erro. Depois da morte do corpo, as categorias terrestres deixam de existir. É apenas a bondade que faz a distinção entre eles, e os que são bons vão a toda a parte onde possam fazer o bem.

33. Quanto tempo depois da morte se pode evocar um Espírito?

– Podeis fazê-lo no próprio momento da morte. Porém, como nessa altura o Espírito ainda está perturbado, só responde muito imperfeitamente.

Nota: Sendo variável o tempo que dura a perturbação, não há um prazo fixo para se fazer a evocação. Contudo, é normal que ao fim de oito dias, o Espírito já tenha conhecimento do seu estado, para poder responder. Mesmo dois ou três dias depois da morte isso já pode muito bem acontecer. Em todo o caso, deve tentar-se o contacto com prudência.

34. A evocação do Espírito, no momento da morte, é-lhe mais penosa do que algum tempo depois?

– Às vezes. É como falar com alguém, antes de completamente acordado. No entanto, há quem não fique minimamente contrariado com isso e a quem a evocação até ajude a sair da perturbação.

35. Como pode o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade responder com conhecimento de causa se, quando estava viva, ainda não tinha consciência de si mesmo?

– A alma da criança é um Espírito ainda *envolvido pela matéria*. Desligado desta, contudo, goza das suas faculdades de Espírito, visto que os Espíritos não têm idade, o que prova que o da criança teve vidas

anteriores. Entretanto e até que esteja completamente desligado da matéria, pode conservar na sua linguagem vestígios da personalidade infantil.

Nota: A influência corporal que se faz sentir durante mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança, também se nota, às vezes, no Espírito dos que morreram loucos. Em si, o Espírito não é louco; no entanto, sabe-se que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo.

Não é, portanto, de estranhar que o Espírito do louco se ressinta ainda dos entraves que, durante a vida, se opunham à sua livre manifestação, até estar completamente liberto. Este efeito varia de acordo com as causas da loucura, pois há loucos que recuperam a completa lucidez logo depois da morte.

Evocação de animais

283.

36. Pode evocar-se o Espírito de um animal?

– Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia, fica em estado latente e é logo utilizado, pelos Espíritos encarregados de tal, para animar novos seres, nos quais vai continuar a obra da sua própria elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais livres entre vidas nas mesmas condições que os Espíritos humanos. Isto responde à vossa questão.

Mas então como é que algumas pessoas tiveram respostas ao evocarem animais?

– Evoca uma rocha e ela responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos que estão prontos a falar sob qualquer pretexto.

Nota: Pela mesma razão, ao evocar um mito ou uma personagem alegórica, ela responderá, isto é, responderão por ela, e o Espírito que se apresentar assumirá as suas características e as suas maneiras. Alguém teve um dia a ideia de evocar *Tartufo,* e *Tartufo* veio logo; Mais: falou de Orgon, de Elmira, de Damis e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte, que se diria o próprio Tartufo, se este tivesse existido. Mais tarde, confessou ser o Espírito de um ator que tinha desempenhado esse papel. [38 - Tartufo]

Os Espíritos superficiais aproveitam-se sempre da inexperiência de quem os interroga, mas evitam dirigir-se aos que são esclarecidos, aos que podem descobrir-lhe as imposturas e que não acreditam nas suas histórias. Entre os homens, acontece o mesmo.

Um senhor tinha no jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito; um dia, o ninho desapareceu. Tendo- se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, como era médium, teve a ideia de evocar a mãe dos passarinhos. Esta veio e disse-lhe num muito bom francês:

Não acuses ninguém e sossega quanto ao destino dos meus pequeninos; foi o gato que, ao saltar, deitou o ninho ao chão; vais encontrá-lo debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos que não foram comidos.

Feita a verificação, reconheceu que o que lhe tinha sido dito era verdade. Dever-se-á concluir que foi o pássaro que respondeu? Claro que não; foi apenas um Espírito que conhecia a história. Isto prova que se deve desconfiar das aparências e que a resposta dada acima está certa: evoca uma rocha e esta vai-te responder (vidé atrás o capítulo *A mediunidade nos animais,* n° 234).

Evocação de pessoas vivas

284.

37. A encarnação do Espírito é um obstáculo intransponível à sua evocação?

– Não, mas é preciso que o estado do corpo permita que o Espírito se desligue nesse momento. Quanto mais elevado for o mundo onde vive o Espírito encarnado, mais facilidade terá em vir, porque lá os corpos são menos materiais.

38. Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

– Sim, dado que pode evocar-se um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, nos seus momentos de liberdade, apresentar-se *sem ser evocado;* isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem comunica. (vide no n° 116, *A história do homem da tabaqueira*.)

39. Em que estado está o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

– Dorme ou dormita: é quando o Espírito está livre.

O corpo pode acordar enquanto o Espírito está ausente?

– Não; o Espírito é forçado *a reentrar na sua morada*. Se nesse instante estiver a conversar convosco, deixa-vos e, às vezes, diz por que motivo.

40. Como é que o Espírito ausente do corpo, é avisado da necessidade da sua presença?

– O Espírito dum corpo vivo nunca está completamente separado dele. Qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se ligado a ele por uma extensão energética que serve para o chamar quando é preciso. Esse laço só é cortado pela morte.

Nota: Esta extensão energética tem sido vista muitas vezes por médiuns videntes. É uma espécie de linha fosforescente que se perde no espaço, na direção do corpo. Alguns Espíritos têm afirmado que é por aí que reconhecem os que ainda pertencem ao mundo material.

41. O que é que aconteceria se, durante o sono e na ausência do Espírito, o corpo fosse mortalmente ferido?

– O Espírito era prevenido e voltava antes que a morte se consumasse.

Poderia o corpo morrer na ausência do Espírito e este, ao regressar, não ter a possibilidade de reentrar nele?

– Não; isso seria contra a lei que regula a união da alma e do corpo.

E se lhe fosse dado um golpe, súbita e inesperadamente?

– O Espírito seria prevenido antes que o golpe mortal fosse dado.

Nota: O Espírito de um vivo, interrogado sobre este facto, respondeu: Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, seria um meio muito cómodo de se cometerem suicídios hipócritas.

42. O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre de comunicar como o de uma pessoa morta?

– Não; a matéria tem sempre influência, em maior ou menor grau.

Nota: Uma pessoa a quem foi feita esta pergunta neste estado, respondeu: *Estou sempre ligado ao tormento que arrasto comigo.*

Nesse estado, o Espírito podia ser impedido de vir, por estar ausente?

– Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num sítio onde queira ficar e então não acode à evocação, sobretudo se esta for feita por alguém que não lhe interessa.

43. É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?

– Apesar de difícil, não é absolutamente impossível, porque se a evocação *resulta,* pode acontecer que a pessoa adormeça; mas o Espírito só pode comunicar, como Espírito, nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.

Nota: A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado ao sono, mas este efeito só pode dar-se devido a uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação não resulta. No caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento não for oportuno, a pessoa, se não quiser dormir, oporá resistência e, se sucumbir, o seu Espírito ficará perturbado e responderá dificilmente. Daí resulta que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque o seu Espírito, como está livre, pode vir ter com aquele que o chama, do mesmo modo que poderá ir a outro lado qualquer. Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e ela procura dormir com esse objectivo, pode acontecer que essa preocupação atrase o sono e perturbe o Espírito. É por isso que é sempre preferível o sono não forçado.

44. Se uma pessoa viva é evocada, tem consciência disso depois de acordar?

– Não; tu próprio és evocado com maior frequência do que pensas. Só o Espírito o sabe, podendo às vezes deixar do facto uma leve impressão, como a de um sonho.

Quem pode evocar-nos, sendo nós - como somos - seres vulgares?

– Pode dar-se o caso de que noutras existências tenhas sido uma pessoa conhecida aí nesse mundo ou noutros. Também podem evocar-te os teus parentes e amigos deste teu mundo ou de outros. Imaginemos que o teu Espírito tenha animado o corpo do pai de uma outra pessoa. Pois bem, quando esta pessoa evocar o seu pai, é o teu Espírito que está a ser evocado e é ele quem responderá.

45. O Espírito evocado de uma pessoa viva, responde como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?

– Isso depende da sua elevação; mas ajuíza com mais ponderação e tem menos preconceitos, tal como acontece com os sonâmbulos; é um estado muito semelhante.

46. Se o Espírito de um sonâmbulo, no estado de sono magnético, for evocado, será mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

– Responderá com mais facilidade por estar mais desligado; tudo depende do grau de independência do Espírito e do corpo.

O Espírito de um sonâmbulo pode responder a uma pessoa que o evoque à distância, ao mesmo tempo que responde verbalmente a outra pessoa?

– A faculdade de poderem comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes, só a têm os Espíritos completamente desligados da matéria.

47. Podem modificar-se as ideias de uma pessoa no estado de vigília, atuando sobre o seu Espírito durante o sono?

– Às vezes, sim. Nessa altura o Espírito não está preso à matéria por laços tão apertados, pelo que está mais acessível às impressões morais e estas podem influenciar a sua maneira de ver as coisas no estado normal. Infelizmente, acontece com frequência que, ao acordar, a sua natureza corporal vai predominar e fazê-lo esquecer as boas resoluções que tomou.

48. O Espírito de uma pessoa viva é livre de dizer o que quiser?

– Tem as suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, o seu livre-arbítrio; como então tem mais perspicácia, pode ser mais cauteloso do que no estado de vigília.

49. Ao evocá-la, pode obrigar-se uma pessoa a dizer o que ela não quer?

– O Espírito tem o seu livre-arbítrio; mas pode acontecer que, como Espírito, a pessoa ligue menos importância a determinadas coisas do que no estado normal. A sua consciência pode, então, falar mais livremente. Aliás, se não quiser falar, pode sempre fugir às situações importunas, indo-se embora, porque ninguém pode reter um Espírito como se retém um corpo.

50. O Espírito de uma pessoa viva pode ser obrigado, por outro Espírito, a vir e falar, como acontece com os Espíritos entre vidas?

Entre os Espíritos, quer estes sejam de mortos ou de vivos, a supremacia é ditada apenas pela superioridade moral e, como deve compreender-se, um Espírito Superior nunca dá cobertura a indiscrições.

Nota: Tal abuso de confiança seria uma má ação, mas que não produziria resultado, pois não há meio de arrancar um segredo ao Espírito que o quiser guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, confessasse o que noutras circunstâncias calaria.

Uma pessoa quis saber, dessa maneira, acerca de um seu parente, se o seu testamento a beneficiava. O Espírito respondeu: Sim, minha cara sobrinha, e em breve terás a prova. A coisa era, de facto, real; mas, poucos dias depois, o parente destruiu o testamento e teve a malícia de o dar a saber à pessoa, sem que, no entanto, soubesse que esta o evocara. Um sentimento instintivo levou-o sem dúvida a executar a resolução que o seu Espírito tomara, de acordo com a pergunta que lhe fora feita. Há cobardia em perguntar-se ao Espírito de um morto ou de um vivo o que se não ousaria perguntar à sua pessoa, e essa cobardia nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51. Pode evocar-se um Espírito cujo corpo ainda esteja no ventre materno?

– Não; bem sabes que nessa altura o Espírito se encontra em estado de perturbação total.

Nota: A encarnação só se torna definitiva no momento em que a criança respira pela primeira vez. Desde a conceção, porém, o Espírito designado para animar esse corpo é tomado de uma perturbação que aumenta à medida que o nascimento se aproxima e lhe tira a consciência de si mesmo e, portanto, a faculdade de responder. (vide *O Livro dos Espíritos*: "Regresso à vida corporal. - União da alma e do corpo", nº 344).

52. Um Espírito enganador pode responder pelo de uma pessoa viva que seja evocada?

– Sem dúvida que sim e isso acontece frequentemente, sobretudo quando a intenção do evocador não é pura. Aliás, a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico. É conveniente evitá-la, sempre que não possa ter um resultado instrutivo.

Nota: Se a evocação dos Espíritos entre vidas nem sempre resulta, isso ainda acontece mais no caso dos Espíritos encarnados. É sobretudo então que os Espíritos enganadores tomam o seu lugar.

53. A evocação de uma pessoa viva tem inconvenientes?

– Há alguns perigos. Depende da situação da pessoa, porque, se estiver doente, pode aumentar os seus sofrimentos.

54. Em que casos é que evocar uma pessoa viva é mais inconveniente?

– Não se devem evocar as crianças de tenra idade, as pessoas gravemente doentes e os doentes idosos. Numa palavra, a evocação pode ter inconvenientes sempre que o corpo estiver muito enfraquecido.

Nota: A brusca suspensão das qualidades intelectuais durante o estado de vigília, também pode ser perigosa, se a pessoa nesse momento precisar de toda a sua presença de Espírito.

55. Durante a evocação de uma pessoa viva, o seu corpo sente fadiga devido à tarefa do Espírito, embora ausente?

– Uma pessoa, que se encontrava nesse estado e que queria dar a ideia que o seu corpo se cansava, respondeu assim a essa pergunta: "O meu Espírito é como um balão preso a um poste e tocado pelo vento; o meu corpo é o poste, que é sacudido pelas oscilações do balão".

56. Visto que a evocação das pessoas vivas pode ter inconvenientes quando é feita sem precaução, haverá perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe se está encarnado e que pode não estar em condições favoráveis?

– Não, as circunstâncias não são as mesmas. Ele só virá se estiver em condições de fazê-lo. Aliás, já vos foi dito que, antes de fazer uma evocação, se deve perguntar se há condições para isso.

57. Quando nos momentos mais inoportunos, sentimos uma irresistível vontade de dormir, isso será o resultado de estarmos a ser evocados algures?

– Pode acontecer. Na maioria dos casos é um efeito puramente físico, quer porque o corpo tenha necessidade de repouso, quer porque o Espírito precise da sua liberdade.

Nota: Uma senhora nossa conhecida, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito do neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pelo relato exatíssimo de muitas coisas que lhe tinham sucedido no colégio; mas uma circunstância veio confirmá-la. De repente, a mão da médium parou de escrever no meio de uma frase, sem que fosse possível continuar. Nesse momento, a criança, meio acordada, mexeu-se na cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão recomeçou a escrita, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova da maneira menos discutível a ação do Espírito diferenciada da do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (na *Revista Espírita* de 1860, a páginas 11 e 81, podem ler-se muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

Telegrafia humana

285.

58. Duas pessoas, evocando-se reciprocamente, poderiam transmitir os seus pensamentos, correspondendo-se?

– Certamente, e esta telegrafia humana será, um dia, o meio universal de correspondência.

Por que é que não é praticada já?

– É praticada por certas pessoas, mas não é para toda gente. É preciso que os seres humanos evoluam espiritualmente para que os seus Espíritos *se desprendam da matéria* e isso é mais uma razão para que a evocação se faça em nome de Deus. Até lá, continuará circunscrita *às almas de elite* já desmaterializadas, o que raramente se encontra no estado atual dos habitantes da Terra.

CAPÍTULO XXVI – Perguntas que se podem fazer aos Espíritos

Observações perliminares

286. Deve ter-se o maior cuidado na maneira de fazer as perguntas aos Espíritos comunicantes, e mais ainda à qualidade das mesmas. Há dois aspetos que se devem considerar: a forma e a profundidade.

No que se refere à forma, as perguntas devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando a complexidade. Não menos importante é a ordem das perguntas a fazer. Quando um assunto exige uma série de questões é essencial a sua ordenação, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras. Os Espíritos, nesse caso, respondem muito mais fácil e claramente, do que quando são colocadas ao acaso, sem ligação lógica entre um assunto e outro. Por essa razão é muito útil prepará-las com antecedência, excetuando aquelas que for preciso intercalar no decorrer da reunião, trazidas pelas circunstâncias. A redação deve ser feita com a mente descansada. Esse trabalho preparatório constitui, como já foi dito, uma espécie de evocação antecipada, à qual o Espírito pode ter assistido e que o dispõe a responder. Muito frequentemente o Espírito responde por antecipação a algumas perguntas, o que prova que já as conhecia.

O fundo da questão requer uma atenção ainda mais séria, visto que é a natureza da pergunta que condiciona a exactidão da resposta. Há algumas a que os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos. E inútil insistir na pergunta, mas o que se deve evitar acima de tudo é tentar pôr à prova a perspicácia da entidade que se interroga.

É costume dizer-se que, quando algo existe, os Espíritos devem saber. É precisamente porque esse facto é conhecido, e que nos podemos certificar dele por nós mesmos, que não devemos perguntar, nem eles se dão ao trabalho de nos responder. A suspeita, quanto ao que eles pensam ou sabem, ofende-os e nada nos dizem.

Isso também se passa na vida material. Pessoas de alto nível, que têm consciência do seu valor, divertir-se-iam a responder a todas as espécies de questões que quisessem apresentar-lhes, como se fosse um exame para estudantes? O desejo de fazer mais um adepto não é, para os Espíritos, motivo para atenderem uma curiosidade vã. Eles sabem que a convicção virá um dia, cedo ou tarde, e os meios que usam para estimulá-la não são sempre os que nós pensamos.

Imaginai um homem respeitável, ocupado com coisas úteis e sérias, incessantemente importunado pelas perguntas superficiais de uma criança e tereis ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as futilidades que se lhes apresentam. **[39 - Perguntas das crianças]**

Não se conclui daí que não se possam obter da parte dos Espíritos esclarecimentos úteis e, sobretudo, bons conselhos; mas eles respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que lhes merecemos, o afeto que nos têm, enfim, segundo o objetivo a que nos propomos e a utilidade que vejam no que lhes pedimos; mas se todo o nosso pensamento se limitar a julgá-los mais ou menos capazes do que outros para nos esclarecerem melhor sobre as coisas deste mundo, eles não podem ter por nós uma profunda simpatia; desde logo farão aparições muito curtas e, muitas vezes, conforme o grau da sua imperfeição, manifestarão mau humor por terem sido incomodados inutilmente.

287. É erro pensar ser preferível não fazer perguntas aos Espíritos, e que será mais conveniente aguardar os seus ensinamentos, sem os provocar.

Os Espíritos dão, sem dúvida, instruções espontâneas de elevado alcance e que seria errado desprezar; mas muitas vezes há explicações pelas quais se terá de esperar longo tempo, se não forem pedidas. Sem as questões que colocámos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam por fazer, ou pelo menos, estariam bem menos completos. E uma imensidade de problemas de grande importância estaria ainda por resolver. **[40 - "O telefone só toca de lá para cá?"]**

As perguntas, longe de terem o mínimo inconveniente, são de enorme utilidade do ponto de vista da instrução, quando se sabe mantê-las nos devidos limites. Têm ainda outra vantagem: a de ajudarem a

desmascarar os Espíritos enganadores que, mais presumidos do que sábios, raramente suportam a prova de perguntas feitas com uma lógica apertada, por meio das quais são levados aos seus limites.

Os Espíritos verdadeiramente superiores, como nada têm a recear desse controlo, são os primeiros a avançar explicações sobre os pontos obscuros; os outros, pelo contrário, receando ter de competir com antagonistas mais fortes, têm grande cuidado em evitá-las; assim, recomendam aos médiuns que querem dominar, e aos quais querem fazer aceitar as suas utopias, que evitem toda a controvérsia a propósito dos seus ensinamentos.

Se tiverem compreendido bem o que dissemos, já podem fazer uma ideia do círculo em que é conveniente encerrarem-se as perguntas que se podem dirigir aos Espíritos; contudo, para maior segurança, inserimos abaixo as respostas que eles nos deram acerca dos assuntos principais sobre os quais as pessoas pouco experientes estão em geral dispostas a interrogá-los.

Perguntas agradáveis ou desagradáveis para os Espíritos

288.

1. Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são dirigidas?

– Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios respondem sempre com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de vos fazerem progredir. Não dão ouvidos a perguntas fúteis.

2. Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

– Não, isso depende do Espírito que responde.

Uma pergunta séria afasta os Espíritos superficiais?

– Não é a pergunta que afasta os Espíritos fúteis, *é o carácter daquele que a faz.*

3. Quais são as perguntas particularmente antipáticas aos bons Espíritos?

– Todas as que sejam inúteis, feitas por pura curiosidade e para pô-los à prova. Nesses casos, não respondem e afastam-se.

Há questões antipáticas para os Espíritos imperfeitos?

– Há as que possam descobrir a sua ignorância ou falsidade, quando procuram enganar; a não ser isso, respondem a tudo, sem se preocuparem com a verdade.

4. O que deve pensar-se das pessoas que só vêem nas manifestações espíritas uma distração e um passatempo, ou um meio de obterem revelações sobre o que lhes interessa?

– Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, como elas, gostam de se divertir e ficam contentes quando eles as enganam.

5. Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, é por sua vontade, ou porque uma força superior se opõe a certas revelações?

– Pelos dois motivos: há coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece.

Insistindo-se muito, o Espírito acabaria por responder?

Não, o Espírito que não quer responder tem sempre a facilidade de se ausentar. É por isso que é necessário esperar, quando vos dizemos para o fazer e, sobretudo, que não vos obstineis em querer forçar-nos a responder. Insistir para obter uma resposta que se não quer dar é um meio certo de ser-se enganado.

6. Todos os Espíritos são capazes de compreender as questões que se lhes põem?

– Longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não os impede de responderem, bem ou mal, como sucede entre vós mesmos.

Nota: Em certos casos e quando é útil, acontece que um Espírito mais esclarecido vem em auxílio do Espírito ignorante e lhe segreda o que deve dizer. Isso reconhece-se facilmente pelo contraste de certas

respostas ou porque o próprio Espírito o diz. Isto só acontece com os Espíritos ignorantes, mas de boa-fé; nunca com os que exibem um falso saber.

Perguntas sobre o futuro

289.

7. Os Espíritos podem dar-nos a conhecer o futuro?

– Se as pessoas soubessem o futuro, menosprezavam o presente. É um ponto sobre o qual insistis sempre para ter uma resposta exata e é um grande erro, pois as comunicações com os Espíritos não são um meio de adivinhação. Se quereis absolutamente uma resposta, ela ser-vos-á dada por um Espírito folgazão, temo-lo dito constantemente. (ver *O Livro dos Espíritos* - "Conhecimento do futuro", n° 868).

8. Há acontecimentos futuros que são anunciados espontaneamente e com veracidade pelos Espíritos?

– Pode acontecer que o Espírito faça previsões que julgue útil dar a conhecer ou que tenha por missão revelar. São de temer, contudo, os Espíritos enganadores, que se divertem fazendo previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite avaliar o grau de confiança que estas merecem.

9. Qual é o tipo de previsões de que mais se deve desconfiar?

– Todas as que não tiverem um fim de utilidade *geral*. As predições pessoais quase sempre podem ser consideradas falsas.

10. Qual é o objetivo dos Espíritos que anunciam acontecimentos que não se realizam?

– Na maior parte das vezes é para se divertirem com a credulidade, o temor ou a alegria que provocam. Depois, riem-se do desapontamento. Estas previsões mentirosas têm, às vezes, um fim sério: o de pôr à prova aquele a quem são feitas, para ver a forma como reage e a natureza dos sentimentos, bons ou maus que isso lhe desperta.

Nota: É o que se daria com o anúncio do que possa exaltar a ganância ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspetiva de uma herança, etc.

11. Por que é que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, não indicam a data? É por falta de poder ou de vontade?

– Por ambas as razões. Podem, em certos casos, fazer *pressentir* um acontecimento: neste caso, é um aviso que vos dão. Quanto a precisar-lhe a data, muitas vezes, não devem fazê-lo; frequentemente, também, não podem, porque, eles próprios, não o sabem. O Espírito pode prever que um facto se dará, mas o momento preciso pode depender de acontecimentos, que ainda não se verificaram e que só Deus conhece. [41 - A diferente duração do tempo nos diferentes mundos]

Os Espíritos superficiais, que não têm receio de enganar, determinam os dias e as horas, sem se preocuparem com o resultado. Por isso, *qualquer previsão exata é suspeita*.

Ainda uma vez mais: a nossa missão consiste em fazer-vos evoluir espiritualmente. Para isso ajudamos tanto quanto podemos. Quem pede aos Espíritos superiores a sabedoria, nunca será enganado. Mas não queremos perder tempo com futilidades nem adivinhar o vosso futuro. Deixamos isso aos Espíritos superficiais, porque os diverte, como crianças travessas.

A Providência pôs limites às informações que podem ser dadas à Humanidade terrena. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo aquilo que lhes é interdito revelarem. Quem insistir numa resposta expõe-se aos embustes dos Espíritos inferiores, sempre prontos a aproveitar as ocasiões em que possam enganar a vossa credulidade.

Nota: Os Espíritos vêem ou pressentem os acontecimentos futuros. Vêem esses acontecimentos realizarem-se num tempo que eles não medem como nós. Para determinarem a data, era preciso identificarem-se com a nossa maneira de compreender o tempo, o que não consideram necessário; daí uma causa de erros aparentes.

12. Há pessoas dotados de uma faculdade especial, que lhes permite antever o futuro?

– Sim, aquelas cujas almas se desprendem da matéria. Então, é o Espírito que vê. Quando é conveniente, Deus permite-lhes anteverem certas coisas, para o bem, mas há ainda muitos impostores e charlatães. Essa aptidão será mais comum no futuro.

13. O que pensar dos Espíritos que gostam de predizer a alguém a sua morte para um dia e hora certos?

– São Espíritos de mau gosto, de muito mau gosto mesmo, que só pretendem gozar com o medo que causam. Não são motivo de preocupação.

14. Como é que, então, certas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época da sua morte?

– É, na maioria das vezes, o seu próprio Espírito que fica a sabê-lo nos seus momentos de liberdade, e guarda a intuição ao acordar. Essas pessoas, por estarem preparadas para isso, não se assustam nem se emocionam. Entendem essa separação da alma e do corpo uma mudança de situação ou, se preferirem e para usarmos uma linguagem mais vulgar, a troca de uma veste de pano grosseiro por uma de seda. O temor da morte irá diminuindo, à medida que as **convicções** espíritas se forem expandindo. **[42 - Crenças ou convicções?]**

Perguntas sobre existências passadas e futuras

290

15. Os Espíritos podem dar-nos a conhecer as nossas existências passadas?

– Deus permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vos conduzir ao bem e para vossa informação, serão verdadeiras e, nesse caso, quase sempre espontâneas e imprevistas; mas não para satisfazer uma simples curiosidade. **[43 - O esquecimento do passado]**

Porque é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?

– São Espíritos trocistas, que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas ou, pelo menos suspeitas, todas as revelações deste tipo que não tenham um fim sério e útil. Esses Espíritos divertem-se a lisonjear o vosso amor-próprio, revelando as vossas supostas origens.

Há médiuns e crentes que dão como certo tudo o que lhes é dito a esse respeito, não vendo que o estado atual dos seus Espíritos em nada justifica a categoria que julgam ter ocupado; pequena vaidade com que se divertem os Espíritos trocistas, bem como os homens.

Seria mais lógico e mais de acordo com a marcha progressiva dos seres, que eles tivessem subido, em vez de terem descido, e também mais honroso para eles. Para que se pudesse dar valor a essa espécie de revelações, seria preciso que fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns que não se conhecessem uns aos outros, nem conhecessem o que já tinha sido revelado antes. Então sim, haveria uma razão evidente para acreditar.

Assim, se não podemos conhecer as nossas individualidades anteriores, depreende-se que também nada podemos saber do género de existências que tivemos, das posições sociais que ocupámos, das qualidades e dos defeitos que em nós predominaram?

– Não, isso pode ser revelado, porque podeis tirar proveito dessas revelações para evoluir. Aliás, estudando o vosso presente, podeis vós mesmos deduzir o vosso passado. (ver *O Livro dos Espíritos*, *Esquecimento do passado*, n° 392)

16. Pode ser revelada alguma coisa sobre as nossas existências futuras?

– Não; tudo o que dirão alguns Espíritos sobre o assunto será brincadeira e isso compreende-se: a existência futura não pode ser previamente determinada, pois depende do vosso procedimento na Terra e pelas resoluções tomadas posteriormente enquanto Espíritos. Quanto menos houver que expiar, mais feliz será. Mas saber onde e como decorrerá essa existência, é impossível, salvo no caso especial dos Espíritos que estão na Terra em missões importantes, porque então o seu caminho está, de certo modo, previamente traçado. **[44 – Previsão do futuro]**

Perguntas sobre interesses morais e materiais

291

17. Podem pedir-se conselhos aos Espíritos?

– Sim, os bons Espíritos nunca recusam auxiliar os que os invocam com confiança, principalmente no que se refere à alma. Repelem, contudo, os hipócratas, *os que fingem pedir a luz e se satisfazem com as trevas*.

18. Os Espíritos podem dar conselhos sobre coisas de interesse pessoal?

– Conforme o motivo, dependendo daqueles a quem vos dirigis. Os conselhos referentes à vida privada são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque estão ligados a uma pessoa e interessam-se por tudo o que lhe diz respeito. São os amigos e confidentes dos mais secretos pensamentos, mas, se os fatigamos com perguntas despropositadas, podem deixar de contactar.

Será tão absurdo pedir coisas íntimas a Espíritos estranhos, como fazê-lo ao primeiro indivíduo que se encontrar na rua. Não vos deveis esquecer que a superficialidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É preciso ter em conta também as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme as suas simpatias pela pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de alguém mau é um mau Espírito, cujos conselhos podem ser prejudiciais, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, se o próprio se aperfeiçoar. Unem-se os que se assemelham.

19. Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais por meio de revelações?

– Podem e algumas vezes fazem-no, de acordo com as circunstâncias. Porém, tende a certeza de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir a ganância. Os maus fazem brilhar diante dos vossos olhos mil atrativos, para vos sugestionarem e em seguida vos enganarem, pela deceção. Notai que, se a vossa provação é passar por esta ou aquela dificuldade, os vossos Espíritos protetores poderão ajudar-vos a suportá-la com mais resignação, suavizá-la, às vezes; mas, no próprio interesse do vosso futuro, não lhes é permitido libertar-vos dela. Um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja.

Nota: Em muitas circunstâncias, os nossos Espíritos protetores podem indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos levarem pela mão, porque de outro modo, perderíamos toda a iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrermos a eles, com prejuízo da nossa evolução.

Para progredir, os seres humanos têm necessidade de adquirir experiência à sua própria custa. Por isso é que os Espíritos prudentes nos aconselham, mas quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, como faz o bom educador pelos seus alunos. Nas circunstâncias normais da vida, aconselham-nos pela inspiração, deixando-nos assim todo o mérito do bem que fazemos, como toda a responsabilidade das más escolhas. Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e não compreender a sua missão, interrogá-los a todas as horas a respeito das coisas mais vulgares, como fazem alguns médiuns. Há alguns que, por um sim ou por um não, pegam no lápis e pedem conselhos para o ato mais simples. Fazer isto revelaria a pequenez das ideias e o erro de supor que o Espírito consultado só tem que andar a tratar dos nossos pequenos interesses. Além disso, anulava o seu próprio critério, reduzindo-se à passividade sem vantagens para a vida presente e, muito certamente, para a vida futura.

Se é infantil fazer perguntas fúteis aos Espíritos, também será despropositado que os Espíritos se ocupem espontaneamente de questões vulgares do dia-a-dia. Podem ser bons, mas ainda são muito terrenos.

20. Se uma pessoa, ao morrer, deixar os seus negócios envolvidos em problemas, poderá pedir ao seu Espírito que ajude a resolvê-los? Poder-se-á interrogá-lo sobre os valores que deixou, desde que isso se faça no interesse da justiça?

– Esqueceis que a morte é a libertação das preocupações terrenas. Acreditais que, se o Espírito está feliz com a sua liberdade, poderá retomar de boa vontade a sua prisão e ocupar-se com coisas que já lhe não dizem respeito, apenas para satisfazer a cupidez de herdeiros, que talvez se tenham rejubilado com a sua morte, na esperança de que ela lhes fosse proveitosa?

Falais de justiça; mas, a justiça está na deceção da sua cobiça. É o começo das punições que Deus reserva à sua avidez dos bens terrenos. Aliás, os embaraços em que às vezes a morte de uma pessoa deixa os seus herdeiros fazem parte das provas da vida, e nenhum Espírito tem o poder de os libertar delas, porque estão incluídos na vontade de Deus.

Nota: A resposta acima desiludirá aqueles que imaginam que os Espíritos nada melhor têm a fazer do que servir-nos de guias auxiliares clarividentes, não no caminho do céu, mas para nos indicarem os caminhos da Terra. Uma outra consideração vem em apoio desta resposta. Se um homem durante a vida deixou, por desleixo, os seus negócios em desordem, não é provável que, depois da morte, se preocupe mais com eles, pois deve sentir-se feliz por estar livre dos aborrecimentos que esses negócios lhe causavam. Além disso, por pouco elevado que seja, ainda lhes ligará menos importância como Espírito do que como pessoa ainda viva.

Quanto aos bens desconhecidos que poderá ter deixado, não há motivos para se preocupar com herdeiros cobiçosos e que só se lembravam dele por causa da possível herança; e se ainda está imbuído pas paixões humanas, poderá disfrutar de um prazer maldoso com a desilusão dos seus herdeiros.

Se, no interesse da justiça e das pessoas que lhe são queridas, um Espírito pensar que é útil fazer revelações deste género, fá-las-á espontaneamente e não é preciso ser médium nem recorrer a um médium. Serão naturalmente conhecidas mediante circunstâncias fortuitas, e não devido a um pedido que se lhe faça, visto que esse pedido não pode mudar o tipo de provas pelas quais os encarnados têm de passar. Seria, pelo contrário, um modo de agravá-las, porque são quase sempre um sinal de cobiça material e provam ao Espírito que só se preocupam com ele por interesse (ver o n° 295).

Perguntas sobre a situação dos Espíritos

292.

21. Podem pedir-se aos Espíritos informações sobre a situação em que se encontram no mundo dos Espíritos?

– Sim, e eles dão-nas de boa vontade quando o pedido é ditado pela simpatia ou pelo desejo de ser útil, e não pela curiosidade.

22. Os Espíritos podem descrever as suas penas ou a sua felicidade?

– Perfeitamente, e as revelações desta espécie são um grande ensinamento para vós, porque vos iniciam na verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as falsas ideias que fazeis sobre este assunto, reanimam a vossa fé na bondade de Deus. Os bons Espíritos sentem-se felizes em descrever a felicidade dos eleitos e os mais inferiores ao descrever as suas penas, podem provocar em si o arrependimento, encontrando nisso uma espécie de alívio. É o infeliz que manifesta as suas queixas, pela esperança na compaixão.

Não esqueçais que ***o principal objetivo do Espiritismo é a vossa evolução*** e que é para a alcançar que é permitido aos Espíritos informarem-vos sobre a vida futura, dando exemplos benéficos de que podeis beneficiar. **[45 - Objetivo atual da revelação]**

Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera, menos lamentareis a saída do mundo material. Este é, em suma, o objetivo concreto da revelação.

23. Se se evocar uma pessoa, cuja sorte seja desconhecida, poder-se-á saber por ela própria se ainda vive?

– Sim, se a incerteza da sua morte não for uma *necessidade* ou uma prova para os que tenham interesse em sabê-lo.

Estando morta, poderá dar a conhecer as circunstâncias da sua morte, a fim de que se possa verificá-la?

– Se ligar ao facto alguma importância, fá-lo-á; caso contrário, pouco se incomodará.

Nota: A experiência prova que, nesse caso, o Espírito não está interessado no desejo que possamos ter em conhecer as circunstâncias da sua morte. Se ele quiser revelá-las, fá-lo-á por si mesmo, quer mediunicamente, quer por meio de visões ou aparições e pode então dar as indicações mais precisas; caso contrário, um Espírito enganador pode divertir-se induzindo os interessados a fazerem pesquisas inúteis.

Acontece que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente comprovada, traz embaraços aos negócios da família. Só em casos muito raros temos visto os Espíritos indicarem o caminho da verdade, depois do pedido que lhes é feito. Se quisessem, sem dúvida que poderiam fazê-lo; mas isso não lhes é permitido, se esses embaraços forem provas para os que tenham estado interessados em libertar-se deles. É, portanto, embalar-se numa esperança ilusória tentar conseguir, por esse meio, cobrar heranças, das quais o único traço positivo que lhes fica é o dinheiro que se gasta com essa finalidade.

Não faltam Espíritos dispostos a alimentar esse tipo de esperanças e que não têm qualquer escrúpulo em conduzirem as pessoas a pesquisas, das quais devem considerar-se muito felizes se escaparem apenas com um pouco de ridículo.

Perguntas sobre a saúde

293

24. Os Espíritos podem dar informações sobre cuidados de saúde?

A saúde é uma condição necessária para o trabalho que devemos efetuar na Terra, pelo que os Espíritos se ocupam dela de boa vontade. Como há ignorantes e sábios entre eles, não convém que, como para qualquer outra coisa, se dirijam perguntas ao primeiro que aparece.

25. Dirigirmo-nos ao Espírito de um grande médico será a melhor forma de obter um bom conselho?

Os grandes médicos terrenos não são infalíveis e podem estar ainda no conhecimento de teorias erradas das quais a morte não os liberta imediatamente. A ciência terrestre é insignificante perante a ciência celeste. Só os Espíritos superiores dominam a ciência mais avançada. Sem terem nomes que conheçais, podem saber muito mais do que os vossos sábios, sobre todas as coisas.

Não é só a ciência que torna superiores os Espíritos e vós ficaríeis muito espantados com o nível de evolução que alguns sábios ocupam entre nós, pois o Espírito de um sábio pode não saber mais do que quando estava na Terra, se não progrediu como Espírito.

26. O sábio, ao tomar-se Espírito, reconhece os seus erros científicos?

Se chegou a um grau suficientemente elevado para já não ter vaidade e compreender que o seu desenvolvimento não é completo, reconhece-os e confessa-os sem vergonha. Mas, se ainda não estiver

suficientemente desmaterializado, pode conservar alguns dos preconceitos de que estava imbuído na Terra.

27. Um médico poderia, se evocasse os Espíritos de doentes seus já mortos, saber qual a causa da sua morte, as faltas que tenha porventura cometido no tratamento deles e adquirir assim um acréscimo de experiência?

Pode, e isso ser-lhe-ia muito útil, sobretudo se conseguisse a assistência de Espíritos esclarecidos, que suprissem a falta de conhecimentos de certos doentes. Mas, para tal, seria preciso que ele fizesse esse estudo de forma séria, assídua, com um fim humanitário e não como meio de adquirir saber e riqueza sem trabalho.

Perguntas sobre invenções e descobertas

294.

28. Os Espíritos podem orientar pesquisas científicas e descobertas?

– A ciência é obra do génio; só pelo trabalho deve ser adquirida, pois só pelo trabalho é que os seres humanos avançam no seu caminho. Que mérito teriam, tendo só que interrogar os Espíritos para saberem tudo? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio por esse processo.

Dá-se o mesmo com as invenções e descobertas que interessam à indústria. Há ainda uma outra consideração: é que cada coisa tem que vir no seu tempo e quando as ideias estão maduras para recebê-la. Se os humanos tivessem esse poder, subverteriam a ordem das coisas, fazendo brotar os frutos antes da estação.

Deus disse: Tirarás o sustento da Terra, com o suor do teu rosto. Palavras admiráveis que ilustram a posição em que se encontram os seres humanos que habitam neste mundo: têm que progredir em tudo, pelo esforço do trabalho. Se lhes dessem as coisas inteiramente prontas, de que lhes serviria a inteligência? Seria como o estudante cujos trabalhos fossem feitos por outro.

29. O sábio e o inventor são alguma vez assistidos pelos Espíritos nas suas pesquisas?

– Isso é bem diferente. Quando tiver chegado o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigirem a marcha da Humanidade procuram o investigador capaz de a levar a bom termo e inspiram-lhe as ideias necessárias, mas de maneira a deixarem-lhe todo o mérito da obra, porque essas ideias, é preciso que ele as elabore e ponha em execução.

Dá-se o mesmo com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada indivíduo na sua esfera; daquele que só é apto para cavar a terra, não o farão depositário dos segredos de Deus; mas saberão tirar da obscuridade aquele que for capaz de seguir os seus desígnios. Não vos deixeis, pois, arrastar pela curiosidade ou pela ambição, para um caminho que não corresponde aos fins do Espiritismo e que vos conduziria aos mais prejudiciais equívocos.

Nota: O conhecimento mais esclarecido do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no início, se imaginava poderem fazer-se, com a ajuda direta dos Espíritos. Chegou-se ao ponto de pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer nascer os cabelos, curar os calos dos pés, etc. Vimos muitas pessoas que, convencidas de que assim fariam fortuna, só conseguiram resultados ridículos. Passa-se o mesmo quando se pretende, com a ajuda dos Espíritos, penetrar os mistérios da origem das coisas. Alguns Espíritos têm as suas teorias sobre essas matérias, que não valem mais do que as dos humanos, e que é prudente considerar sob as maiores reservas.

Perguntas sobre tesouros ocultos

295.

30. Os Espíritos podem fazer descobrir tesouros escondidos?

– Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas. Os Espíritos trocistas indicam muitas vezes tesouros que não existem, ou podem também apontá-los num lugar, quando estão num lugar oposto; e isso tem a sua utilidade, para mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destinar tesouros ocultos a alguém, esse encontrá-los-á naturalmente; caso contrário, não.

31. Que pensar da crença nos Espíritos guardiões de tesouros escondidos?

– Os Espíritos, que ainda não estão desmaterializados, apegam-se às coisas. Avarentos que esconderam os seus tesouros, podem vigiá-los e guardá-los depois da morte. A perturbação em que estão por verem que alguém pode levá-los, constitui um dos seus castigos, até que compreendem a inutilidade que são para eles. Também há os Espíritos da Terra incumbidos de dirigirem as suas transformações interiores, aos quais, por alegoria, se chamou de guardas das riquezas naturais.

Nota: A questão dos tesouros escondidos está na mesma categoria das heranças desconhecidas; seria bem tolo aquele que contasse com as pretendidas revelações que lhe possam ser feitas pelos trocistas do mundo invisível. Já dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, fazem-nas espontaneamente, sem precisarem de médiuns para isso. Aqui está um exemplo:

Apesar de ter desempenhado o papel de mãe perante os seus enteados durante os anos do seu crescimento, uma senhora, recentemente viúva e sem recursos materiais, após trinta anos de vida conjugal, viu-se na iminência de ser desalojada da sua casa, exatamente pelos enteados que ajudara a criar. Chegara ao limite do desespero quando, uma noite, o marido lhe apareceu e disse que ela o seguisse até ao seu gabinete. Lá, mostrou-lhe a secretária que ainda estava selada com os selos judiciais e, por um efeito de dupla visão, fez-lhe ver o interior, indicando-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia e cujo mecanismo lhe explicou, acrescentando: "Previ o que está a acontecer e quis assegurar a tua sorte; nessa gaveta estão as minhas últimas disposições; deixei-te o usufruto desta casa e uma renda de..." Depois, desapareceu. No dia em que foram levantados os selos, ninguém pôde abrir a gaveta. A Senhora, então, narrou o que lhe sucedera. Abriu-a, de acordo com as indicações do marido, e lá estava o testamento, tal como ele lhe tinha dito.

Perguntas sobre os outros mundos

296.

32. Que grau de confiança pode depositar-se nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

– Depende do grau de evolução dos Espíritos que dão essas descrições. Os Espíritos vulgares são tão incapazes de dar tais explicações a esse respeito como um ignorante será entre vós de descrever todas as regiões da Terra. Às vezes fazeis perguntas de nível científico, sobre esses mundos, que os Espíritos não sabem esclarecer. Se estiverem de boa-fé, falarão disso de acordo com as suas ideias pessoais; se forem Espíritos superficiais, divertir-se-ão em dar-vos descrições bizarras e fantásticas. Libertos, entre vidas, não tendo menos imaginação do que tinham na Terra, tiram dessa imaginação o relato de muitas coisas que nada têm de real. [46 – Controlo Universal do Ensino dos espíritos - CUEE]

Entretanto, algum esclarecimento será possível obter a respeito desses mundos por informação espiritual. Os bons Espíritos têm mesmo prazer em descreverem aqueles em que habitam, para vos servirem de ensinamento no sentido da evolução e para vos estimular a seguir o caminho que vos conduzirá a esses mundos. É um meio de fixar as vossas ideias sobre o futuro e de não vos deixar no vazio.

Como se pode verificar a exatidão dessas descrições?

– A melhor verificação reside na concordância que houver entre elas. Porém, lembrai-vos de que essas descrições visam o vosso aperfeiçoamento moral e que, por consequência, é sobre o estado moral dos habitantes dos outros mundos que deveis colher as melhores informações e não sobre o estado físico ou geológico desses astros, que vos é impossível compreender, com o vosso nível atual de conhecimentos. Tal estudo não serviria para o vosso progresso na Terra e tereis toda a possibilidade de fazê-lo, quando lá estiverdes. [47 - Questões sobre os outros mundos]

Nota: As questões sobre a constituição física e os elementos astronómicos dos mundos pertencem ao campo das pesquisas científicas, de cujo trabalho os Espíritos não devem poupar-nos. Se não fosse assim, um astrónomo acharia muito cómodo pedir aos Espíritos que lhe fizessem os cálculos, o que lhe pouparia a tarefa de os fazer, facto de que não daria depois conhecimento a ninguém.

Se os Espíritos pudessem, pela revelação, evitar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem a favor de um sábio dedicado ao seu trabalho, que tivesse a honestidade de divulgar a origem dos seus conhecimentos, e nunca aos sábios orgulhosos que os renegam, e aos quais, pelo contrário, quando é oportuno, preparam decepções de amor-próprio.

CAPÍTULO XXVII – Contradições e mistificações

Sobre as contradições

297. Os adversários do Espiritismo argumentam que os seus seguidores não estão de acordo entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra, que se contradizem. Se, dizem eles, o ensino vos é dado pelos Espíritos, como é que é apresentado de formas diversas?

Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor.

Apressemo-nos a dizer, antes de mais, que as contradições de que algumas pessoas fazem grande ostentação, são em geral mais aparentes do que reais; que são superficiais e não vão ao fundo das questões e que, portanto, não têm importância. As contradições provêm de duas fontes: os seres humanos e os Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo n° 36, referente às *Teorias,* ao qual nos remetemos. Compreender-se-á que no início, quando as observações ainda eram incompletas, tenham surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenómenos espíritas, três quartos das quais já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com poucas exceções e excetuando algumas pessoas que não se desprendem facilmente das ideias que acarinharam ou conceberam, pode dizer-se que hoje há unidade na imensa maioria dos espíritas, pelo menos quanto aos princípios gerais, salvo pequenos detalhes insignificantes.

299. Para se compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar-se identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado sob todos os seus aspetos.

Numa primeira abordagem, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender quem estiver compenetrado do número infinito de degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escala.

Supor-lhes uma avaliação igual das coisas seria imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com exatidão, seria admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é e não pode ser correto, se considerarmos que eles não são mais do que a Humanidade despida do invólucro corporal. Visto que os Espíritos de todas as categorias podem manifestar-se, resulta daí que as suas comunicações trazem a marca da sua ignorância ou do seu saber, da sua inferioridade ou da sua superioridade moral. É para distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, que devem conduzir as instruções que temos dado.

É preciso não esquecer que, entre os Espíritos, como entre os homens, existem falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e teóricos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado conhecerem tudo, há para os outros, tal como para nós, mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas ideias, a respeito dos quais podem formar opiniões mais ou menos exatas que, por amor-próprio se empenham em fazer prevalecer e que gostam de reproduzir nas suas comunicações.

O erro reside no facto de alguns dos seus intérpretes terem abraçado, de forma demasiado superficial, opiniões contrárias ao bom senso e de terem tornado os editores responsáveis por elas. Assim, as contradições de origem espírita têm como causa a diversidade na inteligência, nos conhecimentos, no juízo e na moralidade de alguns Espíritos, que ainda não estão aptos a tudo conhecerem e a tudo compreenderem, (ver *O Livro dos Espíritos -''Introdução*", § XIII; "*Conclusão",* § IX.)

300. Poderá perguntar-se para que servem os ensinamentos dos Espíritos, se não oferecem mais certezas do que o ensino dos humanos. A resposta é fácil.

Não aceitamos com igual confiança quaisquer ensinamentos e, entre duas fontes de ideias, preferimos sempre aquela cuja autoria nos pareça mais esclarecida, mais sensata, e menos acessível às paixões; é assim que é preciso agir com os Espíritos.

Se nos ensinamentos dos Espíritos há muitas ideias que não estão acima das dos seres humanos, há muitas outras que os ultrapassaram e que abrem horizontes que não encontraríamos de forma nenhuma no conhecimento terreno, mesmo o de nível mais elevado. Temos, portanto, que diferençar entre as ideias recebidas da parte de Espíritos de escala inferior e esse outro nível mais elevado, sendo este que nos conduz ao conhecimento mais aprofundado do espiritismo.

Mas, mesmo esses ensinamentos têm um limite e, se não é permitido aos Espíritos saberem tudo, com mais forte razão isso deve acontecer entre nós. Há, portanto, coisas sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, quer porque lhes seja proibido revelá-las, quer porque eles próprios as ignoram e sobre elas só podem dar-nos as suas opiniões pessoais. Ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. É principalmente sobre o que deve ficar oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, para insinuarem que estão na posse dos segredos de Deus É também sobre esses pontos que se verificam mais sérias contradições. (Ver o capítulo precedente.)

301. Eis as respostas que os Espíritos deram a perguntas feitas acerca das contradições:

1. Se o mesmo Espírito comunicar em dois centros diferentes, pode transmitir-lhes, sobre o mesmo assunto, respostas contrárias?

– Se os dois centros diferirem entre si nas opiniões e nas ideias, as respostas poderão chegar-lhes deformadas, por estarem sob a influência de diferentes grupos de Espíritos; então, não é a resposta que é contraditória, mas a maneira como é transmitida.

2. Concebe-se que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem qualquer hipótese de má influência, como se explica que Espíritos superiores usem, sobre o mesmo assunto, uma linguagem diferente e contrária para pessoas perfeitamente sérias?

– Os Espíritos realmente superiores nunca se contradizem e a sua linguagem é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Pode ser diferente, conforme as pessoas e os lugares; mas é preciso que se observe com atenção, porque a contradição é, muitas vezes, apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias; se refletirmos, verificaremos que a ideia fundamental é a mesma. Além disso, o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma questão, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, pois não é conveniente que todos recebam sempre a mesma resposta, uma vez que não estão todos igualmente adiantados. E exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. Certamente responderíeis a uma e a outro de modo a que compreendessem e ficassem satisfeitos; as respostas, embora diferentes, no fundo seriam as mesmas.

3. Com que objetivo Espíritos sérios parecem acreditar, junto de certas pessoas, em ideias e mesmo em preconceitos que combatem junto de outras?

– É preciso sermos compreensivos. Se alguém tem uma convicção bem cimentada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é preciso tirar-lhe essa convicção, mas pouco a pouco: é por isso que nos servimos frequentemente dos seus próprios termos e parecemos convergir com as suas ideias: é para que não se ofenda de repente e para que não deixe de se instruir junto de nós.

Aliás, não é bom chocar bruscamente os preconceitos; esse é o melhor meio de não se ser escutado; por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os escutam: é para os trazer pouco a pouco à verdade. Adaptam a sua linguagem às pessoas, como tu próprio fazes, se fores um orador mais ou menos hábil; por isso não falam a um chinês ou a um maometano, como falarão a um francês ou a um cristão, pois têm a certeza de que seriam rejeitados.

Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes só é uma parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus; desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes para o bem dos que recebem as suas comunicações.

4. As contradições nas ideias comunicadas pelos Espíritos, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas na mente de algumas pessoas; que orientação podemos ter para conhecer a verdade?

– Para distinguir o erro da verdade, é preciso aprofundar as respostas e meditar nelas longa e seriamente; é todo um estudo a fazer. É preciso tempo para isso, como para estudar todas as coisas.

Estudai, comparai e aprofundai, é o que vos temos repetido. É o preço do conhecimento da verdade.

Como quereis chegar à verdade, se interpretais tudo segundo as vossas ideias estreitas, que tomais por grandes ideias? Não está longe o dia, contudo, em que o ensino dos Espíritos será uniforme, tanto nos pormenores, como nos aspetos principais. A sua missão é destruir o erro, embora isso só possa conseguir-se de forma gradual.

5. Há pessoas que não têm nem tempo, nem a aptidão necessária para um estudo sério e profundo e que aceitam o que se lhes ensina sem fazerem qualquer análise. Não há inconveniente em adotarem erros?

– O essencial é que pratiquem o bem e não façam o mal; para isto, não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer se faça em nome de Alá quer em nome de Jeová, pois só há um mesmo Deus para o Universo.

6. Como é que Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias evidentemente falsas sobre determinadas coisas?

– Eles têm as suas conceções. Os que não estão bastante adiantados, e julgam que o estão, tomam as suas ideias pela própria verdade. É como acontece entre vós.

7. O que deve pensar-se das opiniões de que só poderia existir um Espírito comunicante, e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

– O Espírito que ensine isso é um Espírito que quer dominar. É por esse motivo que quer fazer crer que é o único. Mas o infeliz que ouse tomar o nome de Deus expiará custosamente o seu orgulho. Quanto a essas opiniões, desmentem-se a si próprias, porque estão em contradição com os factos mais bem comprovados; não merecem um exame sério, pois não têm raízes.

A razão diz-vos que o bem procede de uma fonte boa e o mal de uma fonte má; por que quereríeis que uma boa árvore desse maus frutos? Já colhestes uvas numa macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais patente da diversidade das suas origens.

Aliás, os Espíritos que pretendem ser os únicos que podem comunicar esquecem-se de dizer por que razão os outros não podem fazê-lo. A sua pretensão é a negação daquilo que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são queridos e que estariam assim perdidos para eles.

São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material. Suprimir essas relações é mergulhá-lo na dúvida, que faz o seu tormento; é alimentar o seu egoísmo. Se se analisar com cuidado a doutrina desses Espíritos, reconhecer-se-ão nela, a cada passo, contradições injustificáveis, marcas da sua ignorância sobre as coisas mais evidentes e, por consequência, sinais certos da sua inferioridade.

O Espírito de Verdade

8. De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais surpreendentes é a que se refere à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinem?

– Há Espíritos cujas ideias estão limitadas ao presente como acontece a muitos vivos na Terra. Pensam que a condição em que se encontram vai durar sempre: não veem para lá do círculo das suas perceções e não procuram saber de onde vêm, nem para onde vão e, no entanto, terão de se sujeitar à lei da necessidade. A reencarnação é, para eles, uma necessidade em que só pensam quando acontece; sabem

que o Espírito progride, mas, de que maneira? É para eles um problema. Então, se lho perguntais, falar-vos-ão dos **sete céus sobrepostos,** como andares. Alguns mesmo falar-vos-ão da esfera do fogo, da esfera das estrelas, depois da cidade das flores e dos eleitos.

9. Aceitamos que os Espíritos pouco adiantados possam não compreender esta questão; mas então, como é que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falam espontaneamente das suas diferentes existências e do desejo que têm de reencarnar, para resgatarem o passado?

– No mundo dos Espíritos passam-se coisas que vos são bem difíceis de compreender. Não tendes entre vós pessoas muito ignorantes sobre certos assuntos e esclarecidas acerca de outros? Pessoas que têm mais sentico crítico do que instrução e outras que têm mais esperteza que sentido crítico?

Não sabeis também que certos Espíritos gostam de conservar os humanos na ignorância, aparentando instruí-los, e que se aproveitam da facilidade com que as suas afirmações são plenamente aceites? Podem seduzir os que não vão ao fundo das questões; mas, quando são pressionados através do raciocínio, não sustentam por muito tempo o seu papel.

Por outro lado, deve ter-se em conta a prudência que os Espíritos usam na divulgação da verdade: uma luz muito viva e muito súbita ofusca, mas não ilumina. Podem, portanto, julgar conveniente espalhá-la apenas gradualmente, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas.

Moisés não ensinou tudo o que Jesus ensinou e o próprio Jesus disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada a gerações futuras.

Falais da reencarnação e admirais-vos de que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países. Pensai que num país onde o preconceito da cor reina de forma soberana, onde a escravatura está enraizada nos costumes, teriam rejeitado o Espiritismo só por proclamar a reencarnação, pois a ideia de que o senhor pudesse reencarnar no seio dos escravos e vice-versa, teria parecido monstruosa.

Não era melhor fazer aceitar primeiro o princípio geral, para mais tarde perceberem as consequências? Tão curta é a vista dos humanos para julgar os desígnios de Deus! Sabei que nada se faz sem a sua permissão e sem um propósito que muitas vezes não podeis penetrar. Tenho-vos dito que a unidade se fará na crença espírita; ficai certos de que assim será; e que as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se vão esclarecendo e que elas acabarão por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer.

O Espírito de Verdade

10. As doutrinas erróneas que certos Espíritos ensinam têm como efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?

– Desejais conseguir tudo sem trabalho. Sabei, pois, que não há campo onde não cresçam ervas daninhas que o lavrador deve arrancar.

Essas doutrinas erróneas são uma consequência da inferioridade do vosso mundo: se os homens fossem perfeitos, só aceitariam o que é verdadeiro; os erros são como as joias falsas, que só um olhar entendido pode distinguir; precisais, portanto, de conhecimento, para distinguirdes o verdadeiro do falso.

As falsas doutrinas têm a utilidade de vos exercitarem a distinguir a verdade do erro.

Os que adotam o erro atrasam o seu avanço?

– Se adotam o erro, é porque não estão suficientemente evoluídos para compreenderem a verdade.

302. Esperando que a unidade se faça, muitos há que consideram ser os únicos detentores da verdade, ilusão que os Espíritos enganadores tratam de manter. Como pode então o homem imparcial e desinteressado formar uma opinião?

– A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem mancha é o que tem mais valor; julgai pois, os Espíritos, pela pureza dos seus ensinamentos. A unidade far-se-á do lado onde o bem nunca se mistura com o mal: é deste lado que os homens se unirão pela força das coisas. Os princípios

fundamentais são por toda a parte os mesmos e devem unir-vos num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem.

Qualquer que seja o modo de progressão que se imagine para as almas, o objetivo final é o mesmo e o meio de o alcançar é também o mesmo: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de o fazer. Se se levantam dissidências quanto ao princípio da doutrina, tendes uma regra certa para as avaliar: a autêntica é a que melhor satisfaz o coração e a razão, e a que tem mais recursos para conduzir os homens ao bem; garanto-vos, essa é que prevalecerá.

O Espírito de Verdade

Nota: As contradições existentes nas comunicações espíritas podem derivar das causas seguintes:

– A ignorância de certos Espíritos;

– A fraude dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário daquilo que disse noutro lado o Espírito a quem usurparam o nome;

– A vontade do próprio Espírito de falar conforme os tempos, os lugares e as pessoas, consoante o caso, e que pode julgar útil não dizer tudo a toda a gente;

– A insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo imaterial;

– A insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento;

– Enfim, a interpretação que cada um pode dar de uma palavra ou de uma explicação, de acordo com as suas ideias, os seus preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual considera a questão.

Só o estudo, a observação, a experiência e a renúncia a qualquer sentimento de amor-próprio podem ensinar a esclarecer estas divergências.

Sobre as mistificações

303. Se é desagradável ser enganado, é ainda mais desagradável ser mistificado; esse é, de resto, um dos inconvenientes de que mais facilmente nos podemos proteger.

Os meios de escapar às manhas dos Espíritos enganadores estão pormenorizados em todas as instruções precedentes. Por essa razão, pouco diremos a esse respeito.

Eis as respostas que nos deram os Espíritos sobre esse assunto:

1. As mistificações são um dos obstáculos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Há um meio de nos defendermos delas?

– Penso que a resposta está em tudo quanto vos tem sido ensinado aqui. Sim, certamente, há para isso um meio simples: só pedir ao Espiritismo o que ele vos pode dar: o seu fim é o aperfeiçoamento moral da Humanidade. Se não se afastarem desse objetivo, nunca serão enganados, porque só há uma maneira de compreender a verdadeira moral, a que qualquer homem de bom senso pode admitir.

Os Espíritos vêm vos instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para servir paixões mesquinhas. Se não lhes pedirem futilidades ou coisas fora das suas atribuições, não se dará poder aos Espíritos enganadores. Daqui se conclui que só é enganado quem se prestar a isso.

O papel dos Espíritos não é informar sobre as coisas deste mundo, mas guiar com segurança em relação ao mundo espiritual. Quando vos falam de coisas deste mundo, é porque o consideram necessário, mas não a vosso pedido. Só quem procurar nos Espíritos adivinhas e feitiços é que será enganado.

Se a única fonte da sabedoria para a Humanidade fossem os Espíritos, os seres humanos não teriam o seu livre arbítrio e estariam fora do caminho traçado por Deus para a Humanidade. As pessoas devem agir por si mesmas. Deus não lhes envia os Espíritos para aplanarem a estrada material da vida, mas para que preparem a estrada do futuro.

Mas há pessoas que, sem fazerem perguntas, são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados?

– Se não perguntam, escutam e seguem os maus conselhos que eles lhes dão, o que significa o mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os conselhos dos Espíritos mal-intencionados não as enganariam.

2. Por que é que Deus permite que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé sejam mistificadas? Isso poderá abalar a sua crença?

– Se lhes abalar a crença, é porque são de pouca fé. Os que renunciam ao Espiritismo, por um simples desapontamento, provam não o ter compreendido e não se terem ligado à sua parte mais séria. Deus permite as mistificações para experimentar a perseverança dos verdadeiros seguidores e punir os que fazem do Espiritismo um objeto de diversão.

O Espírito de Verdade

Nota: A astúcia dos Espíritos enganadores ultrapassa às vezes tudo o que se pode imaginar; a arte com que atestam as suas baterias e combinam os meios de persuadir seria curiosa, se não passasse de brincadeiras inocentes; porém, estas mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se mantêm em guarda;

Estamos felizes por ter dado alguns conselhos a tempo de evitar ações ridículas e comprometedoras, a pessoas que no-los pediram.

Entre os meios que esses Espíritos empregam, são mais frequentes os que estimulam a cobiça de ganhos imediatos como o achado de tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de fortuna. Além disso, devem-se considerar, como suspeitas, as previsões em épocas fixas, assim como todas as indicações concretas relativas a interesses materiais. É preciso rejeitar sugestões ou conselhos, sempre que não tenham suporte racional. Não se deixar deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam para dar a aparência de autenticidade às suas palavras. Desconfiar também das teorias e sistemas científicos arrojados; enfim, de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações.

Encheríamos um volume com os casos mais curiosos de mistificações deste género de que temos tido conhecimento. [48 - Observância das instruções]

CAPÍTULO XXVIII – Charlatanismo e fraudes

Médiuns interesseiros

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não seria de admirar que alguém quisesse também explorar os Espíritos. Resta saber como isso seria encarado por eles, já que nunca uma tentativa dessas foi empreendida. Aliás, diríamos, em primeiro lugar, que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e à manipulação do que uma iniciativa desse género. Se há falsos sonâmbulos, apareceriam ainda um maior número de falsos médiuns, e só essa razão constituiria um motivo fundamentado de desconfiança.

O desinteresse é a resposta mais perentória que podemos dar aos que vêem nos fenómenos uma hábil manobra. Não há charlatanismo desinteressado. Qual seria, portanto, o objetivo das pessoas que usassem a fraude sem proveito, sobretudo quando a sua notória respeitabilidade as põe acima de qualquer suspeita?

Se o lucro que um médium tiraria da sua faculdade é motivo de desconfiança, nada provaria contra ele: poderia ter uma verdadeira aptidão e agir de muita boa-fé, fazendo-se retribuir. Vejamos, neste caso, se é possível esperar-se algum resultado satisfatório.

305. Se foi bem compreendido o que dissemos a respeito das condições necessárias para servir de intérprete aos bons Espíritos; das muitas causas que podem afastá-los; das circunstâncias, independentes da sua vontade que são muitas vezes um obstáculo à sua vinda; enfim, de todas as condições *morais* que podem influênciar as suas comunicações; como poderia supor-se que um Espírito, mesmo que fosse pouco elevado, estivesse a todas as horas do dia às ordens de um empresário de sessões e submetido às suas exigências, para satisfazer a curiosidade do primeiro que aparecesse?

Conhece-se a aversão dos Espíritos por tudo o que cheira a ganância e a egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; e pretender-se-ia que eles ajudassem a comercializar a sua presença? Estes pensamentos repugnam, e seria preciso não conhecer o mundo espiritual, para se acreditar que isto fosse possível.

Mas, como os Espíritos estouvados são menos escrupulosos e só procuram ocasião para se divertirem à nossa custa, segue-se que, quando não se for enganado por um falso médium, tem-se toda a probabilidade de o ser por algum desses Espíritos.

Estas simples reflexões dão a medida do grau de confiança que se deve dar às comunicações deste género. Além disso, para que serviriam hoje médiuns pagos, uma vez que, se não se tiver essa faculdade, é possível tê-la na família, entre os amigos ou pessoas conhecidas?

306. Os médiuns interesseiros não são apenas aqueles que exigem uma retribuição fixa. O interesse nem sempre se traduz pela esperança de um lucro material, mas também pelas ideias ambiciosas de toda a espécie, sobre as quais se podem basear interesses pessoais.

Este é um dos defeitos que os Espíritos trocistas sabem utilizar muito bem e de que se aproveitam com uma habilidade e uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com enganosas ilusões os que deste modo se colocam sob a sua dependência.

Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos afastam-se de quem dela pretende fazer um meio para chegar a tudo o que não corresponda às intenções da Providência. O egoísmo é a praga da sociedade e os bons Espíritos combatem-no, não podemos supor que o vêm servir. Isto é tão racional, que seria inútil insistir mais no assunto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não pertencem à categoria atrás considerada. Estes efeitos são geralmente produzidos pelos Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não dizemos que estes Espíritos

sejam forçosamente maus, por causa disso. Pode-se ser um simples carregador e ser-se também um homem muito honesto.

Um médium desta categoria, que queira explorar a sua faculdade, pode ter quem o auxilie sem muitos problemas; mas aqui surge um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, tal como o de comunicações inteligentes, não recebeu esta capacidade para seu prazer; esta foi-lhe dada para fazer bom uso dela; portanto, se abusar, pode ser-lhe tirada ou virar-se contra ele porque, ao fim e ao cabo, os Espíritos inferiores estão às ordens dos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de enganar, mas não gostam de ser enganados. Assim como se prestam de boa vontade às brincadeiras ou à curiosidade, tal como os outros, não gostam de ser explorados, nem de servir de comparsas para aumentar a receita, provando constantemente que têm vontade própria e que agem quando e como lhes apetece, o que faz com que o médium de efeitos físicos ainda tenha menos a certeza da regularidade das manifestações, do que o médium psicógrafo.

Pretender produzir os fenómenos a dias e horas certos, é uma prova da maior ignorância. Então, o que é que pode fazer para ganhar o seu dinheiro? Fingir os fenómenos! É o que pode acontecer não só aos que fazem disto profissão, mas também às pessoas simples, que acham que é mais fácil e mais cómodo este meio de ganhar a vida.

Se o Espírito não colabora, substitui-se: a imaginação é tão fértil, quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo o interesse um motivo legítimo de suspeitas dá direito a que se proceda a um rigoroso exame, com o qual ninguém pode ofender-se sem se explicar, fazendo-as desaparecer. Porém, as suspeitas são tão legítimas no caso de pagamentos, como são ofensivas, ao tratar-se de pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade mediúnica, mesmo quando se limita ao âmbito das manifestações físicas, não foi dada para se mostrar em teatros de feira. Quem pretender ter às suas ordens os Espíritos para os exibir em público pode dar azo imediato a ser considerado charlatão ou prestidigitador mais ou menos hábil.

E bom ter-se isto em conta, sempre que apareçam anúncios de supostas sessões de *Espiritismo* ou de *Espiritualismo,* a xis por lugar, e que todos se lembrem do direito que compram ao entrar...

De tudo o que foi dito concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra a charlatanice; se este não assegura sempre a boa qualidade das comunicações inteligentes, priva os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e faz calar determinados detratores.

309. Resta aquilo a que se pode chamar o malabarismo do amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Podem ser praticadas como passatempo em reuniões frívolas, mas nunca em reuniões sérias, onde só são admitidas pessoas respeitáveis. É possível que alguém dê a si próprio o prazer de uma mistificação momentânea; mas seria preciso ser-se dotado de uma rara paciência para representar este papel durante meses e anos, e durante várias horas seguidas de cada vez. Só um interesse qualquer daria tanta perseverança; o interesse material, repetimo-lo, pode fazer com que se suspeite de tudo.

310. Um médium que dedica todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não o pode fazer de graça, porque tem que viver - dirão alguns. Mas então, é no interesse da causa ou no seu próprio, que ele lho dedica e porque vê nisso um trabalho lucrativo? A este preço, vai-se encontrar sempre gente dedicada. Então só têm ao seu dispor este rendimento? É bom que não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for a sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos, e que, se a moral e a religião consideram um dever respeitar os seus restos mortais, a obrigação de respeitar o seu Espírito, é ainda maior.

Que se diria de alguém que, no intuito de ganhar dinheiro, tirasse um corpo da sepultura e o exibisse, por ter a capacidade de despertar a curiosidade? Será que exibir o Espírito é menos desrespeito do que exibir o corpo, sob o pretexto de que é curioso ver-se como atua um Espírito?

E note-se que, o preço dos lugares estará na razão direta daquilo que ele puder fazer e da atração do espetáculo. Certamente, mesmo que tivesse sido um comediante em vida, ele não suspeitaria que, depois de morto, encontraria um empresário que o fizesse representar, para seu proveito, de graça.

É preciso não esquecer que Deus só permite as manifestações físicas, assim como as inteligentes, para nos instruirmos.

311. Postas de parte considerações morais, não contestamos, de forma alguma, a possibilidade de haver médiuns que, cobrando pelo seu trabalho, sejam honestos e conscienciosos, uma vez que há gente séria em todos os ofícios. Só falamos do abuso. Convenhamos, contudo, pelos motivos que expusemos, que há mais razão para abuso entre os médiuns a quem se paga, do que entre aqueles que consideram que a sua faculdade é uma dádiva e que só a usam para prestar um serviço.

O grau de confiança ou de desconfiança, que pode atribuir-se a um médium pago, depende, antes de mais, da avaliação do seu carácter, da sua moralidade e das circunstâncias.

O médium que, com um fim eminentemente sério e útil, fosse impedido de empregar o seu tempo de outra maneira e, em consequência, se visse *exonerado*, não pode ser confundido com o médium *especulador* que, premeditadamente, tenha feito da sua mediunidade uma atividade proveitosa. Conforme for *o motivo e a finalidade*, os Espíritos podem condená-lo, absolvê-lo ou mesmo auxiliá-lo. Julgam mais a intenção do que o facto material.

312. Os sonâmbulos que aplicam a sua faculdade de modo lucrativo, não estão no mesmo caso. Embora esta exploração esteja sujeita a abusos e o desinteresse seja uma enorme garantia de sinceridade, a sua posição é diferente, uma vez que é o seu próprio Espírito que atua; este está, portanto, sempre à sua disposição e na verdade só se exploram a si mesmos, porque têm o direito de dispor da sua pessoa como entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos (ver o n° 172, *Médiuns sonâmbulos*).

313. Não ignoramos que a nossa severidade relativa aos médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou estariam tentados a explorar, esta nova atividade; fazemos deles nossos inimigos encarniçados, assim como dos seus amigos que tomam, naturalmente, o seu partido. Sentimo-nos confortados ao lembrar que os mercadores que Jesus expulsou do templo, também não o viam com bons olhos. Também discordam de nós os que não consideram a questão com a mesma gravidade. Acreditamos que temos pleno direito de ter uma opinião e de a exprimir, não forçamos ninguém a adotá-la. Se uma imensa maioria a perfilhou, é porque a consideram justa. Vemos que é muito mais fácil encontrar fraude e abusos na venda da mediunidade do que no seu exercício desinteressado. Se os nossos textos têm contribuído para desacreditar, tanto em França como noutros países, a mediunidade interesseira, pensamos que foi um bom serviço prestado ao Espiritismo *sério*.

Fraudes espíritas

314. Há ainda aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas, atribuindo a fraudes os efeitos produzidos. Baseiam-se em que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, quando não se conhecem os segredos. Daí concluem que os médiuns são falsificadores. Já refutámos esta opinião, especialmente nos nossos artigos sobre o médium escocês de efeitos físicos Daniel Dunglas Home e nos números da Revista Espírita de janeiro e fevereiro de 1858; assim, não diremos aqui mais do que algumas palavras, antes de falarmos duma coisa mais séria.

Há, de resto, uma consideração que não escapa a ninguém. Existem prestidigitadores de uma habilidade extraordinária, mas são raros. Se todos os médiuns fossem falsificadores, seria preciso que esta

arte tivesse feito progressos inacreditáveis, apresentando-se inata em pessoas que dela nem suspeitavam, e até mesmo em crianças.

Pelo facto de haver charlatães que vendem drogas nas praças públicas, se há mesmo médicos que, sem ir à praça pública, iludem os seus pacientes, não podemos concluir que todos os médicos são charlatães, nem o corpo médico é atingido por este facto. Pelo facto de haver indivíduos que vendem tintura por vinho, pode concluir-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro?

Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis e pode dizer-se que a fraude também revela o seu talento. Mas a fraude, tem sempre um fim em vista, um interesse material qualquer; onde não haja nada a ganhar, não há interesse em enganar. Também já dissemos, relativamente aos médiuns mercenários, que a melhor garantia de todas é o desinteresse absoluto.

315. De todos os fenómenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenómenos físicos, por motivos que convém considerar. Como se dirigem aos olhos mais do que à inteligência, são aqueles que a prestidigitação pode imitar com mais facilidade. Em segundo lugar, como despertam mais curiosidade do que os outros, são mais próprios para atrair assistentes e, por consequência, mais produtivos.

Deste duplo ponto de vista, os charlatães têm todo o interesse em fingir as manifestações desta espécie; os espectadores, na sua maioria alheios à ciência, geralmente vão procurar uma distração, em muito maior medida do que uma instrução séria, e é sabido que se paga sempre melhor aquilo que diverte, do que aquilo que instrui.

Mas, à parte isto, há outro motivo não menos peremptório. Se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais, para os quais só é preciso habilidade, não lhe conhecemos, até ao presente, o dom da improvisação, que exige uma dose pouco vulgar de inteligência, nem o de produzir esses belos e sublimes ditados, com frequência tão cheios de pertinências, que os Espíritos dão nas suas comunicações. Isto faz-nos lembrar o seguinte caso:

Um dia, um homem de letras bastante conhecido veio ter connosco e disse-nos que era muito bom médium escrevente *intuitivo* e que se punha à disposição da associação espírita. Como temos o hábito de só admitir na associação médiuns cujas faculdades conhecemos, pedimos-lhe que viesse primeiro prestar provas da sua aptidão numa reunião privada. Ele compareceu efetivamente; vários médiuns experientes deram, quer dissertações, quer respostas de uma admirável precisão, sobre questões propostas e assuntos que lhes eram desconhecidos. Quando chegou a vez desse senhor, escreveu algumas palavras insignificantes, disse que nesse dia estava indisposto e nunca mais o vimos. Considerou, sem dúvida, que o papel de médium de efeitos inteligentes é mais difícil de representar do que aquilo que supusera.

316. Em todas as atividades, as pessoas mais fáceis de enganar são as que não pertencem ao ofício. Sucede o mesmo com o Espiritismo. Aquelas que não o conhecem são facilmente iludidas pelas aparências, ao passo que um estudo prévio e cuidadoso as inicia, não só nas causas dos fenómenos, como também nas condições normais em que eles podem produzir-se. Proporciona-lhes, assim, os meios de descobrirem a fraude, se ela existir.

317. Os médiuns mentirosos são denunciados, tal como merecem, na seguinte carta que publicámos na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1861:

Paris, 21 de Julho de 1861.

Senhor,

Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número da vossa Revista, algumas reflexões acerca da fraude em matéria de

experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais estou contente por me associar com todas as minhas forças. Aí, quaisquer dissidências a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

Não sou talvez tão severo como vós em relação aos médiuns que, de forma digna e conveniente aceitam um pagamento, como indemnização do tempo que consagram a experiências muitas vezes longas e fatigantes; mas sou-o tanto como vós - e ninguém o seria demais - no que se refere aos que nessa situação, suprem, quando têm oportunidade, através do engano e da fraude, a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados. (ver n°311).

Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenómenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral no médium que pensasse poder fazê-lo sem escrúpulos. Conforme afirmastes com perfeita exatidão - *é lançar o assunto em descrédito no espírito dos indecisos, logo que a fraude seja reconhecida.* Acrescentarei que é comprometer da forma mais deplorável as pessoas honradas que prestam aos médiuns o apoio desinteressado dos seus conhecimentos e das suas inteligências, que se constituem garantes da sua boa-fé e que, de algum modo, os protegem. É cometer uma verdadeira perversão para com eles.

Qualquer médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um tanto trivial, com a mão no saco, mereceria ser expulso por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou denunciá-los.

Se vos convier, Senhor, inserir estas breves linhas na vossa Revista, ficam à vossa disposição.

Aceitai, etc. - Mateus

318. Nem todos os fenómenos espíritas são igualmente fáceis de imitar. Há alguns que desafiam toda a habilidade da prestidigitação: são, principalmente, o movimento de objetos sem contacto, a suspensão de corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc. salvo com o emprego de truques e cumplicidades.

Por isso, dizemos que nessa situação é necessário observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, ter em conta o carácter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que possam ter em enganar. Esse é o melhor de todos os controlos pois há circunstâncias que eliminam qualquer motivo de suspeita.

Pensamos que, em princípio, se deve desconfiar de quem fizer desses fenómenos um espetáculo, ou um objeto de curiosidade e de diversão, e que pretenda produzi-los à sua vontade e da maneira exigida, conforme já explicámos. Nunca será demais repetir que as inteligências ocultas que se nos manifestam têm as suas suscetibilidades e fazem questão de nos provar que também gozam de livre arbítrio e que não se submetem aos nossos caprichos. (n° 38.)

Bastar-nos-á assinalar alguns subterfúgios usados, ou que é possível usar em certos casos, para prevenir contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto aos que teimam em julgar, sem aprofundar, seria tempo perdido procurar mostrar-lhes onde estão os artifícios.

319. Um dos fenómenos mais comuns é o das pancadas mesmo no interior da substância da madeira, com ou sem movimento da mesa, ou do objeto que está a ser utilizado. Esse efeito é um dos mais fáceis de imitar, quer seja pelo contacto dos pés, quer seja provocando-se pequenos estalidos no móvel; há porém, um pequeno estratagema especial, que convém desvendar. Basta colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa e tão aproximadas que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, através de um movimento muscular inteiramente impercetível, provoca-se nelas um atrito que dá um pequeno ruído seco, muito semelhante ao da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão total. Nada é mais fácil do que fazer ouvir tantas pancadas quantas as que se queiram, o rufar do tambor, etc., de responder a certas perguntas, por um sim, ou um não, por números, ou mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenida é muito fácil reconhecer a fraude. Ela não é possível se as mãos estiverem afastadas uma da outra e, desde que se tenha a certeza de que nenhum outro contacto poderá produzir o ruído, a fraude já não será possível. Estando-se prevenido, é muito simples o modo de a descobrir. Além disso, as pancadas reais têm esta característica: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode acontecer quando são devidas à causa que referimos ou a qualquer outra análoga. Os ruídos deixam a mesa, para se fazerem ouvir noutro móvel qualquer, no qual ninguém está a tocar, nas paredes, no teto, etc., e respondem a perguntas que não foram previstas. (ver n° 41).

320. A escrita direta é ainda mais fácil de imitar. Sem falar de agentes químicos, bem conhecidos para fazer aparecer a escrita num determinado tempo, sobre um papel branco, o que pode descobrir-se com as precauções mais comuns, poderia acontecer que, por meio de uma hábil dissimulação, fosse substituido um papel por outro já escrito.

Também pode suceder que aquele que queira enganar tenha a arte de desviar as atenções, enquanto escreve com agilidade algumas palavras. Alguém nos disse ter visto uma pessoa escrever assim com um pedaço de ponta de lápis escondido debaixo da unha.

321. O fenómeno de trazer objetos de fora, para o lugar onde se efetua a reunião, não se presta menos à fraude e facilmente se pode ser enganado por um dissimulador mais ou menos hábil, sem que seja necessário recorrer a um prestidigitador profissional. No parágrafo especial que anteriormente inserimos (n° 96), os próprios Espíritos determinam as condições excecionais em que ele se produz, do que se pode concluir que a sua obtenção *fácil e facultativa* pode, ao menos, ser tida por suspeita. A escrita directa está no mesmo caso.

322. No capítulo dos *Médiuns especiais*, mencionámos, segundo os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as que são raras. É, pois, conveniente desconfiar dos médiuns que pretendam ter estas últimas muito facilmente, ou que ambicionem ter múltiplas faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323. As manifestações inteligentes são, conforme as circunstâncias, as que oferecem mais garantias. Contudo, nem mesmo essas escapam à imitação, pelo menos no que toca às comunicações banais e vulgares. Pensa-se ter maior segurança com os médiuns mecânicos, não só no que se refere à independência das ideias, mas também contra as fraudes. É por essa razão que algumas pessoas preferem os intermediários materiais, e é um erro. A fraude insinua-se por todo o lado e sabemos que, com habilidade, pode dirigir-se à vontade até mesmo uma cesta, ou uma prancheta que escreve e dar-lhe todo o aspeto de movimentos espontâneos. O que afasta todas as dúvidas são os pensamentos expressos, quer venham de um médium mecânico, quer de um intuitivo, ouvinte, falante ou vidente.

Há comunicações que estão de tal modo fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do âmbito intelectual do médium, que só uma grande ingenuidade poderia atribui-las a este último. Reconhecemos que o charlatanismo dispõe de grande habilidade e amplos recursos, mas ainda não lhe descobrimos o dom de dar a sabedoria a um ignorante, ou o raciocínio a quem o não tenha.

Em reumo, repetimo-lo, a melhor garantia está na notória moralidade dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio, que possam estimular nestes o exercício das faculdades mediúnicas que possuam, porque essas mesmas causas podem induzi-los a fingir as que não têm.

CAPÍTULO XXIX – Reuniões e associações espíritas

Das reuniões em Geral

324. As reuniões espíritas mediúnicas podem ter enormes vantagens, porque permitem esclarecer os participantes pela troca recíproca de pensamentos, pelas perguntas e observações que cada um pode fazer e das quais todos beneficiam. Porém, para extrair delas todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, pois seria um erro compará-las às colectividades de outro tipo. Sendo cada reunião um todo coletivo, o que lhes diz respeito decorre naturalmente das instruções precedentes; têm de tomar as mesmas precauções e preservarem-se dos mesmos riscos que os indivíduos; é por esse motivo que colocámos este capítulo em último lugar.

As reuniões espíritas mediúnicas têm características muito diferentes, conforme o objetivo a que se propõem e as suas condições próprias devem, por isso mesmo, diferir também. Segundo a sua natureza, podem ser ***frívolas, experimentais ou instrutivas.***

325. ***As reuniões frívolas*** compõem-se de pessoas que só vêem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as graças dos Espíritos superficiais que apreciam muito esse tipo de assembleias, onde têm toda a liberdade para se exibirem e a que não faltam. É aí que se solicitam toda a espécie de banalidades, que se pede aos Espíritos que prevejam o futuro, que se põe à prova a sua perspicácia em adivinhar a idade, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas da mesma importância.

Estas reuniões não têm consequências; mas, como às vezes os Espíritos superficiais e levianos são também muito inteligentes e, em geral, de humor fácil e jovial, dão-se frequentemente nelas casos muito curiosos, de que o observador pode tirar proveito; quem só tenha visto isso e julgue o mundo dos Espíritos por essa amostra, fará dele uma ideia tão falsa, como aquele que avaliasse toda a sociedade de uma grande cidade pela de alguns dos seus bairros.

O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não vão às reuniões deste género, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem quiser ocupar-se com coisas fúteis deve francamente chamar Espíritos superficiais, como se chamariam dançarinos de teatro para divertir uma sociedade; porém, cometeria uma profanação aquele que convidasse para esse ambiente individualidades veneradas, porque seria misturar o sagrado com o profano.

326. ***As reuniões experimentais*** têm como objetivo a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso do que instrutivo. Os incrédulos saem delas mais admirados do que convencidos, quando ainda não viram outra coisa. Todo o seu pensamento se canaliza inteiramente para descobrir os truques e, como não percebem nada do que se passa, imaginam naturalmente que há estratagemas. O que já não acontece com os que estudaram; esses compreendem antecipadamente a possibilidade dos fenómenos e a observação dos factos positivos determinam logo a sua convicção ou completam-na. Se houver estratagemas, terão condições de os descobrir.

Apesar disso, as experiências deste tipo têm uma utilidade que ninguém ousaria negar, pois foram elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível e são, sem dúvida, para muita gente, um poderoso meio de convicção. Afirmamos, porém, que só por si não conseguem iniciar seja quem for na ciência espírita, tal como a simples observação de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica, se não se conhecerem as suas leis. No entanto, se fossem dirigidas com método e prudência, obter-se-iam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este ponto.

327. *As reuniões instrutivas* têm um carácter muito diferente e, como são aquelas onde se pode ir buscar os verdadeiros ensinamentos, insistiremos mais nas condições que devem preencher.

A primeira de todas é que sejam sérias, na verdadeira aceção da palavra. É preciso que se convençam de que os Espíritos a que se vão dirigir são de uma natureza muito especial; que o sublime não pode aliar-se ao trivial, nem o bem ao mal; que se quisermos obter boas coisas, é preciso dirigirmo-nos aos bons Espíritos. Mas não basta evocar bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, estar nas condições propícias para que eles *queiram vir*. Ora, os Espíritos superiores não virão a reuniões de pessoas levianas e superficiais, assim como não viriam quando estavam vivos.

Uma coletividade só é verdadeiramente séria quando se ocupa de coisas úteis, com exclusão de todas as outras. Se a proposta for obter fenómenos extraordinários, por curiosidade ou por passatempo, os Espíritos que os produzem poderão vir, mas os outros afastar-se-ão.

Numa palavra, seja qual for o carácter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a seguir as suas tendências. Uma reunião séria afasta-se do seu objetivo, se trocar o ensino pelo divertimento.

As manifestações físicas, como dissemos, têm a sua utilidade. Assim, que vão às reuniões experimentais os que quiserem ver; e que vão às reuniões de estudo, os que quiserem compreender. É assim que uns e outros conseguirão completar a sua instrução espírita, tal como no estudo da medicina; uns vão às aulas e outros aos hospitais.

328. O conhecimento espírita não inclui apenas o ensino moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos factos, a teoria dos fenómenos, a pesquisa das causas e a comprovação daquilo que é possível e daquilo que não é. Resumindo: a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência.

Seria um erro acreditar que os factos se limitam aos fenómenos extraordinários; que os que mais fortemente impressionam os sentidos são os únicos dignos de atenção. Outros factos encontram-se, a cada passo, nas comunicações inteligentes, e as pessoas reunidas para o estudo não devem negligenciá-los.

Estes factos, que seria impossível enumerar, surgem de um sem-número de circunstâncias fortuitas. Embora menos relevantes, não são menos dignos do mais alto interesse para o observador, que encontra neles ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível. Isso também é Filosofia.

329. As reuniões de estudo são, além disso, de uma imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, principalmente para aqueles que têm um desejo sério de se aperfeiçoar, longe da inútil presunção da infalibilidade.

As grandes dificuldades da mediunidade, como já tivemos ocasião de dizer, são a obsessão e a fascinação. Os médiuns podem iludir-se de muito boa-fé, em relação ao mérito do que obtêm, e percebe-se que os Espíritos enganadores tenham o caminho aberto se lidam com pessoas incautas. Por essa razão é que afastam o seu médium de todo o controlo; que tentam convencê-lo a rejeitar quem possa esclarecê-lo. Através do isolamento e da fascinação, podem facilmente fazê-lo aceitar tudo o que quiserem.

Nunca é demais acautelar o verdadeiro perigo. O único meio de escapar-lhe é o controlo, feito por pessoas desinteressadas e benévolas que, avaliando as comunicações com sangue frio e imparcialidade, abram os olhos ao médium que não sabe ver.

Qualquer médium que tema essa avaliação já está no caminho da obsessão. Aquele, que acredita ser o único iluminado, está completamente subjugado; se leva a mal as observações, se as rejeita, se ouvi-las o irrita, não pode haver dúvidas sobre a natureza má do Espírito que o assiste.

Já dissemos que um médium pode não ter os conhecimentos necessários para compreender os erros; pode deixar-se enganar pelas grandes palavras e uma linguagem pretensiosa, ser seduzido pelos sofismas, tudo isto na melhor boa-fé deste mundo. É por isso que, na falta das suas próprias luzes deve modestamente recorrer às luzes de outros, dando ouvidos a sábios conselhos que nos dizem que: “quatro olhos vêem mais do que dois” e que “ninguém é bom juiz em causa própria”.

É de acordo com estes pontos de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir as opiniões que lhe forem dadas. Nelas se encontrarão pessoas esclarecidas e com capacidade crítica suficiente para notar desvios e contradições, muitas vezes subtis, outras completamente evidentes, pelas quais o Espírito trai a sua inferioridade.

Qualquer médium que não queira ser joguete da mentira deve participar em reuniões sérias, contribuindo da forma mais útil possível, aceitando, e pedindo até, o exame crítico das comunicações que recebe. Se estiver envolvido com Espíritos enganadores é o meio mais seguro de se desembaraçar deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, o médium que se irrita com a crítica, mostra que não compreende o que está em causa. Não tem razão para essa irritação, pois o seu amor-próprio nada tem a ver com o caso. O que transmite não é seu, não sendo, portanto, responsável por isso.

Insistimos neste ponto, porque, assim como este é um obstáculo para os médiuns, também o é para as reuniões, nas quais é importante não se confiar de ânimo leve em todos os intérpretes dos Espíritos. A colaboração de qualquer médium, obsidiado ou fascinado, seria mais prejudicial do que útil; portanto, não deve ser aceite.

Julgamos já ter exposto observações suficientes para que não se enganem acerca das características da obsessão, se o médium não puder reconhecê-las por si próprio. Uma das mais evidentes é *a pretensão de ter sempre razão, contra toda gente*. Os médiuns obsidiados, que se recusam a reconhecer que o são, parecem aqueles doentes que se iludem sobre a própria doença e que se perdem, por não se submeterem a um regime salutar.

330. Uma reunião séria deve ter como objetivo afastar os Espíritos mentirosos; cairia em erro se considerasse estar ao abrigo deles, devido ao seu objetivo e à qualidade dos seus médiuns; isso não será conseguido, enquanto a reunião não estiver nas condições adequadas.

Para se compreender bem o que se passa em certas circunstâncias, precisamos de nos reportar ao que dissemos anteriormente, no n° 231, sobre a *influência do meio.* É preciso imaginar cada indivíduo cercado por um certo número de acompanhantes invisíveis, que se identificam com o seu carácter, os seus gostos e as suas tendências

Portanto, cada pessoa que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos.

Conforme o seu número e a sua natureza, esses acompanhantes podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má.

Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os assistentes, possuídos de igual amor ao bem, só trouxessem consigo bons Espíritos. À falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem vença o mal. Isto é demasiado lógico, para que seja necessário insistir.

331. Uma reunião mediúnica é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são as resultantes dos seus membros e formam como que um feixe. Este terá tanto mais força, quanto mais homogéneo for. Se se tiver compreendido bem o que foi dito (n° 282, pergunta 5) sobre a maneira pela qual os Espíritos são avisados da nossa chamada, compreender-se-á facilmente o poder da associação dos pensamentos dos assistentes.

Se o Espírito é de certo modo tocado pelo pensamento, como nós o somos pela voz, vinte pessoas, unindo-se com a mesma intenção, terão mais força do que uma só. Para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo fim, é preciso que vibrem em uníssono; que se combinem num só, o que não pode acontecer sem concentração.

Por outro lado, ao chegar a um meio completamente simpático, o Espírito está mais à vontade; só encontrando amigos, virá com maior boa vontade e mais disposto a responder. Quem tiver acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes pôde convencer-se desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de ideias desagradável ao Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação.

Acontece o mesmo com uma pessoa que tenha de falar perante uma assembleia; se sente que todos os pensamentos lhes são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias ideias e dá-lhes mais vivacidade. A unanimidade dessa colaboração exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que lhe decuplica os recursos, ao passo que a indiferença ou a hostilidade perturbam-no e paralisam-no; é assim que os atores são eletrizados pelos aplausos. Os Espíritos, muito mais impressionáveis do que os humanos, devem sofrer muito mais ainda a influência do meio.

Qualquer reunião espírita mediúnica deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está subentendido que falamos daquelas em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se só se quiserem obter comunicações, sem qualquer preocupação com a qualidade de quem as dá, é evidente que todas estas precauções são desnecessárias. Nesse caso, os elementos do grupo reunido não terão o direito de se queixarem da qualidade das comunicações recebidas.

332. Uma vez que o recolhimento e a comunhão de pensamentos são as condições essenciais de qualquer reunião séria, compreende-se que o número excessivo de assistentes seja uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e percebe-se que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez se estiverem distraídas e barulhentas. Também é evidente, porém, que quanto maior for o número reunido, mais essas condições são difíceis de preencher. É facto provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que acabámos de expor.

333. A regularidade das reuniões mediúnicas é um ponto a ter sempre em conta. Em todas, há sempre Espíritos a que poderíamos chamar frequentadores *habituais*, sem estarmos a pensar nos que se encontram em toda a parte e se metem em tudo.

São Espíritos protetores, ou os que mais frequentemente interrogamos. Não deve julgar-se que nada têm que fazer, senão escutar-nos. Têm as suas ocupações e podem encontrar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas certos, preparam-se antecipadamente e é raro faltarem. Há mesmo alguns que exageram na pontualidade; ofendem-se, quando se dá o atraso de um quarto de hora e, se eles próprios marcam o momento de uma reunião, é escusado chamá-los alguns minutos mais cedo.

Acrescentemos, todavia, que, embora os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não são meticulosos a esse extremo. A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade, como tudo o que é pueril. Fora das horas predeterminadas, eles podem sem dúvida vir, e vêm com boa vontade, se o objetivo for útil. Mas não há nada mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, quando a fantasia nos toma e, principalmente, sem um motivo sério.

Como não se sentem obrigados a submeter-se aos nossos caprichos, podem não responder à nossa chamada, e é então que outros podem tomar o seu lugar e o seu nome.

Associações propriamente ditas

334. O que dissemos, sobre as reuniões em geral, aplica-se às associações regularmente constituídas. Estas lutam com dificuldades especiais, que nascem da própria ligação entre os seus membros. Como várias vezes nos tem sido pedido parecer sobre a sua organização, resumi-lo-emos a seguir.

O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é apreciado de forma muito diferente e muito pouco compreendido na sua essência, por grande número de adeptos. O género de ligações que há entre

os seus membros é fraco para formar o que se possa chamar uma associação. A ligação só pode existir entre pessoas que vêem a sua finalidade moral, a compreendem *e aplicam a si mesmos*.

Aqueles que só vêem no espiritismo factos mais ou menos curiosos, não poderão ter ligações sérias. Colocando os factos acima dos princípios, uma pequena divergência pode facilmente dividi-los.

Não sucede o mesmo com os que compreendem a sua finalidade moral porque, para esses, só há uma maneira de ver e que, onde quer que se encontrem, uma confiança recíproca os atrai entre si. A benevolência mútua que reina entre todos, elimina o mal-estar e o constrangimento que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se fere à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para si.

Uma associação onde predominem e sejam partilhados esses sentimentos, onde os seus componentes se reúnam com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer a sua opinião, será não só viável, mas também indissolúvel.

A dificuldade, ainda grande, de reunir um elevado número de elementos homogéneos deste ponto de vista, leva-nos a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da própria causa, as reuniões espíritas devem, de preferência, visar multiplicar-se por pequenos grupos, em vez de procurar constituir-se de grandes aglomerações.

Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, trocando observações, poderão desde já formar o núcleo da grande família espírita, que um dia aliará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.

335. Já vimos como é importante a uniformidade dos sentimentos para a obtenção de bons resultados. Quanto maior for o número dos participantes no estudo mais difícil será essa uniformidade.

Nos grupos pequenos, todos se conhecem melhor, há maior confiança entre as pessoas e mais segurança na apresentação de novos elementos. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como numa família.

As grandes assembleias excluem a intimidade devido à variedade de pessoas que as compõem. Exigem sedes próprias, recursos pecuniários, e um apoio administrativo que não é necessário nos grupos pequenos. A divergência de personalidades, de ideias e de opiniões configura-se mais facilmente e oferece aos Espíritos perturbadores mais possibilidades de semearem a discórdia.

Quanto mais numerosa é a reunião, mais difícil é contentarem-se todos os que estão presentes. Cada qual vai querer que os trabalhos sejam dirigidos de acordo com o seu ponto de vista, e que sejam tratados preferencialmente os assuntos que mais lhes interessam.

Alguns julgam que o título de sócio lhes dá o direito de impor as suas maneiras de ver e daí vêm as disputas que provocam mal-estar e que, mais cedo ou mais tarde, vão trazer a desunião e depois a dissolução - sorte que correm muitas destas associações.

Os grupos pequenos não estão sujeitos a estas flutuações. A queda de uma grande associação representaria um aparente insucesso para a causa do Espiritismo, de que os seus inimigos aproveitariam. A dissolução de um grupo pequeno passa despercebida e, além disso, se há um grupo que desaparece, outros vinte se formam. Ora, vinte grupos de quinze ou vinte pessoas, irão obter mais, e muito mais farão pela divulgação, do que uma assembleia de trezentas ou quatrocentas pessoas.

Os membros de uma associação que agissem da maneira acima esboçada, não seriam verdadeiros espíritas, visto que a caridade e a tolerância são o primeiro dever que a cultura impõe aos seus seguidores. Por isso mesmo, os que procedam assim são espíritas mais de nome que de facto. É óbvio que não pertencem à terceira categoria dos espíritas: espíritas cristãos (vide o n° 28, no início desta obra).

E quem nos diz que merecem, sequer, o qualificativo de espíritas? É uma consideração que aqui se apresenta, não isenta de gravidade.

336. O Espiritismo tem inimigos interessados em opor-se-lhe e que vêem os seus sucessos com despeito. Os mais perigosos não são os que o atacam abertamente. Os realmente perigosos são aqueles que agem na sombra. Os que o acariciam com uma mão e que o rasgam com a outra. Esses seres malfazejos deslizam por todo o lado e, como sabem que a união é uma força, tratam de a destruir agitando archotes de discórdia.

Quem pode dizer que os que semeiam a perturbação e a discórdia nas reuniões não são agentes provocadores, interessados na desordem? De certeza que não são verdadeiros nem bons espíritas. Não fazem o bem e podem fazer muito mal. Compreende-se que têm mais facilidade em se insinuar nas reuniões numerosas, do que nos pequenos núcleos, onde todos se conhecem. Graças a surdas tramoias que passam despercebidas, espalham a dúvida, a desconfiança e a indiferença; sob a aparência de um interesse hipócrita pela causa, criticam tudo, formam pequenos círculos que rompem rapidamente a harmonia do conjunto; é isso que querem.

Perante este tipo de gente, apelar aos sentimentos de caridade e fraternidade é falar a surdos voluntários, pois o seu objetivo é exatamente destruir esses sentimentos, que são o maior obstáculo às suas manobras. Este estado de coisas, desagradável em todas as sociedades, ainda o é mais nas associações espíritas, porque, se não conduz a um rompimento, causa uma preocupação que é incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Se uma reunião for por mau caminho, as pessoas sensatas e bem-intencionadas não terão o direito de crítica e deverão deixar que o mal passe, sem nada dizer, aprová-lo, através do seu silêncio?

– Não, uma intervenção nesse caso não é só um direito, é mesmo um dever, devendo emitir as suas opiniões de forma conveniente e cordial, abertamente e não às escondidas.

Se ninguém os acompanhar, retiram-se, por ser inaceitável permanecer numa associação onde se passam coisas contra os seus princípios sendo, para mais, pessoas sem ideias pre-concebidas.

Podemos, portanto, estabelecer o princípio de que, numa reunião espírita, todos os que provocam a desordem ou a desunião, de forma ostensiva, sub-repticiamente ou por quaisquer outros meios, são agentes provocadores ou maus espíritas, dos quais é necessário livrarmo-nos o mais depressa possível. Porém, as próprias ligações pessoais, de todos os membros entre si, opõem-se muitas vezes a isso, razão pela qual convém evitarem-se compromissos indissolúveis. Os homens de bem estão sempre devidamente comprometidos; os mal-intencionados estão-no sempre exageradamente.

338. Para além dos indivíduos notoriamente mal-intencionados que se introduzem nas reuniões, há aqueles que pelo seu próprio carácter, levam consigo a perturbação a todo o lado onde vão. É por isso que nunca será demais o cuidado que convém pôr-se na admissão de novos elementos.

Os mais perigosos não são os ignorantes na matéria, nem mesmo os que não acreditam: a convicção só se adquire pela experiência e há pessoas que desejam esclarecer-se de boa-fé.

Os que merecem mais reservas são os teóricos sectários, os incrédulos que duvidam de tudo, mesmo do que é evidente; os orgulhosos que, pretendendo só eles terem inteligência, querem impor a sua opinião por toda a parte e olham com desdém quem não pensa como eles.

Não vos deixeis iludir pelo seu pretenso desejo de se instruírem; há muitos que ficarão ofendidos se forem forçados a reconhecer os seus próprios erros; precavei-vos, principalmente, dos oradores insípidos, que querem sempre ter a última palavra e daqueles que só ficam encantados com a contradição. Uns e outros fazem perder tempo, sem qualquer proveito, nem sequer para si próprios. Os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Devido à necessidade de se evitar qualquer causa de perturbação e de distração, uma associação espírita que está a organizar-se, deve tirar aos fomentadores de desordem todas as possibilidades de incomodarem, e facilitar o seu mais rápido afastamento. As pequenas reuniões só

precisam de um regulamento disciplinar muito simples, para manter a boa ordem das sessões; as associações regularmente constituídas exigem uma organização mais completa; a melhor será aquela cuja máquina administrativa for menos complicada. Umas e outras poderão pesquisar o que lhes for aplicável ou útil no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que inserimos mais adiante.

340. Pequenas ou grandes, as associções e todas as reuniões espíritas, seja qual for a sua importância, têm que lutar contra um outro obstáculo.

Os perturbadores não estão só no seu seio, mas também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores das associações, das cidades e dos povos, os Espíritos inferiores ligam-se aos grupos, como aos indivíduos: primeiro aos mais fracos, que procuram instrumentalizar e vão avançando, pois a sua alegria é proporcional ao número dos que influenciam.

Sempre que uma pessoa do grupo cai numa armadilha, é porque há inimigos por perto, e todos devem acautelar-se, pois é certo que multiplicarão as suas tentativas. Se não forem desencorajados por uma firme resistência, a obsessão é contagiosa, manifestar-se-á nos médiuns, através da perturbação da mediunidade, e nos outros, pela hostilidade dos sentimentos, pelo enfraquecimento do sentido moral e pela perturbação da harmonia.

Como o mais forte antídoto deste veneno é a caridade, é a caridade que procuram abafar. Não se deve esperar que o mal se torne incurável, para o remediar; nem sequer esperar pelos primeiros sintomas, que devem prevenir-se antecipadamente.

Para isso há dois meios principais: **a prece** feita do coração **e o estudo** atento dos sinais de presenças perturbadoras;

– **a prece** atrai os bons Espíritos, que ajudam mediante a confiança em Deus;

– **o estudo** é prova de clarividência e de sensatez, que não se deixa ludibriar.

Se um dos membros sofrer a influência negativa, deve ser ajudado desde cedo a abrir os olhos, a fim de que o mal não se agrave, despertando nele o desejo de seguir os que procuram libertá-lo.

341. A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e do seu modo de ação sobre os seres vivos; dessa influência cada um pode retirar por si as condições mais favoráveis para uma associação que aspira conciliar-se com a simpatia dos bons Espíritos e só obter boas comunicações, afastando as más.

Estas condições estão todas nas atitudes morais dos assistentes e resumem-se nos pontos seguintes:

- Perfeita comunhão de ideias e de sentimentos;
- Benevolência recíproca entre todos os membros;
- Renúncia a qualquer sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Desejo único de se instruír e aperfeiçoar, por meio dos ensinamentos dos bons Espíritos e aproveitamento ativo dos seus conselhos.

Quem quer que esteja convicto que os Espíritos superiores têm o propósito de nos fazerem progredir, e não apenas obterem a nossa simples concordância, compreenderá que eles se afastem dos que apenas admiram o seu estilo, sem tirarem daí qualquer proveito real, e só se interessam pelas sessões, conforme o maior ou menor interesse que elas lhes oferecem, segundo seus gostos particulares;

- Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, só exprima o desejo de satisfação da curiosidade;
- Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as conversas com os Espíritos;
- União de todos os assistentes, pelo pensamento, no apelo feito aos Espíritos que se evocam;
- Colaboração dos médiuns da assembleia, com a renúncia a qualquer sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o único desejo de serem úteis.

Todas estas condições são perfeitamente difíceis de concretizar? Pensamos que não. Esperamos, pelo contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como as que já se realizam em muitas localidades, se multipliquem. É através delas que resultará uma vigorosa propagação do espiritismo.

Reunindo as pessoas honestas e conscienciosas, elas reduzirão ao silêncio as críticas e, quanto mais puras forem as suas intenções mais serão respeitadas mesmo pelos seus adversários. *Quando a ironia desvaloriza o bem, deixa de provocar o riso: torna- se inútil.*

É nas reuniões espíritas do melhor nível que se estabelecerão, pela própria força das coisas, laços de verdadeira simpatia e mútua solidariedade que contribuirão para o progresso geral.

342. As reuniões consagradas às manifestações físicas incluem-se no concerto fraternal acima caracterizado e devem encarar-se com toda a seriedade. Se não requerem condições tão rigorosas, não quer dizer que a elas se possa assistir com leviandade, e enganar-se-iam se acreditassem que o concurso dos assistentes, ali, fosse absolutamente nulo; temos a prova do contrário no facto de que, muitas vezes, as manifestações deste género, mesmo provocadas por poderosos médiuns, não podem produzir-se em certos meios. Há, pois, também para elas, influências contrárias, e essas influências só podem estar na divergência ou na hostilidade de sentimentos que paralisam os esforços dos Espíritos.

As manifestações físicas, como já dissemos, têm uma grande utilidade. Abrem um campo vasto ao observador, pois é toda uma série de fenómenos insólitos que se desenrola perante os seus olhos, cujas consequências são incalculáveis. Uma assembleia de objetivos muito sérios, pode perfeitamente ocupar-se com elas mas não atingirá esses objetivos, quer como forma de estudo quer como meio de convicção, se se não realizarem em condições favoráveis.

A primeira condição não reside apenas na fé dos assistentes, mas no seu desejo de se esclarecerem, sem intenções ocultas e sem o propósito antecipado de rejeitar os factos, mesmo os que se revelarem de toda a evidência; A segunda é a limitação do número de assistentes, para evitar a intromissão de elementos heterogéneos.

Se as manifestações físicas são, em geral, produzidas por Espíritos menos adiantados, apresentam um propósito positivo e os bons Espíritos favorecem-nas, sempre que possam ter um resultado útil.

Assuntos de estudo

343. Quando se evocam familiares e amigos, ou algumas personalidades interessantes para comparar as suas opiniões de além-túmulo com as que tiveram quando estavam vivos, fica-se muitas vezes embaraçado em alimentar a conversa sem a deixar cair em banalidades ou futilidades.

Muitas pessoas pensam, por outro lado, que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia; é um erro; é por isso que consideramos útil indicar a fonte donde se podem tirar assuntos de estudo, por assim dizer, ilimitados.

344. Se a evocação de pessoas ilustres, de Espíritos superiores, é eminentemente útil pelos ensinamentos que nos dão, a evocação dos Espíritos de pessoas em geral não o é menos, mesmo não sendo capazes de resolver questões de elevado nível. Com os recursos limitados que têm, eles mesmos se descrevem, e sendo menor a distância que os separa de nós, mais os reconhecemos em situação análoga à nossa, manifestando traços característicos do mais alto interesse, conforme explicámos acima, no número 281, quando falámos da utilidade das evocações particulares.

São uma mina inesgotável de observações, mesmo considerando apenas as entidades cuja vida apresentou alguma particularidade em relação ao género de morte, à idade, às boas e más qualidades, à posição feliz ou infeliz na Terra, aos hábitos, ao estado mental, etc.

Com os Espíritos elevados, o quadro dos estudos alarga-se. Além das questões psicológicas, que têm um limite, podem propor-se-lhes uma imensidade de problemas morais sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ter nesta ou naquela circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos, etc.

O valor da instrução que se recebe acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico, ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; compete-nos a nós avaliar.

345. Para além das evocações, as comunicações espontâneas desses Espíritos oferecem motivos de observação sem limites. Basta esperar o assunto que agrada aos Espíritos tratar. Vários médiuns podem, neste caso, trabalhar simultaneamente.

Às vezes, pode apelar-se a um Espírito determinado; mas geralmente espera-se aquele que quiser apresentar-se, o que acontece da maneira mais imprevista. Tais mensagens podem dar origem a uma multiplicidade de perguntas, cujos temas devem ser comentados com cuidado, para se estudarem todos os pensamentos que encerram, e avaliar se têm um cunho de verdade. Esta análise, se for feita com severidade, já o dissemos, é a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos enganadores. Por esse motivo, tanto como para a instrução de todos, poderá ser dado conhecimento das comunicações obtidas, fora da reunião.

Há, como se vê, uma fonte inesgotável de elementos extremamente sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue:

1. **Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior**, depois de passadas a limpo.

2. **Relatórios diversos.** - Correspondência. **-** Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. - Narrativa de factos que interessem ao Espiritismo.

3. **Matéria de estudo.** - Ditados espontâneos. - Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. - Evocações.

4. **Conferência.** - Exame crítico e analítico das diversas comunicações. - Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recém-criados são por vezes impedidos de avançar com os seus trabalhos pela falta de médiuns. Estes são elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não são um elemento indispensável e seria um erro acreditar que sem eles nada se pode fazer.

Sem dúvida, os que se reúnem apenas com o fim de realizar experiências não podem, sem médiuns, fazer mais do que fazem, num concerto, músicos sem instrumentos; mas os que têm como objetivo um estudo sério, têm mil assuntos de ocupação, tão úteis e proveitosos como se pudessem efectuar experiências por si mesmos.

Aliás, as reuniões que têm médiuns podem acidentalmente ficar sem eles e seria pena que pensassem, nesse caso, que só lhes restava desistir. Os próprios Espíritos costumam, de tempos a tempos, levá-los a essa situação, a fim de lhes ensinarem a prescindir dos médiuns. Diremos mais: é necessário, para se aproveitar dos seus ensinamentos, dedicarem algum tempo a meditar sobre isso.

As sociedades científicas nem sempre têm ao seu dispor os instrumentos próprios para as observações e, no entanto, não deixam de encontrar assuntos de discussão; à falta de poetas e de oradores, as sociedades literárias lêem e comentam as obras dos autores antigos e modernos; as sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras.

As associações espíritas devem fazer o mesmo e tirarão grande proveito para o seu progresso, organizando encontros em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo, pró ou contra.

Dessa discussão, a que cada um dará o contributo das suas reflexões, saem raios de luz que passam despercebidos numa leitura individual. A par das obras especiais, os jornais estão cheios de factos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes ou de vícios, que levantam graves problemas morais,

cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, e isso é ainda um meio de se provar que ele se prende com todos os ramos da ordem social.

Concluímos que a uma associação espírita, cujos trabalhos fossem organizados nesse sentido, munida dos materiais necessários, não sobraria tempo para consagrar às comunicações diretas dos Espíritos; é por isso que chamamos a atenção das reuniões realmente sérias, das que se empenham mais em instruir-se do que em procurar passatempos.

(Ver o n° 207, no capítulo *Formação dos médiuns*).

Rivalidades entre associações

348. As reuniões espíritas mediúnicas que se ocupam exclusivamente das comunicações inteligentes e as que se dedicam ao estudo das manifestações físicas têm, cada grupo, a sua própria missão. Cada uma delas estaria afastada do verdadeiro espiritismo se olhasse a outra com desconfiança; e a que atirasse a primeira pedra provaria estar sob má influência. Todos os grupos devem contribuir, ainda que por vias diversas, para o mesmo fim que é a busca de propagação da verdade. O seu antagonismo seria prova de orgulho, daria armas aos detratores e agravaria a causa comum que pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões aplicam-se a todos os grupos que possam divergir sobre certos pontos da cultura espírita. Como dissemos no capítulo a respeito das *Contradições*, tais divergências só dizem respeito a aspetos acessórios ou a simples palavras, o que não seria motivo para divisões, visto que não indicam divergências no fundamental.

Seria ainda pior que entre grupos da mesma cidade surgisse a inveja. Compreende-se a inveja entre pessoas que fazem concorrência e que podem causar prejuízos materiais. Quando não há comércio, a inveja é uma rivalidade mesquinha devida ao amor-próprio.

Como não há associações que possam agradar plenamente a todos os adeptos, os que estão animados de um verdadeiro desejo de propagar a verdade, com fim único na moralidade, devem encarar com todo o gosto a multiplicação das reuniões. Havendo concorrência entre elas, deve ser no sentido de cada uma procurar fazer o melhor possível.

As associações que pretendam ser donas exclusivas da verdade, deviam comprovar isso com base na divisa: *Amor e Caridade,* visto que é a divisa de todo e qualquer espírita. Querendo superiorizar-se com base nos Espíritos seus orientadores, terão que dar provas da superioridade dos ensinamentos que deles receberam e pela aplicação concreta que fazem dos mesmos. É um critério infalível para demonstrar que se segue o melhor dos caminhos.

Certos Espíritos, mais presunçosos do que lúcidos, tentam impor teorias estranhas e impraticáveis, a favor dos nomes com os quais procuram ilustrar-se. O bom senso não demora a fazer justiça perante tais utopias, mas, entretanto, arriscam-se a semear dúvidas e incertezas junto dos adeptos, o que pode causar divisões momentâneas.

Outros meios para avaliar a medida do seu valor, será observar o número de adeptos que conseguem reunir. Algumas opiniões afirmam que quem alcança a maioria do acolhimento público deverá andar mais próximo da verdade, sendo certo que os que recusam a discussão dos seus ensinamentos é porque compreendem bem a sua fraqueza.

350. Se o Espiritismo deve, como foi anunciado, levar à transformação da Humanidade, isso só pode realizar-se através do melhoramento das massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, como consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos.

Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não torna o indivíduo melhor, mais bondoso e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se não se liberta da inveja?

Todos os homens poderiam acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária; mas esses não são os desígnios de Deus.

É para um fim providencial que devem tender todas as associações espíritas sérias, agrupando à sua volta todos os que estejam animados dos mesmos sentimentos de união, simpatia e fraternidade, sem antagonismo nascido do amor-próprio, nascido mais de palavras do que de factos.

Serão então fortes e poderosas, porque se apoiarão numa base inabalável: o bem de todos.

Serão respeitadas e reduzirão ao silêncio o menosprezo, porque falarão em nome da moral evangélica, respeitada por todos.

Essa é a via pela qual nos temos esforçado por encaminhar o Espiritismo.

A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário,* em tomo da qual já temos a felicidade de ver reunir tanta gente, em tantas partes do mundo, por compreenderem que aqui é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.

Convidamos todas as associações espíritas a colaborar nessa grande obra; que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos, afastando progressivamente o mal, em todos os seus aspetos.

CAPÍTULO XXX – Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Fundada a 1 de Abril de 1858

E autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, em data de 13 de Abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota: Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o damos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de sociedades que quiserem formar-se e tirar daí as disposições que pensem ser úteis e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam próprias. Embora a organização seja simplificada, ainda o poderá ser mais, quando se tratar, não de sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas precisem de estabelecer medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos seus trabalhos.

Damo-lo, igualmente, para orientação das pessoas que desejam manter relações com a Sociedade parisiense, quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.

CAPITULO I - Objetivos e formação da Sociedade

Art.º Iº - A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenómenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. As questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social são aí interditas.

Toma por título: **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.**

Art.º 2º - A Sociedade compõe-se de membros titulares, de associados livres e de membros correspondentes.

Pode conferir o título de membro honorário a pessoas residentes em França ou no estrangeiro, que, pela sua posição ou pelos seus trabalhos, possam prestar-lhe serviços assinaláveis.

Os membros honorários são todos os anos submetidos a uma reeleição.

Art.º 3º - A Sociedade só admitirá pessoas que simpatizem com os seus princípios e com o objetivo dos seus trabalhos, as que já estão iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animadas do desejo de nesta se instruírem. Em consequência, exclui todo aquele que possa trazer elementos de perturbação às suas reuniões, quer por espírito de hostilidade e de oposição sistemática, quer por qualquer outra causa, e fazer, assim, perder o tempo em discussões inúteis.

Todos os membros se devem reciprocamente benevolência e bom procedimento; devem, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art.º 4º - Para ser admitido como associado livre é preciso dirigir ao Presidente um pedido por escrito, recomendado por dois membros titulares, que dão garantias das intenções do candidato.

A carta de pedido deve relatar sumariamente:

1º se o candidato já possui alguns conhecimentos do Espiritismo;

2º o estado da sua convicção sobre os pontos fundamentais da ciência;

3º o compromisso de se submeter em tudo ao regulamento.

O pedido será submetido à comissão que o examinará e proporá, se julgar conveniente, a admissão, o adiamento, ou o indeferimento.

O adiamento é de rigor em relação a qualquer candidato que não possua nenhum conhecimento da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade.

Os associados livres têm o direito de assistir a todas as sessões, de tomar parte nos trabalhos e nas discussões que tenham por objeto o estudo, mas, em caso algum, terão voto deliberativo, no que diga respeito aos negócios da Sociedade.

Os associados livres só ficarão admitidos por um ano e a sua continuação na Sociedade deverá ser ratificada no final do primeiro ano da sua admissão.

Art.º 5º - Para ser membro titular, é preciso ter sido, pelo menos durante um ano, associado livre, ter assistido a mais de metade das sessões e ter dado, durante esse tempo, provas notórias dos seus conhecimentos e das suas convicções no que se refere ao Espiritismo, da sua adesão aos princípios da Sociedade e da vontade de agir, em todas as circunstâncias, para com os colegas, segundo os princípios da caridade e da moral espírita.

Os associados livres que tenham assistido regularmente, durante seis meses, às sessões da Sociedade, poderão ser admitidos como membros titulares se, além disso, preencherem as outras condições.

A admissão é proposta obrigatoriamente pela comissão, com o assentimento do associado, se for, além disso, apoiado por três outros membros titulares. Em seguida, se tiver lugar, será votada pela Sociedade, em escrutínio secreto, depois de um relatório verbal da comissão.

Só os membros titulares têm voto deliberativo e gozam da faculdade concedida pelo art.º 25.

Art.º 6º - A Sociedade limitará, se considerar conveniente, o número dos associados livres e dos membros titulares.

Art.º 7º - Os membros correspondentes são os que, não residindo em Paris, mantenham relações com a Sociedade e lhe forneçam documentos úteis para os seus estudos. Podem ser nomeados por proposta de um único membro titular.

CAPÍTULO II - Administração

Art.º 8º - A Sociedade é administrada por um Presidente diretor, assistido pelos membros da Direção e por uma Comissão.

Art.º 9º - A Direção compõe-se de: 1 Presidente, 1 Vice-presidente, 1 Secretário principal, 2 Secretários adjuntos, 1 Tesoureiro.

Além destes, poderão ser nomeados um ou vários Presidentes honorários. Na ausência do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da Comissão.

Art.º 10º - O Presidente-diretor deverá dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Tem a direção geral e a alta superintendência da administração, assim como a conservação dos arquivos.

O Presidente é nomeado por três anos, os outros membros da Direção por um ano, indefinidamente reelegíveis.

Art.º 11º - A comissão é composta pelos membros da Direção e por cinco outros membros titulares, escolhidos de preferência entre os que tiverem contribuído ativamente nos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo, ou demonstrado possuir ânimo benevolente e conciliador. Estes cinco membros são, como os da Direção, eleitos por um ano e reelegíveis.

A comissão é, de direito, presidida pelo Presidente-diretor ou, na ausência deste, pelo Vice-Presidente, ou por aquele dos seus outros membros que for designado para esse efeito.

A Comissão tem a seu cargo o exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras a submeter à Sociedade; controla as receitas e as despesas da Sociedade e as contas do Tesoureiro; autoriza as despesas correntes e adota todas as medidas de ordem, que considere necessárias.

Examina, além disso, os trabalhos e assuntos de estudo propostos pelos diferentes membros, prepara ela própria, por seu lado, e fixa a ordem das sessões, de acordo com o Presidente.

O Presidente poderá sempre opor-se a que certos assuntos sejam tratados e postos na ordem do dia, salvo se se recorrer para a Sociedade, que decidirá.

A Comissão reúne regularmente antes da abertura das sessões, para análise dos casos ocorrentes e, também, sempre que julgar conveniente.

Os membros da Direção e da Comissão que, sem participação, tenham estado ausentes durante três meses consecutivos, sem terem apresentado justificação, são tidos como renunciantes às suas funções e providenciar-se-á a sua substituição.

Art.º 12º - As decisões, quer da Sociedade, quer da Comissão, serão tomadas por maioria absoluta de votos dos membros presentes; em caso de empate, preponderará o voto do Presidente.

A Comissão poderá deliberar quando estiverem presentes quatro dos seus membros.

O escrutínio secreto será obrigatório se for reclamado por cinco membros.

Art.º 13º - De três em três meses, seis membros, escolhidos entre os titulares e os associados livres, serão designados para desempenhar as funções de *comissários*.

Os comissários são encarregados de velar pela boa ordem e regularidade das sessões e de verificar o direito de entrada de qualquer pessoa estranha que se apresenta para a elas assistir.

Para esse efeito, os sócios designados se entenderão, de maneira que um deles esteja presente na abertura das sessões.

Art.º 14º - O ano social começa a 1 de Abril.

As nomeações para a Direção e para a Comissão serão feitas na primeira sessão do mês de Maio. Os membros em exercício, de uma e de outra, continuarão nas suas funções até essa época.

Art.º 15º - Para se proverem às despesas da Sociedade, é paga uma quota anual de 24 francos para os titulares e de 20 francos para os associados livres.

Os membros titulares pagarão na sua admissão, além disso e de uma só vez, como joia de entrada, 10 francos.

A quota é paga integralmente em cada ano corrente.

Os membros admitidos no decorrer do ano só terão que pagar, por esse primeiro ano, os trimestres ainda não decorridos, incluído o da sua admissão.

Quando marido e mulher forem aceites como associados livres ou titulares, só é exigida uma cota e meia para dois.

Todos os seis meses, a 1 de Abril e 1 de Outubro, o Tesoureiro dá contas à Comissão do emprego e da situação dos fundos.

Pagas as despesas correntes dos alugueres e de outras pequenas coisas obrigatórias, se houver saldo positivo, a Sociedade determinará o emprego a dar-se-lhe.

Art.º 16º - É enviado, a todos os membros admitidos, associados livres ou titulares, um cartão de admissão, constatando o seu título. Esse cartão fica no Tesoureiro, de onde o novo membro poderá retirá-lo, pagando a sua cota e a joia de entrada. Ele só poderá assistir às sessões depois de haver retirado o seu cartão. Não o tendo feito até um mês depois da sua admissão, será considerado demissionário.

Será igualmente considerado demissionário, todo o membro que não tiver pago a sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, depois de um aviso do Tesoureiro, sem resposta.

CAPITULO III - As sessões

Art.º 17º - As sessões da Sociedade têm lugar todas as sextas-feiras, às 8 horas da noite, salvo modificação, se for necessária.

As sessões são privadas ou gerais; nunca são públicas.

Todas as pessoas que façam parte da Sociedade a qualquer título, devem assinar, em cada sessão, os nomes numa lista de presenças.

Art.º 18º - O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões e, principalmente, durante os estudos. Ninguém pode usar da palavra, sem ter sido permitido pelo Presidente.

Todas as perguntas dirigidas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do Presidente, que pode recusar formulá-las, conforme as circunstâncias.

São especialmente interditas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou que tenham o objetivo de submeter os Espíritos a provas, assim como todas as que não tenham um fim de utilidade geral, do ponto de vista dos estudos.

São igualmente interditas todas as discussões que desviem a sessão do seu objetivo principal.

Art.º 19º - Qualquer membro tem o direito de pedir uma chamada à ordem daquele que tiver um comportamento inconveniente nas discussões, ou perturbe as sessões de qualquer maneira. A reclamação será imediatamente posta a votos; se for aprovada, constará da ata.

Três chamadas à ordem, no espaço de um ano, acarretam a irradiação do membro que nelas tenha incorrido, qualquer que seja a sua categoria.

Art.º 20º - Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade, pode ser lida antes de ser submetida quer ao Presidente quer à comissão, que podem admitir ou recusar a sua leitura.

Uma cópia de todas as comunicações alheias à Sociedade, cujas leituras tenham sido autorizadas, deve ficar depositada nos arquivos.

Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade; os médiuns que as escreverem podem ficar com uma cópia.

Art.º 21º - As sessões privadas são reservadas aos membros da Sociedade e têm lugar na primeira e na terceira sexta-feira de cada mês e também na quinta, se for possível.

A Sociedade reserva para as sessões privadas todas as questões relativas às questões administrativas, assim como os assuntos de estudo que exijam mais tranquilidade e concentração, ou que ela julgue conveniente aprofundar, antes de tratá-los na presença de pessoas estranhas.

Têm direito a assistir às sessões privadas, além dos membros titulares e dos associados livres, os membros por correspondência, que se achem temporariamente em Paris, e os médiuns que prestem colaboração à Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha será admitida nas sessões privadas, salvo casos excecionais que contem com o consentimento prévio do Presidente.

Art.º 22º - As sessões gerais realizam-se na segunda e na quarta sexta-feira de cada mês.

Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes alheios a esta, que podem assistir temporariamente, mas sem nela participarem. A Sociedade pode retirar esta autorização, quando o julgue conveniente.

Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte, sem ser apresentado ao Presidente por um membro, que se torne garante de que esse ouvinte não causará perturbação nem interrupção.

A Sociedade não admite como ouvintes senão pessoas que aspirem a tornar-se seus membros ou que simpatizem com os seus trabalhos, e já suficientemente iniciadas na ciência espírita, para os compreender. A admissão deverá ser negada de modo absoluto a quem quiser ser ouvinte por mera curiosidade ou cujas opiniões sejam hostis.

O uso da palavra é interdito aos ouvintes, salvo casos excecionais, que serão apreciados pelo Presidente. Aquele que, de qualquer forma, perturbar a ordem ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a retirar-se e, em todos os casos, o facto será mencionado na lista de admissão e a entrada ser-lhe-á interdita no futuro.

Devendo o número dos ouvintes ser limitado aos lugares disponíveis, os que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos antecipadamente num registo destinado a esse efeito, com indicação do endereço e da pessoa que o recomenda. Assim, o pedido de entrada deverá ser dirigido, alguns dias antes da sessão, ao Presidente, que expedirá os cartões de admissão até que a lista se encontre esgotada.

Os cartões de entrada só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas.

A autorização de entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo autorização do Presidente e em casos excecionais. Nenhum membro poderá apresentar mais de duas pessoas ao mesmo tempo. As entradas concedidas pelo Presidente não são limitadas. Os ouvintes não serão admitidos depois da abertura da sessão.

CAPÍTULO IV - Disposições diversas

Alt. 23° - Todos os membros da Sociedade lhe devem colaboração. Assim, são convidados a recolher, nos seus respetivos círculos de observação, todos os factos, antigos ou recentes, que possam dizer respeito ao Espiritismo e a assinalá-los. Tratarão igualmente de inquirir, tanto quanto possível, da notoriedade desses factos.

São igualmente convidados a dar conhecimento de todas as publicações que possam relacionar-se mais ou menos diretamente- te com o objetivo dos trabalhos da Sociedade.

Art.º 24º - A Sociedade procederá a uma análise crítica das diversas obras publicadas sobre o Espiritismo, quando o julgar oportuno. Para este efeito, encarregará um dos seus membros, associado livre ou titular, de lhe apresentar um relatório, que será publicado, se for caso disso, na *Revista Espírita*.

Art.º 25º - A Sociedade criará uma biblioteca especial composta das obras que lhe forem oferecidas e daquelas que adquirir.

Os membros titulares poderão vir à sede da Sociedade consultar quer a biblioteca quer os arquivos, nos dias e horas que forrem afixados para esse efeito.

Art.º 26º - A Sociedade, considerando que a sua responsabilidade pode ficar moralmente comprometida pelas publicações particulares dos seus associados, prescreve que ninguém poderá, em qualquer escrito, usar o título de membro da Sociedade, sem que esta o autorize e tenha antecipadamente tido conhecimento do manuscrito. A comissão será encarregada de fazer um relatório a este respeito. Se a Sociedade considerar o escrito incompatível com os seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado a modificá-lo, a renunciar à sua publicação ou a não se dar a conhecer como membro da Sociedade. Se não se submeter à decisão que for tomada, a sua irradiação poderá ser pronunciada.

Qualquer escrito publicado por um membro da Sociedade sob o véu do anonimato e sem qualquer indicação pela qual se possa reconhecê-lo como autor, é incluído na categoria das publicações ordinárias, cuja apreciação a Sociedade se reserva. Mas não querendo obstaculizar a livre emissão de opiniões pessoais, a Sociedade convida os seus membros que tenham a intenção de fazer publicações deste género, a pedirem previamente o seu parecer oficioso, a bem da ciência.

Art.º 27º - A Sociedade, no desejo de manter no seu seio a unidade de princípios e o espírito de tolerância mútua, poderá pronunciar a irradiação de qualquer membro que for causa de perturbação ou que se coloque em hostilidade aberta com ela através de escritos comprometedores para a doutrina, de opiniões subversivas ou por procedimentos que ela não possa aprovar. No entanto, a irradiação não será decretada senão depois de aviso prévio oficioso, que permanece sem efeito, e depois de ser ouvido o membro inculpado, se este considerar conveniente explicar-se. A decisão será tomada por voto secreto estando presentes pelo menos três quartos dos seus membros.

Art.º 28º - Qualquer membro que voluntariamente se retire no decurso do ano, não poderá reclamar a diferença das quotas pagas; contudo, a diferença será reembolsada no caso de irradiação determinada pela Sociedade.

Art.º 29º - O presente regulamento poderá ser modificado, se for necessário. As propostas de modificação não poderão ser feitas à Sociedade senão pelo órgão do seu Presidente, ao qual deverão ser transmitidas e no caso de terem sido admitidas pela comissão.

A Sociedade pode, sem modificar o seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que considere úteis.

CAPÍTULO XXXI – Dissertações espíritas

Reunimos nestes capítulos transcrições de diversas comunicações espíritas que completam e confirmam os princípios contidos nesta obra. Poderíamos acrescentar muitas mais, mas limitamo-nos às que estão mais especificamente relacionadas com o futuro do Espiritismo, os médiuns e as reuniões. Apresentamo-las também como meios de instrução verdadeiramente sérios. Terminamos com algumas comunicações apócrifas, seguidas de notas apropriadas para as fazer reconhecer.

Sobre o Espiritismo

I

Tende confiança na bondade de Deus e sede clarividentes para compreender os preparativos da nova vida que vos destina. Não vos será dado, é verdade, gozá-la nesta existência; mas não sereis felizes se, sem regressar à vida neste planeta, puderdes contemplar do alto a obra que começastes e que se desenvolverá sob os vossos olhos?

Revesti-vos de fé firme e inabalável contra os obstáculos que parecem levantar-se contra o edifício cujos fundamentos lançastes. As bases em que ele se apoia são sólidas: Jesus colocou a primeira pedra. Coragem, pois, arquitetos do divino mestre! Trabalhai, construí, Deus coroará a vossa obra. Mas, pensai bem, que Jesus recusa como discípulos aqueles que só têm caridade nas palavras.

Não basta crer; é preciso, sobretudo, dar exemplo de bondade, de benevolência e de desinteresse, sem os quais a vossa fé será estéril para vós.

Espírito Santo Agostinho

II

Quem preside aos trabalhos de toda a espécie que se acham em vias de acabamento, para vos abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que os vossos guias espirituais predizem é o próprio Jesus de Nazaré.

Se lançardes os olhos sobre os acontecimentos contemporâneos, fora as manifestações espíritas, reconhecereis, sem qualquer hesitação, os sinais precursores que provam irrefutavelmente que os tempos preditos estão chegados.

Estabelecem-se comunicações entre todos os povos, derrubam-se as barreiras materiais e os obstáculos morais que se opõem à sua união; os preconceitos políticos e religiosos apagar-se-ão rapidamente e o reino da fraternidade estabelecer-se-á, rapidamente, de forma sólida e durável.

Observai que hoje os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomam a iniciativa das reformas, coisa para vós inaudita. As reformas, quando partem espontaneamente de cima, são muito mais rápidas e duráveis, do que as que partem de baixo e são arrancadas pela força.

Apesar dos preconceitos de infância e de educação, apesar do culto das recordações, tive o pressentimento da época atual. Sou feliz por isso e mais feliz ainda por vos vir dizer: Coragem, irmãos!

Trabalhai para vós e para o futuro dos vossos; trabalhai sobretudo para o vosso aperfeiçoamento pessoal e gozareis, na vossa primeira existência, de uma ventura de que vos é tão difícil fazer ideia, quanto a mim vo-la fazer compreender.

Espírito Chateaubriand

III

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas, dos movimentos interiores da alma pouco ou nada definidos até agora. Explica, mais do que descobre, horizontes novos.

A reencarnação e as provas sofridas até se atingir a meta suprema não são revelações, mas confirmações importantes. Sou tocado pelas verdades que por esse *meio* são trazidas à luz. Digo *meio* intencionalmente, pois, do meu ponto de vista, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira.

A preocupação com as questões morais está toda por criar; discute-se a política que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; cria-se paixão pelo ataque ou a defesa das personalidades; as teorias têm os seus partidários e os seus detratores; mas as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão de vida, ficam abandonadas sob a poeira acumulada pelos séculos.

Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos das multidões, exceto o da alma; a sua educação, a sua elevação, não passam de quimeras, próprias, quando muito, para ocupar os lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres, quer como moda, quer como ensino.

Se o espiritismo ressuscita o espiritualismo, restituirá à sociedade o impulso que dará a uns a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevarem para o Ser supremo, esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

Espírito J. J. Rousseau

IV

Se Deus envia Espíritos para instruírem os seres humanos, é para esclarecê-los sobre os seus deveres, para lhes mostrar o caminho por onde poderão abreviar as suas provas e, consequentemente, apressar o seu progresso.

Do mesmo modo que o fruto chega ao amadurecimento, também os seres humanos chegarão à perfeição. Porém, ao lado dos Espíritos bons, que querem o vosso bem, há também Espíritos imperfeitos, que querem o vosso mal.

Enquanto uns vos impelem para a frente, outros puxam-vos para trás; deveis dedicar toda a vossa atenção a distingui-los. O meio é fácil: só é preciso compreender que o que vem de um Espírito bom só pode ser benéfico e que tudo o que seja prejudicial só pode vir de um Espírito mau.

Se não escutardes os sábios conselhos dos Espíritos que vos querem bem, se vos ofenderdes com as verdades que vos dizem, é evidente que são maus os Espíritos que vos aconselham; só o orgulho pode impedir-vos de vos verdes como sois; mas, se não o vedes vós próprios, outros o veem por vós; de modo que, então, sois censurados pelos homens, que se riem de vós por detrás, e pelos Espíritos.

Um Espírito Familiar

V

A vossa Doutrina é bela e santa; o primeiro marco está plantado e plantado solidamente. Agora, só tendes que caminhar; o caminho que vos está aberto é grande e majestoso. Feliz é aquele que chegar ao porto; quanto mais seguidores tiver feito, tanto mais lhe será contado. Mas, para isso, é preciso não abraçar a doutrina friamente; é preciso fazê-lo com ardor e esse ardor será duplicado, pois Deus está sempre convosco, quando fazeis o bem. Todos os que atrairdes serão outras tantas ovelhas que voltaram ao redil; pobres ovelhas meio desgarradas! Crede que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um cantinho no coração que ele desejaria poder esconder de si mesmo. Pois bem, é esse cantinho que se deve procurar, que se deve achar; é esse lado vulnerável que é preciso atacar. É uma pequena brecha deixada de propósito aberta por Deus para facilitar à sua criatura o meio de voltar ao seu seio.

Espírito São Bento

VI

Não vos assusteis perante certos obstáculos, certas polémicas.

Não atormenteis ninguém com insistências; a persuasão só chegará aos incrédulos pela vossa abnegação, pela vossa tolerância e pela vossa caridade para com todos, sem exceção.

Guardai-vos, sobretudo, de forçar a opinião, mesmo pelas vossas palavras, ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos, mais apreciados sereis. Que nenhum motivo pessoal vos faça agir e encontrareis na vossa consciência uma força que só o bem produz. Os Espíritos, por ordem de Deus, trabalham pelo progresso de todos, sem Exceção; vós, espíritas, fazei o mesmo.

Espírito São Luís

VII

Qual é a instituição que não encontrou obstáculos a vencer, cisões contra as quais teve que lutar? Se a vossa existência fosse triste e mortiça, ninguém vos atacaria, sabendo que sucumbiríeis de um momento para outro. Porém, como a vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem raízes fortes, supõe-se que viverá longo tempo e tenta-se golpeá-la a machado. Que causarão esses invejosos? Quando muito, cortarão alguns galhos, que renascerão com seiva nova e serão mais robustos do que nunca.

Espírito Channing

VIII

Falemos da firmeza que deveis ter nos vossos trabalhos espíritas. A este respeito já vos foi feita uma citação que vos aconselho a estudar de todo o coração e aplicar a vós mesmos, pois, como São Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em Espírito. Os incrédulos, os fariseus da época, irão culpar-vos, ridicularizar-vos; mas não tenhais medo: será uma prova que vos fortalecerá, se souberdes entregá-la a Deus, e mais tarde vereis os vossos esforços coroados de êxito; isso será um grande triunfo para vós no dia da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é um consolo para os que perderam parentes e amigos; saber que eles são felizes, poder comunicar com eles é uma felicidade. Caminhai, pois, em frente; cumpri a missão que Deus vos dá e ela será contada no dia em que comparecerdes ante o Omnipotente.

Espírito Channing

IX

Venho, teu Salvador e teu juiz, como outrora, entre os filhos transviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, tem que lembrar aos materialistas que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Revelei a doutrina divina; como o ceifeiro, atei em feixes o bem espalhado na Humanidade e disse: vinde a mim, todos vós que sofreis!

Mas os homens ingratos desviaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino do meu Pai e perderam-se nas ásperas veredas da impiedade. O meu Pai não quer aniquilar os seres humanos; quer, já não através de profetas, já não através de apóstolos, ele quer que vos ajudeis uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, que vos socorrais e que a voz dos que já não existem, ainda se faça ouvir para vos clamar: orai e crede! Pois a morte é a ressurreição, e a vida, a prova escolhida, durante a qual as vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro.

Crede nas vozes que vos respondem: são as próprias almas dos que evocais. Só muito raramente comunico. Os meus amigos, os que assistiram à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que acreditais no erro das vossas inteligências obscuras, não apagueis a chama que a clemência divina coloca nas vossas mãos, para vos iluminar o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço do vosso Pai.

Digo-vos em verdade: crede na diversidade, na *multiplicidade* de Espíritos que vos rodeiam. Estou infinitamente tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não estender uma mão protetora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai, compreendei as verdades que vos são reveladas; não mistureis o joio com o bom grão, as teorias com as verdades.

Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que em vós criaram raiz são de origem humana; e eis que do além-túmulo, que julgais ser o nada, vozes vos gritam: Irmãos! Nada termina; Jesus de Nazaré é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.

Nota: Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, foi assinada com um nome que o respeito só nos permite reproduzir sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele se tem muitas vezes abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas; esse nome é o de **Jesus de Nazaré.**

Não duvidamos que ele possa manifestar-se; mas se os Espíritos verdadeiramente superiores não o fazem senão em circunstâncias excecionais, a razão inibe-nos de acreditar que o Espírito puro por excelência responda à chamada do primeiro que apareça; em todo caso, haveria profanação, ao atribuir-se-lhe uma linguagem indigna dele.

Por estas considerações é que nos temos abstido sempre de publicar o que traga esse nome; e julgamos que ninguém será ponderado em excesso relativamente a publicações deste género, que só têm autenticidade para o amor-próprio e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, maior deverá ser a desconfiança com que se recebe os seus nomes. Seria preciso ser dotado de uma grande dose de orgulho, para poder ter o privilégio das suas comunicações e se crer digno de conversar com eles, como com os seus iguais. Na comunicação acima só reconhecemos uma coisa: é a superioridade incontestável da linguagem e das ideias, deixando a cada um o cuidado de julgar por si próprio se aquele de quem ela traz o nome a repudiaria.

Sobre os médiuns

X

Todos os seres humanos são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Que uns comuniquem diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, que outros não o escutem senão pela voz do coração e da inteligência, pouco importa: não deixa de ser um Espírito familiar que os aconselha. Chamai-lhe Espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma, e vos diz boas palavras; somente vós não o compreendeis sempre.

Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que se arrasta e rasteja mais do que caminha, dessa razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas da razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, fluxo que conduz os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que qualquer outra criatura, entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes.

Escutai, portanto, essa voz interior, esse bom génio que vos fala incessantemente e chegareis progressivamente a ouvir o vosso Anjo Guardião, que vos estende as mãos do alto dos céus. Repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Espírito Channing

XI

O dom da mediunidade é tão antigo como o mundo;

– Os profetas eram médiuns;

– Os mistérios de Elêusis estavam fundados na mediunidade;

– Os Caldeus e os Assírios tinham Médiuns;

– Sócrates era dirigido por um Espírito que o inspirava na elaboração dos admiráveis princípios da sua filosofia e cuja voz ouvia.

– Todos os povos tiveram os seus médiuns. As inspirações de Joana d'Arc eram as vozes de Espíritos benfazejos que a dirigiam. Esse dom, que se recupera agora, tinha-se tornado muito raro nos séculos seguintes, mas nunca desapareceu.

– Swedenborg e os seus seguidores constituíram numerosa escola.

A França dos últimos séculos, trocista e preocupada com uma filosofia que, querendo extinguir os abusos da intolerância religiosa, abafava sob o ridículo tudo o que era ideal, a França tinha que afastar o Espiritismo, que não parava de progredir no Norte.

Deus tinha permitido essa luta de ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo se tinha tornado uma arma destas últimas.

Agora, que os progressos da indústria e das ciências desenvolveram a arte de bem viver, a um tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma, quer que o aperfeiçoamento do homem moral se torne o que deve ser, isto é, o fim e o objetivo da vida.

O Espírito humano segue um caminho necessário, imagem da mudança gradual que sofre tudo o que povoa o Universo visível e invisível. Todo o progresso vem na sua hora: o da elevação moral chegou para a Humanidade, mas não se concluirá ainda nos vossos dias.

Agradecei ao Senhor o ter-vos permitido assistir à aurora bendita.

Espírito Pierre Jouty (pai do médium)

XII

Deus encarregou-me de uma missão junto dos crentes a quem ele favorece com a mediunidade. Quanto mais graças eles recebem do altíssimo, mais perigos correm e esses perigos são tanto maiores, quando se originam nos próprios favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que gozam os médiuns atraem os elogios dos homens; as felicitações, as adulações; eis o seu obstáculo. Esses mesmos médiuns, que deviam ter sempre presente na memória a sua incapacidade primitiva, esquecem-na; fazem mais: atribuem-na ao seu próprio mérito.

Que acontece então? Os bons Espíritos abandonam-nos, tornam-se vítima dos maus e ficam sem bússola para se guiarem; quanto mais capazes se tomam, mais são impelidos a atribuírem a si mesmos um mérito que não lhes pertence, até que Deus os puna, finalmente, retirando-lhes uma faculdade que só pode ser-lhes fatal.

Nunca me cansarei de recomendar que vos confieis ao vosso Anjo guardião, para que vos ajude a estar sempre em guarda contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho.

Lembrai-vos bem, que tendes a sorte de ser intérpretes entre os Espíritos e os homens, de que, sem o apoio do nosso divino mestre sereis punidos muito severamente, porque fostes mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza frutos e desejo que ela possa ajudar os médiuns a estarem em guarda contra o obstáculo que os faria naufragar; esse obstáculo, já o disse, é o orgulho.

Espírito Joana D'Arc

XIII

Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa preparar-vos para esse favor pelo recolhimento, por intenções limpas e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral; pois lembrai-vos que o egoísmo é causa de atraso em todo o progresso.

Lembrai-vos que se Deus permite que alguns de vós recebam o sopro dos seus filhos que, pela sua conduta, mereceram a felicidade de compreender a sua infinita bondade, é porque quer, a nosso pedido e perante as vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançar no seu caminho.

Médiuns!Tirai proveito dessa faculdade que Deus generosamente vos concedeu. Tende fé na brandura do nosso Mestre; praticai sempre a caridade; não vos canseis jamais de exercitar essa virtude sublime, assim como a tolerância. Que as vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência, esse é um meio certo de multiplicar por cem a vossa felicidade nessa vida passageira e de preparar para vós mesmos uma existência mil vezes ainda mais doce.

Que o médium, dentre vós, que não se sinta com forças para perseverar nos ensinamentos espíritas, se abstenha; porque se não tornar proveitosa a luz que o ilumina, será menos desculpável do que outro qualquer e terá que expiar a sua cegueira.

Espírito Pascal

XIV

Falar-vos-ei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, bem como a modéstia e a dedicação. Deus concedeu-lhes essa faculdade, para ajudarem a propagar a verdade, mas não para fazerem dela um comércio. Por estes não entendo somente os que desejassem explorá-la como o fariam com uma faculdade comum, os que se fizessem médiuns como outros se fazem dançarinos ou cantores, mas todos os que pretendessem utilizar a mediunidade com fins interesseiros de qualquer espécie.

Não é racional acreditar que Espíritos bons e, para mais Espíritos superiores que condenam a cobiça, consintam em prestar-se a espetáculos e, como cúmplices, se ponham à disposição de um empresário de manifestações espíritas. Como não é racional supor que Espíritos bons possam favorecer objetivos de orgulho e de ambição.

Deus permite-lhes comunicarem com os homens para os tirarem do pântano terrestre e não para servirem de instrumentos às paixões mundanas. Ele não pode, portanto, ver com prazer os que desviam do seu verdadeiro objetivo o dom que lhes deu e asseguro-vos que esses serão punidos, mesmo aí nesse mundo, pelas mais amargas deceções.

Espírito Delfina de Girardin

XV

Todos os médiuns são chamados a servir a causa do Espiritismo na medida das suas faculdades, mas há muito poucos que não se deixam apanhar na armadilha do amor-próprio. É uma pedra de toque que raramente perde o efeito.

Entre cem médiuns apenas se encontra um, se possível, que não tenha julgado, por humilde que seja a sua condição, nos primeiros tempos da sua mediunidade, que era chamado a obter resultados superiores, e que estava predestinado para grandes missões.

Os que sucumbem a esta vaidosa esperança, e o número é grande, tornam-se uma presa inevitável dos Espíritos obsessores, que os subjugam, lisonjeando-lhes o orgulho e apanhando-os pelo seu lado fraco; quanto mais quiserem elevar-se, mais ridícula será a sua queda, se não for desastrosa.

As grandes missões só são confiadas a homens de elite e o próprio Deus coloca-os, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que a sua cooperação possa ser eficaz. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que certos Espíritos lhes dizem, em relação ao suposto papel

que devem desempenhar; porque se os tomarem a sério, só colherão desilusões neste mundo e um severo castigo no outro.

É bom que se convençam de que, na esfera modesta e obscura onde se encontram colocados, podem prestar grandes serviços, ajudando na conversão de incrédulos e prodigalizando consolo aos aflitos.

Se daí tiverem de sair, serão guiados por uma mão invisível que lhes preparará os caminhos e serão, por assim dizer, postos em evidência, independentemente da sua vontade. Que se lembrem sempre destas palavras: "Aquele que se exaltar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado."

O Espírito de Verdade

Sobre as reuniões Espíritas mediúnicas

Nota: Das comunicações que se seguem, algumas foram dadas na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas,* ou em sua intenção. Outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre os grupos, a sua formação e os obstáculos que podem encontrar.

XVI

Deveis começar as vossas sessões por uma invocação geral, uma espécie de prece, que disponha ao recolhimento. Sem o recolhimento, só tereis comunicações superficiais. Os bons Espíritos só vão onde os chamam com fervor e sinceridade.

Eis o que ainda não se compreendeu devidamente. Compete-vos, portanto, dar o exemplo; a vós que, se o quiserdes, podereis tornar-vos uma das colunas do novo edifício. Vemos os vossos trabalhos com prazer e ajudamos, mas na condição de nos seguirdes e vos mostrardes à altura da missão que fostes chamados a desempenhar.

Uni-vos e sereis fortes e os maus Espíritos não vencerão contra vós.

Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas os que renunciam a si mesmos e vêm a Ele sem orgulho. Podeis tornar-vos um foco de luz para a Humanidade. Sabei, portanto, distinguir o trigo do joio; semeai unicamente o bom grão e preservai-vos de espalhar o joio, que impedirá que ele germine; seríeis responsáveis por todo o mal que daí resultasse. Também sereis responsáveis pelas doutrinas más que possais propagar.

Lembrai-vos de que um dia o mundo pode ter os olhos postos em vós; fazei, pois, com que nada ofusque o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio; por isso é que vos recomendamos pedir a Deus que vos assista.

Espírito Santo Agostinho

O Espírito Santo Agostinho, solicitado a ditar uma prece de invocação geral, respondeu:

Sabeis que não há fórmula absoluta. Deus, na sua grandeza valoriza mais o pensamento do que as palavras. Não basta pronunciar algumas palavras, para afastar os maus Espíritos; evitai as fórmulas banais que se recitam para aquietar a consciência. O valor está na sinceridade do sentimento; na unanimidade da intenção, porque aquele que não se associe de coração não poderá beneficiar delas, nem fazer os outros beneficiar.

Redigi vós mesmos a prece de invocação, e submetei-ma, se quiserdes; eu ajudar-vos-ei.

Nota: A seguinte prece de invocação geral foi redigida com o auxílio do Espírito, que a completou em muitos pontos:

"Rogamos-te, Deus Todo-poderoso que nos envies bons Espíritos para nos assistirem e que afastes os que possam levar-nos ao erro; dá-nos a luz necessária, para distinguir a verdade da impostura.

“Afasta, também os Espíritos malignos, que poderiam lançar a desunião entre nós, suscitando a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem introduzir-se aqui, em nome de Deus, suplicamos que se retirem.

“Bons Espíritos, que presidis aos nossos trabalhos, dignai-vos instruir-nos e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei que em nós se apague todo o sentimento pessoal, perante o pensamento do bem geral.

“Pedimos, particularmente ao nosso protetor especial……, que queira dar-nos o seu auxílio hoje.”

XVII

Meus amigos, deixai-me dar-vos um conselho, pois caminhais num terreno novo e se seguirdes a rota que vos indicamos, não vos perdereis. Disseram-vos uma coisa muito verdadeira, que desejamos relembrar-vos, é que o Espiritismo é só uma moral e que não deverá sair dos limites da filosofia, nem um pouco, se não quiser cair no domínio da curiosidade. Deixai de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é o de resolvê-las, poupando-vos ao trabalho das pesquisas; mas, o de vos tornardes melhores, porque é assim que avançareis realmente.

Espírito São Luís

XVIII

Zombaram das mesas giratórias, nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Essa foi a entrada da ciência; é aí que tem que se deixar os preconceitos, como se deixa o casaco. Eu vos pediria muito para fazer das vossas reuniões um trabalho sério. Que noutro lado se façam demonstrações físicas, *se veja, se ouça: que entre vós se compreenda e se ame*. Quem pensais vós ser, aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar ou levantar uma mesa? Simples meninos da escola; o sábio, porventura, passa o tempo a repetir o "abc" da ciência? No entanto, ao ver-vos procurar as comunicações sérias, eles consideram-vos homens sérios, à procura da verdade.

Espírito São Luís

Tendo perguntado a São Luís se, com estas palavras, tinha em vista condenar as manifestações físicas, respondeu:

“Não posso condenar as manifestações físicas, uma vez que, se elas se produzem, é com a permissão de Deus e com propósito útil; ao dizer que foram o vestíbulo da ciência, dou-lhes a categoria que verdadeiramente lhes compete e confirmo a sua utilidade. Condeno apenas os que fazem delas objeto de diversão e de curiosidade, sem tirarem os ensinamentos que daí resultam. As manifestações físicas são, para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática é para a literatura, e quem tiver chegado a um certo grau de conhecimento numa ciência, já não perde o tempo a rever os seus elementos.”

XIX

Meus amigos e fiéis crentes, sinto-me sempre feliz quando vos posso dirigir pelo caminho do bem. É uma doce missão que Deus me concede e que me apraz, porque ser útil é sempre uma recompensa.

Que a prática do Espírito de caridade vos reuna, tanto a caridade que dá, como a caridade que ama. Mostrai-vos pacientes perante as injúrias dos vossos detratores; sede firmes no bem e, sobretudo, humildes diante de Deus. Só a humildade eleva; esta é a única grandeza que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão ter convosco. De contrário, o Espírito do mal virá apoderar-se da vossa alma. Sede abençoados em nome do Criador e crescereis aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que crescereis aos olhos de Deus.

Espírito São Luís

XX

A união faz a força. Sede unidos, para serdes fortes.

O Espiritismo germinou e deitou raízes profundas; vai estender sobre a Terra os seus ramos benevolentes. É preciso que vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para aqui chegar, que uma indulgência e uma bondade recíproca presidam às vossas relações; que os vossos defeitos passem despercebidos; que só as vossas qualidades sejam notadas; que a chama da santa amizade vos una, ilumine e aqueça os corações. Assim, resistireis aos impotentes ataques do mal, tal como o rochedo resiste, inabalável, à onda furiosa.

Espírito S. Vicente de Paulo

XXI

Meus amigos, se quereis formar um grupo espírita e eu aprovo, porque os Espíritos não podem ver com agrado que os médiuns se isolem. Deus não lhes concedeu esta faculdade sublime para seu uso exclusivo, mas sim para o bem de todos. Em contacto com os outros, terão inúmeras oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações que recebem, enquanto, estando isolados, ficam mais à mercê dos Espíritos mentirosos, que ficam radiantes por não terem qualquer fiscalização. Eis o que vos deixo, e se não estiverdes dominados pelo orgulho, compreendereis e aproveitareis.

Falo agora para outros.

Dais-vos bem conta do que deve ser uma reunião espírita? Não; porque, no vosso zelo, pensais que o melhor que tendes a fazer é reunir o maior número possível de pessoas, com a finalidade de as convencer. É engano; quantos menos forem, mais conseguireis.

É principalmente pelo ascendente moral que ireis atrair os incrédulos, muito mais do que pelos fenómenos obtidos. Se quem vos procura só for atraído pelos fenómenos, é só por curiosidade que vem visitar-vos, e encontrareis curiosos que não acreditarão e que rirão de vós. Se forem pessoas dignas de consideração, talvez não acreditem em vós de imediato, mas respeitar-vos-ão, e o respeito inspira sempre confiança.

Estais convencidos de que o Espiritismo deve conduzir a uma reforma moral; então, que seja o vosso grupo o primeiro a dar o exemplo das virtudes cristãs, pois, nestes tempos de egoísmo, é nas associações espíritas que a verdadeira caridade há-de encontrar refúgio[14]. Meus amigos, este deve ser um grupo de verdadeiros espíritas. Para a próxima vez dar-vos-ei outros conselhos.

Espírito Fénelon

XXII

Perguntaste se a multiplicidade de grupos, numa mesma localidade, poderia criar rivalidades prejudiciais.

Respondo que os que estão imbuídos dos verdadeiros princípios desta doutrina veem irmãos em todos os espíritas e não rivais. Os que olham para outros grupos com ciúmes, provam ter no íntimo uma segunda intenção ou então o sentimento do amor-próprio de quem não é guiado pelo amor à verdade. Garanto que, se pessoas dessas estão entre vós, imediatamente semeiam no vosso grupo a discórdia e a desunião.

O verdadeiro Espiritismo tem como divisa *a bondade e a caridade.* Não admite rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. Todos, os que adotam essa divisa, estendem as mãos uns aos outros, como fazem os bons vizinhos, que não são menos amigos pelo facto de não viverem na mesma casa.

Os que julgam que os seus guias são melhores Espíritos do que os dos outros, devem prová-lo, mostrando melhores sentimentos. Portanto, se houver luta entre eles, que seja de grandeza de alma, de

---

[14] Conhecemos um senhor que foi aceite numa casa importante para um emprego de confiança, porque era um espírita sincero. Acharam que as suas crenças eram uma garantia da sua moralidade. (AK)

abnegação, de bondade e de humildade. Quem atirar pedras a outro, prova, por este simples facto, que está influenciado por maus Espíritos. Os sentimentos mútuos que duas pessoas manifestam mutuamente, são a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem.

Espírito Fénelon

XXIII

O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca preenchem estas condições aqueles que forem levados pela curiosidade; por isso, convidai os curiosos a irem distrair-se para outro sítio, visto que a sua distração seria motivo de perturbação.

Não deve ser permitida qualquer conversa enquanto os Espíritos estão a ser interrogados. Às vezes, são recebidas comunicações que exigem réplicas sérias da vossa parte e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, aos quais muito desagradam falas em voz baixa de certos assistentes; daí, nada ser conseguido de verdadeiramente sério; o médium que escreve também sente distrações muito prejudiciais para a sua tarefa.

Espírito São Luis

XXIV

Falar-vos-ei da necessidade, nas vossas sessões, de observar a maior regularidade, isto é, evitar confusão e divergência de ideias. A instabilidade favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e quase sempre são estes que respondem às questões propostas.

Numa reunião composta por elementos estranhos e desconhecidos uns dos outros, como podem evitar-se ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda, a indiferença trocista?

A solução está na concentração energética em torno dos médiuns. Só eles, mas sobretudo os que são amados, retêm os bons Espíritos na reunião. No entanto, a sua influência pode não ser suficiente para dispersar a presença de Espíritos superficiais.

O trabalho de análise das comunicações é muito importante; nunca será demais aprofundarem-se as questões e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos que têm as melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se afasta do assunto que esgota logo depois de o ter concebido, a mobilidade e a indiferença por certas formas convencionais, todas estas razões e muitas outras, obrigam-vos a dar apenas importância limitada às palavras recebidas, subordinando-as sempre a uma análise atenta, mesmo quando se trata das mais autênticas comunicações.

Georges (Espírito Familiar)

XXV

Com que objetivo pedis comunicações aos Espíritos? Para ter belos textos como amostras do nosso talento? São guardadas como preciosidades nas vossas pastas, por falta de lugar nos vossos corações.

Julgam que ficamos lisonjeados por nos apresentarmos nas vossas reuniões como num torneio de eloquência, para poderem dizer que a sessão foi muito interessante? O que acontece quando recebeis uma comunicação admirável? Acham que viemos em busca de aplausos? Desenganem-se. Não queremos divertir-vos de maneira nenhuma, se da vossa parte existe o género de curiosidade que em vão procurais disfarçar.

O nosso objetivo é tomar-vos melhores. Quando verificamos que as nossas palavras não dão fruto e que, da vossa parte, tudo se reduz a uma aprovação estéril, vamos procurar almas mais dóceis; então, cedemos o lugar aos Espíritos que só querem falar, e estes não faltam.

Ficam admirados por deixarmos que eles usem os nossos nomes? Que vos importa, se eles já nada vos interessam? Ficai a saber que não o permitimos quando se trata daqueles por quem nos interessamos realmente, e com quem o nosso tempo não é perdido; esses, são os nossos preferidos e defendemo-los cuidadosamente da mentira. Se sois enganados com tanta frequência, não vos queixeis senão de vós

próprios. Para nós, uma pessoa séria não é a que não se ri, mas sim aquela cujo coração é tocado pelas nossas palavras, que medita nelas e delas tira proveito. (ver o n° 268, págs. 19 e 20)

Espírito Massillon

XXVI

O Espiritismo deveria ser um escudo contra o Espírito de discórdia e de desavença; mas este Espírito tem agitado desde sempre o seu archote sobre os humanos, porque tem inveja da felicidade proporcionada pela paz e pela união.

Espíritas! Ele pode penetrar nas vossas reuniões e tentar semear aí a falta de afeto. Será impotente, porém, contra os que possuam o sentimento da verdadeira caridade.

Ficai atentos e vigiai a porta do vosso coração, assim como a das vossas reuniões, para que o inimigo não entre.

Se os vossos esforços forem impotentes para os que vos rodeiam, dependerá de vós impedir-lhe o acesso à vossa alma. Se as desavenças surgirem entre vós, só podem ser provocadas por maus Espíritos.

Aqueles que tiverem o mais elevado sentimento do dever que lhes impõe a urbanidade, bem como o verdadeiro Espiritismo, que se mostrem mais pacientes, mais dignos e mais conciliadores.

Pode acontecer que os bons Espíritos permitam essas lutas para facultarem aos bons e aos maus sentimentos a oportunidade de se revelarem, a fim de se separar o trigo do joio. Contudo, estarão sempre do lado onde houver mais humildade e uma verdadeira caridade.

Espírito S. Vicente de Paulo

XXVII

Rejeitai decididamente todos os Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos medíocres, que tentam impor-se a homens fracos e crédulos, fazendo elogios exagerados, para fascinar e dominar.

São geralmente Espíritos famintos de poder, déspotas enquanto vivos e continuam a querer tiranizar outras vítimas depois da morte. Desconfiai das comunicações místicas e estranhas, que propõem cerimónias ou atos bizarros. São sempre de suspeitar.

Por outro lado, acreditai, quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, é prontamente comunicada a todos os grupos sérios que possuam médiuns de qualidade e não a alguns em especial com exclusão de outros.

Nenhum médium é perfeito se está obsidiado, e há obsessão manifesta quando um médium só se mostra apto a receber as comunicações de determinado Espírito, por mais alto que seja o nível que ele atrbui a ti próprio.

Como consequência, qualquer médium, qualquer grupo que acreditem ter o privilégio de comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, estejam ligados a práticas que raiam a superstição, estão sem dúvida sob a ação de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador ostenta um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar e não deixar que o comprometam a qualquer propósito

É incontestável que, submetendo ao filtro da razão e da lógica todos os dados e comunicações dos Espíritos, será fácil repelir aquilo que é absurdo e está errado.

Um médium pode ser fascinado, tal como um grupo pode ser enganado, mas o controlo severo dos outros grupos, juntamente com o conhecimento adquirido e a autoridade moral dos dirigentes dos grupos, e as comunicações dos principais médiuns, com a lógica e a autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça a mensagens mentirosas e astuciosas, vindas de Espíritos enganadores ou maus.

Espírito Erasto

Nota: Uma das características dos Espíritos que procuram impor-se e fazer aceitar ideias bizarras e tendenciosas, é a de pretenderem que só eles têm razão, mesmo quando estão isolados perante tudo. A sua tática é evitar a discussão e, quando enfrentados pela lógica, recusam desdenhosamente responder e aconselham aos seus médiuns afastar-se dos centros onde as suas ideias não são reconhecidas. Esse isolamento é o que há de mais fatal para os médiuns, porque sofrem, sem defesa, o jugo dos Espíritos obsessores que os conduzem, como cegos, e os levam muitas vezes por maus caminhos.

XXVIII

Os falsos profetas não estão só entre os encarnados. Estão também, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião e atrasam a obra emancipadora da Humanidade ao lançarem as suas teorias absurdas, que convencem os seus médiuns a aceitar.

Para darem mais valor às suas teorias tomam, sem escrúpulo, nomes que os humanos só pronunciam com respeito: os de santos justamente venerados, de Jesus, de Maria, do próprio Deus.

São eles que semeiam o fermento de antagonismo entre os grupos, que os fazem dividir-se entre si e a verem-se com maus olhos. Só isto bastaria para desmascará-los, pois eles próprios, agindo assim, dão o desmentido do que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam apanhar por uma armadilha tão grosseira.

Mas há outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer devem ser não só muito bons, mas também eminentemente lógicos e racionais. Pois bem, submetei as suas teorias à razão e ao bom senso e vereis o que restará. Convenhamos que, sempre que um Espírito indica, como remédio para os males da Humanidade, ou como meios de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas, quando formula teorias contrárias às mais vulgares noções da ciência, só pode ser ignorante e mentiroso.

Por outro lado, acreditai que, se a verdade não é sempre apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom senso das maiorias, e esse é também um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do seu valor intrínseco procurando aquele que tiver mais eco e mais simpatia. Seria ilógico, de facto, admitir que uma doutrina, que visse diminuir o número dos seus partidários, fosse mais verdadeira do que aquela que vê os seus aumentarem. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina a um círculo estreito e restrito: fá-la surgir em diferentes pontos, para que por todo o lado a luz dissipe as trevas.

Espírito Erasto

Nota: A melhor garantia de uma verdade é o facto de ela ser ensinada por diferentes Espíritos, através de médiuns desconhecidosuns dos outros e em diferentes lugares, e, além disso, é confirmada pela razão e sancionada pela adesão de um número elevado de pessoas. Só a verdade pode dar raízes a uma doutrina; uma teoria errada pode recrutar alguns aderentes, mas como lhe falta a primeira condição de vitalidade, só terá uma existência efémera. É por isso que não há motivo de inquietação: morre devido aos seus próprios erros e a sua queda será inevitável perante a arma poderosa da lógica.

Comunicações apócrifas

Há comunicações de tal forma absurdas que, embora assinadas pelos nomes mais respeitáveis, o senso comum demonstra a sua falsidade. Há outras em que o erro é dissimulado sob coisas boas, que impedem de apreendê-lo à primeira vista, mas não resistem a um exame sério. Vamos dar aqui alguns exemplos.

XXIX

A criação perpétua e incessante de mundos é, para Deus, como um prazer perpétuo, porque Ele vê, incessantemente, os seus raios tornarem-se cada dia mais luminosos de felicidade.

Para Deus, não há número, do mesmo modo que não há tempo. É por isso que centenas ou milhares não fazem qualquer diferença para ele.

É um pai cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva e que a cada segundo da criação vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Não há paragem, nem suspensão, nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a terra e o céu.

Do mundo, não se conhece mais do que uma pequena fração e tendes irmãos que vivem em latitudes onde o homem ainda não penetrou. Que significam esses calores tórridos e esses frios mortais, que fazem parar os esforços dos mais ousados?

Credes simplesmente que seja lá o limite do vosso mundo, quando não podeis avançar mais com os vossos meios insignificantes? Poderíeis então medir o vosso planeta com exatidão? Não acreditem.

Há no vosso planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos.

Porém, como é inútil que se propaguem ainda mais todas as vossas más instituições, todas as vossas más leis, ações e existências, há um limite que vos faz parar aqui e ali e que vos deterá até que tenhais de transportar as boas sementes que o vosso livre arbítrio fez.

Oh! não, não conheceis esse mundo, a que chamais a Terra!

Vereis, na vossa existência, um grande começo de provas desta comunicação.

Vai soar a hora em que haverá uma outra descoberta diferente da última que foi feita; vai alargar-se o círculo conhecido da vossa Terra e quando toda a imprensa cantar esse Hossana em todas as línguas, vós, pobres filhos que amais a Deus e que procurais a sua voz, tê-lo-eis sabido antes daqueles mesmos que darão nome à nova Terra.

Espírito Vicente de Paulo

Nota: Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não resiste à crítica. As incorreções, os pleonasmos, as expressões viciosas saltam aos olhos de qualquer um, por pouco letrado que seja.Isto, porém, nada provaria contra o nome que a assina, visto que essas imperfeições poderiam decorrer da incapacidade do médium, conforme já o demonstrámos. O que é, de facto, do Espírito é a ideia.

Quando ele diz que há no nosso planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto é, para um Espírito que se qualifica de superior, dar provas da mais profunda ignorância.

Sem dúvida, é possível que, para além das regiões glaciais, se descubram alguns cantos de terra desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens para que estes não levem para lá as suas más instituições, é acreditar demasiado na confiança cega daqueles a quem ele debita semelhantes absurdos.

XXX

Meus filhos, o nosso mundo material e o mundo espiritual, que bem poucos ainda conhecem, formam os dois pratos da balança perpétua. Até aqui, as nossas religiões, as nossas leis, os nossos costumes e as nossas paixões têm feito de tal modo pender o prato do mal e elevar o do bem, que temos visto o mal reinar na Terra, soberanamente.

Desde há séculos, é sempre a mesma a queixa do homem e a conclusão fatal que tira é da injustiça de Deus. Há mesmo quem vá até à negação da existência de Deus.

Vedes tudo aqui e nada lá; vedes o supérfluo que choca a necessidade, o ouro que brilha junto do lodo; todos os mais chocantes contrastes que deveriam provar-vos a vossa dupla natureza. De onde vem isto? De quem é a falta? É isso que é preciso procurar com tranquilidade e com imparcialidade; quando se deseja sinceramente encontrar um bom remédio, encontra-se.

Apesar dessa dominação do mal sobre o bem, por culpa vossa, por que não vedes o resto ir direito pela linha traçada por Deus? Vedes as estações transtornarem-se? Os calores e os frios chocarem-se desorientadamente? A luz do Sol esquecer-se de iluminar a Terra? A terra esquecer no seu seio as sementes que o homem nela depositou? Vedes a cessação dos mil milagres perpétuos que se produzem sob nossos olhos, desde o nascimento da pequena haste de erva até ao nascimento da criança, o homem futuro?

Mas, tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isto? É muito simples: aproximarem-se de Deus, amarem-se, unirem-se, entenderem-se e seguirem tranquilamente a estrada cujos marcos se veem com os olhos da fé e da consciência.

Espírito Vicente de Paulo

Nota: Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas, que diferença em relação à anterior! Não só nas ideias, como também no estilo! Tudo aqui é justo, profundo, sensato e certamente S. Vicente de Paulo não a desdenharia, pelo que se lha pode atribuir sem receio.

XXXI

Vamos, filhos, cerrai fileiras! Isto é, que a vossa boa união faça a vossa força. Vós, que trabalhais nos alicerces do grande edifício, vigiai e trabalhai sempre para consolidar a sua base, e depois podereis elevá-lo bem alto, bem alto! A progressão é imensa sobre todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de adeptos enfileira-se sob a nossa bandeira; muitos céticos e até os mais incrédulos também se aproximam.

Ide, filhos; marchai, com o coração alto, cheio de fé; o caminho que percorreis é belo; não desanimeis; segui sempre a linha reta, servi de guias aos que vêm atrás de vós. Eles serão felizes, muito felizes!

Caminhai, filhos! Não precisais da força das baionetas para sustentar a vossa causa, não precisais senão de fé; a crença, a fraternidade e a união, eis as vossas armas; com elas sois mais fortes, mais poderosos do que todos os grandes potentados do Universo reunidos, apesar das suas forças vivas, das suas frotas, dos seus canhões e da sua metralha!

Vós, que combateis pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, ide, filhos, coragem e perseverança. Deus vos ajudará. Boa noite; até à vista.

Espírito Napoleão

Nota: Napoleão era, em vida, um homem grave e sério como poucos. Toda a gente conhece o seu estilo breve e conciso; ele teria estranhamente degenerado se, depois de morto, se tivesse tornado palavroso e ridículo. Esta comunicação pode ser do Espírito de qualquer soldado que se chamasse Napoleão.

XXXII

Não, não se pode mudar de religião, quando não se tem uma que possa, ao mesmo tempo, satisfazer o senso comum e a inteligência que se tem e que possa, sobretudo, dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Ide, ide, nosso pequeno exército! Ide e não temais as balas inimigas; as que vos hão de matar, ainda não foram feitas, se estiverdes sempre, do fundo do coração, no caminho de Deus, isto é, se quiserdes sempre combater pacificamente e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

Espírito Vicente de Paulo

NOTA. Quem reconheceria S. Vicente de Paulo por esta linguagem, por estes pensamentos desalinhados e falhos de senso? Que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com suas balas, que ainda não estão feitas, nós temos uma forte suspeita de que este Espírito é o mesmo que acima assinou *Napoleão.*

XXXIII

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, segui-me no caminho da Judeia, segui a paixão da minha vida, contemplai os meus inimigos agora, vede os meus sofrimentos, os meus tormentos e o meu sangue derramado pela minha fé.

Filhos, espiritualistas da minha nova doutrina, ficai prontos para suportar, para afrontar as ondas da adversidade, os sarcasmos dos vossos inimigos. A fé caminhará sem cessar seguindo a vossa estrela, que vos conduzirá ao caminho da felicidade eterna, tal como a estrela conduziu pela fé os Magos do Oriente à manjedoura. Quaisquer que sejam as vossas adversidades, quaisquer que sejam as vossas penas e as lágrimas que tiverdes vertido nesta esfera de exílio, ganhai coragem, sabei que a alegria que vos inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos da vossa existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que há de desaparecer para dar lugar à brilhante morada de alegria, de fraternidade e de união, onde chegareis pela vossa boa obediência à santa revelação.

Meus caros irmãos, a vida de preparação, nesta esfera terrestre, só dura o tempo necessário para viver bem preparado para essa vida que não acaba nunca. Amai-vos, amai-vos, como eu vos amei e como vos amo ainda; irmãos, coragem, irmãos! Eu vos abençoo e no céu vos espero.

Espírito Jesus

Destas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal pode chegar, o eco das vossas palavras e das minhas veio tocar o meu coração.

Oh! De que alegria me sinto inundado, vendo-vos seguir a minha doutrina. Nada se aproxima do testemunho dos vossos bons pensamentos! Vedes, filhos: a ideia regeneradora lançada por mim outrora perseguida no mundo e oprimida pelos tiranos, segue hoje em frente sem obstáculos, iluminando os caminhos à Humanidade por tanto tempo mergulhada nas trevas.

Todo o grande e desinteressado sacrifício, meus filhos, cedo ou tarde produz os seus frutos. O meu martírio provou isso; o meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

Sede benditos vós, que hoje tomais lugar na família regenerada! Ide filhos, com coragem!

Espírito Jesus

Nota: Não há, sem dúvida, nada de mal nestas duas comunicações; mas Jesus teve alguma vez essa linguagem pretensiosa, enfática e afetada? Compare-se com a que citámos acima, assinada pelo mesmo nome, e ver-se-á de que lado está a marca da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se, no estilo, um certo tom familiar, idênticas construções de frase, as mesmas expressões repetidas com frequência, como, por exemplo, ide, ide, filhos, etc., donde se pode concluir que foi o mesmo Espírito que as ditou todas, sob nomes diferentes. Mas nesse círculo, muito consciencioso, aliás, apesar de um pouco crédulo demais, não se faziam evocações, nem perguntas; tudo se esperava das comunicações espontâneas, o que, nota-se, não é certamente uma garantia de identidade. Com perguntas um pouco insistentes e cobertas de lógica, ter-se-ia facilmente recolocado esse Espírito no seu lugar; mas ele sabia não ter nada a temer, pois não lhe perguntavam nada e aceitavam, sem controlo e de olhos fechados, tudo o que ele dizia. (ver n° 269).

XXXIV

Como é bela a Natureza! Como é prudente a Providência na sua previdência! Entretanto, a vossa cegueira e as vossas paixões impedem-vos de confiar na prudência e na bondade de Deus. Lamentais-vos à mais pequena nuvem, ao mais pequeno atraso nas vossas previsões. Sabei, contudo, impacientes duvidosos, que nada acontece sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado em proveito de todos.

Esses motivos anulam os vossos temores descabidos, homens de respeito hipócritas, e a previsão pessimista de ano mau para as colheitas.

Deus inspira aos homens a inquietação pelo futuro, para os induzir à previdência. Vede como são grandes os meios para aperfeiçoar os vossos temores intencionalmente semeados e que, muitas vezes, escondem pensamentos ávidos, mais do que o sensato aprovisionamento inspirado por um sentimento de humanidade em proveito dos mais pobres. Vede as relações internacionais que daí podem resultar; vede o comércio e quantos meios poderão concorrer para limitar os vossos temores! Como sabeis, tudo se encadeia; grandes e pequenos podem dar-se as mãos.

Não vedes então, em todo esse movimento, uma fonte de certo bem-estar para a classe mais laboriosa dos Estados, classe verdadeiramente interessante, que, vós os grandes, vós os omnipotentes dessa terra, considerais gente para ser usada a vosso gosto, criada para satisfazer as vossas necessidades?

Depois, que acontece a todo esse vaivém, de um polo ao outro? É que, uma vez bem providos, o tempo mudou; o Sol, obedecendo ao pensamento do seu criador, amadureceu as sementeiras em alguns dias; Deus pôs a abundância onde a vossa cobiça supunha que iria haver falta e, apesar de vós, também os pequenos poderão alimentar-se. E vós, sem sequer terdes pensado nisso, fostes, sem o saber, a causa da abundância. Aconteceu, portanto - Deus permite-o algumas vezes - que os maus tenham tido êxito nos seus projetos egoístas. É um ensinamento que Deus quer dar para todos; é a previdência humana que Deus quer estimular: é a ordem infinita que comanda a Natureza, é a coragem contra os acontecimentos que a Humanidade deve imitar e suportar com resignação.

Quanto àqueles que, por cálculo, aproveitam dos desastres, crede que serão punidos.

Deus quer que todos os seus seres vivam; o homem não deve brincar com as necessidades básicas, nem traficar com o supérfluo.

Justo nos seus benefícios, grande na sua clemência, demasiado bom para com a nossa ingratidão, Deus, nos seus desígnios, é impenetrável.

Espírito Bossuet/ Alfredo de Marignac

Nota: Certamente, esta comunicação não contém nada de mal; há nela mesmo ideias filosóficas profundas e conselhos muito acertados, que poderiam enganar as pessoas pouco versadas em literatura, sobre a identidade do autor. O médium que a tinha recebido submeteu-a ao controlo da Sociedade Espírita de Paris, e ela afirmou que não podia ser de Bossuet.

O Espírito S. Luís, consultado, respondeu:

"Esta comunicação, por si própria é boa, mas não terá sido de Bossuet. Um Espírito escreveu-a, talvez um pouco sob a sua inspiração e pôs-lhe em baixo o nome do grande bispo, para mais facilmente a fazer aceitar. Pela linguagem, deveis reconhecer a substituição. É do Espírito que escreveu o seu nome depois do de Bossuet."

Esse Espírito, interrogado sobre o motivo que o levara a proceder assim, disse:

"Desejava escrever alguma coisa, para ficar na recordação dos homens. Vendo que era fraco, quis colocar aí o prestígio de um grande nome.

- Mas, não viste que era claro não ser de Bossuet?

- Quem sabe ao certo? Poderia enganar-vos. Outros menos perspicazes tê-la-iam aceitado."

De facto, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, a coberto de um grande nome, é que anima os Espíritos enganadores.

É a abortar os seus enganos que todos devem dedicar a máxima atenção; mas, só é possível conseguir isso com a ajuda da experiência adquirida através de um estudo sério. É por isso que repetimos sem cessar: Estudai, antes de praticar, pois é esse o único meio de não adquirirdes experiência à vossa própria custa.

CAPITULO XXXII – VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Agénere - (Do grego, *a*, privativo e *géiné, géinomai,* gerar; que não foi gerado). Variedade da aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, ao ponto de originarem uma ilusão completa.

Barulhento - Qualidade de alguns Espíritos: Os Espíritos barulhentos são aqueles que revelam a sua presença por meio de pancadas e de ruídos de diversas ordens.

Espírita - O que está ligado ao Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que acredita na existência dos Espíritos e nas suas manifestações. *Um bom/um mau espírita; a doutrina espírita*.

Espiritismo - Doutrina fundada na crença da existência dos Espíritos e nas suas manifestações.

Espiritista - Esta palavra, empregue ao princípio para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso; prevaleceu o termo *espírita*.

Espírito – Na cultura espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e que constituem o mundo invisível*. Não são seres oriundos de uma criação especial, mas as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o veículo corporal.

Espiritualismo - Usa-se no sentido oposto ao do materialismo; crença na existência da alma espiritual e imaterial. O espiritualismo é a base de todas as religiões.

Espiritualista - O que se refere ao espiritualismo; adepto do espiritualismo. É espiritualista quem acredita que, em nós, nem tudo é matéria. Não implica, por si só, a crença nas manifestações dos Espíritos. O espírita é necessariamente um espiritualista, mas pode ser-se espiritualista sem se ser espírita, o materialista, não é nem uma coisa, nem outra. Diz-se: a filosofia espiritualista; uma obra escrita segundo as ideias espiritualistas. As manifestações espíritas são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria; a moral espírita decorre do ensino dado pelos Espíritos; há espiritualistas que ridicularizam as crenças espíritas.

Nestes exemplos, se a palavra espiritualista fosse substituída pelo termo espírita, daria lugar a uma evidente confusão.

Estereotite - (Do grego - stereos, sólido.) - Qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico - Qualidade da força do médium - *faculdade medianímica*.

Medianimidade - Faculdade dos médiuns. Sinónimo de *mediunidade*. Estas duas palavras são muitas vezes empregues indiferenciadamente. Se se quiser fazer uma distinção, pode-se dizer que o termo *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade* um sentido mais restrito. - Ele possui o dom da *mediunidade*. - A *medianimidade mecânica* -

Médium – (Do latim - *médium*, meio, intermediário.) - Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os seres humanos.

Mediunato - Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Ver Capítulo XXXI, comunicação XII).

Mediunidade - Veja-se: Medianimidade.

Perispírito - (Do grego - *peri* - em tomo.) - Veículo semi material do Espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos entre vidas, constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia - (Do grego - *pneuma* - e de - *phoné,* som ou voz.) - Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o concurso da voz humana.

Pneumatografia - (Do grego - *pneuma* - ar, sopro, vento, espírito, e *graphô*, escrevo). Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia - Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia - Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo - (Do grego - *psuké*, borboleta, alma, e - *graphô*, escrevo.) - Aquele que faz psicografia: médium escrevente.

Reencarnação - Volta do Espírito à vida corpórea, pluralidade das existências.

Sematologia - (Do grego - *semá,* sinal, e - *logos,* discurso.) - Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia -, e)- logos, discurso.) - Linguagem por pancadas, ou batimentos; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética.*

Tiptólogo (Do grego - *tuptô*, eu bato). Variedade de médiuns aptos à tiptologia. Médium tiptólogo.

[1 – Importância do perispírito] - 1ª parte, Cap. I, nº 3

Ao ler o conteúdo de "O Livro dos Espíritos" e tudo o que ele nos diz a respeito da evolução perispiritual dos seres humanos, já ficámos com uma ideia da "concentração de complexidades" que o nosso veículo perispiritual carrega consigo. Allan Kardec continuou a dar-nos explicações valiosas sobre o Perispírito neste "Livro dos Mediuns" e completa-as em "A Génese," que sendo o último livro que publicou, é o que apresenta os conceitos mais avançados.

A investigação científica a seu respeito tem sido descontínua e não tão enérgica como seria para desejar, mas já conta com importantes episódios desenvolvidos em vários países e em épocas diversas. Os dados são muito valiosos e concludentes, visto que se desenvolvem paralelamente à marcha da ciência.

Pedimos aos nossos leitores que consultem "Nota final"nº61 – da nossa tradução de "O Livro dos Espíritos" a respeito da importância do perispírito e da nova linguagem que agora se lhe aplica, mais conforme com a ciência atual.(N.T.)

[2 - Convergência das provas] - 1ª parte, Cap. II, nº 9

O prof. Ernesto Bozzano chama a isto "convergência das provas", mostrando a necessidade científica de uma hipótese explicar todos os fenómenos da mesma natureza e não apenas alguns deles. (Nota de J.H.P.)

[3 - Prometeu] – 1ª parte, Cap. II, nº 15

Prometeu - deus da mitologia grega que, segundo esta, terá sido cocriador dos humanos, ao lado de Epimeteu, e a ele também se atribui o furto do fogo divino com o qual presenteou a Humanidade. (N.T.)

[4 – Franklin]- 1ª parte, Cap. II, nº 15

O americano Benjamin Franklin procedeu a uma experiência famosa, com base na qual inventou o seu para-raios. Durante uma tempestade, lançou um papagaio de papel usando um fio metálico e constatou que as nuvens eram carregadas eletricamente, ao observar as faíscas que se produziam entre uma chave atada à ponta do fio e a sua mão. Franklin propôs, pela primeira vez, um método de proteção contra raios num edifício: colocar sobre este uma ponta metálica 2 ou 3 metros acima do telhado e ligada à terra. (N.T.)

[5 - Fazer parar o Sol - referência a um episódio bíblico] - 1ª parte, Cap. II, nº 15

Referência a um episódio bíblico narrado em Josué 10:12-14. Durante uma batalha com os reis da terra, Deus deu a Israel o poder de vencer os seus inimigos. Como os exércitos dos povos da terra fugiam de Israel, Josué falou ao Senhor, pedindo-Lhe que fizesse com que o sol permanecesse parado para que eles pudessem ter luz do dia suficiente para completar a destruição dos seus inimigos.

E, segundo a Bíblia, assim aconteceu, o que é manifestamente impossível à luz da ciência. (N.T.)

[6 – Espírita Cristão] – 1ª parte, Cap. III, nº 28

Sendo o Espiritismo uma doutrina eminentemente cristã, essa designação de espírita cristão pode parecer redundante. Por outro lado, poderia sugerir a existência de uma forma de Espiritismo não-cristão, que na verdade não existe. Kardec emprega-a, porém, como designação do verdadeiro espírita, para distinguir estes daqueles que não seguem, como se vê acima, os princípios do Espiritismo. (Nota de J.H.P.)

[7 – Cristo ou Jesus] - 1ª parte, Cap. IV nº 46 – 6º - Esta é a 1ª vez que surge uma referência a Cristo, que nós traduzimos por Jesus, tal como fizemos em "O Livro dos Espíritos", e no "Evangelho segundo o Espiritismo", onde A.K. usou as palavras Jesus e Cristo, indistintamente, com o mesmo significado.

A justificação para a nossa tradução ficou registada nas Notas finais, num caso e no outro, mas decidimos repeti-la aqui para que não fique qualquer dúvida.

Também neste livro, convictos mais uma vez de que somos fiéis ao espírito da obra, usamos a palavra "JESUS" sempre que aparece referido o seu nome, e a explicação que damos é a mesma:

Jesus é a nossa referência principal e modelo de qualidades humanas a seguir. A sua Moral é a que nos orienta, pois "o Espiritismo nada ensina contrário aos ensinamentos de Jesus, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito sob uma forma alegórica."

Cristo não é nome de pessoa, é uma designação adjectivante que quer dizer "o Messias", "o Enviado", "o Ungido". Os judeus esperavam um Messias que viesse restaurar o reino de David, em Israel – era um messianismo terreno. Nos primeiros tempos do cristianismo surge um novo conceito, o de um messias divino. S. Paulo, que nunca conheceu pessoalmente Jesus, criou "O Cristo da fé" que se afastava muito do Jesus histórico, cuja vida e mensagem lhe não interessavam, uma vez que ele centrava toda a sua doutrina na "morte e ressurreição".

Vejamos o que a este respeito nos diz António Piñero, Doutor em Filologia Clássica pela Universidade Complutense de Madrid (1974) na qual tem feito toda a sua carreira docente como catedrático de Filología Griega e Neotestamentária (Novo Testamento, Cristianismo Primitivo e Línguas relacionadas) no seu livro "Ciudadano Jesús, Respostas a casi todas las preguntas", nas páginas 54 e 55:

" P.: Que significa o nome de Jesús?

R.: Jesus vem do hebraico yehôshûa que significa "Yahvé salva" (Deus salva). Por vezes aparece abreviado como Yeshûa. Em hebraico também aparece como Josué.

P.: Porque se chama também Jesus Cristo?

R.: Jesus Cristo é um nome composto de "Jesus e Cristo" (do grego christós, com o significado de "ungido"). A união dos dois vocábulos resultou da frequente leitura das cartas de Paulo, que utiliza com muita frequência a expressão "Jesus Messias = Iesoûs Christós →Jesus Cristo. Paulo emprega tantas vezes a expressão que rapidamente se passou a entender "quase" como um nome próprio, e logo a seguir desapareceu o "quase". Hoje, muitos referem-se a Jesus indistintamente como "Cristo", "Jesus" ou "Jesus Cristo". Contudo, temos de estabelecer uma diferença:

- "Jesus" é o nome próprio do mestre de Nazaré, dado pela sua família.
- "Cristo" é o nome abreviado que expressa a figura de Jesus quando iluminada pela fé: o messias, ungido divino, cuja origem está na teologia de Paulo de Tarso, que concebeu nitidamente nas suas cartas a conceção do Cristo celestial.
- "Jesus Cristo" é a fusão do Jesus histórico com o Cristo da fé."

Como se vê pela explicação de António Piñero, "o Cristo" é o homem de Nazaré, Jesus, nosso irmão.

Em "O Livro dos Espíritos" podemos ler: P. 625. Qual é o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? "Vede Jesus." E Allan Kardec acrescentou: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque era animado pelo Espírito divino e o ser mais puro de todos os que apareceram na Terra"(N.T.).

[8 – Espíritos entre vidas] - 1ª parte, Cap. IV, nº 51

O texto francês diz : *« Le perisprit, pour nous autres* ***Esprits errants,*** *est l'agent par lequel nous communiquons avec vous… »*

Na resposta a esta pergunta é utilizada a expressão ***Esprits errants,*** que traduzimos por Espírito entre vidas. Vamos repetir em parte o que já dissemos em "O Livro dos Espíritos" e em "O Evangelho segundo o Espiritismo", que podem consultar.

"Sendo muito frequentes as palavras ***errant*** e ***érraticité*** nos livros de A.K. uma pesquisa a respeito do significado real desses termos e da condição dos Espíritos entre encarnações sugeriu-nos o abandono dessa

designação, por nos parecer – apesar de tradicional – francamente menos bem escolhida para o efeito em causa.

Lembramos fundamentalmente que essa designação abrange a totalidade dos Espíritos entre encarnações, seres destinados – como bem sabemos – a satisfazer todos os requisitos morais e intelectuais cujo destino final e garantido é alcançar a mais elevada perfeição entre todos os seres criados por Deus.

Acerca da palavra erraticidade, o dicionário diz-nos que é um substantivo feminino que traduz a "qualidade de errático", sendo que errático é um adjetivo que significa "errante". Acerca da palavra errante, o dicionário diz-nos que é um adjetivo de dois géneros com os seguintes significados: "que anda vagueando; que anda sem destino certo; vagabundo; não firme; vacilante". "Errar", por seu turno é um verbo que deriva do latim "errare": "andar ao acaso, vaguear, circular, espalhar-se, ir por um caminho errado". Como verbo transitivo significa: "enganar-se em; não acertar com; não dar em; não dar com; perder-se em". Como verbo intransitivo, significa: "vaguear; enganar-se; perder-se; pecar".

Nas palavas de Allan Kardec, é clara a conclusão de que "errante" não é uma categoria espiritual propriamente dita e para isso vamos recorrer a O Livro dos Espíritos onde este assunto está muito bem esclarecido. Na P. 225, acerca dos Espíritos que se encontram entre vidas, Allan Kardec afirma que, "no seu **estado normal**, o Espírito encontra-se liberto da matéria", depois de ter esclarecido que, fazendo parte dela Espíritos de todos os níveis, a situação de tais espíritos não implica inferioridade. Na resposta à pergunta seguinte o ciclo fecha-se, por ser afirmado que os Espíritos, tendo completado o seu aperfeiçoamento, deixam de ter a necessidade de encarnar, por terem atingido a categoria de Espíritos puros.

Continuando com o Livro dos Espíritos:

O Espírito é o princípio inteligente do Universo (P.23) e os Espíritos são a individualização do princípio inteligente (P. 79). A resposta à P. 607 diz-nos "que é nos seres inferiores da Criação que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se prepara para a vida."

A lógica do progresso da Criação não se detém desde que o princípio inteligente se torna Espírito, prosseguindo a partir daí uma evolução sem retrocessos, em tudo coerente com o brilhantismo evolutivo da obra divina.

A P. 607-a termina, até, pela ideia de que seria impensável a criação divina de seres sem objetivos, e seres inteligentes sem futuro. Os Espíritos, mesmo que sujeitos à pior situação possível de estacionamento evolutivo, não podem ser considerados seres vagantes sem objetivos, errando perdidos no espaço e no tempo, a não ser em casos particulares e por "curtos" intervalos de tempo. Não faz sentido aplicar esta designação à totalidade dos Espíritos entre vidas. O seu destino é progredir, o seu objetivo é a perfeição.

Sentimo-nos por isso obrigados a reformular essa tradução, uma vez que a nosso ver, a designação "errante" ou "erraticidade" podem perfeitamente ser evitadas, sendo substituídas com vantagem por Espíritos "entre vidas", quase todos eles ativos, refletindo, aprendendo e desempenhando um variadíssimo leque de tarefas ou preparando-se para uma nova reencarnação. (N.T.)

[9- inteligência e pensamento] – -1ª parte, Cap. IV, nº 51

O texto francês diz: "*Le périsprit peut varier et changer à l'lnfinit; l´âme est la pensée: elle ne change pas de nature"*. As traduções, em geral, são literais, mas não correspondem ao sentido do texto. *La pensée*, no caso, quer dizer inteligência, segundo a proposição cartesiana vigente na época: o pensamento é o atributo essencial do Espírito e a extensão é o da matéria. Consulte-se o verbete "*pensée"* num bom dicionário francês. Dizer hoje, e particularmente em português, que a alma é o pensamento, equivale a deixar o leitor em dúvida quanto ao sentido da frase e quanto ao significado da palavra pensamento no Espiritismo, onde a alma, como o Espírito, são o "*principio inteligente"* e, portanto, a inteligência em sentido lato, origem do pensamento. (Nota de J.H.P.)

[10 - Tertuliano] - 2ª parte, Cap. II, nº 60 - Tertuliano (em latim: ***Quintus Septimius Florens Tertullianus***;

(160 —220) foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África Proconsular. Foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (*corpus*) em latim. Também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia. Algumas das ideias de Tertuliano não eram aceitáveis para os ortodoxos e, no fim da sua vida, tornou-se um montanista.(N.T.)

[11 – Explicação] - 2ª parte, Cap. IV, nº 74, 21º

Da mesma maneira que a nossa mão penetra num tubo para erguê-lo ou pega numa vara para sacudi-la. Não esquecer que o perispírito é o corpo espiritual. O Espírito faz aí uma comparação para dar-nos a explicação possível. (Nota de J.H.P.)

[12 – Condensação do perispírito] - 2ª parte, Cap. IV, nº 75

A teoria da condensação do fluido foi posta a ridículo por muitas pessoas, e ainda hoje o é. Mas convém assinalar que essa teoria é precisamente a da física atómica de hoje, para explicar a formação da matéria, que se dá *pela condensação da energia*. (Nota de J.H.P.)

Talvez condensação não seja a melhor palavra para designar o fenómeno, mas é a que melhor se lhe pode aplicar. (N.T.)

[13 – Daniel Dunglas Home] - 2ª parte, Cap. IV, nº 80

Daniel Dunglas Home (20 de Março de 1833 — 21 de Junho de 1886) foi um espiritualista britânico, famoso por suas capacidades como médium e por sua relatada habilidade de levitar até várias alturas, esticar-se e manipular fogo e carvões em brasa sem se magoar. Ele conduziu centenas de sessões durante um período de 35 anos — às quais compareceram muitos dos mais conhecidos nomes da era vitoriana — sem ter sido exposto de forma conclusiva ou pública como uma fraude. Home nunca cobrou dinheiro pelas suas sessões e apresentações espiritualistas, pois ele considerava que havia sido designado espiritualmente com a "missão de demonstrar a imortalidade".

Conforme referido, entre outros, por Arthur Conan Doyle. (N.T.)

[14 – As intermitências da faculdade mediúnica] - 2ª parte, Cap. IV, nº 81

A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e variações que mostram a sua independência da vontade pessoal do médium.

Essa intermitência poderia ser determinada por condições orgânicas ou psíquicas, como Kardec já acentuou, mas acusam também a participação ou não de inteligências exteriores ao médium, sem as quais ele não consegue a produção dos fenómenos de maneira satisfatória. É o que se verá na sequência deste livro. (N. de J.H.P.)

[15 – Servius Tullius] – 2ª parte, Cap. VI, nº 100, 29

Sérvio Túlio (em latim, *Servius Tullius*) como atesta o seu nome, era de origem humilde. De facto, nasceu de uma prisioneira de guerra (que teria sido nobre na sua cidade de origem), que fazia serviços domésticos para Tarquínio Prisco. Nasceu, portanto, escravo dele. Deve a sua fortuna a Tanaquil, mulher do rei Tarquínio Prisco, que previu a sua futura grandeza e por isso lhe deu a sua filha como esposa. Com a morte do marido, ela fez com que Sérvio Túlio lhe sucedesse como rei de Roma. Segundo a tradição, foi o 6º rei de Roma e reinou durante 44 anos, entre 578 a.C. e 539 a.C. Fez erigir a primeira muralha de Roma, proclamou as primeiras leis sociais e levou Roma à hegemonia na península Itálica, fazendo-a ingressar na Liga das Sete Colinas, de que participavam quase todas as cidades da Itália Central. (N.T.)

[16- Moscas amauróticas] - 2ª parte, Cap. VI, nº 108

Moscas amauróticas são pontos negros que aparecem na visão por motivo de atrofia do nervo ótico, produzindo cegueira parcial ou total sem prejuízo do globo ocular. Amaurose ou gota-serena. (N. do J.H.P.))

Em Portugal são conhecidas por "moscas volantes"(N.T.)

[17 – Vespasiano] - 2ª parte, Cap. VII, nº 120

Tito Flávio Vespasiano foi um imperador romano, o primeiro da dinastia flaviana, que ocupou o poder em 69, logo após o suicídio de Nero e o conturbado ano dos quatro imperadores. Foi proclamado imperador pelos seus próprios soldados em Alexandria, durante esta estadia. (N.T.)

[18 - Basílido] - 2ª parte, Cap. VII, nº 120

Este episódio histórico adquire maior importância quando sabemos que os egípcios se dedicavam a práticas de desdobramento ou "projeção do eu", servindo-se até mesmo de drogas alucinogénias nos seus templos. Experiências atuais confirmam esses factos (N. de J.H.P.)

[19 - Agénere]- 2ª parte, Cap. VII, nº 125

Agénere - (Do grego, *a*, privativo e *géiné, géinomai,* gerar; que não foi gerado). Variedade da aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, ao ponto de originarem uma ilusão completa. (A.K., Cap. XXXII, Vocabulário Espírita, nesta mesma obra).

[20- Revista Espírita] - 2ª parte, Cap. VII, nº 125

A teoria dos agéneres, como muitas outras questões da doutrina espírita, só vêm referidas na Revista Espírita. Daí a importância da sua leitura. (N.T.)

[21 - Compostos químicos] - 2ª parte, Cap. VIII, nº 130

Um **composto químico** é uma **substância química** constituída por **moléculas** ou **cristais** de 2 ou mais **átomos** ou iões de elementos diferentes que se ligam entre si.

As proporções entre elementos de uma substância não podem ser alterados por processos físicos e são ligados numa proporção fixa e definida. Por exemplo, **a água** é um composto formado por **hidrogénio** e **oxigénio** na proporção de dois para um, ou seja, H2 O. Se alterarmos a proporção, por exemplo, de dois para dois, ou seja, H2O2 obteremos o **peróxido de hidrogénio** que, em solução aquosa, é conhecido comercialmente como **água oxigenada**. (N.T.)

[22 – A dama branca] - 2ª parte, Cap. IX, nº 132, 11

Há várias lendas referentes a uma "dama branca". Kardec deve referir-se à "Dama Branca de Puivert" e a um acontecimento que se terá dado na Europa do século XIII, em que uma linda dama morreu nas cheias de um rio, junto ao castelo de Puivert: "Desde aquela triste data, no anoitecer, em conversas e vigílias, em voz baixa, os habitantes do vale contam que nas noites de chuva, uma mulher vestida de branco vagueia ao redor do castelo para evitar que os caminhantes sejam vítimas do perigo".(N.T)

[23 – As três palavras] - Segunda Parte, Cap. XII, nº147 - Pela escrita direta, Allan Kardec" explica "o aparecimento das três palavras célebres na sala do festim de Baltazar". As três palavras a que se refere o Codificador são "**Mane-Thecel-Pharés**". Elas sintetizam a condenação, pela Espiritualidade Superior, dos desmandos, das orgias, da corrupção e das guerras, que Babilónia sustentava na vida do Estado e na relação com os outros povos.(Jornal Mundo Espírita, Federação Espírita do Paraná, Setembro de 2019)

Baltazar foi filho do rei Nabónida e morreu, depois de derrotado por Ciro II na tomada da Babilónia em 539 a.C.

Ver também "Revista Espírita" Agosto de 1859 – Pneumatografia ou escrita direta.(N.T.)

[24 – Linguagem científica] – Segunda parte, Cap. XIII, nº158

Esta observação final de Kardec é de grande importância metodológica. A terminologia espírita deve ser empregada com precisão, evitando-se a mistura de termos referentes a escolas espiritualistas diversas. É uma exigência de clareza e eficiência de todas as disciplinas científicas e da qual a Ciência Espírita não prescinde. (N. de J.H.P.)

[25 – Classificação dos mediuns] - Segunda parte, Cap. XIV, nº 159

As classificações mediúnicas são naturalmente variáveis, sofrendo a influência dos costumes e condições de épocas e países. Kardec oferece uma classificação em linhas gerais. Alguns nomes modificaram-se entre nós. Os médiuns auditivos são geralmente chamados *audientes*, os falantes receberam a designação de *médiuns de incorporação* e atualmente de psicofónicos, os sonâmbulos são geralmente chamados *anímicos*, os pneumatógrafos são chamados de *voz direta*.

Os médiuns falantes ou *médiuns de incorporação* (expressão incorreta- ver nota final nº 30), dividem-se em duas classes bem conhecidas: *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Aos conscientes é que Kardec dava, acertadamente, a designação de *intuitivos*. Aliás, essa divisão existe em todas as modalidades mediúnicas. (N. de J.H.P)

[26 – O papel dos mediuns] – Segunda parte, Cap. XIV, nº 162

Como se vê, o médium não é nem pode ser, como o pretendem certas escolas espiritualistas, religiões e correntes científicas sempre dispostas a criticar as práticas Espíritas, um indivíduo passivo, destinado a tornar-se joguete dos Espíritos ou de outras influências. Condição indispensável da mediunidade é o controlo pessoal do médium sobre as suas faculdades, que deve orientar bem. (Nota de J.H.P.)

[27 – A palavra influente] – Segunda parte, Cap .XIV, nº 162

A expressão *pessoa influente*, neste caso, não se refere à posição social ou coisa semelhante, mas à superioridade moral que confere, à criatura mais humilde e simples, o poder de exercer influência sobre os Espíritos perturbadores e obsessores. (N. de J.H.P.).

[28 – Ópera Obéron] – Segunda Parte, Cap. XIV, nº 169

Oberon, or The Elf King's Oath é uma ópera romântica em três atos do compositor alemão Carl Maria von Weber para um libreto de James Robinson Planche, inspirado no poema de Christoph Martin Wieland. A sua estreia ocorreu no Covent Garden, Londres, em 12 de abril de 1826. (N.T.)

[29 – Desenvolvimento das capacidades mediúnicas] - Segunda parte. Cap. XIV, nº 171

Esta é uma característica do Espiritismo, para a qual devemos sempre chamar a atenção de adeptos e adversários. A Doutrina é contrária a todos os meios artificiais de desenvolvimento psíquico, mantendo o mais rigoroso respeito às leis naturais que lidem com esses processos, como a todos os demais na condição humana. Os que acusam o Espiritismo de excessos psíquicos ou místicos simplesmente ignoram os seus princípios, não sabem o que dizem. (N. de J.H.P.)

[30 – Não há incorporação] – Segunda Parte, Cap. XV, nº 180

Esta explicação de Kardec sobre o mecanismo da mediunidade ou do ato mediúnico afasta a ideia falsa, que geralmente se faz, de que o Espírito comunicante se *incorpora* no médium. Não há realmente incorporação, mas apenas sintonia ou indução mental. A afirmação de que o Espírito comunicante *domina* a Alma do médium parece contrariada pela afirmação seguinte de que a Alma não é passiva. Basta lembrar que o *domínio* se refere apenas ao estabelecimento da relação fluídica, pois se o médium não quiser não transmite a mensagem, para compreender-se que não há contradição. O ato mediúnico é resultante de colaboração. (N. de J.H.P.)

[31– Pré-cognição] – Segunda Parte, Cap. XV, nº 184

Note-se a explicação sucinta e clara do problema, tão discutido hoje no campo parapsicológico, da precognição ou perceção do futuro. Trata-se de uma visão espiritual, *encadeamento dos acontecimentos* (ou dos factos, a partir do presente), que apesar disso não se processa *fatalmente*, pois a cadeia de factos decorre sempre, no plano humano, das decisões do livre-arbítrio. (N. de J.H.P.)

[32 - moral ou mental] – Segunda Parte Cap. XVII, nº 220, 8º

No original: *communications morales*, como tem sido traduzido. Mas a palavra *moral* em francês, tem nesse sentido uma aceção que não lhe damos em português. Daí preferirmos a palavra *mental*. (N. de J.H.P.)

[33- Graça vs auxílio] – Segunda Parte, Cap. XXI, nº 231, 2

O original francês diz: *par une faveur spéciale*, que foi traduzido entre nós: *por uma graça especial*. O problema da graça, na Doutrina, não comporta concessões especiais. Veja-se a definição da graça no item XVII do *Resumo da Doutrina de Sócrates e Platão*, na Introdução de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. A tradução certa é a que damos – **"por um auxílio especial"**- não só pelo sentido da palavra *faveur* como pelo sentido do contexto em que ela aparece. (N. de J.H.P.)

A questão da "Graça versus Liberdade" foi muito desenvolvida por Santo Agostinho, enquanto vivo, opondo-se a Pelágio. Ver o artigo "Liberdade e Graça em Agostinho". O Espiritismo não concorda com esta teoria de Agostinho, enquanto ser vivente neste mundo. Enquanto Espírito as opiniões são diferentes.(N.T.)

[34 - Episódio Bíblico – A mula de Balaão] - Segunda Parte, Cap. XXII, nº 236

Ver, no Antigo Testamento, no livro Números: Cap. 21:21-35; Cap. 22:1-40; Cap.23:1-30; 24:1-25. (N.T.)

[35 - tinha] – Segunda parte, Cap. XXIII, nº 245

Micose muito frequente ainda há bem pouco tempo. (N.T.)

[36 – François Arago] - Segunda parte, Cap. XXIV, nº 257

François Arago foi um físico, astrónomo e político francês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro da França, de 10 de maio a 24 de junho de 1848. Deve-se às investigações de Arago a confirmação da teoria ondulatória da luz. É um dos 72 nomes inscritos na Torre Eiffel. [Na Torre Eiffel foram gravados setenta e dois nomes de matemáticos, físicos, engenheiros, militares e políticos franceses, em reconhecimento das suas contribuições à República Francesa, cujo centenário se comemorava então (1789-1889)]. (N.T.)

[37 - Mercúrio] – Segunda parte, Cap. XXIV, nº 271

Mercúrio é o deus romano encarregado de levar as mensagens de Júpiter, sendo filho de Júpiter e de Bona Dea. É o deus da eloquência, do comércio e dos viajantes, a personificação da inteligência. Como o seu correspondente grego, Hermes, é o protetor dos rebanhos, dos viajantes e comerciantes: muito rápido, é o mensageiro. O planeta Mercúrio provavelmente recebeu este nome porque se move rapidamente no céu. (N.T.)

[38 - Tartufo] – Segunda parte, Cap. XXV, nº 283, 36, Nota

Tartufo (em francês Le Tartuffe) é uma comédia de Molière, uma das mais famosas da língua francesa. A estreia data de 1664 e foi imediatamente censurada pelos devotos religiosos que, no texto, foram retratados como hipócritas e dissimulados. A peça quase foi proibida pelos tribunais do rei Luís XIV de

França. Na língua portuguesa, o termo “tartufo”, como noutros idiomas, passou a ter a aceção de pessoa hipócrita ou falso religioso. (N.T,)

[39 - Perguntas das crianças] – Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 286

Quanto a nós, as perguntas das crianças são geralmente não apenas inteligentes como muito espirituosas. Este género de observações, na argumentação colocada por Allan Kardec, mostra a enorme diferença entre a visão das pessoas em meados do século XIX e a atualidade, levando em conta a circunstância de se tratar da França, um dos países culturalmente mais avançados do Mundo nessa época. Ou será que as nossas crianças já são seres mais evoluídos que as crianças do século XIX?

[40 - “O telefone só toca de lá para cá?”] – Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 287

Os dotes da minoria que tem o privilégio de falar pelos Espíritos tem tido utilização muito diferente da que foi usada para instituir e ordenar o espiritismo, quer para a ilustração dos indivíduos acerca da sua própria circunstância pessoal e de futuro evolutivo, quer no que diz respeito ao alargamento da cultura em si, como horizonte universal de progresso e de felicidade transcendente. Foi inclusive consagrado, a nível mediúnico, o princípio redutor e de que o “telefone só toca de lá para cá”, isto é, proibindo a evocação de iniciativa humana de determinados Espíritos, princípio em tudo contrário ao que se encontra estabelecido nos ensinamentos contidos neste “Livro dos Médiuns”.

[41 - A diferente duração do tempo nos diferentes mundos] – Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 289, 11

O problema do tempo está bem definido em "A Génese", cap. VI, n. 2: *"O tempo é a sucessão das coisas"*. No próprio plano material o tempo varia de um lugar para outro e mais ainda de um mundo para outro. O tempo do mundo espiritual é forçosamente diferente do nosso. (Nota de J.H.P.)

[42 - Crenças ou convicções?] – Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 289, 14

O texto francês diz: *les croyances spirites*, geralmente traduzido à letra. Em francês a palavra crença tem aplicações diversas das nossas. No caso acima trata-se de convicção. (N. de J.H.P.)

[43 - O esquecimento do passado] – Segunda parte, Cap. XXVI, nº 290, 15

A razão do esquecimento do passado: certas lembranças de vidas anteriores seriam grandemente prejudiciais à reabilitação do Espírito na encarnação atual. (N. de J.H.P.)

[44 – Previsão do futuro] – Segunda parte, Cap. XXVI, nº 290, 16

A perceção do futuro tem os seus limites, como todas as coisas. Esse o perigo das profecias audaciosas e também a razão da forma simbólica da maioria delas. O problema do fatalismo e da liberdade esclarece-se ao refletirmos sobre esta resposta. (JHP)

[45 - Objetivo atual da revelação] – Segunda parte, Cap. XXVI, nº 292, 22

Algumas traduções não trazem essa frase final, , mas ela consta no original francês: “N'oubliez pas que le but essentiel, exclusif, du spiritisme, est votre amélioration, et c'est pour l'atteindre qu'il est permis aux Esprits de vous initier à la vie future, en vous offrant des exemples dont vous pouvez profiter”.

Para algumas pessoas parece absurdo que o fim atual da revelação seja apenas a nossa melhoria pessoal. Mas basta refletir que sem melhorar o homem não se pode melhorar o mundo, para se compreender que a frase está certa. A finalidade do Espiritismo é a nossa transformação moral

[46 – Controlo Universal do Ensino dos espíritos - CUEE]– Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 296, 32

Aplica-se aqui o critério do "controlo universal do ensino dos espíritos", que encontramos em O Livro dos Espíritos e no Evangelho segundo o Espiritismo. A multiplicidade de testemunhos semelhantes, estranhos uns aos outros, tem uma validade provável. (N. de J.H.P.)

[47 - Questões sobre os outros mundos] – Segunda Parte, Cap. XXVI, nº 296, 32

É o mesmo problema das descrições da vida espiritual: o objetivo é oferecer aos homens uma informação menos vaga que a das teologias, preparando-os melhor para o futuro a que ninguém escapa. (J.H.P.)

[48 - Observância das instruções] - Segunda Parte, Cap. XXVII, nº 303, 2

A falta de observação destas instruções tem permitido a divulgação e aceitação de numerosas teorias pseudocientíficas que contribuem para o descrédito do Espiritismo.

A vaidade pessoal de médiuns, de estudiosos da doutrina e até mesmo de intelectuais de valor inegável, estes sempre dispostos a criticar e a superar Kardec, tem levado essas pessoas ao ridículo, inutilizando-as para o verdadeiro trabalho de divulgação e orientação. Estas instruções devem ser lidas e meditadas pelos que desejam realmente servir a causa espírita. (N. do T.)